O "ser português" e o "outro": Revisitar a História de Portugal no Diálogo Com a Civilização Chinesa - O caso Tomás Pereira

Song Haoyan

UMinho | 2015

Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Song Haoyan

O "ser português" e o "outro": Revisitar a História de Portugal no Diálogo Com a Civilização Chinesa - O caso Tomás Pereira

julho de 2015

Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Song Haoyan

O "ser português" e o "outro": Revisitar a História de Portugal no Diálogo Com a Civilização Chinesa - O caso Tomás Pereira

Tese de Doutoramento em Ciências da Cultura
Especialidade em Culturas do Extremo Oriente

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Manuel Rosa Gonçalves Gama
e da
Professora Doutora Sun Lam

julho de 2015

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente tese. Confirmo que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer forma de falsificação de resultados.
Mais declaro que tomei conhecimento integral do Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, 29 de julho de 2015

Nome completo:

SONG HAOYAN

Assinatura:



_____

Aos meus pais

que merecem este trabalho

Agradecimentos

Um agradecimento profundo ao Professor Doutor Manuel Rosa Gonçalves e à Professora Doutora Sun Lam, pela orientação cuidadosa, pelas sugestões e comentários e, em particular, pela amizade.

Ao Diretor da Faculdade Internacional da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau, Professor Doutor Sun Jianrong, pela oportunidade que me deu de trabalhar em Macau, pelo seu empenhado apoio, tanto no estudo como na vida.

Ao Professor Doutor António Manuel Lázaro, pela orientação da minha tese de mestrado.

Aos meus pais, por me amarem e apoiarem sempre.

Ao professor Luís Cabral, pela sua grande paciência e ajuda, pela sua amizade, e pelos conhecimentos que me transmitiu.

Ao Instituto Camões, pela bolsa de estudo que me concedeu, a qual me permitiu concluir o curso de mestrado.

Aos docentes do Curso de Doutoramento em Ciências da Cultura – Culturas do Extremo Oriente, pela dedicação e pelos conhecimentos que me transmitiram.

Aos grandes amigos Bruna Patrícia Cardoso Peixoto, Andrea Portelinha, pela sua amizade e carinho e pelo acompanhamento, tanto no estudo como na vida.

À grande amiga Ruthia Portelinha, pelo apoio incondicional que me ofereceu.

À Dr.ª Leonor Seabra, da Universidade de Macau, orientadora da minha tese de licenciatura, por todo o apoio e pelo importante papel que desempenhou na minha formação académica.

Ao Dr. Yao Jingming e ao Dr. Roberval Teixeira e Silva, da Universidade de Macau, pela sua ajuda ao longo do meu percurso académico e de vida.

A todos os professores do Departamento de Português da Universidade de Macau,

pela amizade e pelos conhecimentos que me transmitiram ao longo da minha licenciatura.

À Professora Zheng Shanpei, da Universidade de Línguas Estrangeiras de Tianjin, pelo seu precioso contributo para a minha formação.

Aos meus colegas de mestrado, pela sua amizade e pela ajuda que me deram, não só no estudo mas também na vida.

Aos meus amigos, não só pela amizade mas por todo o apoio que me ofereceram durante a elaboração da minha dissertação de doutoramento, especialmente Chen Kuang, Fan Wenting, Jin Xinyi, Lu Yawei, Shao Wanbi, Wang Mingsheng e Zhang Nan, um agradecimento muito especial.

Ao Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, pela oportunidade de formação académica no Programa de Mestrado e de Doutoramento.

À Faculdade Internacional da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau, pela oportunidade de carreira profissional.

Resumo

A Europa e a Igreja Católica viviam um período conturbado, no contexto da *Reforma Protestante* do século XVI, quando a Companhia de Jesus surgiu, ajudando a garantir a posição do catolicismo no velho continente e tomando para si a missão de divulgar a fé a outros povos. Enquanto isso, Portugal descobria todo um Novo Mundo, graças à temeridade dos seus marinheiros e à ousadia dos seus reis. O jesuíta português Tomás Pereira foi um dos que partiu de Lisboa para o Oriente, sob as ordens do Padroado Português, para converter os infiéis ao catolicismo. Para isso, o religioso estudou a língua e cultura chinesas em Macau, antes de conquistar um posto em Pequim, junto do imperador *Kangxi*.

A par do seu trabalho de proselitismo, Pereira foi um embaixador das ciências ocidentais e ocupou um importante cargo na corte Qing, desempenhando um papel de relevo nas negociações com a Rússia, na sequência da invasão de territórios chineses. O episódio da *Controvérsia dos Ritos* é revelador da influência que Tomás Pereira alcançou: após a proibição das missões na China e graças aos seus argumentos junto do imperador, o jesuíta conseguiu que o *Édito de Tolerância ao Cristianismo* fosse publicado. Para além disso, conhecedor que era da teoria musical, foi professor de música do próprio imperador e escreveu a primeira obra em chinês sobre a técnica musical ocidental.

Enquanto o padre permaneceu em Pequim, foi registando os assuntos e acontecimentos mais importantes no seu diário, testemunho posteriormente entregue à Igreja Católica, em Roma. Muitas das suas memórias sobre *Kangxi* foram conservadas, permanecendo como documentos de grande valor histórico até à atualidade. Concomitantemente, a sua imagem permaneceu na literatura popular da China.

O percurso de Tomás Pereira, que nasceu em Portugal mas passou a maior parte da sua vida na China, terá provocado uma metamorfose identitária. Através dele, é possível revisitar a história de Portugal no diálogo com a civilização chinesa: o seu

contributo no domínio da interculturalidade é inegável. O grande objetivo do presente trabalho é precisamente estudar as relações culturais entre os dois países, a partir da ação dos jesuítas na segunda metade do século XVII e inícios do século XVIII, com especial enfoque na vida e identidade do padre Tomás Pereira (1645-1708).

Palavras chave: Companhia de Jesus, diálogo intercultural, imperador *Kangxi*, Padre Tomás Pereira

Abstract

The Europe and the Roman Catholic Church lived troubled times, in the context of the *Protestant Reformation* of the sixteenth century, when the Society of Jesus was created, to help protect the leading but threatened position of Catholicism. The Society was also chartered with the mission to disseminate Catholicism all around the world. During the same period of time, Portugal discovered a whole New World, thanks to the temerity of the Portuguese navigators and the audacity of Portuguese kings. As a Portuguese Jesuit, Thomas Pereira left Lisbon for the East in order to accomplish a mission bestowed by God, and tasks by Portugal. He studied the Chinese language and culture in Macau, which enabled him to later serve the Emperor *Kangxi* in Beijing.

Besides evangelization, Pereira also taught Western sciences to the Chinese and occupied important offices in the imperial court. When Russia invaded China, he helped the Chinese envoy and successfully settled the dispute. In addition, has he was a master of music, not only was he made music teacher of the Emperor, but he also wrote the first Chinese book introducing Western musical theory. During the *Rites Controversy* episode, Thomas Pereira's influence was proved: China banned evangelization but, through his painstaking and continuous persuasions put forth to the Emperor, made it possible for Catholicism to be legally preached in China.

Whilst living in China, Thomas Pereira kept record of the most important events in the form of his diary, and delivered them to the Catholic Church in Rome. Many of his memories about Emperor *Kangxi* can be found today, all of which of great historical value. In addition, his image often appears in the popular literature in China.

Although born in Portugal, Thomas Pereira spent more years of his life in China than in his home country. Therefore, the identity of Thomas Pereira is worth studying. Through Thomas Pereira the Jesuit priest, we can revisit the history of Portugal and the dialogue with the Chinese civilization: his contributions made in the

field of intercultural exchanges will always be remembered. The main purpose of this paper attempts to study the cultural relations between both countries, centered around the activities of the Jesuit priests between the second half of the seventeenth century and early eighteenth century, with special focus on the life and identity of father Thomas Pereira (1645- 1708).

Key words: Jesus Society, intercultural dialogue, emperor *Kangxi*, Priest Tomás Pereira

概要

欧洲与天主教是两个密不可分的时代元素。在十六世纪宗教改革的背景下，为了巩固天主教在欧洲的地位，罗马天主教总会建立了耶稣会。此外，耶稣会还负有向全世界传播天主教的职责。而在同一时期，葡萄牙发现了新大陆。作为葡萄牙耶稣会士的徐日升，肩负着祖国与耶稣会的双重使命，离开了里斯本前往东方。1672 年，徐日升来到了澳门，并在这里学习中国语言及文化，随后，凭借着自身过人的学识，得以赴诏进京，为康熙皇帝效力。

除了传播福音外，徐日升还向中国居民讲授西方科学，并在大清朝廷内身负要职。另外，徐日升精通西方乐理，不但教授康熙帝学习西乐，并且撰写了第一部用中文介绍西方乐理知识的书籍。当俄国人侵犯中国领土的时候，是徐日升帮助了中国使臣成功的平息了这场纷争。由于《礼仪之争》，中国禁止，中国禁止传教士在华传教，然而，通过徐日升对康熙帝及朝中大臣的不断劝谏，天主教才得以合法在华传播。

徐日升在华期间，将身边发生的重要事件以日记的形式记录了下来，并寄给了罗马天主教会。此外，他呈给康熙帝的许多奏折也同样得以保存，这些资料为后世的研究提供了极大的历史价值。同时，他的人物形象也经常出现在中国的文学作品中。

虽然徐日升出生于葡萄牙，但是他一生的大部分时间都在中国度过。所以，他的身份认同问题非常值得我们去进一步剖析。换言之，在他的一生中，究竟扮演了何种角色呢？是葡萄牙人还是中国人？然而，无论答案如何，他在中西文明交化中所做出的贡献都足以令人铭记。综上所述，本文通过分析中国文化及徐日升（1645 - 1708）的文化认同问题，来回溯中葡两国的文明交流史。

关键词：耶稣会，跨文化研究，康熙帝，徐日升神甫

Índice

Introdução **1**

Capítulo I - Tomás Pereira enquanto português: juventude, cultura de origem e formação **6**

1. Tradições da sua terra natal, sociedade e mentalidade da época 6

1.1 O contexto histórico português e europeu até ao nascimento de Tomás Pereira 6

1.2 A terra de Tomás Pereira e a sua formação em Portugal 10

1.3 Sociedade e mentalidade portuguesa entre 1645 e 1708 19

2. Percurso: História dos Jesuítas e estudos de chinês no Colégio de S. Paulo em Macau . 22

2.1 História dos Jesuítas 23

2.2 Missões na Índia 27

2.3 Jesuítas em Macau 29

2.4 Colégio de São Paulo em Macau 35

Capítulo II - A vida na corte do Imperador Kangxi **41**

1. Caraterização da China no tempo do Imperador *Kangxi* 42

2. Relacionamento pessoal de Tomás Pereira com o Imperador *Kangxi* 53

3. Atividades musicais como forma de comunicação de Tomás Pereira com a cultura chinesa 59

3.1 As atividades musicais na corte do Imperador *Kangxi* 60

3.2 A obra musical de Tomás Pereira. 66

4. A influência de Tomás Pereira como diplomata da Corte Imperial 77

4.1 O contexto histórico do Tratado Sino-Russo de Nerchinsk 77

4.2 A Companhia de Jesus e a assinatura do Tratado de Nerchinsk 85

4.3 O diário do padre Tomás Pereira 105

5. A importância de Tomás Pereira para a religião católica na China coeva 110

5.1 História das religiões na China 110

5.2 A missão de Tomás Pereira na China 123

Capítulo III - A Identidade Nacional de Tomás Pereira **153**

1. Conceito de Identidade e de Identidade Nacional 154

2. Tomás Pereira e a Identidade Nacional dos portugueses 163

2.1 A identidade nacional dos portugueses 163

2.2 Tomás Pereira como português e a imagem da China aos seus olhos 166

2.3 A China aos olhos dos portugueses..... 174

Capítulo IV - Reflexões sobre o primeiro encontro entre as duas culturas, acomodação dos jesuítas e ajustamento da identidade – uma perspetiva intercultural..... 187

1. A primeira confrontação do Mundo Ocidental com o Império do Meio..... 189

2. O Império dos Ming-Qing e o Confucionismo 190

3. Jesuítas na China: do conflito à acomodação..... 192

3.1. O pioneiro da consciência de acomodação: Francisco Xavier 193

3.2 O pai da tradução da terminologia católica para chinês: Matteo Ricci 196

3.3 Ajustamento da identidade: uso de vestes confucionistas e da ciência para integração na sociedade chinesa..... 197

3.4 Conhecimento da língua chinesa como primeira medida de aproximação e condição primordial na comunicação 199

3. 5 Tomás Pereira: mais do que um missionário..... 203

Conclusão 240

Bibliografia..... 249

Anexo I..... 268

Dinastias da China..... 268

Anexo II 272

Exemplo do artigo *O Jesuíta Português Tomás Pereira* 272

Introdução

O diálogo entre as civilizações oriental e ocidental tornou-se mais consistente e regular a partir do século II a.C., com a abertura da *Rota da Seda*. Os crescentes contactos, no âmbito daquela que foi a maior rede comercial do Mundo Antigo, facilitaram o intercâmbio e a transmissão cultural, pelo que muitos missionários europeus rumaram ao Oriente, a partir do século XV, para difundir a sua fé.

Tanto Portugal como a China ocuparam um lugar importante na história das respetivas civilizações, sendo este valor acrescido pelo facto da ligação entre os dois países registar um longo historial, de quase cinco séculos. Durante este período, ambos viveram momentos de grande progresso e desenvolveram o conhecimento sobre o mundo: os Descobrimentos abriram o horizonte aos portugueses e europeus e marcaram profundamente a alma lusitana; e a China imperialista abriu-se ao mundo exterior, em resultado da chegada de jesuítas que introduziram conceitos e doutrinas cristãs, levaram *novidades* ao nível da ciência, tecnologia e arte, trazendo para a Europa o conhecimento sobre a misteriosa língua (sobretudo a escrita) da China, a sabedoria e a ética do Confucionismo, para além de produtos então desconhecidos ou raros como a porcelana, o chá e a seda, novas perspetivas sobre a vida e o cosmos, interessantes filosofias éticas e políticas, e muito mais. Essa foi a génese da Sinologia, saberes sobre o outro, neste caso a China, que permaneceu como uma quase ciência que foi marcando a história da comunicação entre o Ocidente e o Oriente.

Hoje, num mundo de extrema mobilidade e fácil acesso à informação, a comunicação entre línguas e culturas tão distantes tornou-se corrente. A globalização está a esbater as fronteiras e as parcelas do mundo estão cada vez mais próximas entre si, do ponto de vista económico, político e cultural. Todavia, olhando para os quase cinco séculos que nos precederam, sendo então os meios de comunicação o que se sabe, é compreensível a curiosidade sobre questões daqui decorrentes, designadamente, como o "outro" civilizacional era visto e aceite, e como era possível a integração do "eu" num contexto diametralmente oposto. Estas questões são relevantes para a compreensão do nosso percurso enquanto habitantes da aldeia global, para uma melhor perceção sobre "quem somos"

perante o "outro civilizacional", e sobre as bases comuns que partilhamos.

Portugal, como pioneiro da expansão europeia, manteve desde cedo estreitas relações com a China. Macau, onde os portugueses se instalaram desde meados do século XVI, constituiu uma porta privilegiada do intercâmbio comercial e cultural entre o Ocidente e o Oriente. Esta foi também a primeira nação ocidental a manter um contacto oficial com a China. A chegada dos portugueses ao *Mar das Índias* foi responsável, após uma longa interrupção, pelo restabelecimento dos contactos diretos entre os europeus e o Oriente. O primeiro contacto entre os portugueses e, de certa forma, a China remonta à primeira viagem de Vasco da Gama, entre 1497 e 1499. Com efeito, ao regressar a Portugal, em 1499, o navegador já traria vários produtos da Índia, como as "porcelanas que se compraram em Calecute"[1], naturalmente de origem chinesa. Como resultado, atualmente, pode visitar-se várias coleções chinesas (porcelanas, bronzes e artesanatos) dos séculos XVII e XVIII nos museus e palácios de Portugal, nomeadamente no Palácio da Pena (Sintra) e no Museu do Oriente (Lisboa).

Alguns anos mais tarde, em 1511, Afonso de Albuquerque conquistava Malaca, a qual, a breve trecho, se transformou numa importante base estratégica da expansão portuguesa no sudeste asiático e no extremo Oriente. Com a entrada em Malaca, onde os chineses já mantinham uma intensa atividade comercial há cerca de um século, as relações entre portugueses e chineses revelaram-se, desde logo, particularmente amistosas, exprimindo-se, entre outras coisas, através do comércio e do fornecimento de informações sobre a China. Aliás, a realidade chinesa está já presente numa carta do viajante italiano Andrea Corsali a Giuliano de Medici, em 1515, onde se lê: "Os mercadores da terra da China viajavam também para Malaca através do Grande Golfo, a fim de obterem carregamentos de especiarias e trazer do seu país almíscar, ruibarbo, pérolas, estanho, porcelana, seda e vários tipos de artigos trabalhados com damascos…"[2].

Entre os inúmeros portugueses que, após a fixação em Malaca, demandaram a China e, de uma forma ou de outra, contribuíram para a aproximação entre os dois povos, destaca-se Jorge Álvares, que chegou à ilha de *Lintin* em 1513; Tomé Pires, o primeiro embaixador português na China (1516), e Frei Gaspar da Cruz, o primeiro missionário português na

[1] Cf. KEIL, Luís, *Jorge Álvares - O primeiro português que foi à China*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1990, p. 7.
[2] CHANG, Tien-Tsê, *O Comércio Sino-Português entre 1514 e 1644*, Instituto Português do Oriente, Macau, 1997, p. 45.

China, tendo ali chegado em 1556. Alguns destes viajantes e, mais tarde, tantos outros, deixaram-nos importantes testemunhos desse contacto, bem como preciosas descrições do império. Entre estes viajantes destaca-se, sem dúvida, Fernão Mendes Pinto, autor da *Peregrinação*, Tomé Pires, autor da *Suma Oriental* e também Frei Gaspar da Cruz, com o seu *Tratado das Coisas da China*.

A transmissão do cristianismo tornou-se então o mais importante instrumento de diálogo intercultural, tendo a Companhia de Jesus desempenhado um papel crucial neste contexto. Para melhor compreender o Ocidente, os imperadores chineses escolheram alguns homens cultos, sobretudo religiosos, para trabalharem na corte: foi o caso de Matteo Ricci, Ferdinand Verbiest, Jean-François Gerbillon, Joachim Bouvet e os portugueses Manuel Dias, Álvaro Semedo, Gabriel de Magalhães ou Tomás Pereira.

Neste seguimento, pretendo aprofundar os meus estudos na área da *Comunicação intercultural português-chinês* investigando o exemplo do jesuíta Tomás Pereira (1645-1708), nascido em Vale S. Martinho, muito perto da Braga (cidade onde fui estudante de Mestrado e de Doutoramento), que estudou a língua chinesa em Macau (onde completei a minha Licenciatura) e morreu em Pequim, a minha terra natal. Sou incapaz de ignorar este nome, não só pela minha curiosidade académica, mas sobretudo enquanto homenagem aos pioneiros que, com a sua sabedoria e esforço, aproximaram estes dois mundos.

O objetivo deste trabalho será também analisar a capacidade de adaptação dos portugueses a diferentes culturas, assim como o facto de a China ter passado a integrar, em parte, a identidade do "ser português". Como tem sido salientado por vários autores, a identidade portuguesa tem-se afirmado a partir da sua capacidade de se enriquecer através do contacto com outras identidades e outras culturas, tornando-se tão mais rica na medida em que se abriu ao "outro civilizacional", dando e recebendo. Outrossim, possa a idiossincrasia deste povo na sua grande capacidade de integração e/ou de acolhimento perante o mundo dos "outros", bem como este património histórico comum, servir de herança para os jovens de agora, nomeadamente na sua relação com "o outro" e "consigo através do outro", neste particular a China.

A integração dos jesuítas foi um processo ativo, partiu da vontade de conhecer "o outro". De forma a preparar o trabalho missionário no Oriente, fundou-se em Macau o

Colégio de São Paulo (1594), onde muitos jesuítas estudaram a língua e a cultura chinesas, e a partir de onde rumaram a outros pontos da Ásia. Embora muitos europeus trabalhassem na corte *Qing*, a maior parte assumiu cargos administrativos sem qualquer poder e muito poucos jesuítas tiveram a oportunidade de cultivar uma relação com o imperador. Assim sendo, o padre Tomás Pereira foi privilegiado, uma vez que contactou frequentemente com *Kangxi*, monarca importante na história da China e crucial para a abertura do império ao mundo.

Sabemos, de resto, que Pereira foi mais do que um jesuíta e cientista. Chamado a Pequim, por causa dos seus conhecimentos sobre o sistema de calendário, mas sendo também um músico talentoso, impressionou o imperador *Kangxi* que convidou o jovem jesuíta para servir como músico da corte e seu tutor pessoal. Durante a sua longa estadia na China, ele trabalhou em *Qintianjian* (um setor de astronomia e do calendário), conheceu a música chinesa e transmitiu muitos conceitos sobre a música ocidental. Em 1707, escreveu o *Luluzuanyao*, "Introdução à Musicologia", o primeiro livro sobre a teoria musical e a técnica de harmonia ocidentais editado na China. Pensamos ser interessante analisar a influência desta obra na música chinesa, e esperamos que o estudo de música desde os oito anos tenha proporcionado a sensibilidade e uma base prática para melhor recolher informações sobre a contribuição musical de Tomás Pereira para a China do século XVIII.

Alguns anos mais tarde, ao saber que o Papa Clemente XI proibira as práticas de Ricci, no contexto da *Controvérsia dos Ritos*[3], Pereira recusou-se a obedecer às instruções superiores e decidiu permanecer na China até ao fim da vida. Na verdade, a opção que o padre tomou pode representar a opção de todos aqueles homens que, contra tudo e contra todos, preferem continuar a desempenhar o papel que lhes estava destinado, neste caso, o de um mediador entre duas culturas.

Tomás Pereira foi uma pessoa lendária e misteriosa, sendo um importante elemento da história da dinastia *Qing*, que permaneceu na memória coletiva chinesa sob o seu nome chinês: *Xu Risheng*. O português dedicou quase toda a sua vida à China, adquirindo vários costumes e pensamentos locais. Com caraterísticas europeias e orientais, no fim de contas,

[3] A *controvérsia dos ritos* tratou-se de uma longa disputa, no seio da Igreja Católica, sobre a natureza canónica ou não dos ritos chineses. Cf. LI, Tiangang, *Controvérsia dos ritos na China (Documentos históricos e os seus significados)*, Editor dos clássicos de Xangai, Xangai, 1998, pp.15-20.

ninguém sabia o que Tomás Pereira pensava de si mesmo, se procurou manter a essência do "ser português" ou se se transformou no "outro". Tentaremos lançar alguma luz sobre este assunto, analisando as ações do jesuíta.

A presente investigação acompanha Tomás Pereira em quatro grandes fases: a sua formação em Portugal, na Índia e em Macau; a vida na China; as obras escritas por ele ou que a ele se referem; e a sua identidade.

A primeira parte, «Tomás Pereira enquanto português: juventude, cultura de origem e formação», apresenta o seu percurso até à sua chegada à corte chinesa. Pereira nasceu em Portugal, estudou no Colégio dos Jesuítas e entrou na Companhia de Jesus antes de rumar ao Oriente, sob as ordens da Igreja Católica e do rei de Portugal. Em Macau, aprendeu chinês e evangelizou, enquanto esperava por um meio de entrar na China. Obviamente, este percurso foi determinante para a pessoa que Pereira se tornou.

A segunda parte, «A Vida na corte do Imperador *Kangxi*», introduz a vida de Pereira em Pequim, onde ele viveu durante mais de três décadas anos e acabou por morrer. Neste capítulo, será feita a caraterização da China ao tempo de *Kangxi*; será analisado o relacionamento pessoal de Tomás Pereira com o imperador; as atividades musicais como forma de comunicação com a cultura chinesa; a influência de Pereira como diplomata e, por fim, a importância do padre para a religião católica na China coeva.

Na terceira parte, «A Identidade Nacional de Tomás Pereira», analisa-se a questão da identidade, focando especialmente as caraterísticas do povo português e do jesuíta, no sentido de analisar a alteração identitária ocorrida em Tomás Pereira.

O quarto e último capítulo, «Reflexões sobre o primeiro encontro entre as duas culturas, acomodação dos jesuítas e ajustamento da identidade – uma perspetiva intercultural», aborda a identidade nacional do povo chinês, fortemente influenciada pelo Confucionismo, analisa a estratégia de acomodação dos jesuítas na China, facilitadora da comunicação com aquela sociedade ancestral, e dá conta da "dupla face" de Pereira, necessária para lidar com os interesses, por vezes contraditórios, dos três "amos" a quem servia: Portugal, a China e a Companhia de Jesus.

Capítulo I - Tomás Pereira enquanto português: juventude, cultura de origem e formação

1. Tradições da sua terra natal, sociedade e mentalidade da época

Portugal é indissociável dos Descobrimentos, essa grande epopeia histórica dos lusitanos, que fomentou o progresso da civilização ocidental. Mas este território é muito anterior à aventura marítima do século XVI, tendo sido ocupado por vários povos que passaram pela Península Ibérica antes e depois da constituição da nacionalidade, diversificando e enriquecendo a cultura portuguesa. O catolicismo exerceu igualmente uma força modeladora desta cultura e, como tal, muitos jesuítas se decidiram a partir para a Ásia, para cumprirem a grandiosa missão de Deus, sendo o padre Tomás Pereira um deles. A sua vida pode assim dividir-se em duas fases: a vida em Portugal (1645-1666) e no Oriente (1666-1708).

Embora as suas consecuções no Oriente tenham ficado mais famosas, a sua vida anterior é igualmente importante, na medida em que a experiência em Portugal determinou o seu pensamento e as suas características pessoais, o que veio a influenciar as suas ações do outro lado do mundo. Impõe-se, *ab initio*, uma resumida contextualização histórica, que explicará a importância do catolicismo no reino de Portugal e a vocação missionária de Tomás Pereira.

1.1 O contexto histórico português e europeu até ao nascimento de Tomás Pereira

Os romanos conquistaram a Península Ibérica ao longo do século III a.C., vencendo inicialmente os cartagineses, estabelecidos no território há muito tempo, e depois também os lusitanos. Concluída a conquista efetiva da Península, a civilização romana permaneceu aqui durante vários séculos, contribuindo para o surgimento de uma língua compósita de latim e dialetos locais, embrião da futura língua portuguesa, cuja forma primitiva foi a do dialeto galaico-português. O legado romano estende-se igualmente ao Direito e à arquitetura,

nomeadamente uma rede de estradas que facilitou a comunicação em todo o império. Ainda hoje muitas cidades portuguesas possuem vestígios da época romana.

No século V, o império romano do Ocidente acabou por sucumbir ao peso esmagador das invasões bárbaras. Juntamente com os povos bárbaros, a Península recebeu novos costumes e crenças. Os suevos, os alanos e os vândalos foram os primeiros a atingirem a Península Ibérica, todos pertencendo à nação germânica. Pouco depois, chegavam os visigodos que acabaram por dominar pela força das armas. Ou seja, diferentes tradições e culturas dialogaram e misturaram-se nesta terra.

O povo ibérico foi também influenciado pelo cristianismo, à medida que este ia ganhando popularidade no império romano, deixando a religião de ser apenas uma fé, para se transformar num instrumento político.

A força árabe chegou à Península no século VII, chocando inevitavelmente com a cultura cristã. No século seguinte, os mouros venceram os visigodos, tomando quase todo o território. No entanto, a pouco e pouco, os povos peninsulares retomaram o domínio perdido e combateram o inimigo em várias frentes, de Norte para Sul. Os muçulmanos não conseguiram ocupar a região montanhosa das Astúrias, formando-se aí a oposição que iniciou o processo de Reconquista Cristã, uma ampla empresa coletiva em que reis, nobreza, clero e povo participaram ativamente para expulsar os mouros e reaver as terras perdidas entre os séculos VIII e XI. Os ibéricos retomaram o domínio do território e a cultura cristã voltou a ter primazia mas, ainda assim, os árabes deixaram marcas indeléveis, influenciando profundamente a civilização europeia.

A sociedade ásturo-leonesa era constituída por três classes: o clero, a nobreza e o povo. O povo vivia em pequenas comunidades rurais, à volta do templo; pois o clero ganhava protagonismo a par com o cristianismo. Por esta altura, o conde D. Henrique de Borgonha casava-se com D. Teresa e recebia o pequeno Condado Portucalense. Enquanto vassalo de D. Afonso VI, o conde tinha a obrigação de prestar auxílio militar e participar na Cúria Régia. Depois da sua morte, a sua mulher D. Teresa assumiu o poder, perdido mais tarde em batalha para o seu filho.

D. Afonso Henriques foi ainda mais longe e, com o apoio do clero, teve a ousadia de desligar este território do Reino de Leão e de Castela, tornando-se D. Afonso I, o primeiro

rei de Portugal. O apoio da classe religiosa à ambição de D. Afonso Henriques prova também a influência do cristianismo e dos seus representantes. Em 1139, ele anunciou a independência do reino de Portugal, que veio a ser confirmada pelo próprio Rei Afonso VII, de Leão e Castela, com a assinatura do *Tratado de Zamora*. O exército português começou então a reconquista, em direção ao Sul, reocupando o território controlado pelos mouros. Enquanto o governo multiplicava iniciativas políticas no sentido de reativar a vida económica, a Igreja prosperava no país, recebendo importantes doações e fundando diversos conventos. Em 1179, o Papa Alexandre III reconheceu Portugal como país independente e soberano, protegido pela Igreja Católica, através da Bula *Manifestis Probatum*[4]. A religião foi crucial naquele momento histórico, pois sem o reconhecimento do Papa, o país não conquistaria uma independência real.

O desenvolvimento da *Rota da Seda* resultou no estreitar de ligações, comerciais e culturais, entre o Oriente e o Ocidente, permitindo aos europeus algum, ainda que incompleto, conhecimento sobre o Oriente. Até que, na Idade Média, o mais célebre viajante europeu foi à Ásia: Marco Pólo[5]. O seu pai e o seu tio haviam tentado já, em 1255, realizar uma viagem à China, sem êxito. Alguns anos mais tarde (1264), tendo encontrado um emissário da dinastia *Yuan* cujo objetivo era contactar a Europa, conseguiram finalmente cumprir esse seu desejo, chegando a Pequim em 1266, onde foram apresentados a *Kublai Khan*[6]. O imperador pediu-lhes que levassem uma carta ao Papa, em Roma, manifestando o desejo de que a Santa Sé enviasse uma missão. Marco Pólo, na companhia do seu pai e tio, levando agora a resposta do Papa a *Kublai Khan*, partiu de Veneza em 1271 e chegou a *Xanadú* em 1275, através da *Rota da Seda*. Aí permaneceu durante longos anos. Mais tarde, depois de ter escoltado a princesa *Kokochin* à corte *Ilcanida*, Marco Pólo foi autorizado a regressar à sua terra, iniciando a sua viagem em 1292. O explorador acabou no cárcere em 1298, no quadro do conflito que opôs venezianos a genoveses, e descreveu as suas viagens a um companheiro de prisão, Rustichello da Pisa, que as registou em língua occitana, na célebre obra *As Viagens*. Compilando informações geográficas, comerciais, demográficas,

[4] *Manifestis probatum* foi uma bula emitida pelo Papa Alexandre III, em 1179, que declarou o Condado Portucalense independente do Reino de Leão, e D. Afonso Henriques o seu soberano. Fonte: www.arqnet.pt/portal/portugal/documentos/manifestis_probatum.html, consultado em 26 de outubro de 2012.

[5] Marco Pólo (1254-1324) foi um mercador, embaixador e explorador italiano, nascido em Veneza. Fonte: www.bbc.co.uk/history/historic_figures/polo_marco.shtml, consultado em 7 de janeiro de 2012.

[6] *Kublai Khan* (1215-1294), quinto *Grande Khan*, fundador da dinastia *Yuan*, governou entre 1260 e 1294, cf. LIU, Yan e Wang, Hongbin, *A Rota da Seda em Imagens*, Editor Popular de Jilin, Changchun, 2010, p. 182.

religiosas e etnográficas de inúmeros países orientais, o livro possui um grande valor histórico. Em *As Viagens* descreve-se a vasta região asiática e, em particular, as rotas e os contactos estabelecidos entre o Oriente e o Ocidente, designadamente entre a China e a península itálica, na Idade Média. A obra tornar-se-ia muito popular na Europa, como se de um guia de viagens se tratasse.

Corria o século XV e a Europa atravessava uma grave crise, motivada pela recessão económica, pela Guerra dos Cem Anos, pela Peste Negra, pela fome, pela falta de mão de obra, entre outros fatores. A escassez de recursos atingiu mesmo a nobreza e o clero. Face a este contexto, Portugal procurou dispensar quaisquer intermediários no comércio com o Oriente e, face à sua posição estratégica e aos conhecimentos náuticos dos seus navegadores, lançou-se em expedições ultramarinas. Em 1415 conquistou Ceuta, sendo considerado o ponto de partida da sua expansão. A obra *As Viagens* poderá ter sido a *bússola* para os exploradores ocidentais: diz-se que Colombo[7] leu este livro na sua infância e que o seu sonho era procurar a terra milagrosa descrita no livro. Apesar de não realizar este sonho, Cristóvão Colombo descobriria o continente americano. Como ele, muitos exploradores europeus partiram rumo à Ásia naquela altura, com missionários e comerciantes a juntarem-se às armadas.

Em 1487, D. João II instou o navegador Bartolomeu Dias a procurar uma rota para a Índia, portanto ele partiu de Lisboa, ao longo da costa ocidental de África, chegando no ano seguinte ao Cabo da Boa Esperança, principal obstáculo para alcançar o seu destino por via marítima. Em 1498, o grande explorador Vasco da Gama[8] chegou a Calecute da Índia e doze anos depois, o *César do Oriente*, Afonso de Albuquerque conquistou Goa, que se tornaria o principal entreposto comercial de Portugal na Ásia e a sede do cristianismo no Oriente, enquanto ponto de chegada para os jesuítas. Jorge Álvares foi o primeiro europeu a aportar à China (1513), na ilha de *Lintin*, no estuário do Rio das Pérolas, e Frei Gaspar da Cruz foi o primeiro missionário português na China, onde chegou em 1556. Desde então, muitos mais jesuítas, nomeadamente portugueses, foram enviados como missionários.

[7] Cristóvão Colombo foi um navegador genovês (1451-1506), capitão-mor da expedição que, ao serviço dos *Reis Católicos*, em 12 de outubro de 1492, protagonizou o chamado descobrimento da América, cf. STRATHERN, Paul, *As rotas da seda e das especiarias (Os caminhos terrestres)*, Interouro Lda, Madrid, 1993/94, p. 41.

[8] Vasco da Gama foi um navegador e explorador português (1469-1524), capitão-mor da viagem de descoberta do caminho marítimo para a Índia, cf. REID, Struan, *As rotas da seda e das especiarias (Caminhos Marítimos)*, Interouro Lda, Madrid,1993/94, p. 32.

O apogeu português não durou pois, em 1580, na sequência da morte do rei D. Sebastião na Batalha de Alcácer-Quibir (Batalha dos Três Reis), o reino enfrentou uma grave crise dinástica e entrou em decadência. Neste seguimento, D. António Prior de Crato foi aclamado pelo povo em Santarém mas, um mês depois, o rei D. Filipe II de Espanha, apoiado pelo Conselho de Governadores, tomou o trono de Portugal, tornando-se D. Filipe I de Portugal. Como resultado, os territórios ultramarinos portugueses passaram também para o controlo espanhol, com claros prejuízos daí resultantes.

A *Reforma Protestante*[9] do século XVI motivou uma divisão no cristianismo entre catolicismo e protestantismo, com as duas forças religiosas a procurarem cimentar a sua influência em todo o continente. Filipe II, sendo um católico crente, ordenou a construção de muitas igrejas em Portugal enquanto em Paris era fundada a Companhia de Jesus, em prol da pureza da fé. Em 1587, a rainha Isabel de Inglaterra mandou assassinar a ex-rainha Maria Stuart da Escócia, que professava o catolicismo. O rei de Espanha (e Portugal) reagiu a este assassinato construindo a Invencível Armada, composta por mais de 100 navios, 31 deles portugueses, para conquistar a Inglaterra. A Armada acabaria derrotada, o que fragilizou o potentado da Espanha e, por consequência, também Portugal. A situação económica degradou-se ainda mais, em particular para os camponeses.

Quando D. Filipe IV de Espanha (D. Filipe III de Portugal) subiu ao trono, o país estava numa situação terrível e ia perdendo as suas possessões ultramarinas para a Inglaterra, França e Holanda. No entanto, o governo espanhol aumentou o peso dos impostos e com isso a miséria do povo português, estimulando a determinação de resistência. Ressalve-se que, embora a situação socioeconómica de Portugal fosse precária, a Companhia de Jesus vinha crescendo metodicamente.

1.2 A terra de Tomás Pereira e a sua formação em Portugal

No rescaldo da Guerra da Restauração, D. João IV assumiu o trono do país em 1640 mas os cidadãos continuaram numa situação difícil. A paz com Espanha seria finalmente

[9] A Reforma Protestante foi um movimento cristão iniciado por Martinho Lutero nos primórdios do século XVI e que se propunha, protestando contra o que entendia serem os abusos da Santa Sé, reformar a igreja cristã, cf. XIE, Suke e YU, Min, *A influência da Reforma Protestante para o capitalismo no Século XVI*, Nanning, Editora do Instituto dos Chefes Juvenis de Guangxi, 2003, pp. 59-60.

conseguida em 1668, após a vitória portuguesa na Batalha de Montes Claros e a morte do renitente D. Filipe IV. O armistício foi selado pelo Tratado de Lisboa, entre D. Afonso VI e Carlos II, e Portugal retomou o controlo do país e dos territórios ultramarinos, exceto Ceuta. Tomás Pereira nasceu naquela altura.

São Martinho do Vale de Famalicão, uma vila do norte de Portugal, viveu um dia muito especial em 1 de novembro de 1645. Escutou-se aqui o primeiro choro de um rapaz que daria as maiores contribuições para a história das relações sino-portuguesas, de seu nome Tomás Pereira[10]. Atualmente, o único busto de Pereira no mundo repousa ali, em frente da igreja local, a fim de homenagear este grandioso missionário português. Existem três epitáfios em baixo e ao lado da estátua. Na primeira placa comemorativa, de 2000, constam as seguintes palavras:

> "Homenagem ao Padre Tomás Pereira
> Promovida pela Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão e Junta da Freguesia de Vale S. Martinho.
> Agostinho Fernandes, presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão
> António Carvalho de Azevedo, presidente da Junta da Freguesia"

Outras duas foram acrescentadas em 2008, para assinalar os 300 anos desde a morte de Tomás Pereira. Uma delas tem as seguintes palavras:

> "Vila Nova de Famalicão Câmara Municipal
> 300 Anos da morte de Tomás Pereira
> Homenagem de gratidão e reconhecimento da Câmara Municipal de V. N. Famalicão, Arquidiocese de Braga, Junta de Freguesia e Paróquia de Vale S. Martinho, pelo exemplo de vida e pela obra realizada, como missionário, cientista, artista e diplomata.
> Arq. Armindo Costa, Presidente da Câmara Municipal de V. N. Famalicão
> D. Jorge Ortiga, Arcebispo Primaz de Braga
> José Luís Veloso Antunes, Presidente da Junta de Vale S. Martinho
> Pe. António Ferreira Machado, Pároco de Vale S. Martinho
> Vila Nova de Famalicão, 24 de Dezembro de 2008."

[10] Cf. CANHÃO, Joel, *Tomás Pereira Missionário e Artista na China dos Finais de Seiscentos – Nova abordagem à sua personalidade*, Famalicão, Câmara Municipal V. N. Famalicão, 2001, p. 21.

E a última reconhece as várias facetas do jesuíta:

"Tomás Pereira S. J. (Vale S. Martinho, V. N. de Famalicão, 1645 – Pequim, 1708), Cientista, Músico, Diplomata, Missionário, Convidado pelo Imperador Kangxi para a corte de Pequim, para seu conselheiro e amigo. Conseguiu o Édito da Tolerância da Religião Católica na China e foi seu interlocutor com a Rússia para o tratado fronteiriço de Nerchinsk. Está sepultado ao lado do Imperador, o que lhe escreveu o epitáfio.

Vila Nova da Famalicão, 24 de Dezembro de 2008"



A vila tornou-se famosa através de Tomás Pereira, sendo o orgulho dos famalicenses, que gostam de recordar os méritos daquela personagem histórica. Se Tomás Pereira se transformou numa lenda, o Vale S. Martinho foi a fonte do mito que permanece há 300 anos. O primeiro registo que o menciona é o assento de batismo mas, para além desse, existem oito outros documentos biográficos da família depositados no Arquivo Distrital de Braga: o assento de batismo da sua mãe e de três irmãos, bem como os registos de casamento e de óbito dos pais.

A igreja em que Tomás Pereira foi batizado foi entretanto destruída. Segundo o

Pároco de Vale S. Martinho, padre Machado[11], as ruínas cobertas de silvas, próximas da nova igreja, poderão ser os restos do velho templo. Numa casa da vila, alguns pedregulhos estão espalhados no pátio, os quais se supõe serem as ruínas da casa dos pais de Tomás Pereira ou, talvez, alguns pedaços tenham sido simplesmente usados na construção de uma nova casa, já que as palavras "ANO 1622" estão gravadas na pedra em cima da porta lateral.

> "Aos 5 de Novembro de 1646 baptisej eu Francisco de Medela Vigario nesta Jgreja de S. Martinho do Valle a hum menino filho de Domingos da Costa, E Francisca Antonia da aldea do Pedreiro E foj no batismo ao menino por nome Sanctos Pdrinho Jeronimo da Costa Pinto, E Madrinha Jsabel Antonia mulher de João Manoel de S. Vicente de Oleiros feito oje era Vt Supra [na era como acima].
> Francisco de Medela" [12]

Quem será este "Sanctos" que consta no registo de batismo? Tudo indica que fosse Tomás Pereira. Antes de mais, os seus pais casaram-se a 23 de maio de 1643, conforme registo da igreja feito pelo mesmo vigário. Analisados vários assentos de batismo, Tomás Pereira seria provavelmente o segundo filho do casal, pois o primeiro, Domingos, terá sido batizado em 26 de fevereiro de 1644, e o terceiro filho (ou talvez o quarto, chamado Manuel) em 8 de julho de 1651. Outro filho do casal, de seu nome Maria, foi batizado em 10 de maio de 1656.

Tomás Pereira nasceu em 1645 e "Sanctos" foi batizado no ano seguinte. Os nomes dos seus pais e o lugar de nascimento (aldeia de Pedreiro) correspondem também ao assento, portanto esta criança devia ser o pequeno Tomás. Aliás, o referido casal terá tido vários filhos, porque existem informações sobre mais três crianças - José, Francisca e João -, cujos pais também se chamavam Domingos da Costa e Francisca Antónia. Todavia nos respetivos assentos não consta que os progenitores vinham da aldeia de Pedreiro, portanto não se pode ter certeza de que se tratava do mesmo casal. Mesmo que estes três fossem parte da prole de Domingos e Francisca, nenhum deles seria Tomás Pereira, uma vez que nasceram mais tarde do que o "Sanctos", isto é, em 16 de março de 1650, 23 de janeiro de 1653 e 30 de outubro

[11] Informação obtida diretamente do Padre Machado, em visita ao local no dia 14 de setembro de 2012.
[12] BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Tomás Pereira. Obras*, Volume I, Centro Científico e Cultural de Macau I.P., Lisboa, 2011, p. 51.

de 1657, respetivamente [13].

A dúvida em torno da criança "Sanctos" persiste pois, naquele tempo, era pouco provável que fosse batizado um ano após o nascimento. Por outro lado, ninguém sabe porquê que "Sanctos" mudou o seu nome para "Tomás" [14]. Enfim, persistem algumas incertezas que não podem ser esclarecidas atualmente.

De acordo com o registo paroquial, Francisca Antónia, mãe de Tomás Pereira, era filha de António Gonçalves e de Maria Afonso e foi batizada em 6 de junho de 1617. No que diz respeito ao seu pai, Domingos da Costa, era filho de Manuel Pereira e de Victória da Costa. Apesar do assento de batismo estar desaparecido, o seu assento de óbito está conservado no Arquivo Distrital de Braga, revelando que ele faleceu a 20 de dezembro de 1693. A esse propósito, Tomás Pereira enviou uma carta ao Padre Geral Thyrsus Gonzalez, em 16 de agosto de 1695, com expressões de pêsames pelo seu pai: "Depois de ter escrito esta, tiue nouas que leuou Deos meu Pay de 83 de idade. E como na Ley da naturaza he esta a mayor, deuo rogar a Deos se lembre de sua alma com alguã esmolha espiritual." [15] O transporte e a comunicação naquele tempo tinham outro ritmo. Assim, percebe-se que Tomás Pereira recebesse a notícia do falecimento muito tarde, porque em carta enviada ao mesmo Padre Geral em 1694, ele não mencionava nada sobre o assunto.

O avô paterno de Tomás Pereira era de Lisboa, levantando-se a hipótese de pertencer à nobreza. No entanto, faltam provas que corroborem tal suposição e, de resto, é muito difícil saber mais detalhes sobre o ambiente familiar de Tomás Pereira, por falta de fontes documentais. Porém, os conteúdos do traslado de uma verba do testamento de Domingos da Costa (pai de Tomás Pereira), registado no dia 25 de dezembro de 1693, indicam que a sua família não seria pobre. Em primeiro lugar, ele possuía uma herdade na freguesia de São Cosme do Vale, vizinha de S. Martinho do Vale e, para além disso, encomendou uma série de missas pela sua alma "enquanto o mundo durar", isto é, para sempre, conforme consta no seu testamento.

> "…E mandarem dizer quatro missas rezadas em o dia de Santa Cruze de Marso a tostão de esmola quada (sic) huã e ao Reverendo Vigairo que for nesta Jgreja se daram

[13] Cf. BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Tomás Pereira (1646 – 1708) - Um Jesuíta na China de Kangxi*, Centro Científico e Cultural de Macau I.P., Lisboa, 2009, pp. 23-24.
[14] Cf. *Idem, ibidem*.
[15] BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Ob. cit.*, p. 693.

> duzentos reis de esmola com obrigação de dizer a missa cantada podendo ser alias dito (?) Vigairo duas missas rezadas, mas sempre serão cinco missas comuiram quatro clerigos de fora desta freguezia pera dizerem estas missas, e quando haia algum emcomueniente (sic) se dirão estas missas em outro dia perante mais vizinho que vier, E estas missas que dito tenho quero se mandem dizer emquanto o mundo durar, E quero que meus herdeiros dem a sera, E vinho pera estas missas se dizerem....”[16]

O documento revela que o pai de Tomás era muito devoto e que mantinha boas relações com o clero, pois conseguiu que mais de 30 padres celebrassem as missas durante muitos dias consecutivos[17]. Quando a sua mulher faleceu (em 10 de janeiro em 1686), foram necessários grandes gastos, inalcançáveis para famílias humildes. Assim, Tomás Pereira teria crescido num ambiente religioso e abastado, muito influenciado pelo catolicismo, o que lhe estimulou o caminho religioso.

Não existem registos sobre os estudos primários de Tomás Pereira, mas é provável que os tenha concluído na sua terra natal. Mais tarde, frequentou o Colégio dos Jesuítas em Braga, mas não existam quaisquer documentos dessa passagem, apesar do colégio ser muito importante na época.

Os Estudos Gerais de Braga foram criados graças a D. Diogo de Sousa, arcebispo de Braga entre 1505 e 1532. O rei D. João III dava bastante importância ao ensino e à religião, ordenando a fundação de um grande colégio nas cidades de Braga ou do Porto, devendo este ser dotado de mestres de Teologia e de todas as Artes e Ciências. Caso o arcebispo escolhesse Braga, poderia contar com o auxílio do rei[18]. Neste contexto, nascia em 1531 o Colégio de São Paulo, sendo o ensino gratuito e dirigido quer a estudantes da cidade, quer de fora. D. Diogo de Sousa morreria no ano seguinte, mas a cidade minhota nunca esqueceu o seu contributo para o ensino, criando um colégio com o seu nome em 1949. Refira-se que os colégios da Companhia de Jesus diferem das escolas comuns, estando identificados com princípios educativos que dão prioridade à dignidade da pessoa humana em todas as suas

[16] *Idem*, *ibidem*, p. 59.
[17] Cf. BARRETO, Luís Filipe, *Tomás Pereira (1646 – 1708) - Um Jesuíta na China de Kangxi*, Centro Científico e Cultural de Macau, Lisboa, 2009, p. 23.
[18] Cf. MIRANDA, Margarida, «O Humanismo no Colégio de São Paulo (Séc. XVI) e a Tradição Humanística Europeia», em *Humanitas* 62 (2010),, Coimbra, p. 245.

dimensões e ao ensino religioso[19].

Inicialmente, a dimensão do Colégio de São Paulo era modesta, com apenas cinco professores e ajudantes: dois para ensinar a ler e escrever, dois de Gramática e um de Lógica. Em 1533, D. Henrique tornou-se bispo da Arquidiocese de Braga e, enquanto se manteve no cargo (assumiria o trono em 1578 sob o cognome *O Casto*, até 1580, data da sua morte), promoveu o colégio e reformou o currículo, estendendo o plano de estudos à Filosofia, Poética, Retórica, Artes, etc. Uma vez que o ensino de Teologia e dos Cânones era feito em latim, criou as Instituições da Gramática Latina (*Institutiones Grammaticae Latinae*) e contratou vários mestres famosos, nomeadamente o humanista flamengo Nicolau Clenardo, o linguista João Vaseu ou o humanista português Marcial de Gouveia.

O principal problema do colégio residiu na falta de recursos e o seu desenvolvimento foi mesmo comprometido, não só por falta de património, mas também de professores. Ainda que o novo arcebispo, D. Baltasar Limpo, reforçasse a dotação orçamental do colégio, este continuou com dificuldades. O arcebispo prestou atenção aos cursos de Letras, Ciências e Virtudes e, face à vaga protestante que varria a Europa, reformou a formação religiosa e intelectual dos alunos. Todavia, ele teve de reduzir os salários dos professores a fim de garantir a sobrevivência da instituição, pelo que, até 1553, o colégio contou apenas com oito professores[20].

Com o crescimento da Companhia de Jesus em Portugal, o Infante D. Henrique procurou estabelecer um colégio de jesuítas em Braga. Assim, o novo arcebispo de Braga, Frei Bartolomeu dos Mártires, entregou o Colégio de São Paulo àquela Ordem em 1560, o que motivou alguma controvérsia. De qualquer maneira, esta transmissão mudou o destino do colégio e a vida de Tomás Pereira, uma vez que a escola cresceu, a quantidade de alunos aumentou e a qualidade de ensino foi melhorada. Em 1591, era frequentado por cerca de 1200 alunos[21], os padres envolviam-se também na docência, o plano de estudos estava mais completo e os cursos de Teologia e Artes tornaram-se predominantes. Aliás, o colégio levava os alunos a participarem em atos públicos, a fim de melhorarem a sua expressão oral. Segundo uma notícia, a mais antiga aula de música conhecida em Braga, e já com um certo

[19] Cf. ARRUPE, Pedro, *Ideário dos Colégios da Companhia de Jesus em Portugal*, Centro Gráfico, Famalicão, 1980, p. 7.
[20] Cf. MIRANDA, Margarida, *Art. cit*., p. 251.
[21] Cf. *Idem*, *ibidem*, p. 253.

grau de desenvolvimento, datava do século XVI[22], ou seja, o ensino musical terá começado no colégio em questão estendendo-se, posteriormente, a outras escolas bracarenses. Os vastos conhecimentos musicais de Tomás Pereira terão advindo daí. Para além deste, houve mais dois colégios de jesuítas no reino, um em Coimbra e outro em Évora, contemporâneos do de Braga.

O Colégio de São Paulo já estaria bem desenvolvido, quando Tomás Pereira o frequentou. O irrepreensível sistema de ensino transformou o jovem Tomás num homem culto, com conhecimentos de Humanismo e Ciência, perito em Latim, Matemática, Astronomia e Música. Para além disso, ele teve o primeiro contacto com a Companhia de Jesus no colégio e talvez os jesuítas o estimulassem para a vida de missionário. Tomás Pereira continuou os seus estudos pela via religiosa, iniciando o noviciado na Companhia de Jesus em Coimbra, em 25 de setembro de 1663, com a idade de 18 anos.

Fundada em 1290, a Universidade de Coimbra foi pioneira no ensino superior em Portugal, sendo a segunda universidade da Península Ibérica, logo a seguir à de Salamanca. O Colégio de Jesus de Coimbra foi fundado em 1542 por Simão Rodrigues, com o apoio do rei D. João III, sendo pouco depois incorporado, juntamente com o Colégio das Artes, na Universidade de Coimbra (1555), passando todos os seus membros e servidores a usufruir dos privilégios e liberdades outorgados a esta instituição[23]. Na dependência da Universidade de Coimbra, o Colégio de Jesus também possuía uma boa qualidade de ensino pelo que os conhecimentos de Tomás Pereira saíram reforçados, apesar deste ter permanecido em Coimbra menos de três anos.

O rei D. João III deu particular apoio ao Colégio das Artes de Coimbra (em detrimento do de Braga), fundado em 1547 e em funcionamento desde 21 de fevereiro de 1548, onde eram realizados estudos de Artes Liberais e de Humanidades, com o objetivo de preparar os futuros estudantes universitários nesta área. Antes da sua fundação, não havia instituições do género para os candidatos à universidade, pelo que os portugueses iam para o estrangeiro, sobretudo para colégios franceses graças às bolsas reais atribuídas aos alunos do Colégio de Santa Bárbara em Paris e do Colégio de Guiana, em Bordéus. O colégio desenvolveu-se muito rapidamente devido ao apoio real, destacando-se no ensino da

[22] Cf. CANHÃO, Joel, *ob. cit*., p. 28.
[23] Cf. RAMALHO, Américo da Costa, "José de Anchieta em Coimbra", em *Humanitas*, 49 (1997), Coimbra, p. 217.

Gramática, Latim, Português, Grego, História, Geografia, Matemáticas elementares, Teologia, Dogmática, Filosofia, Retórica, Poesia e Lógica.

O sacerdote português Simão Rodrigues (1510-1579) integrou o grupo fundador da Companhia de Jesus, tornando-se o primeiro Provincial em Portugal. Face ao aumento do número de missionários com necessidade de formação, em 1542, o jesuíta e outros 12 missionários da Companhia de Jesus chegaram a Coimbra, criando o primeiro colégio da Ordem Inaciana em Portugal - o Colégio de Jesus de Coimbra -, que oferecia uma formação de elevada qualidade aos membros mais novos da Ordem[24].

O colégio possuía um sistema de administração eficaz e um currículo muito completo, com destaque para o latim (que se pretendia que os alunos falassem na vida quotidiana) e um plano de estudos dividido em quatro fases. A primeira fase correspondia aos conhecimentos básicos da gramática; na segunda, os alunos deviam ter um nível intermédio de latim; na terceira, tinham de aperfeiçoar-se nos preceitos da arte gramatical e, na última, deviam ser já peritos nas línguas latina, grega e hebraica. Os jovens noviços eram também instruídos em Música[25], no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Exigia-se também aos alunos uma conduta exemplar: tinham de se confessar pelo menos uma vez por mês, assistir à explicação da doutrina e ao sermão cada domingo, ser modestos e contidos em palavras e ações.

À medida que o colégio necessitava de mais professores, a Companhia de Jesus fazia o recrutamento, avaliando as capacidades pedagógicas dos candidatos e também a sua vocação religiosa.

Em 1555, o Colégio das Artes e o Colégio de Jesus de Coimbra fundiram-se, compondo o novo Colégio de Jesus, que reuniu o melhor das duas anteriores instituições. Dada a qualidade do seu ensino, a sua fama rapidamente se espalhou por todo o país[26], atraindo muitos jovens que queriam ingressar na Companhia de Jesus, sendo Tomás Pereira um deles. Em Coimbra, o jovem Pereira ampliou conhecimentos, sendo assim indicado para uma missão no estrangeiro, onde esperava continuar a estudar. Apesar de Portugal estar sob o jugo de Espanha (domínio que se registou entre 1580 e 1640), os reis da Espanha eram

[24] Cf. CANTOS, Priscila Kelly e COSTA, Célio Juvenal, *Os Colégios Jesuíticos e suas Propostas Educacionais*, Universidade de Maringá, Maringá, [s. d.], pp. 1-5.
[25] Cf. CANHÃO, Joel, *ob. cit*., p. 30.
[26] Cf. Fonte: http://mogadouro.com/artigos/45/190-colegio-das-artes-coimbra, consultado em 28 de outubro de 2012.

crentes devotos e mantiveram a dotação para os colégios jesuítas, o que permitiu a Tomás Pereira obter um ensino de qualidade superior.

1.3 Sociedade e mentalidade portuguesa entre 1645 e 1708

Após a restauração de 1640, as batalhas entre Portugal e Espanha prolongaram-se durante quase meio século, o que explica em parte as alianças gizadas por Portugal com a Inglaterra e a França, e o estado da economia nacional, que piorou em relação à época filipina. D. João IV tomou algumas medidas para financiar a guerra, isto é, cobrou impostos pesados para fazer face às crescentes despesas militares, que passaram de 1.8 milhões para 2.4 milhões de cruzados, em apenas um ano[27]. Este imposto superou qualquer outro da época da Espanha, mas o rei não sofreu a resistência do povo, talvez porque as pessoas ansiassem pela vitória. O reequilíbrio orçamental dependia fortemente do comércio externo e passava pelo aumento das rendas provenientes do tráfico comercial, o que não se verificou[28], uma vez que, desde a década de 50 do século XVII, Portugal via a sua situação privilegiada no Oriente comprometida face ao poderio da Holanda e da Inglaterra.

No sentido de manter boas relações com a Inglaterra, D. Afonso VI deu a mão da sua irmã, D. Catarina de Bragança, ao rei Carlos II, entregando ainda as cidades de Tânger e de Bombaim, como dote da princesa. Por outro lado, desde 1645 que Portugal reconquistava territórios do Brasil ocupados pela Holanda.

A dinastia de Bragança vigorou entre 1640 e 1910, tendo Tomás Pereira atravessado quatro reinados: D. João IV (1640-1656), D. Afonso VI (1656-1683), D. Pedro II (1683-1706) e D. João V (1706-1750). No entanto, o sacerdote não assistiu à vitória da Guerra de Restauração, pois saíra de Portugal em 1666. Apesar da instabilidade social, decadência política e cultural que Portugal conheceu enquanto Pereira aqui permaneceu, a missão religiosa e patriótica do jesuíta nunca foi abalada por dúvidas. Ele acreditava que Portugal renasceria através das viagens marítimas e, como muitos comerciantes, jesuítas e embaixadores portugueses, rumou à Ásia. Ainda que eles tivessem missões diferentes, o

[27] Cf. SARAIVA, José Hermano, *História Concisa de Portugal*, Instituto Cultural de Macau e Editora Montanha das Flores, Macau, 1994, p. 202. As despesas militares, aprovadas nas Cortes de Lisboa, permitiram o recrutamento de 20 mil infantes e quatro mil cavaleiros, em 1641, tendo o rei pedido um acréscimo de 600 mil cruzados no ano seguinte.
[28] Cf. Fonte: http://pt.slideshare.net/inessalgado/portugal-no-contexto-europeu-sculo-xvii-a-xviii, consultado em 28 de outubro de 2012.

objetivo geral era comum: reavivar a glória passada da sua pátria. Em boa verdade, Tomás Pereira foi um dos heróis do país.

O comércio externo permaneceu o núcleo da economia portuguesa ao longo do século XVII, continuando Portugal a ser um intermediário entre o Oriente e o Ocidente. No entanto, com as intervenções da Inglaterra e da Holanda neste setor e a queda abrupta dos valores do comércio externo, a sua posição decaiu inevitavelmente. Após 1640, o governo assinou vários tratados comerciais com a França, Inglaterra e os estados alemães, para importação em grande quantidade de produtos manufaturados estrangeiros, uma vez que não possuía infraestruturas industriais. Porém, a partir de 1675, dificuldades financeiras impediram Portugal de cumprir o pagamento das importações e o governo viu-se obrigado a desenvolver políticas de estímulo à indústria manufatureira, a fim de substituir, ou pelo menos diminuir, as importações.

A situação melhorou a partir de 1690, com uma recuperação da economia sustentada não só pelo tráfico colonial, mas também pela descoberta de minas de ouro no Brasil, reforçando a importância desta colónia ultramarina e refreando o impulso manufatureiro nacional. O *Tratado de Methuen* com a Inglaterra (1703) determinou que Portugal abriria o mercado aos lanifícios ingleses, enquanto a Inglaterra permitiria a importação dos vinhos portugueses. Graças a este acordo, inicialmente, a zona do Douro tornou-se muito próspera mas o setor acabaria por ser explorado pelos comerciantes ingleses, devido à saturação do mercado e à concorrência dos vinhos espanhóis e franceses[29].

Durante a ocupação espanhola, a cultura portuguesa foi inevitavelmente influenciada pela Espanha mas, depois da restauração, um nacionalismo anti-castelhano contribuiu para uma evidente atração pelo complexo cultural francês. O século XVII foi, de resto, muito profícuo quer para o desenvolvimento do pensamento e da ciência, quer para a arte e literatura europeias, com o aparecimento de génios como Galileu, René Descartes, Blaise Pascal, Newton, Rembrandt ou Molière. Pelo contrário, este foi um século "vazio" para Portugal, sem grandes sobressaltos no domínio da pintura, escrita ou do pensamento. Contudo, o grande filósofo Bento de Espinoza (1632-1677) era descendente de judeus portugueses, que fugiram para a Holanda devido à perseguição religiosa, e o pai do pintor

[29] Cf. *Idem, ibidem*.

Velásquez (1599-1660) era também português, instalado em Espanha por causa da ocupação e da crise económica[30]. Ou seja, o acumular de problemas religiosos, políticos e económicos conduziu a uma aridez cultural.

Porém, a cultura não desapareceu do ideário português. Os cidadãos prestavam mais atenção ao pensamento, à literatura, poesia e ópera, mesmo que os êxitos não pudessem ultrapassar as fronteiras, porque a cultura se desligava da realidade, as criações literária e artística evitavam temas controversos, suscetíveis de causar o descontentamento da Inquisição. Diferentemente da Companhia de Jesus, que promoveu o desenvolvimento cultural, a Inquisição procurou controlar o pensamento do povo: as atividades seculares foram limitadas e as opiniões polémicas eram punidas com prisão. Este estado de coisas impediu o florescimento cultural, o pensamento estava limitado ao domínio religioso: louvar a Deus[31].

Em conclusão, a época em que Tomás Pereira viveu em Portugal foi bastante complexa: batalhas contínuas, economia deprimida, territórios ultramarinos ameaçados e censura social. Contudo, Tomás Pereira nunca vacilou na sua missão, dedicando-se a transmitir não só o catolicismo, mas também a cultura e a ciência ocidentais numa nova terra. A paz e a consolidação da independência chegaram em 1668, quando Tomás Pereira estava já no Oriente, mas a situação social não se alterou muito. Apesar da distância, o jesuíta manteve-se preocupado e interessado pelos assuntos nacionais, obtendo notícias através de cartas ou de outros portugueses recém-chegados.

[30] Cf. SARAIVA, José Hermano, *ob. cit*., p. 211.
[31] Cf. *Idem*, *ibidem*, pp. 212-213.

2. Percurso: História dos Jesuítas e estudos de chinês no Colégio de S. Paulo em Macau

Depois da experiência em Coimbra, Tomás Pereira deslocou-se a Lisboa em abril de 1666, onde o italiano Giovanni Filippo de Marini, Procurador da Província do Japão, recrutou padres para a missão na Ásia. Pereira e outros 16 missionários de várias nações foram escolhidos, pelo que duas comitivas de jesuítas, com 18 elementos (incluindo Giovanni Marini) partiram para o Oriente. Giovanni, Tomás Pereira e outros 12 embarcaram na nau Nossa Senhora da Ajuda, e outros quatro no navio Almirantes S. Bento.

No primeiro destacamento, juntamente com Pereira, seguiam outros três missionários portugueses - António Duarte, Reinaldo Borges e Francisco da Veiga -, o belga Jean-Baptiste Maldonado e seis missionários italianos (Lodovico Azzi que acompanhou Pereira em Goa durante um ano, Claudio Filippo Grimaldi que viveu com Pereira em Pequim muitos anos, Filippo-Maria Fieschi, Giuseppe Candone, Francesco Castiglia e Datio Anliata). Os restantes dois jesuítas do grupo eram macaenses: Nicolau da Fonseca e Manuel de Sequeira (郑维信, *Zhèng Wéixìn*), sendo os seus nomes cristãos devido ao sucesso da missão em Macau, onde muitos habitantes se convertiam ao catolicismo. Os quatro missionários que seguiram noutra embarcação eram Jacinto de Magistris, Tomé da Cunha, José Álvares e Jaime Ferreira[32].

Os jesuítas embarcaram a 7 de abril de 1666, com o novo vice-rei da Índia, João Nunes de Cunha, mas tiveram de esperar ventos favoráveis para zarparem. A nau acabaria por partir de Lisboa para enfrentar uma jornada muito difícil, que demorou quase seis meses. Infelizmente, as doenças e falta de cuidados médicos causaram 70 mortes, incluindo dois jesuítas: Francesco Castiglia e Datio Agliata.

Tomás Pereira chegou a Goa em 12 de outubro de 1666[33]. Sublinhe-se que ele já seria conhecedor das dificuldades e do perigo mas, mesmo assim, escolheu esta viagem sem hesitação pois, para um jesuíta, cumprir a missão de Deus dava sentido à vida.

Já nos referimos à Companhia de Jesus várias vezes, a qual é muito importante não só para o padre Tomás Pereira, mas também para toda a história e a cultura portuguesas. Mas

[32] Cf. BARRETO, Luís Filipe, *Ob. cit*., p. 25.
[33] Cf. *Idem*, *ibidem*, pp. 24-25.

em que circunstâncias se fundou a Companhia de Jesus? Como chegou a Portugal e porque se espalhou pelo Oriente? De facto, a Companhia de Jesus permanece ainda misteriosa para os chineses, pelo que a análise dos objetivos e motivações desta organização ajudará a entender o pensamento de Tomás Pereira.

2.1 História dos Jesuítas

Há milénios que as religiões são suportes espirituais para o ser humano, assumindo o cristianismo uma longa e profunda importância na Europa. A religião condicionou a própria organização social, com as pessoas a serem divididas em classes: o clero e a nobreza faziam parte da classe alta, enquanto a baixa era composta pelo povo e escravos. Com o desenvolvimento gradual de uma economia capitalista, surgiu uma nova classe, média, constituída pelos comerciantes e pelo povo, apesar de alguns regulamentos católicos procurarem limitar a ascensão social.

O Renascimento vivido nos séculos XV e XVI veio abalar os alicerces cristãos, com o humanismo a colocar o homem no centro da História e a estimular a dúvida. Para além disso, a séria corrupção do clero (venda de cargos no sacerdócio, indulgências e ícones) despertou a oposição do povo e a ambição política dos reis e imperadores, que viam o seu poder limitado pelo Papa, resultaram prejudiciais para a Igreja de Roma.

Por exemplo, Portugal só viu a sua independência formal e internacionalmente reconhecida após a confirmação do Papa. Assim, vários reis tentaram cortar ou enfraquecer as relações com a Igreja Católica Apostólica Romana, nomeadamente Henrique VIII de Inglaterra e Frederico III, do sacro império romano-germânico. Estes e outros fatores estiveram na base da Reforma Protestante[34].

O sacerdote alemão Martinho Lutero opôs-se a vários conceitos da Igreja Católica e denunciou ferozmente a corrupção, através da *Disputação do Doutor Martinho Lutero sobre o Poder e Eficácia das Indulgências*, mais conhecida como as *95 Teses.* Publicada em 31 de outubro de 1517, a obra sugeria a reforma da Igreja, o que impulsionou o debate teológico e esteve na base da Reforma Protestante. Posteriormente, Lutero foi excomungado pelo Papa

[34] Cf. QIU, Cheng, «Reforma Protestante e Democracia do Capitalismo», em *Journal of Anqing Teachers College* 8 (2011), Anqing, pp. 92-93.

Leão X e deixou de reconhecer a legitimidade da Igreja Católica. A fação de que ele era representante foi nomeada como luteranismo, uma das muitas faces do protestantismo, isto é, do protesto contra o catolicismo[35].

Como resposta, a Igreja Católica lançou a Contrarreforma, no sentido de enfrentar um movimento que considerava herético e proteger a "pureza" do cristianismo. Neste contexto, foram criadas novas ordens religiosas, incluindo a Companhia de Jesus (uma das mais célebres), fundada em 1534 por um grupo de estudantes da Universidade de Paris, na capela de Saint-Denis da Igreja de Santa Maria, em Montmartre, sob a direção do espanhol Santo Inácio de Loiola. A Ordem seria reconhecida pelo Papa Paulo III em 1540.

Para ser mais específico, Loiola (1491-1556) nasceu no País Basco, entre a França e a Espanha, um território constantemente assolado por guerras, o que terá motivado uma carreira militar. Obrigado a retirar-se do exército em 1521, após ser gravemente ferido na Batalha de Pamplona, concentrou-se nos estudos religiosos e foi mesmo a Jerusalém em peregrinação. Em 1528 foi admitido na Universidade de Paris, aí conheceu alguns amigos que partilhavam os mesmos valores e com eles fundou a Companhia de Jesus, fazendo voto de pobreza e de castidade[36].

O início da Ordem não foi auspicioso. Em novembro de 1537, Loiola deslocou-se a Roma com outros dois fundadores - o espanhol Diego Laynez e o francês Pedro Fabro, mas não recebeu as boas-vindas da Santa Sé, devido a vários fatores. Roma ainda não tinha recuperado do saque de 1527, a cidade estava mergulhada na confusão, com as ruas cheias de lixo, muitas paróquias em processo de fusão e igrejas fechadas. Os romanos enfrentavam ainda escassez de alimentos, uma grave epidemia, o aumento dos preços, proliferação de órfãos, prostitutas e vagabundos, bem como a corrupção na igreja, que não fora eliminada. Ou seja, os problemas sociais eram demasiado prementes, pelo que a Companhia de Jesus não foi reconhecida ou recebeu sequer a devida atenção[37].

O saque surgiu no contexto da disputa pela Itália, entre o Sacro Império Romano-Germânico e a França. O exército de Carlos V venceu as tropas francesas e controlou vários territórios da Itália, como Nápoles e Sicília. Mas o Papa Clemente VIII apoiou a França

[35] Cf. *Idem, ibidem.*
[36] Entre os companheiros estava o seu conterrâneo São Francisco Xavier, que seria o primeiro missionário na China. Cf. WALKER, Williston, *History of the Christian Church*, Chinese Christian Literature Council Ltd., Hong Kong, 2005, pp. 657-658.
[37] Cf. HU, Ling, «Estudos sobre a fundação da Companhia de Jesus», em *Journal of Huaiyin Teachers College* 3(2005), Huai'an, p. 345.

numa tentativa de alterar o equilíbrio de poder na região e libertar o papado da dependência crescente em relação à dinastia dos Habsburgos. O imperador Carlos V, que era também o rei de Espanha, desencadeou o saque de Roma com muitos militares espanhóis a participarem na campanha e, embora a família real espanhola se opusesse à Reforma Protestante, acabou por boicotar a intervenção do Papa em vários assuntos[38].

O Papa acabou por perder toda a sua autoridade nas regiões protestantes, enquanto em Roma alguns intelectuais e crentes pediam profundas reformas na Igreja Católica, apesar da forte oposição dos funcionários eclesiásticos superiores, muito conservadores, que achavam que os reformistas eram protestantes disfarçados[39]. O Papa Paulo III aceitou as sugestões dos reformistas e organizou uma Comissão de Reforma, tendo reconhecido uma nova ordem religiosa, os Teatinos. Uma vez que Loiola e os seus seguidores tinham pontos de vista diferentes da doutrina dominante da Igreja Católica - por exemplo, opunham-se a que os missionários ficassem longe da vida secular, achavam que os missionários não tinham que noviciar nos conventos e vestir túnicas, estimulavam o convívio com as massas - foram considerados hereges ou missionários não autorizados, o que dificultou a sobrevivência da Companhia de Jesus[40].

Loiola buscou a proteção de Paulo III, mas o Papa sugeriu que divulgassem as suas doutrinas apenas às crianças do Arcebispado de Roma, ou enviou-os para outras cidades. A maior parte dos membros foi para Vicenza, Parma e Mântua, enquanto Loiola continuou em Roma devido a problemas de saúde. Face ao poder dos conservadores, Loiola e o seu grupo foram obrigados a aceitar muitas regras do fideísmo[41], a fim de se candidatarem a uma ordem regular. No início de 1539, fizeram chegar ao Papa Paulo III, através de dois reformistas célebres (o Cardeal Gasparo Contarini e Badia, da Ordem dos Pregadores), um rascunho detalhado que definia as regras de vida da Ordem.

Através da mediação de Contarini, o Papa Paulo III reconheceu a Companhia de Jesus como uma ordem regular em setembro de 1540, limitando o número dos membros a 60. Aparentemente, a Igreja Católica aceitou a Companhia de Jesus de forma relutante, o que

[38] Cf. AVELING, J. C. H., *The Jesuits*, , Dorset Press, Nova Iorque 1981, pp. 96 e 98.
[39] Cf. *Idem, ibidem.*
[40] Cf. HU, Ling, *Art. cit*., p. 345.
[41] Esta doutrina religiosa defende que as verdades metafísicas, morais e religiosas, como a existência de Deus ou a imortalidade da alma, são inalcançáveis através da razão, só podendo ser compreendidas por intermédio da fé.

revela que a sua criação não visou a Contrarreforma, aliás, o rascunho da Ordem nada menciona sobre esse assunto. O seu lema é *Ad maiorem Dei gloriam*, "*para maior glória de Deus*", isto é, obediência absoluta à liderança da Igreja Católica, tendo como principal objetivo evangelizar e ajudar os pobres. Os jesuítas insistiram no seu lema e divulgaram a sua fé quer no mundo muçulmano, quer no mundo católico, sendo reconhecidos pelo povo e reforçando progressivamente o papel da Companhia de Jesus no renascimento do Catolicismo, face ao Protestantismo.

Após a aprovação papal, por meio da Bula *Regimini militantis Ecclesiae* (setembro de 1540), Loiola assumiu o cargo de Superior Geral da Companhia de Jesus, até à sua morte. Ainda antes da sua instituição oficial, entrava em Portugal, o primeiro país cristão a aceitar os jesuítas. Já se referiu que D. João III oferecia bolsas a alunos portugueses para estudarem em França, pelo que alguns deles passaram pela Universidade de Paris e, naturalmente, foram influenciados pelos princípios da Companhia de Jesus.

Aliás, o alentejano Diogo de Gouveia, conhecido como *O Velho*, destacado pedagogo, teólogo, diplomata e humanista, recém-empossado como reitor daquela prestigiada Universidade francesa, deu particular atenção a Loiola, acreditando que ele era um talento que poderia ajudar Portugal na evangelização dos seus territórios ultramarinos[42]. O reitor transmitiu esta ideia ao embaixador português em Roma, D. Pedro de Mascarenhas, que por sua vez aconselhou o rei D. João III sobre esta mesma matéria. Após permissão real, dois dos fundadores jesuítas, São Francisco Xavier e o estudante português bolseiro Simão Rodrigues partiram para Portugal, em 17 de abril de 1540. O monarca apreciou as suas capacidades e a doutrina da Ordem, permitindo que os seus membros evangelizassem não só em Portugal, mas também nas suas colónias. Sem o apoio de D. João III, as tarefas da Companhia de Jesus não seriam tão bem sucedidas, pelo que este foi considerado o segundo fundador da ordem[43].

O rei foi um defensor quer da sua pátria quer da fé, acreditava que a chegada da Companhia poderia sanar vários problemas e promover o desenvolvimento do país[44]. Em

[42] Cf. FRANCO, José Eduardo, *O Mito Dos Jesuítas – Em Portugal, no Brasil e no Oriente (Século XVI a XX)* Volume I, Gradiva, Lisboa, 2006, p. 87.
[43] Cf. RODRIGUES, Francisco, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, Tomo I, Volume I, Apostolado da Imprensa, Porto, 1931, p. 197.
[44] Cf. CRUBELATI, Ariele Mazoti e COSTA, Célio Juvenal, «Século XVI em Portugal: A Companhia de Jesus Um Olhar à Inácio de Loyola», em *I Seminário Internacional de Representações sociais, Subjetividade e Educação - SIRSSE*, Curitiba, 2011, p. 9656.

1542, fundou-se oficialmente a primeira casa dos jesuítas em Lisboa e, posteriormente, formou-se a primeira Província administrativa (25 de outubro de 1546). Desde então, a Companhia de Jesus ganhou um importante estatuto em Portugal, reino que ia de encontro às pretensões evangelizadoras dos jesuítas, dada a sua localização favorável às navegações e os avanços marítimos já alcançados. Isto explica porque muitos jesuítas estrangeiros pertenceram à Província de Portugal e partiram de Lisboa para o estrangeiro. A Companhia espalhou-se rapidamente por Portugal, pela Europa, pelo Oriente e pela América, através de províncias e também de colégios que, após uma primeira experiência em território luso, se estenderam gradualmente à Índia, Brasil e Macau.

Com a fundação completa da Companhia em Portugal na década de 70 do século XVI, enviaram-se jesuítas de forma massiva para os territórios ultramarinos. Na época da ocupação filipina, o estatuto da Companhia não enfraqueceu porque os reis espanhóis tinham também grande estima pela Companhia. Aliás, os jesuítas em Portugal não foram muito influenciados pelas guerras por isso, embora Tomás Pereira vivesse numa época confusa, manteve-se firme e centrado na sua missão, como os restantes membros da Companhia. O lema da ordem "*para maior glória de Deus*" terá sido sempre a divisa de Pereira, patente nos seus últimos votos, em 1680:

> "Eu, Tomás Pereira, faço a minha Profissão, e prometo a Deus Omnipotente, diante da Virgem Mãe, de toda a corte celeste e todos os presentes, e a ti Reverendo Padre que, em representação do Prepósito Geral da Companhia de Jesus e dos seus sucessores, ocupas o lugar de Deus, Pobreza, Castidade e Obediência perpétuas, e segundo a particular incumbência relativamente ao ensino dos rapazes, de acordo com a forma de viver contida nas Cartas Apostólicas da Companhia de Jesus e nas suas Constituições. Prometo, além disso, especial obediência ao Sumo Pontífice em relação às missões, como está contido nas mesmas Cartas Apostólicas e Constituições…"[45]

2.2 Missões na Índia

Mencionou-se oportunamente a descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama, em 1498, e a conquista de Goa por Albuquerque em 1510. Dada a sua

[45] BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Ob. cit*., p. 61.

localização privilegiada, Goa não só se tornou a capital do Estado português na Índia, mas também o centro comercial e religioso do império português no Oriente, sendo chamada de "Roma do Oriente" ou "Roma Equatorial", para além de ser elogiada como "Goa Dourada", em relatos de viagem e poemas. Seguindo os passos do seu predecessor Francisco Xavier, Goa foi também a primeira paragem de Tomás Pereira, que chegou ali em 12 de outubro de 1666 após muitos sofrimentos.

Os revezes de Portugal na Índia multiplicavam-se, com a disputa das colónias - ricas em vários e rentáveis recursos - com a Holanda, a Inglaterra e a França. Os três países fundaram as respetivas Companhias das Índias Orientais, no sentido de estimular o comércio na região o que, inevitavelmente, teve repercussões negativas para Portugal. Os conflitos eram particularmente acutilantes com a Holanda, quer na Índia, quer em outras regiões asiáticas. Neste contexto bélico, a evangelização de Pereira na Índia não poderia decorrer sem dificuldades, mas o padre não esmoreceu e prosseguiu mesmo os estudos em Filosofia e Teologia. Segundo a documentação da Companhia, Tomás Pereira terá continuado a sua formação em Goa até agosto de 1671[46].

Desde o século XV que os reinos de Portugal e de Espanha tinham poderes para divulgar a fé católica, tendo criado novas dioceses nas suas colónias e designado os seus diretores, sem alcançarem no entanto grandes resultados. Assim, o Papa Gregório XV fundou a Sagrada Congregação para a Evangelização dos povos (*Propaganda Fide*) em 22 de junho de 1622, para promover a evangelização nas zonas hereges ou não católicas. Apesar da iniciativa, o padre Pereira enfrentava um sério problema em Goa, uma vez que lhe faltou o prelado da congregação entre 1659 e 1671. Alcançou, no entanto, bons resultados na cidade de Maduri, convertendo vários goeses ao catolicismo[47]. Apesar da influência do hinduísmo no subcontinente indiano, naquele tempo quase todo o território estava sob o domínio do império Mongol, pelo que o governador professava o islamismo. Como é sabido, o islamismo exige aos crentes completa fidelidade, chocando violentamente com o cristianismo até os dias de hoje, pelo que a evangelização em lugares muçulmanos era mais difícil.

Apesar das dificuldades, Tomás Pereira e outros companheiros não pouparam

[46] *Idem, ibidem*, p. 44.
[47] *Idem, ibidem.*

esforços na Índia e, graças a eles, Goa tornou-se a "Roma do Oriente" com cada vez mais jesuítas a escolherem aquela cidade como primeira paragem no Oriente. Após a fundação da *Propaganda Fide*, o monopólio do Padroado Português do Oriente foi quebrado e os missionários franceses foram também admitidos na Ásia, embora os portugueses mantivessem a liderança e conquistassem os maiores feitos no Oriente, como teremos oportunidade de referir[48].

2.3 Jesuítas em Macau

Após a chegada do explorador Jorge Álvares à China, em 1513, outros portugueses chegaram ao país e estabeleceram fortalezas nas zonas litorais, por exemplo, em *Ningbo* (*Liampó*) e *Quanzhou,* com o objetivo de negociar com os locais. Inicialmente, o governo chinês não permitiu que eles ficassem, depois conseguiram permanecer por meio de subornos mas acabariam por ter conflitos com os habitantes, pelo que foram considerados piratas e expulsos. Apesar do revés, os portugueses não desistiram e, por volta de 1553, aportaram em Macau ilegalmente, com o pretexto de secar a sua carga. Em 1557, os portugueses conseguiram autorização para residir em Macau permanentemente, mediante o pagamento de um aluguer anual e impostos ao governo chinês[49]. Enquanto isso, a dinastia *Ming* isolou-se do mundo e Macau tornou-se a porta da China, sendo um ponto especialmente importante para a Companhia de Jesus que aguardou ali até que o governo chinês "abrisse a porta" aos jesuítas.

Embora São Francisco Xavier não conseguisse entrar na China continental, com a abertura de Macau os jesuítas mantiveram a esperança e foram-se, naturalmente, juntando ali. Em 20 de julho de 1555, os jesuítas Melchor Nunes Barreto e Gregório Gonzalez chegaram à ilha de Sanchoão, alcançando posteriormente Macau, onde construíram uma capela simples com palhas, marcando assim o início da evangelização. Oito anos depois, existiam oito jesuítas e mais de 600 católicos[50]. Em 1568, o padre português Belchior Carneiro Leitão

[48] *Idem*, *ibidem*, p. 45.
[49] Cf. HUANG, Qinghua, «As Relações entre a China e Portugal na Época Inicial e a Abertura de Macau», em *Publicação das Coleções da História* 4 (1997), Pequim, pp. 59-61.
[50] Cf. ZHANG, Zehong, «As Etnias de Macau e Culturas Diversificadas: Catolicismo e Religiões Tradicionais de China entre Século XVI e XVIII», em *Fórum da Cultura Chinesa* 3 (2004), Chengdu, p. 129.

tornou-se o bispo de Macau, pertencendo à Diocese de Malaca, criou a Santa Casa da Misericórdia e o Hospital dos Pobres (Hospital de São Rafael), que tanto recebia doentes cristãos como pagãos. Aliás, a Igreja de São Lázaro foi construída em madeira e distante do centro de Macau precisamente para servir os leprosos, sendo designada como "Igreja de Lepra" ou "Templo dos leprosos" (疯堂, *fēng táng* ou 疯人寺, *fēng rén si*)[51].

Em 1570, os católicos eram já cerca de cinco mil, pelo que o Papa Gregório XIII e o rei D. Sebastião fundaram a Diocese de Macau, em 23 de janeiro de 1576 (Bula *Super Specula Militantis Ecclesiae*), a primeira no extremo Oriente. Sob o lema *Scientia et Virtus* (Ciência e Virtude) e o bispado do padre Belchior, a nova diocese ficou responsável pelos assuntos da China, Japão e do Vietname, tendo São Francisco Xavier e Santa Catarina de Siena como santos padroeiros. Desde então, também as ordens mendicantes se viraram para Macau: a Ordem dos Frades Menores chegou em 1579, a Ordem de Santo Agostinho em 1586 e a Ordem dos Pregadores em 1587. Em 1644, existiam menos de 20 mil católicos em Macau: uma vitória para a fé católica[52].

Inicialmente, a Igreja de São Lázaro era a Catedral da Diocese de Macau mas, por volta de 1623, a Igreja da Sé substituiu-a. De facto, em 1579, os franciscanos espanhóis Frei Pedro de Álfaro, Sebastião de São Francisco de Baeza e Agustin de Tordesillas e o italiano Juan Baptista Lucarelli de Pesaro chegaram a Cantão desde as Filipinas, sendo expulsos para Macau em novembro, onde fundaram uma capela. Todavia, os portugueses tinham medo que a força da Espanha aumentasse, pelo que expulsaram os missionários franciscanos. Em 9 de agosto de 1589, o rei D. Filipe II proibiu que os missionários das Filipinas entrassem na China, pelo que os portugueses assumiram o monopólio de Macau[53].

Embora outras ordens participassem também na evangelização, o sucesso do catolicismo em Macau dependeu sobretudo da Companhia de Jesus e da sua estratégia: os jesuítas aprenderam a fala e a escrita chinesas, bem como a cultura e os ritos usados no país. Neste seguimento, fundaram o Colégio de São Paulo (1594), a primeira escola de ensino superior da China.

A missão católica viveu uma era dourada de meados do século XVI até ao fim do

[51] Cf. TANG, Kaijian e TIAN, Yu, «Divulgação e Desenvolvimento de Catolicismo em Macau na Época entre o fim da Dinastia Ming e o início da Dinastia Qing», em *Journal of Jinan University (Philosophy and Social Science)* 2(2006), Cantão, p. 124.
[52] Cf. ZHANG, Zehong, *Ob. cit.*, p. 129.
[53] Cf. TANG, Kaijian e TIAN, Yu, *Ob. cit.*, p. 125.

século XVII, graças à "sede" em Macau[54]. No fim do século XVI, existiam mais de mil católicos chineses, que mantinham relações estreitas com os portugueses, do ponto de vista comercial ou laboral. Muitos chineses em Macau foram influenciados pela cultura portuguesa ou realizaram casamentos mistos, originando um processo de miscigenação. Em meados do século XVII, a China vivia uma situação confusa, entre o declínio da dinastia *Ming* e o início da dinastia *Qing*, a maior parte dos cidadãos levava uma vida indigente, em resultado das guerras contínuas, pelo que uma nova fé foi bem acolhida. Entretanto, o *Kangxi* anunciou a "Proibição Marítima" (1662) para resistir à sublevação em Taiwan e incluiu Macau na lista. Apesar dos prejuízos económicos consideráveis que essa proibição provocou, as missões em Macau prosperaram e os missionários continuaram a chegar, no intuito de salvar almas. Naquele momento, segundo registos na *Crónica Local do Distrito Xiangshan* (香山县志*, xiāngshānxiànzhì*), existiam mais de dez igrejas em Macau, sendo a Igreja da Madre de Deus a mais sumptuosa[55].

Quando Tomás Pereira chegou a Macau, em 1672, a China estava ainda envolvida em algumas guerras, especialmente no **S**ul, apesar da "Proibição Marítima" ter sido revogada em 1669. A economia de Macau recuperava gradualmente e a cidade ocupava já uma posição muito importante no catolicismo na Ásia Oriental. Infelizmente, não existem documentos sobre a presença de Pereira em Macau, onde ele ficou apenas um ano, mas a sua passagem foi muito importante, pois lá obteve conhecimentos gerais sobre a China. Devido ao seu talento e comportamento irrepreensível, o jesuíta acabou por ser escolhido para a corte em Pequim. Como ele, muitos missionários franciscanos, dominicanos e agostinianos entraram na China através de Macau. Um registo incompleto aponta 483 jesuítas que fizeram esse percurso Macau-China, entre 1581 e 1740.[56]

Ao longo do século XVII, mais chineses se converteram ao catolicismo. Na década 60, havia cerca de 19.500 católicos em Macau (num universo de apenas 20.500 habitantes)[57], sendo um milhar destes crentes não chineses. Este crescimento não passou despercebido na China, cujo governo exigiu o encerramento das igrejas em Macau, de acordo com *Zhang*

[54] Cf. *Idem*, *ibidem*, p. 123.
[55] Cf. *Idem*, *ibidem*, p. 127.
[56] Cf. HE, Yamei, «Preparação para a viagem na China Continental – Os missionários ocidentais em Macau durante século XVI e século XVIII», em *Publicação Semanal de Exame* 28(2011), Changchun, p. 237.
[57] Cf. TANG, Kaijian e TIAN, Yu, *Ob. cit.*, p. 128.

*Rulin (*张汝霖*, zhāng rǔlín*), na obra *Breve Monografia de Macau* (澳门记略, *àoménjìlüè*):

> "Acontece que Macau é uma terra onde chineses e bárbaros vivem misturados. Sem falarmos nas igrejas levantadas pelos próprios bárbaros, pelas quais não costumamos perguntar, existem duas espécies de conversos chineses: os que se converteram em Macau e os que vêm em peregrinação anual a Macau de todos os distritos vizinhos. Os que se converteram em Macau são os que ali residem de há muito. A pouco e pouco, deixaram-se influenciar pelos usos e costumes bárbaros, começando até a usar a língua bárbara… Falando dos que vêm em peregrinação anual a Macau, tudo se deve ao facto de em Macau se ter erguido, perto de Sanbasi (Igreja Madre de Deus), um templo que se chama Jinjiaosi e que é um lugar exclusivamente destinado à conversão de chineses… Anualmente, dez dias antes de *Qingming*, fazem jejum durante 49 dias… Até ao Solstício do Inverno celebra-se um culto por semana, aos domingos, dia em que naturais de Nanhai, Panyu, Dongguan, Shunde, Xinhui e Xiangshan, entre outros distritos vizinhos, e até de outras províncias, vêm praticar o culto a esta igreja…[58]"

Tendo este livro sido concluído em meados do século XVIII, constata-se que Macau era ainda o centro do catolicismo na China, e que os autores descreviam as ideias e práticas católicas e outros fenómenos religiosos ocidentais a partir das referências da cultura chinesa. Estas limitações eram naturais numa época em que não havia meios mais eficazes para o diálogo entre os povos, nem meios de facilitar uma melhor compreensão recíproca entre as duas culturas. Assim, lemos nos textos chineses "templo" em vez de "igreja", "bárbaros" para "portugueses", ou "monges ocidentais" em vez de "padres"... A descrição do jejum antes da época de *Qingming* no texto acima, (uma data importante no calendário lunar chinês, semelhante ao Dia dos Mortos para os portugueses, que coincide com a Páscoa no calendário gregoriano), deve referir-se ao período da Quaresma que seria desconhecida dos autores chineses. No mesmo contexto, a menção de uma missa magna que atraía multidões de peregrinos chineses seria a Missa do Galo, a mais importante do ano, uma vez que o do Solstício do inverno é muito perto do Natal.

Embora a missão de Tomás Pereira em Macau não fosse tão difícil como na Índia, enfrentou inevitáveis choques culturais e religiosos. Antes da chegada dos missionários, os

[58] YIN, Guangren e ZHANG, Rulin, *Breve Monografia de Macau*, traduzido por JIN, Guoping, Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau, Macau, 2009, pp. 101-102.

habitantes de Macau dedicavam-se sobretudo à pesca, sendo o barco não só um instrumento de trabalho, mas também a casa dos pescadores. Eles veneravam a deusa da água *Mazu* (do taoísmo), muito popular nas zonas litorais, pois acreditavam que os podia proteger das desgraças no mar.

Segundo a lenda, o nome de Macau procedeu do *Templo de A-Má* (妈阁庙, *māgémiào*): quando os portugueses desembarcaram pela primeira vez ali, perguntaram aos pescadores onde se encontravam, mas estes acharam que os portugueses queriam saber o nome do templo localizado na margem. A resposta foi "*ma gok*" (o nome do *Templo de A-Má* em cantonês), sendo a sua pronúncia similar a "Macau", designação que perdurou. Independentemente da veracidade desta lenda, o estatuto de *Mazu* seria muito importante pelo que o *Templo de A-Má* sobreviveu até hoje, apesar de muitas igrejas terem sido destruídas por várias razões. O budismo e o taoísmo também foram populares em Macau, sobretudo entre os muitos chineses provenientes da China continental, fugidos da guerras, que continuaram a professar as suas religiões ancestrais[59]. O catolicismo conviveu assim com as religiões tradicionais da China, formando-se gradualmente uma sociedade pluralista. Tomás Pereira e outros jesuítas estudaram a língua e a cultura chinesas com empenho, de modo a conhecer o contexto social e intelectual chinês e adaptar a sua mensagem de evangelização.

No que diz respeito aos costumes, importa referir que os jesuítas cumpriam fielmente as regras da Companhia, mantendo uma imagem e vestes humildes, normalmente uma bata preta ou branca. Os chineses acharam isto "estranho", uma vez que o vestuário dos monges budistas ou taoistas são frequentemente berrantes e revelam o seu estatuto através do vestuário. Como resultado, vestes coloridas podiam ser favoráveis aos jesuítas, uma vez que mostravam a sua imponência e prestígio.

Francisco Xavier sentira o mesmo preconceito no Japão. Sendo ele um dos fundadores da Companhia, tinha profunda convicção nos votos professados e usava uma simples bata preta, porque acreditava que vestes mais sumptuosas eram pecado e degeneração[60]. Após uma série de derrotas na sua missão, o padre percebeu que o vestuário

[59] Cf. ZHANG, Zehong, *Art. cit.*, p. 131.
[60] Cf. QI, Yinping, «Polémica e Significado Cultural sobre a Mudança do Vestuário dos Jesuítas no Oriente Extremo», em *Publicação Académica de Zhejiang* 3(2003), Hangzhou, p. 49.

era muito importante para os japoneses, especialmente no contacto com os funcionários ou nobreza, vestindo assim uma túnica colorida nas celebrações mais importantes, nomeadamente para se encontrar com o daimió[61] Ouchi Yoshitakar. O padre Gaspar Vilela, que evangelizou em Quioto (1559), percebeu também a importância do vestuário, sendo alertado por alguns católicos locais que os japoneses normalmente avaliavam o estatuto de um desconhecido através dos seus adornos[62].

Mas a mudança de roupagem não foi conclusiva. A importância da cultura tradicional para os chineses foi outro entrave à difusão do catolicismo, que não deixava de pertencer a uma cultura estrangeira. Refira-se que, apesar de pequenas adaptações nas missões no Oriente, os jesuítas não mudaram os regimentos básicos da Companhia de Jesus, observando o voto de pobreza, de serviço ao próximo e de castidade.

Os jesuítas italianos Ruggieri e Matteo Ricci procuraram adaptar as missões em Macau e na China às condições do país, começando por usar as vestes típicas dos monges budistas. Ainda assim, os habitantes rejeitaram-nos, por acreditarem que eram "monges estrangeiros", iguais a muitos outros monges budistas estrangeiros que não eram bem-vindos, por praticarem atividades ilegais, contrárias aos valores do budismo. Matteo Ricci decidiu então uma segunda mudança de vestuário, passando a usar roupagens confucionistas - o confucionismo era um dos sistemas filosóficos mais importantes e os seus representantes eram muito respeitados -, o que facilitou a evangelização na China, onde ele ficou conhecido como o "confucionista ocidental" ou o "monge estrangeiro". Além disso, Matteo Ricci procurou pontos em comum com o catolicismo nos clássicos confucionistas, para que os chineses aceitassem a nova fé mais facilmente[63].

Muitos religiosos estudaram a língua e a cultura chinesas e também trajaram à confucionista, incluindo Tomás Pereira. Não é possível saber quando ele adaptou a vestimenta, mas a imagem de Pereira no imaginário coletivo é de um homem com uma longa barba, de vestido e chapéu confucionistas, espelhada na sua estátua em Famalicão. Provavelmente, o jesuíta vestiu-se assim na maior parte da sua vida. Uma cara portuguesa

[61] Termo genérico que se refere a um poderoso senhor territorial no Japão pré-moderno, que governava a maior parte do país a partir de suas imensas propriedades, hereditárias. Cf. Fonte: www.britannica.com/EBchecked/topic/149919/daimyo, consultado em 12 de julho de 2014.
[62] Cf. QI, Yinping, *Art. cit*., p. 50.
[63] Cf. SHU, Renhua, «Explicações Culturais da Mudança do Vestuário de Matteo Ricci», em *China Religion* 11(2009), Pequim, p. 46.

com adornos chineses, o sangue português mas hábitos orientais... Pode ele ser considerado um português ou um chinês?

2.4 Colégio de São Paulo em Macau

As ruínas da antiga Catedral de São Paulo são um dos maiores símbolos culturais de Macau atualmente. De facto, resta apenas vestígios da parede anterior da Igreja da Madre de Deus (Igreja de São Paulo), destruída em 1835 por um incêndio, que afetou igualmente o colégio de São Paulo.

A fundação do colégio remonta há mais de 400 anos e está ligada ao nome do jesuíta italiano Alexandre Valignano, que se dedicou à instituição até à sua morte, em Macau, em 20 de janeiro de 1606. O padre Valignano foi enviado como "Visitador" para o Oriente em 1573, respondendo diretamente ao Superior Geral da Companhia de Jesus. Em julho de 1578, ele visitou Macau com 41 jesuítas, permanecendo ali durante nove meses.

Naquele tempo, alguns missionários exigiam aos crentes chineses que estudassem português e obedecessem ao estilo de vida ocidental, dando-lhes mesmo nomes portugueses. Contudo, Valignano não achava que isso fosse favorável à fé católica, pelo contrário, pensava que os missionários se deviam adaptar à cultura chinesa e não o contrário. Nesse sentido, enviou uma carta ao Superior Geral, explicando que a China era diferente de outros países e, se quisessem ter sucesso ali, os jesuítas deviam saber ler, escrever e falar chinês, bem como conhecer a cultura e os ritos locais[64]. Como resultado, ele decidiu criar uma escola de ensino superior, transformando Macau no centro do catolicismo do extremo Oriente.

A pequena escola pública de São Paulo nasceu em 1565, perto da Igreja de Santo António, oferecendo alguma formação linguística em chinês e português. A partir de 1574, D. Sebastião canalizou uma parte dos impostos de Malaca (cerca de mil cruzados) para apoiar a escola; em 1578, os comerciantes portugueses davam 2.500 dos 8.000 quilos de seda crua aos jesuítas, por ano, para que a transportassem para o Japão, sendo as receitas

[64] Cf. ZHU, Xiaoqiu, «A Primeira Escola do Ensino Superior em Macau – Colégio de São Paulo», em *Anais da História de Cantão* 11(1999), Cantão, p. 15.

também utilizadas na escola[65].

O padre italiano Michele Ruggieri chegou a Macau em julho de 1579 e, três anos depois, foi a vez do seu compatriota Matteo Ricci. Valignano procurou um professor para lhes ensinar o chinês, tarefa nada fácil. Em primeiro lugar, era difícil encontrar um professor numa sociedade com uma elevada taxa de analfabetismo, onde quase ninguém falava bem português. Para além do que, as diferenças entre o português ou italiano e o chinês eram gritantes, sendo difícil memorizar os carateres. Em terceiro lugar, o mandarim não era popular em Macau onde, ainda hoje, é secundário em relação ao cantonês.

Inicialmente, Ruggieri e Ricci comunicavam com o seu professor de uma forma muito rudimentar, por meio de estratégias simples: por exemplo, pintava-se um cavalo e o professor explicava que este animal se chamava "cavalo"[66]. Os dois jesuítas levavam uma vida paupérrima e passavam fome, já que os padres não tinham salários, dependendo das esmolas dos portugueses para sobreviverem. De modo a superarem as dificuldades, eles dominaram o chinês básico e, posteriormente, foram autorizados a entrar na China (1583), estabelecendo-se com sucesso na província de Cantão, onde utilizavam o chinês para pregarem.

Enquanto isso, o Japão vivia uma situação confusa, devido à guerra interna dos daimiós, pelo que os jesuítas procuraram um lugar mais seguro para estudar. Goa fica muito longe do Japão, Malaca sofria constantes ataques, como resultado, Macau foi uma boa opção[67]. O Superior Geral entendia que, se os jesuítas fossem peritos nas língua e cultura chinesas, as atividades católicas na China realizar-se-iam com maior eficácia. Em 1592, durante uma conferência em Nagasáqui no Japão, Valiganano propôs que se estabelecesse uma instituição de ensino universitário em Macau, sendo a proposta aprovada. Em 24 de outubro do mesmo ano, Valignano chegou a Macau pela quarta vez, obtendo o apoio dos jesuítas dali, ansiosos que estavam de melhorar a diminuta Escola de São Paulo. Finalmente, em 1 de dezembro de 1594, os jesuítas inauguraram oficialmente o Colégio de São Paulo, sucessor da Escola Pública de São Paulo, que ficaria ao serviço do império português no âmbito de um acordo do Padroado português. Logo após a sua fundação, contava com mais

[65] Cf. *Idem, ibidem*, p. 14.
[66] Cf. HE, Yamei, *Art. cit.*, p. 236.
[67] Cf. CHEN, Wei, «Fundação do Colégio de São Paulo e as Atividades da Companhia de Jesus na China», em *Journal of Shaoguan University (Social Science)* 4(2004), Shaoguan, p. 85.

de 200 estudantes, 59 professores jesuítas, e o apoio dos comerciantes portugueses.

Visto que o colégio era anexo à Igreja da Madre de Deus, muitos achavam que os dois estavam integrados e que os "monges" estudavam no templo. Como resultado, passaram a chamar os alunos do colégio de "monges do Templo São Paulo". Tendo sido construído numa colina, com um sino no exterior, doado por Luís XIV aos jesuítas franceses, passou a marcar o tempo de toda a cidade. Isso mesmo se registou na *Breve Monografia de Macau*.

> "A igreja principal é a de Sanba (Igreja de Madre de Deus), que fica a nordeste de Macau… Nela se presta culto àquela que dizem ser a Mãe do Céu, que se chama Maria, a qual tem a aparência de uma donzela, com um menino ao colo, chamado de Jesus, Senhor do Céu. Não usa roupa cosida. Todo o corpo é representado por uma pintura colorida, vidrada, que bem parece uma escultura… Na parte superior existe uma divisão, onde se guardam instrumentos musicais. Existe uma mesa de dar horas, com um enorme sino lá dentro. Nos cantos da torre estão instalados percursores em forma de anjos voadores que, acionados por um maquinismo mecânico, fazem soar o sino conforme a hora."[68]

Em 1835, quando o colégio foi destruído pelo incêndio, possuía uma biblioteca com mais de quatro mil obras, um centro de impressão, uma clínica, uma farmácia e um observatório[69]. Valignano tomou por exemplo de funcionamento o Colégio de Jesus de Coimbra, adaptando-o às condições locais e criando um sistema especial de ensino que unia características portuguesas e chinesas. O Latim era a base, os conhecimentos clássicos da Europa eram o corpo principal e a Teologia era a coroa. As unidades curriculares dividiam-se em três áreas principais:

1) Ciências Humanas: Chinês, Latim, Retórica, Música.

2) Ciências Filosóficas: Filosofia, Teologia.

3) Ciências Naturais: Matemática, Astronomia, Física, Medicina.[70]

Sendo o chinês um importante instrumento para a pregação do catolicismo na China,

[68] YIN, Guangren e ZHANG, Rulin, *Ob. cit.*, pp. 201- 202.
[69] Cf. ZHU, Xiaoqiu, *Art. cit*., p. 14.
[70] Cf. *Idem, ibidem*, pp. 14-15.

era obrigatório para os alunos e alguns professores também frequentaram este curso. Foi o caso de Guilio Alenio, professor de Matemática, cujo nome foi incluído na lista da graduação, dado que havia frequentado as aulas de chinês[71]. O domínio da língua não só foi favorável à evangelização, mas também permitiu que os conhecimentos específicos dos jesuítas fossem utilizados no governo da China.

Nos reinados de *Shunzhi* e *Kangxi*, determinou-se que os jesuítas que quisessem trabalhar na China tinham que saber chinês. Assim, a língua deixou de ser uma mera aprendizagem, sendo encarado como um passaporte para a China. Os jesuítas (e também alguns membros de outras ordens) normalmente estudavam aquela língua no colégio por dois anos, antes de entrarem na China. Refira-se no entanto que, embora os jesuítas soubessem ler e escrever chinês, falavam cantonês em vez de mandarim. De facto, naquela altura, cada região tinha o seu próprio dialeto, e se os dialetos do norte da China eram mais próximos do mandarim, os do sul eram muito diferentes entre si, especialmente na pronúncia. Ou seja, o chinês que os jesuítas estudavam em Macau era realmente cantonês, embora talvez incluísse um pouco de mandarim. Chegados a um lugar, os missionários tinham de estudar o dialeto local.

O curso de chinês foi a especialidade do colégio, que preparou muitos talentos, e constituiu uma ponte entre as culturas chinesa e europeia. O jesuíta alemão Johann Adam Schall von Bell, o padre belga Ferdinand Verbbiest e Tomás Pereira estudaram ali antes de chegarem a Pequim. No que respeita ao português, a passagem pelo Colégio constituiu um ponto de viragem no seu processo de *orientalização*.

O Colégio de São Paulo seguia o exemplo do sistema dos exames das universidades europeias, atribuindo um grau depois da frequência de todos os cursos e aprovação em todos os exames[72]. Também o governo lhes atribuiu um título oficial, de acordo com os seus graus de ensino. O sucesso do colégio dependeu também das superiores capacidades dos docentes, incluindo o matemático italiano Guilio Alenio (艾儒略, *àirúlüè*) que foi chamado de "Confúcio do Ocidente", o padre Manuel Dias (阳玛诺, *yángmǎnuò*) que escreveu *Explicatio Sphaerae Coelestis* (*Explicação da Esfera Celeste*, 天问略, *tiānwènlüè*), o jesuíta

[71] Cf. *Idem*, *ibidem*, p. 15.
[72] Cf. *Idem*, *ibidem*.

português Gabriel de Magalhães (安文思, *ānwénsī*) autor da *Nova Relação da China*, entre outros. Pode dizer-se que o Colégio de São Paulo não só trazia a ciência e a cultura ocidentais para a China, mas também levava a cultura oriental para a Europa. Entre 1594 e 1805, mais de 200 jesuítas estudaram no Colégio de São Paulo, realizaram missões na China, e tornaram-se comunicadores das duas culturas, oriental e ocidental.

Em 1593, Matteo Ricci traduziu os quatro livros do confucionismo, do chinês para o latim: *Analectos de Confúcio* (论语, *lúnyǔ*), *Livro de Mêncio* (孟子, *mèngzǐ*), *Doutrina da Mediocridade* (中庸, *zhōngyōng*) e *Grande Saber* (大学, *dàxúe*), o que foi decisivo para a Europa conhecer as filosofias orientais. Em 1626, o jesuíta francês Nicolas Trigault (金尼阁, *jīnnígé*) traduziu os cinco clássicos do confucionismo, do chinês para o latim: *Ode da Poesia* (诗经, *shījīng*), *Livro da História Antiga* (*尚书, shàngshū*), *Clássico dos Ritos* (礼记, *lǐjì*), *Livro das Mutações* (易经, *yì jīng*) e *Os Anais de Primavera e Outono* (春秋, *chūnqiū*). Em 1681, o jesuíta belga Philippe Couplet (柏应理, *bóyìnglǐ*) escreveu *Confúcio – Filósofo da China* (*Confucius Sinarum Philosophus*, dando o título em chinês: 西文四书直解, *xīwénsìshūzhíjiě*, *Os quatro clássicos em Latim*), publicado em Paris em 1687, onde explicou detalhadamente as doutrinas, os clássicos do confucionismo e a filosofia tradicional chinesa.

Esta produção literário-científica ajudou os europeus a conhecerem um pouco mais sobre a cultura e as filosofias chinesas, conhecimentos que até então se resumiam à seda e à porcelana. Aliás, a arte oriental tornou-se popular na Europa, onde se começou a produzir porcelana, a estudar a pintura chinesa e a criar jardins chineses. O estilo rococó, tão popular na França, foi bastante influenciado pela arte chinesa[73].

Por outro lado, Matteo Ricci participou na tradução de *Os Elementos* de *Euclides*, sobre matemática, e escreveu um livro sobre a astronomia, *O Desenvolvimento da Esfera Celeste* (乾坤体义, *qiánkūntǐyì*), levando aos chineses o calendário gregoriano e conhecimentos sobre astronomia. Em 1629, a dinastia *Ming* estabeleceu uma instituição para estudar o calendário ocidental, estimulando assim o entendimento da astronomia na China, e ordenou a realização de um *Mapa-mundi* em chinês, considerado o primeiro mapa em chinês

[73] Cf. *Idem*, *ibidem*, p. 16.

em que aparece o continente americano. Os jesuítas trouxeram também conhecimentos de Medicina ocidental, Arquitetura, Física e Música para a China. A cultura chinesa despertou nos europeus uma sensibilidade para com a beleza clássica oriental, e a cultura e as ciências ocidentais "empurraram" a China para a civilização moderna[74].

Em particular, não se pode ignorar os méritos de Tomás Pereira, como sucessor de Ricci, na área da música e da astronomia. Antes de chegar a Macau, ele já era perito em Latim, Matemática, Teologia, Música e Astronomia, pelo que a sua principal tarefa no colégio foi estudar chinês e, simultaneamente, melhorar outros conhecimentos. Graças à sua inteligência, conseguiu trabalhar em Pequim. Macau foi só uma escala, a grande vida do português reiniciar-se-ia na capital do império Qing.

[74] Cf. *Idem, ibidem.*

Capítulo II - A vida na corte do Imperador Kangxi

Após a curta estadia em Macau, Tomás Pereira chegou a Pequim em 1673, sendo apresentado ao imperador *Kangxi* pelo seu colega belga, Ferdinand Verbiest (*Nan Huairen*). Viveu na corte até à sua morte, em 25 de dezembro de 1708. Pode dizer-se que a sua presença em Pequim foi brilhante, pois os chineses nunca esqueceram seu nome chinês: *Xu Risheng*. O jesuíta conquistou a estima do imperador, tornou-se vice-diretor do Gabinete Imperial da Astronomia (钦天监, *Qīntiānjiàn*) e um dos músicos da corte, participou nas negociações do Tratado de *Nerchinsk* com o império russo, escreveu obras em chinês, sendo de destacar *Luluzuanyao* (Introdução à Musicologia, 律吕纂要, *lǜlǚzuǎnyào*). Apesar das múltiplas ocupações, ele não se esqueceu da sua missão religiosa. Por tudo isso, foi um célebre jesuíta, cientista, matemático, letrado, tradutor, músico e diplomata, contribuindo muito para o intercâmbio cultural entre a China e Portugal.

Sem o apoio de *Kangxi*, não seria possível alcançar tanto sucesso na China, pelo que importa questionar: porquê que o imperador recrutava jesuítas para trabalharem na corte? E porquê que Tomás Pereira obteve a sua simpatia, entre tantos missionários? Em que contexto decorriam as missões na China continental? Ao longo deste capítulo, daremos particular atenção a estas questões.

1. Caraterização da China no tempo do Imperador *Kangxi*

Entre meados do século XVII e meados do século XVIII, existiram três imperadores marcantes no mundo: o francês Luís XIV, da Casa de Bourbon, o russo Pedro I, da dinastia *Romanov*, e o imperador chinês *Kangxi*, da dinastia *Qing*.

O período correspondente a esta dinastia foi muito especial na história da China, desde logo porque correspondeu à última época monárquica; a que se seguiu a criação da República da China. Em segundo lugar, registou-se uma maior abertura ao exterior do que em dinastias anteriores, portanto os pensamentos dos chineses foram influenciados pelo Ocidente, o que motivou talvez a queda da monarquia. Terceiro ponto: embora o país ficasse mais próspero durante os reinados de *Kangxi* e de *Qianlong*, decaiu depois disso, acabando por ser invadido por outros países. Em quarto lugar, a etnia maioritária da China é *Han*, mas os governadores desta dinastia eram *Manchu*, portanto os choques entre os dois povos multiplicaram-se até ao final do império. Aliás, os *Uigur* e tibetanos também não obedeciam ao domínio dos *Manchu*, contudo, diferentemente dos *Han*, que tinham pretensões de dominar a China, pretendiam apenas a independência. Em suma, os problemas internos somavam-se às invasões estrangeiras para colocar a dinastia *Qing* numa situação delicada.

Em finais do século XVI e início do século XVII, a dinastia *Ming* entrou em declínio, os imperadores tinham conflitos com os ministros, os eunucos dominavam os assuntos políticos e o povo insatisfeito desencadeou uma série de sublevações[75]. No nordeste da China, as tribos dos *Jurchens*[76] ficavam cada vez mais fortes, sobretudo a tribo de *Jianzhou* (建州女真, *jiànzhōu nǚzhēn)*. Em 1616, o chefe dessa tribo, *Nurhachi* (努尔哈赤, *nǔěrhāchì*), unificou todos os *Jurchens* e anunciou a fundação do país *Jin*, sendo *Xingjing* (兴京, *xīngjīng*) a capital da nova nação. Geralmente, este país designa-se por *Jin Posterior* (后金, *hòujīn*), para se distinguir da dinastia *Jin* (金朝, *jīncháo*) que reinou durante os séculos XII e XIII, da qual, refira-se, os *Jurchens* eram a etnia principal. Em 1635, o filho e sucessor de *Nurhachi*, *Huangtaiji* (皇太极, *huángtàijí*), mudou o nome do país para

[75] Cf. LIU, Housheng, «Porquê a Dinastia *Ming* se Destruiu?», em *Publicação dos Ensinos Históricos* 6(1996), Tianjin, pp. 45-46.
[76] *Jurchens* (女真, *nǚ zhēn*) corresponde à designação para o povo que ocupava a região ao redor do rio *Amur*, atualmente junto da fronteira oriental, entre a Federação Russa e a República Popular da China, termo que perdurou até ao século XVIII, quando se adotou o nome de *Manchu*, derivado de Manchúria, cf. SUN, Jinji, *História de Jurchens*, Changchun, Editora da Cultura e da História de Jilin, 1987, pp. 1-2.

Manchúria (满洲, *mǎnzhōu*), pelo que os habitantes do país eram considerados *Manchu*. Embora os *Manchu* sejam considerados descendentes dos *Jurchens*, na verdade resultam da miscigenação destes com outras etnias.

No ano seguinte, *Huangtaiji* mudou o nome do país outra vez para *Qing* (清, *qīng*). Quando, em 1643, *Huangtaiji* morreu, o seu filho de apenas cinco anos, *Fulin* (福临, *fúlín*), foi nomeado imperador *Shunzhi* (顺治, *shùnzhì*), com o seu tio *Dorgon* (多尔衮, *duōěrgǔn*) a exercer a regência. No ano seguinte, o contestatário camponês *Li Zicheng* (李自成, *lǐ zìchéng*) marchou sobre Pequim, capital dos *Ming*, ditando o fim da dinastia. Quer *Dorgon* quer *Li Zicheng* procuraram, sucessivamente, conquistar *Shanhaiguan* (山海关, *shānhǎiguān*), ponto estratégico na defesa contra os exércitos de *Qing*, que ficavam a norte. O general *Wu Sangui* (吴三桂, *wú sānguì*), responsável pela segurança da fortaleza, não seria capaz de fazer frente aos dois exércitos e, ouvindo rumores de que a sua concubina *Chen Yuanyuan* (陈圆圆, *chén yuányuán*) sofria ofensas por parte de *Zicheng*, decidiu abrir a fortaleza ao exército de *Qing*[77].

Como resultado, *Dorgon* venceu *Li Zicheng* em junho de 1644, e o exército *Qing* chegou a Pequim, tendo os *Manchu* dominado formalmente toda a China. Acontece que os *Qing* não tinham capacidade de controlar todo o país, especialmente os pontos mais longínquos da capital, pelo que permitiram que os ministros *Han* governassem o povo da sua etnia no sul do país. No sentido de enaltecer o mérito de *Wu Sangui*, conferiu-lhe o cargo de rei *Pingxi* (平西王, *píngxīwáng*), para guardar a província de *Yunnan* (云南, *yúnnán*) e posteriormente, *Shang Kexi* (尚可喜, *shàng kěxǐ*) e *Geng Zhongming* (耿仲明, *gěng zhòngmíng*) foram empossados como rei *Pingnan* (平南王, *píngnánwáng*) e rei *Jingnan* (靖南王, *jìngnánwáng*), para guardar respetivamente a província de Cantão e de *Fujian* (福建, *fújiàn*). Estas províncias governadas pelos três reis ficaram conhecidas coletivamente como os *Três Feudos*, tornando-se um perigo escondido para o imperador *Shunzhi* e o seu filho *Kangxi*[78].

Em 1661, quando *Shunzhi* morreu, com apenas 23 anos, o seu terceiro filho *Xuanye*

[77] Cf. YANG, Qingduo, «Quem se assenhoreou de *Chen Yuanyuan*?», em *Publicação de Trocadilho* 6(2004), Xangai, , p. 40.
[78] Cf. LI, Chengding, «Reprimir a Revolta dos Três Feudos e Reforçar o domínio das Regiões Fronteiriças», em *Diário de Yunnan*, Kunming, 28/2/2001, p. C03.

(玄烨, *xuányè*, 1654-1722) de oito anos herdou o trono. O novo imperador, *Kangxi* (康熙, *kāngxī*), governou o país durante 61 anos, o reinado mais longo da história da China, e consolidou o poder da dinastia *Qing*.

Shunzhi deixou um testamento, dizendo que os ministros *Oboi* (鳌拜, *aóbài*), *Sonin* (索尼, *suǒní*), *Ebilun* (遏必隆, *èbílóng*) e *Suksaha* (苏克萨哈, *sūkèsàhā*) ajudariam o novo imperador a chefiar o país[79]. Contudo, deixou também uma série de desordens ao jovem imperador: conflitos com os *Han*, dificuldades económicas, corrupção no governo e descontentamento popular.

Os *Han* queriam retomar o domínio do império, com a família real da dinastia anterior a fugir para o sul da China mas com pretensões de reconquistar Pequim. Os apoiantes remanescentes de *Li Zicheng* premeditaram também usurpar a coroa; o fiel general *Ming Zheng Chenggong* (郑成功, *Zhèng chénggōng*) praticou o separatismo à força de armas nas ilhas de *Xiamen* (厦门, *xiàmén*) e de *Kinmen* (金门, *jīnmén*), e preparou-se para recuperar a ilha de Taiwan, ocupada pelos holandeses.

Para além disso, conflitos contínuos e avultados encargos militares tinham fragilizado a economia e dificultado a sobrevivência do povo. O regente decidiu manter os cargos da maior parte dos ministros da dinastia *Ming*, mas a corrupção era muito séria e foi perpetuada, tornando-se ainda mais grave quando os oficiais *Manchu* foram influenciados. Para além disso, *Dorgon* tomou várias medidas erradas, conduzindo à insatisfação do povo[80].

O jovem imperador teve ainda que enfrentar outro sério problema: o ministro *Oboi*. O estatuto de *Oboi* era o mais baixo entre os quatro ministros, mas *Sonin* não tinha boa saúde, *Ebilun* era cobarde e incompetente e *Suksaha* foi subordinado de *Dorgon*[81], sendo portanto excluído por outros ministros. Como resultado, *Oboi* concentrou muito poder, olhando sobranceiramente para os outros, desobedecendo ao imperador e matando inimigos políticos. Foi o caso do jesuíta Johann Adam Schall von Bell, diretor do Gabinete Imperial da Astronomia, condenado à morte porque *Oboi* não acreditava nas ciências ocidentais. Felizmente, antes de se executar a pena de morte, registou-se um terramoto em Pequim, e

[79] Cf. Fonte: http://vip.book.sina.com.cn/book/chapter_62006_43603.html, consultado em 1 de novembro de 2012.
[80] Cf. Fonte: http://news.xinhuanet.com/blog/2007-07/22/content_6412951.htm, consultado em 1 de novembro de 2012.
[81] Acredita-se que *Dorgon* pretendeu usurpar a coroa quando era regente na época do imperador *Shunzhi*, mas morreu por doença, portanto os ministros não ficaram satisfeitos com ele e com os seus seguidores fiéis, cf. KE, Yuchun, «Porquê Dorgon cometia muitos pecados?», em *Fórum Popular* 12(2003), Pequim, , pp. 60-62.

Oboi não teve coragem de violar a "intenção do céu", libertando o jesuíta. Outros funcionários não tiveram tanta sorte[82].

Kangxi sabia que se quisesse extirpar *Oboi* só podia depender da sua própria força, porque o seu poder era grande na corte. Aliás, o ministro era perito nas artes marciais, poucas pessoas o podiam subjugar, pelo que o imperador praticou diligentemente *wrestling mongol*. Em maio de 1668, quando o imperador fez 15 anos, ele e jovens guardas capturaram *Oboi* na corte sob a acusação de 30 crimes mas, tendo em conta o seu contributo para a gestão país, o ministro não foi condenado à morte, ficando preso para o resto da vida[83]. Nessa ocasião, *Kangxi* assumiu o poder pessoalmente.

Este episódio revela a inteligência e o engenho do imperador, mas recorde-se que ele só tinha 15 anos e quase nenhuma experiência no que respeitava aos assuntos nacionais. Em 1673, Tomás Pereira chegou a Pequim. Nesse mesmo ano, o imperador decidiu extinguir os *Três Feudos*, dado que o poder dos reis aumentara demasiado. Em março desse ano, o rei de *Pingnan*, *Shang Kexi* pediu autorização para regressar à sua terra natal, na província de *Liaoning* (辽宁, *liáoníng*), ficando o seu filho *Shang Zhixin* (尚之信, *shàng zhīxìn*) a administrar Cantão. O imperador achou que seria uma oportunidade para abolir os *Três Feudos*, portanto ratificou o seu pedido. Mais tarde, a pretexto de *Shang Zhixin* ser muito despótico, ordenou a extinção do feudo de *Shang Kexi*.

Posteriormente, os reis das outras duas províncias, *Geng Jingzhong* (耿精忠, *gěng jīngzhōng*, neto de *Geng Zhongming*) e *Wu Sangui*, exigiram a extinção dos seus feudos, apenas no sentido de sondar as pretensões do imperador. A maior parte dos ministros manifestou-se contra, possivelmente temendo uma rebelião da parte de *Wu Sangui*, que possuía um grande exército. Mas o imperador achou que *Wu Sangui* iria rebelar-se mais cedo ou mais tarde, portanto ratificou os pedidos[84]. De facto, *Wu Sangui* levantou uma rebelião em novembro, aliando-se aos outros dois ex-reis, episódio que ficou na história como a *Revolta dos Três Feudos*. No início, a força dos exércitos de *Wu* permitiu a ocupação da maior parte do sul da China, incluindo parte das províncias de *Gansu* (甘肃, *gānsù*) e de *Shaanxi* (陕西, *shǎnxī*). Isto provocou muitas disputas na corte e questionou-se a decisão

[82] Cf. Fonte: http://news.xinhuanet.com/blog/2007-07/22/content_6412951.htm, consultado em 1 de novembro de 2012.
[83] Cf. SHANG, Hongkui, «Sobre Kangxi prender Oboi», em *Publicação dos Ensinos Históricos* 4(1979), Tianjin, pp. 6-10.
[84] Cf. LI, Chengding, *Ob. cit.*, p. C03.

imperial. Face a esta situação embaraçosa, o imperador ficou muito calmo, mas ordenou a morte do filho de *Wu Sangui*, *Wu Yingxiong* (吴应熊, *wú yìngxióng*), revelando a sua determinação em reprimir a revolta. Para além disso, travou a extinção dos feudos de *Shang* e de *Geng*, no sentido de os cativar, isolando desta forma *Wu Sangui*. Entretanto, *Kangxi* adotou outras medidas eficazes contra o exército de *Wu* e reconquistou várias províncias. Na sequência de uma série de derrotas, *Shang* e *Geng* foram obrigados a submeter-se ao imperador[85].

Todavia, *Wu Sangui* não abandonou o seu propósito, declarando-se, em março de 1678, imperador na província de *Hunan* (湖南, *húnán*), sob o título *Zhou* (周, *zhōu*). Na primavera de 1681, o exército de *Qing* entrou na província de *Yunnan* e, no inverno desse ano, conquistou a cidade de *Kunming* (昆明, *kūnmíng*), capital da província. Na sequência destes acontecimentos, *Wu Shi*, neto do líder revoltoso que entretanto morrera, suicidou-se e a *Revolta dos Três Feudos*, que se prolongara durante oito anos, terminou[86]. Enquanto a atenção do imperador e da corte se manteve focada na repressão da revolta, a economia e a cultura do país estagnaram. No entanto, a missão cristã na China obteve algum êxito naquela altura, com o apoio do imperador. Numa carta a Baltasar da Rocha, em 1677, Tomás Pereira registou: "Não quero, entre as perturbaçois de guerras, (em q*ue* já V*o*ss*a* R*everenci*a deixou este Imperio), deixar de contar a Vossa Reverencia as nouas dos fauores, e honras, q*ue* nos tem feito o Rey; nas quais se funda, e sustenta toda esta Missão."[87] Provavelmente, estas "guerras" referem-se à *Revolta dos Três Feudos*, que dificultavam as comunicações.

O imperador lidou ainda com outras forças anti-*Qing*. Depois de eliminar os restantes membros da dinastia *Ming* no sul da China, *Li Zicheng* trouxe novos problemas, desta vez em Taiwan. Em 1661, o seu exército aportou à ilha, expulsando os colonos holandeses e dominando a totalidade do território no ano seguinte. *Zheng* e os seus descendentes governaram Taiwan durante 21 anos, período recordado como o *Reino de Tungning* (明郑, *míngzhèng*) e, ainda que *Zheng* insistisse que o governo legal era *Ming*, na prática, o controlo foi dele e dos seus filhos. Quando *Zheng* morreu, três meses após a conquista de Taiwan, o seu filho *Zheng Jing* (郑经, *zhèng jīng*) sucedeu-lhe no governo até à

[85] Cf. *Idem, ibidem.*
[86] Cf. *Idem, ibidem.*
[87] BARRETO, Luís Filipe, *Ob. cit.*, p. 73.

sua morte, em 1681, altura em que o seu segundo filho *Zheng Keshuang* (郑克塽, *zhèng kèshuǎng*), de 12 anos, assumiu o controlo da ilha[88].

Visto que Taiwan está isolada da China continental, o imperador achou que a força de *Zheng* não ameaçava o governo central no imediato, portanto prestou mais atenção aos conflitos no continente, sem deixar no entanto de tomar algumas medidas para lidar com a sublevação ali, exortando, por exemplo, *Zheng Jing* a obedecer ao governo central, em troca de riqueza e poder ou decretando a "Proibição Marítima" (1662). Reprimida a *Revolução dos Três Feudos*, o imperador começou a planear a reconquista de Taiwan. Em 1683, ele encarregou o ministro *Shi Lang* (施琅*, shī láng*), antigo funcionário da família *Zheng*, desta tarefa, já que conhecia muito bem o exército inimigo. Em julho desse ano *Shi Lang* conquistou as Ilhas Pescadores (澎湖, *pénghú*), a 50 quilómetros de Taiwan, e *Zheng Keshuang* reconheceu a falta de capacidade para resistir ao exército de *Qing*, capitulando perante o governo central[89]. *Kangxi* unificou assim quase todo o país, feito tanto mais grandioso quanto era a primeira vez que Taiwan estava incluído no domínio da China, ainda que os conflitos persistissem na zona ocidental[90] e com o império russo.

Obviamente, as guerras constantes tiveram repercussões negativas, pelo que o imperador implementou várias políticas no sentido de estimular a economia, por exemplo, incitou os chineses a desbravarem terras virgens, com isenção de impostos nos primeiros quatro anos, atribuindo aos aventureiros a propriedade dessas terras. Posteriormente, ordenou que habitantes e soldados cultivassem o solo no oeste da China, o que constituiu uma linha da frente nos conflitos contra a Rússia, capaz de garantir o abastecimento do exército. Para além disso, apostou na engenharia hidráulica no sentido de promover a agricultura e minimizar os efeitos das calamidades naturais. Embora a despesa militar aumentasse durante a *Revolta dos Três Feudos*, o imperador não aumentou os impostos, preferindo controlar as despesas na corte e levar uma vida mais simples. Depois de reconquistar Taiwan, *Kangxi* aboliu a "Proibição Marítima" e, em 1685, estabeleceu quatro alfândegas no litoral, em Xangai, *Zhejiang*, *Fujian* e Cantão, para controlar o comércio

[88] Cf. ZHAO, Xiaoshi, «A Revelação sobre o Retorno da AdminIstração de Mingzheng a Qing», em *Journal of PLA Nanjing Institute of Politics*, Nanjing, 28/02/2002, p. 53.
[89] Cf. *Idem*, *ibidem*, pp. 53-54.
[90] A *Zona Ocidental* (em chinês, 西域, xī yù) corresponde, atualmente, à Ásia Central, Cf. FENG, Chengjun, *Os nomes da Zona Ocidental*, Editor da China, Taipei, 1955, p. 5.

marítimo[91].

Kangxi foi um imperador muito inteligente, não só nos assuntos militares, mas também económicos. Aliás, a era dos imperadores *Kangxi* e *Qianlong* é chamada a *Época Próspera de Kangxi e de Qianlong* (康乾盛世*, kāngqiánshèngshì*).

Os interesses imperiais estendiam-se ainda à cultura e à ciência, *Kangxi* era muito trabalhador e estudioso, apreciava e respeitava a cultura *Han* e o Confucionismo, não obrigando os *Han* a aprenderem a língua *Manchu*, mas incentivando os seus a estudarem a língua e a cultura *Han*[92]. Apesar de cada etnia ter a sua própria língua e os *Manchu* governarem o país, a língua de *Han* era (tal como hoje) a língua comum para os chineses. Neste aspeto, *Kangxi* foi um modelo para os seus sucessores, ele sabia que esta era a maior etnia do império portanto, se quisesse ter pleno apoio do povo, tinha que ser perito na sua língua e cultura. Assim, a língua dos *Han* tornou-se cada vez mais popular na corte, mesmo entre os *Manchu*. Por outro lado, o mandarim moderno foi influenciado pela língua *Manchu*[93], ainda que no início, a palavra "mandarim" indicasse os funcionários desde a dinastia *Ming*. Matteo Ricci acreditava que esta palavra tinha origem no português, do verbo "mandar", mais tarde, na dinastia *Qing*, "mandarim" significou a língua oficial[94].

As ciências ocidentais ficaram ainda mais prósperas na época do imperador *Kangxi*, ainda que a cultura ocidental fosse totalmente estranha para qualquer chinês, independentemente da etnia. Devido à longa história da civilização chinesa, os cidadãos pensavam que a China era o centro do mundo, portanto as ideias ocidentais causavam controvérsia naquela sociedade tradicional. Enquanto muitos se opunham frontalmente, outros sentiam curiosidade mas mantinham uma atitude reservada ou crítica, nomeadamente o imperador *Kangxi*, que não aceitava tudo o que fosse contra a tradição chinesa. De qualquer maneira, ele permitiu o desenvolvimento dos estudos ocidentais[95].

Mas ele não foi o primeiro imperador a aceitar as ideias e novidades do Ocidente, pois o jesuíta italiano Matteo Ricci já trabalhara na corte de Pequim, entre 1601 e 1610, ao

[91] Cf. XIAO, Guoliang, «Comentários sobre as políticas económicas de Kangxi», em *Ciências Sociais*, Pequim, 30/6/1981, pp. 53-57.
[92] Cf. ZHANG, Dechui, «Espírito empreendedor do Imperador Kangxi», em *Journal of Chengde Teachers College for Nationalities* Vol. 22, 3(2002), Chengde, p. 1.
[93] Cf. AISINGIORO, Yingsheng, «As influências mútuas entre Língua Manchu e chinês», em *Estudos de Manchu*, Shenyang, 2/4/1987, p. 67.
[94] Cf. JIN, Guoping, «A study about the etymology of "Mandarim"», em *Estudos Culturais da China e do Ocidente* 6(2004), Macau, pp. 127-132.
[95] Cf. YAN, Dawei, «As Razões da Formação das Opiniões do Imperador Kangxi sobre os Estudos Ocidentais», em *Journal of Southwest University for Nationalities* 7(2005), Chengdu, p. 143.

serviço do imperador *Shenzong*. Desde então, outros jesuítas tiveram acesso à corte, como os alemães Johann Schreck (邓玉涵, *dèng yùhán*) e Johann Adam Schall von Bell, sendo este último e Ricci os jesuítas mais célebres da dinastia *Ming* (明神宗, *míngshénzōng*). Quando os *Manchu* assumiram o governo do país, Johann Adam continuou a trabalhar na corte, apesar de alguns opositores. *Oboi* e outros ministros eram particularmente críticos mas, depois do seu afastamento, ninguém tinha coragem de se opor ao imperador nesta matéria. Como resultado, mais jesuítas chegaram a Pequim, sendo Tomás Pereira um deles.

Além de Pereira, outros missionários famosos trabalhavam para *Kangxi*, nomeadamente os jesuítas franceses Joachim Bouvet (白晋, *bái jìn*), Jean-François Gerbillon (张诚, *zhāng chéng*) e Jean de Fontaney (洪若翰, *hóng ruòhàn*), e o também jesuíta e pintor italiano Giuseppe Castiglione (郎世宁, *láng shìníng*).

Kangxi acreditava que as ciências ocidentais seriam um "instrumento" útil para o reforço do poder imperial, devendo aplicar-se os novos conhecimentos, aceitar as "verdades" e criticar os "erros", eliminando tudo aquilo que podia prejudicar o seu governo ou não correspondesse à situação da China[96]. Ou seja, o seu pensamento não estava completamente fechado, de acordo com a *Coleção das Obras Literárias do Imperador Kangxi* (圣祖御制文集, *shèngzǔyùzhìwénjí*), o monarca terá dito: "Não se pode medir o céu, mas pode-se medir a terra."[97] O "céu" indicaria o Universo, talvez o imperador não conhecesse a cosmologia, sabia apenas que existia um vasto espaço não mensurável. Sendo Tomás Pereira perito em astronomia, ele poderá ter transmitido conhecimentos astronómicos ao imperador, já que *Kangxi* tinha algumas noções gerais de ciência.

Já no domínio cultural, o imperador acreditava na primazia da cultura chinesa face à ocidental, apreciando em particular o Confucionismo: "Há alguma matéria que nunca pode mudar." [98] A metafísica confucionista servia perfeitamente ao domínio e à ética feudais, enquanto alguns pensamentos mais liberais do Ocidente não eram de todo favoráveis à manutenção de um domínio senhorial. De resto, o povo teria dificuldade em aceitar um novo pensamento contra as velhas tradições. Então, *Kangxi* aceitava aquela cultura exótica, mas

[96] Cf. *Idem, ibidem*.
[97] Cf. XING, Yulin, «O Pensamento Filosófico de Kangxi», em *Jornal da Universidade de Liaoning* 4(1984), Shenyang, p. 25.
[98] Cf. *Idem, ibidem*, p. 26.

continuava a observar a cultura tradicional e restringia o pensamento popular[99].

Na realidade, embora a evangelização ganhasse terreno na China, as ciências ocidentais foram unicamente estimuladas no círculo restrito da corte. De acordo com o *Diário de Jean-François Gerbillon*, o imperador terá dito aos missionários, em 17 de fevereiro de 1690: "No nosso Império, há três etnias (principais): os *Manchu*, como eu, respeitam-vos, mas os *Han* e Mongóis não podem aceitar-vos… Vocês devem acautelar-se." O padre escreveu ainda: "O Imperador disse-nos que não podíamos traduzir as coisas sobre a nossa ciência no local do trabalho, então, temos que fazer isso em nossa casa."[100]

Ou seja, o imperador não permitia que os missionários contactassem com outras pessoas, mesmo intelectuais, ao contrário do que aconteceu ao longo da dinastia *Ming*, quando os estudiosos chineses e os missionários divulgaram a ciência ocidental ao povo. Alguns autores defendem que o imperador só quis *apreciar* os estudos ocidentais, pois não privilegiou a formação de talentos.[101]Com certeza, *Kangxi* contribuiu muito para o conhecimento da cultura ocidental na China, mas a cultura chinesa era insubstituível e devia ser preservada a todo o custo, enquanto a estrangeira era meramente complementar.

Em outubro de 1670, seguindo a tradição dos imperadores de *Han*, *Kangxi* realizou a "Cerimónia dos Cânones" (经筵大典, *jīngyándàdiǎn*), isto é, recebeu a iluminação dos mestres sobre o significado mais profundo do Confucionismo. Desde então, após conferir os assuntos de Estado, o imperador estudava esta filosofia diariamente, das 7 às 9 horas e, se tivesse de se ausentar da corte, os mestres acompanhá-lo-iam[102]. De resto, na dinastia *Ming*, os ministros *Xu Guangqi* (徐光启, xú guāngqǐ) e *Li Zhizao* (李之藻, *lǐ zhīzǎo*) preconizaram o estudo da cultura ocidental, mas não houve ninguém como eles na corte de *Kangxi*, pelo contrário, a maior parte dos oficiais achava que o domínio imperial dependia do confucionismo. De resto, quando o imperador assumiu o controlo pessoal do país, existiam muitos conflitos pendentes, pelo que a investigação científica ficou num plano secundário.

---

[99] Cf. YAN, Dawei, *Art. cit*., p. 143.

[100] GERBILLON, Jean-François, traduzido por CHEN, Xiafei, *Diário de Jean-François Gerbillon*, The Commercial Press, Pequim, 1973, p. 72. Texto Original:"**我**们这个帝国之内有三个民族, 满人像我一样爱敬你们, **但是**汉人和蒙古人不能容你们。总之, **他告**诫我们不要在我们所去的衙门里翻译任何关于我们的科学的东西,**而只在我**们自己家里做."

[101] Cf. YAN, Dawei, *Art. cit*., p. 144.

[102] Cf. ZHU, Hongxia, «A Brief Discussion On Emperor Kangxi´s Attitude Toward Western Study», em *Journal of Linyi Teachers´ College* 5(2001), Linyi, p. 54.

Seja como for, *Kangxi* foi pioneiro no aproveitamento dos conhecimentos ocidentais a favor da China. Por exemplo, o padre Johann Adam, que trabalhava na corte desde a dinastia *Ming*, fabricou artilharia para ajudar o exército.[103] Ao mesmo tempo, o padre Ferdinand Verbiest tornou-se vice-diretor do Gabinete Imperial da Astronomia, tendo sido o maior responsável deste gabinete, já que lhe faltava um diretor[104]. Tal como Johann, também Ferdinand era perito em engenharia militar, pelo que o imperador ordenou que fabricasse armamento, ligeiro e de fácil transporte, durante a *Revolução dos Três Feudos*. Assim, terminada a revolução, *Kangxi* atribuiu a Ferdinand Verbiest, em 1682, o cargo de Ministro Assistente do Ministério das Obras Públicas (工部右侍郎, *gōngbùyòushìláng*), o mais alto cargo atribuído a um jesuíta naquele tempo[105].

O imperador estudava também Geometria, Química, Mecânica, Medicina, Farmácia, Teoria Musical, Filosofia ocidental, ou seja, era um rei grandioso, trabalhador, estudioso e inteligente, defensor da arte e da cultura, respeitador das tradições *Han*. Em contrapartida, sendo proveniente de uma etnia que ainda não tinha abolido a escravidão, *Kangxi* controlava rigorosamente o pensamento do povo. Como tal, proibiu que se escrevesse ou colecionasse obras relacionadas com a dinastia *Ming* ou contra o governo *Manchu*. Fazia mesmo acusações infundadas a autores ou colecionadores e, como resultado, muitas pessoas inocentes foram presas ou morreram devido a esta *Inquisição Literária*[106]. Tal como aconteceu no contexto da inquisição católica, os escritores tinham medo de serem acusados, o que impediu o florescimento literário.

Em conclusão, embora algumas decisões do imperador *Kangxi* sejam discutíveis, ele é considerado um grande monarca do seu tempo, que unificou o país, aniquilou oficiais rebeldes, recuperou a economia, respeitou as tradições ancestrais e o Confucionismo. Importa sublinhar que embora não promovesse com zelo os estudos ocidentais na China, o imperador tinha interesse pessoal nestes conhecimentos e proporcionava boas condições aos jesuítas. Assim, o padre Tomás Pereira teve uma vida bem-sucedida em Pequim, como missionário, músico, artista, literato e cientista. Ele não foi um mero funcionário da corte,

[103] Cf. Fonte: http://blog.voc.com.cn/blog.php?do=showone&type=blog&itemid=785000, consultado em 11 de novembro de 2012.
[104] Cf. XIE, Jingfang e QIU, Wei, «O Imperador Kangxi e os Mestres Estrangeiros», em *Estudos de Manchu* 2(2003), Shenyang, p. 39.
[105] Cf. ZHANG, Lihuan, «Os Amigos Estrangeiros do Imperador Kangxi», em *Journal Of Chengde Vocational College* 3(2005), Chengde, pp. 140-141.
[106] Cf. WANG, Enchong, «Não se Pode Ignorar a Estreiteza do Imperador Kangxi», em *Exploration and Free Views* 10(2007), Xangai, p. 28.

foi também professor e amigo de *Kangxi*, e os seus esforços contribuíram para o intercâmbio cultural entre a China e Portugal.

2. Relacionamento pessoal de Tomás Pereira com o Imperador *Kangxi*

Quando o exército de *Qing* conquistou Pequim, tanto os ministros de *Ming* como os missionários puderam permanecer na corte e manter os seus títulos. Aliás, durante a nova dinastia, mais jesuítas foram recrutados. Em 1673, Tomás Pereira chegou a Pequim, vivendo na corte até à sua morte e conquistando a confiança de *Kangxi*. Em público, eles foram imperador e ministro, mas em privado, eles foram amigos.

Tomás Pereira era um padre muito inteligente e elegante, com capacidade para tratar de assuntos diplomáticos e religiosos, e também um virtuoso musical. O imperador *Kangxi* tinha características semelhantes, às suas capacidades governativas somava talento literário e musical. Ou seja, embora os seus estatutos fossem muito diferentes, existiam semelhanças entre estas duas pessoas, muitos interesses em comum, sendo a música um dos principais. Naquele tempo, a música ocidental era desconhecida na China e suscitou a curiosidade do imperador, pelo que Tomás Pereira lhe ensinou alguns conceitos musicais gerais. O padre conhecia também a música chinesa e tocava frequentemente instrumentos orientais para o imperador.

> "Quis o Rey lhe fisesse outro Orgão, além do q*ue* já lhe tendo feito (de q*ue* não mando debuxo, por ser feitio ordinario a nosso modo) este por*em* agora quis tangesse de si, sem ser tocado…pa*r*a não faltar esta difficuldade, o q*ue* co*m* a ajuda do S*enh*or se fez em hu*m*, e outro instrum*en*to à satisfação do Rey, q*ue* no seu anno nouo (como marauilha) mostrou a obra aos Regulos desta Corte…Outras muitas curiosidades se tem feito, que por serem de menos conta, não entrão nesta.[107]"

O padre participava em muitos banquetes reais, sendo o concerto uma parte importante do evento, para entreter membros da realeza, ministros e, às vezes, embaixadores estrangeiros. O Ano Novo é uma festa tradicional importante para os chineses, sendo o dia em que a família se reunia, e também o imperador dava muita importância a essa festa em particular. O facto de Tomás Pereira dirigir o concerto instrumental de Ano Novo era um significativo sinal da confiança do imperador. Os registos revelam, de resto, que o

[107] BARRETO, Luís Filipe (coord.), *Ob. cit*., p. 95.

missionário não poupou esforços para cumprir esta tarefa com brilhantismo.

Existiam dois tipos de banquetes imperiais: os banquetes da família, restritos aos membros da família imperial, e os banquetes dos ministros, para os quais se convidava os ministros mais importantes. A refeição do ano novo seria do primeiro tipo. Um banquete era composto por vários momentos, além dos programas musicais, existiam apresentações de dança[108], cujos executantes não tinham direito de jantar na presença do imperador. No caso do padre, ele não era só um executante musical, mas também um ministro da corte, pelo que era perfeitamente normal que ele ficasse no banquete com outros ministros. Mas o que nos parece extraordinário é que de facto ele estava no banquete do Ano Novo, uma ocasião em que estavam presentes apenas os familiares do imperador:

> "…Quasi semelhante a este foi, quando, indo eu com o Padre Fernando Verbiest a consertar-lhe huã esfera, e passando o Rey por fora do cobicolo, donde estauamos, nos mandou sair, só a fim de nos uer, e perguntar de saude (honra aqui muito uenerada) perguntando juntamente porque não fora o Padre Philippo Grimalde, aquelle dia com estes termos. Tem medo, de me comer um prato de arroz seco?[109]"

Este pequeno episódio prova que Tomás Pereira jantou com o imperador no banquete da família, confirmando que *Kangxi* apreciava muito o padre. Para o imperador, Tomás Pereira não era apenas um executante, jesuíta ou ministro, mas o seu professor de música e amigo, quase um membro da família. Além destas ocasiões formais, o padre acompanhou muitas vezes *Kangxi* no tempo livre, registando muitos detalhes da vida do imperador.

> "Aos 15 de Julho, nos mandou o Rey alguns peixes frescos, tomados em sua lagoa, que tem dentro no seu jardim… Gostou o Rey tanto, q*ue* junto de nós de cocras estaua co*m* huã porcelana na mão uasando a agua, pera a uer correr." [110] "Aos 7 do mesmo foi apresentada ao Rey outra curiosidade, q*ue* fez hu*m* Padre nosso… Tem esta pequena maquina, outras curiosidades mais adjuntas; do q*ue* o folgou tanto o Rey…"[111] "Como a avo do Emperador não he ainda sepultada…"[112]

[108] Fonte: www.cfucn.com/e/DoPrint/?classid=150&id=10903, consultado em 6 de março de 2013. Texto original: "通常一场晚宴会包含许多节目，尤其是有一系列的舞蹈表演"。
[109] BARRETO, Luís Filipe (coord.), *Ob. cit*., p. 96.
[110] *Idem, ibidem*, p. 74.
[111] *Idem, ibidem*, p. 75.
[112] *Idem, ibidem*, p. 123.

Se Tomás Pereira e o imperador não fossem próximos, o padre não teria contactos frequentes e não poderia descrever tantos detalhes sobre a sua personalidade. Entretanto, *Kangxi* também se preocupava com o jesuíta:

> "Sendo porem obrigado nesta obra a parar, por causa de hum tenaz uento, que aproderandos-se-me, de hum braço, me impediu o uso delle, ainda o escreuer, mandou logo o Emperador o medico de sua pessoa a curar-me: E como o uento emperrasse por alguns meses, não obedecendo ás mesinhas, foi mais constante sua merce, continuando o medico com as mezinhas quotidianas uindos do Passo; athe que o uento esuaneceu.[113]"

Ou seja, *Kangxi* ficou preocupado com a saúde de Tomás Pereira, a ponto de lhe enviar um dos seus médicos. Existiam muitos médicos na corte, chamados *médicos imperiais* (御医, *yùyī*), que tratavam apenas a família real. Normalmente, os ministros não podiam usufruir dos seus serviços, salvo mediante uma autorização especial do imperador. O facto de um jesuíta português ser tratado por um deles leva-nos a acreditar que *Kangxi* já considerava o padre como alguém muito próximo e íntimo.

Por volta de 1650, os russos invadiram o nordeste da China e, no rescaldo do cessar fogo. Em 1688, o imperador enviou Tomás Pereira para a fronteira, para apoiar os ministros chineses nas negociações com a Rússia. Isto não foi de somenos importância, pois tratava-se de um assunto internacional. O imperador correu um certo risco ao entregar-lhe esta importante tarefa porque, em certa medida, o futuro da China estava nas mãos do padre português. Se Pereira falhasse nas negociações, ou conspirasse com os russos, a China perderia a sua dignidade. Mas *Kangxi* depositou toda a sua confiança em Tomás Pereira: "Sahio ainda o Emperador com outros despachos honrosos, que já como muitos publicos e sabidos os não repito."[114] O imperador não só lhe deu direito de negociação como lhe pediu que supervisionasse o trabalho dos ministros chineses:

> "Considerou o Imperador resolveo que não disendo: 'Eu vos mando e trato com muita honra e estimo como a meus grandes em cuja companhia vos mando a tratar tanto

[113] *Idem, ibidem*, p. 103.
[114] SEBBES, Joseph, *O Diário do Padre Tomás Pereira, S.J. – Os Jesuítas e o Tratado Sino-Russo de Nerchinsk (1689)*, traduzido por Helena Novais, Tipografia Welfare, Macau, 1999, p. 187.

> negocio…’’’ [115] “…e que crião depois, com fundamento, que o Emperador me perguntaria tudo (como de facto perguntou e com tal honra como adiante veremos)…” [116]

O padre cumpriu a sua tarefa diplomática com muito sucesso: “…admirando toda a gente e os mesmos embaixadores (que depois a confessarão) nossa efficacia e resolução, e fidelidade em nogocio de tanto porte a seu Emperador…”[117]. Em suma, o padre não só foi um bom amigo, mas também foi um subalterno útil. O imperador não admitia sequer que Tomás Pereira pudesse trair a sua confiança, acreditava que o coração do jesuíta já pertencia à China, por isso tratava-o como se fosse da sua família: “Com estas e outras muitas honras não menos publicas que sabidas, entre as quaes não quero deixar por única o entregar-nos a seu tio, irmão de sua mãy, hum dos embaixadores, pera que a sua mesa e assento nos tratasse com a honra que eu nunca mereci sem differença alguma de sua pessoa…[118]”

Por seu lado, Tomás Pereira elogiava constantemente *Kangxi* nas suas cartas: “Logo o Emperador, com sua acustumada brandura e clemencia…” [119]; “Mostrou porem o Imperador sua natural brandura e piedade ordenado que a nenhum se fisesse mal, mas os mandassem com todo o bom tratamento, mas avisando-os que não tornassem mais.”[120]

Pode questionar-se se Tomás Pereira seria sincero ou tentava apenas lisonjear o imperador. Estas epístolas seriam diretamente enviadas para a Companhia de Jesus em Roma e *Kangxi* praticamente não sabia latim. Então, fossem palavras de louvor ou caluniosas, o imperador não saberia, portanto o padre não tinha necessidade de o elogiar intencionalmente.

Também o ministro *Tongguogang* (佟国纲, *tóngguógāng*) avaliou o padre Tomás Pereira: “Sabei, senhores, que estes Padres são homens incorruptos que não temem a ninguem. Sabei que fulano não lisongea a ninguem, assim como falta comnosco, com a mesma falha com o Emperador, o qual o estima por edicto publico…[121]” Uma vez que o imperador era autoritário, ninguém tinha coragem de o criticar e a maior parte dos ministros

[115] *Idem, ibidem*, p. 212.
[116] *Idem, ibidem*, p. 234.
[117] *Idem, ibidem*, p. 218.
[118] *Idem, ibidem*, p. 187.
[119] *Idem, ibidem*, p. 209.
[120] *Idem, ibidem.*
[121] *Idem, ibidem*, p. 228.

bajulava-o. Pelo contrário, Tomás Pereira nunca o lisonjeou, mostrando que tinha uma relação de amizade sincera com o imperador. *Kangxi* apreciava a sua honestidade e se não encarasse Tomás Pereira como um amigo, provavelmente o padre português teria sido condenado em diversas ocasiões.

Apesar desta proximidade, Tomás Pereira nunca se esqueceu da sua posição subalterna, nunca foi passivo ou vagaroso no seu trabalho, obedeceu fielmente às ordens do imperador, cumprindo as suas tarefas com lealdade, "Pello que não podia eu nem pro nem contra dar meu parecer: que suas excellencias tinhão sua direcção do Emperador com a qual se devião conformar" [122]. Quase todos os ministros sabiam que o padre português era bem considerado pelo imperador, portanto respeitavam-no. Durante as negociações com a Rússia, Pereira desejou encontrar-se com os russos a sós, mas o ministro *Tongguogang* opôs-se firmemente:

> "…e disse: 'Suposto isso, vá o padre vosso companheiro, como mais moço. Vós estais diante do Emperador há muitos annos: sois homem publico. O Emperador me entregou vossa pessoa por publico edicto: eu devo dar conta de vós. O Padre companheiro está a vós entregue: vós que não tendes medo dos moscovitas, que o deixes em refens, dareis em qualquer cazo conta delle, e eu de vós ao Emperador'" [123].

Se o padre sofresse algum acidente durante as negociações, o imperador poderia culpar os ministros chineses, porque Tomás Pereira era importante para ele. Concluído o acordo com a Rússia, o imperador ficou satisfeito com o resultado e destacou a capacidade do português: "…'Eu estou bem e pergunto tambem de vossa saude. Sei o muito que tendes trabalhado em meus serviços; sei que vos tendes esforçado em me dar gosto; sei que por vossa habilidade e agencia se concluirão as pases, em que esgotastes vossa forças'.[124]" Este episódio terá reforçado ainda mais a relação entre o imperador e o padre.

> "…hum eunucho que nos disse o seguinte: 'O Imperador me disse que vós sem duvida virieis hoje ao Passo… Pello que vos manda diser o Imperador que vós digais o que tendes, porque vos estima não como homem de fora, mas como homem de sua casa interior… e ainda que o Imperador dis sabe já tudo, comtudo o folga do ouvir de vossa

[122] *Idem, ibidem*, p. 234.
[123] *Idem, ibidem*, p. 237.
[124] *Idem, ibidem*, p. 260.

boca.’’’ [125]

Tomás Pereira ficou muito lisonjeado, pois nunca pensou que lhe fosse concedida uma honra tão elevada. Para agrado do imperador, o padre reiterou a sua vontade de contribuir com a sua vida e os seus méritos para a China, para o seu amigo e para a sua família.

> “Demais o que diz Sua Magesrade de nos estimar como gente sua e não de fora, e que de tudo que obrei nos moscovitas desse conta, não olhando a serem cousas proprias, que comtudo as quer ouvir de minha boca, respondo que sou hum homem estrangeiro e que só o sofrer-me Sua Magestade na China e em sua corte e presença me sobejava: que era hum manipulo de palha seca, a qual não podia tolerar peso semelhante, que ouvindo o que Sua Magestade mo mandava diser, que me tremia o corpo incapaz de tanta honra: que o diser diga tudo o que tinha obrado nesta embaixada, digo que nada, mas só tinha feito o que Sua Magestade me tinha ensinado. E se tinha obrado conforme isto, o tinha por grande ventura, sendo isto só o melhor premio que podia esperar e ventura minha; se tinha errado pedia perdão a Sua Magestade de tudo.” [126]

O padre viveu em Pequim até à sua morte, acompanhando *Kangxi* durante 35 anos na corte. Ele não só ensinou muitas coisas ao imperador e auxiliou-o em diversos assuntos diplomáticos, mas também aprendeu muitas coisas com ele. No que respeita aos assuntos políticos, *Kangxi* foi um sábio governador e Tomás Pereira foi um inteligente subordinado; quanto aos saberes, Tomás Pereira foi um professor dedicado e *Kangxi* um aluno trabalhador; quanto ao lazer, *Kangxi* e Tomás Pereira foram bons amigos e conheceram-se muito bem. O imperador considerou-o como um seu familiar, talvez já visse Pereira como um verdadeiro chinês.

[125] *Idem, ibidem.*
[126] *Idem, ibidem.*

3. Atividades musicais como forma de comunicação de Tomás Pereira com a cultura chinesa

Os jesuítas foram os principais disseminadores da cultura europeia no Oriente. Além da religião e da ciência, a música ocidental também foi transmitida pelos missionários, incluindo pelo próprio Tomás Pereira. Há quem defenda que a música ocidental chegou à China no início do século XX, influenciando inicialmente as músicas militares[127]. No entanto, a introdução da música ocidental pode remontar à dinastia *Tang*, no século VII, quando o missionário persa Alopen chegou à China para divulgar o nestorianismo[128]. Com o desenvolvimento desta doutrina cristã no império, as canções nestorianas foram também transmitidas aos crentes, sendo as primeiras músicas ocidentais divulgadas ali[129].

Apesar disso, esta música não se popularizou até à dinastia *Ming*, quando o padre Matteo Ricci evangelizou na China, oferecendo muitos tributos ao imperador *Wanli*, incluindo um instrumento ocidental. Certa vez, Ricci ordenou aos executantes que tocassem oito canções, o que chamou a atenção imperial. O imperador apreciou o som dos instrumentos usados (西洋雅琴，抚之有异音, este elegante instrumento ocidental tem um som fora de comum), muito diferente do produzido pelos instrumentos chineses e pediu imediatamente que Matteo Ricci traduzisse estas canções para a língua chinesa[130]. De acordo com a descrição, este instrumento seria o cravo[131] e as canções seriam religiosas.

Podemos dizer que a musicalidade católica desempenhou um papel importante na evangelização da China. Alguns apreciadores iam à igreja para admirar os instrumentos ocidentais, a fim de ouvir aquela música especial, sagrada, e muitos deles convertiam-se ao catolicismo. Ao mesmo tempo, dado que os crentes ouviam música na igreja quando assistiam à missa, alguns sentiram-se atraídos pela música ocidental. Acrescente-se ainda

[127] Fonte: www.musiceol.com/news/html/2010-7/20107214371876918770.html, consultado em 20 de abril de 2014.
[128] Nestorianismo é uma doutrina cristológica proposta por Nestório, Patriarca de Constantinopla (428-431 d.C.). A doutrina nestoriana foi formada durante os estudos de Nestório sob a tutela de Teodoro de Mopsuéstia, na Escola de Antioquia (uma das grandes escolas de exegese e teologia bíblica da Antiguidade), e enfatiza a desunião entre as naturezas humana e divina de Jesus. Fonte: www.infoescola.com/religiao/nestorianismo/, consultado em 12 de julho de 2014.
[129] Cf. CHEN, Huiling, «Os Instrumentos Ocidentais na China antes da Guerra do Ópio», em *Explorations in Music* 3(2003), p. 81. Texto original:"唐太宗贞观九年(公元635年)，大秦即罗马僧阿罗本把景教传入中国，同时，景教歌曲也随之传入，这便是最早传入我国的西洋音乐了。"
[130] Cf. WANG, Rou, «Introdução das Músicas Ocidentais na China», em *Music Research* 2(1982), Pequim, p. 91.
[131] Cravo é a designação dada a qualquer dos membros de uma família europeia de instrumentos musicais de tecla, incluindo os grandes instrumentos comumente chamados de cravos, mas também os menores: virginal, o virginal muselar e a espineta. Fonte: www.estacaomusical.com.br/aprendendomusica/10/cravo-ou-piano, consultado em 12 de julho de 2014.

que, no fim da dinastia *Min*g, foi criada uma espécie da capela dentro da corte, onde alguns ministros e membros da família real assistiam a cerimónias religiosas, às vezes simples momentos de música sagrada. Estas experiências musicais contribuíram para a aceitação do catolicismo e divulgação da música ocidental, a partir da própria corte do imperador *Kangxi* [132].

3.1 As atividades musicais na corte do Imperador *Kangxi*

Enquanto jesuíta português, Tomás Pereira foi, sem dúvida, leal à sua missão religiosa, dando uma contribuição incontornável para o desenvolvimento do catolicismo na China. Contudo, esta não foi a sua única consecução em território chinês. O padre foi também considerado um dos disseminadores da música ocidental. Pereira não foi só um belíssimo executante, de instrumentos ocidentais e também chineses, mas o autor do primeiro livro em chinês que introduz a teoria da música ocidental, que passou, desde então, a "comunicar" com a música tradicional chinesa.

Antes do português chegar a Pequim, o padre Verbiest já transmitira alguma teoria musical a *Kangxi*. Apesar do estatuto de Verbiest ser superior ao de Tomás Pereira, este último destacava-se no campo musical, pelo que Verbiest o recomendou ao imperador. Diz-se que quando Tomás Pereira chegou a Pequim, em 1673, tocou uma canção chinesa em violino na corte, execução que o imperador adorou. O padre tinha também boa memória, sendo capaz de reproduzir uma música depois de a ouvir uma só vez, independentemente do seu grau de dificuldade. Assim, o imperador ordenou que ensinasse música na corte, tornando-se o primeiro professor de música ocidental, mais especificamente de cravo, na China[133]. Na minha opinião pessoal, se *Kangxi* não se interessasse por música, talvez o padre Tomás Pereira não permanecesse na corte durante tanto tempo e não granjeasse a estima do imperador. Portanto, a inteligência musical do padre Pereira terá mudado a sua vida.

---

[132] Cf. LIU, Mianmian, «Tomás Pereira – Primeiro Professor da Teoria Musical na China», em *Music Weekly*, Pequim, 12 de agosto de 2005, p. 7. Texto Original: "...并在内廷中设堂礼拜。他们对随着宗教而来的宗教歌曲和西洋乐器感到兴趣,也是意料中的事."

[133] Cf. LIU, Mianmian, *Art. cit.*, p. 7. Texto original: "...虽然由于当时社会的局限性，西洋乐理在短时间内并未得以大范围的广泛传播，但徐日昇卻因是最早将西洋乐理系统地介绍到中国而成为当之无愧的中国乐理教师第一人，并且由于他在传播、教授西洋乐理时卓有成效的业绩和功不可没的历史贡献，而必当载入中国的近现代音乐史册。"

Segundo uma carta que o padre Joachim Bouvet escreveu ao rei Luís XIV de França, *Kangxi* gostava muito da música e dos instrumentos ocidentais, tocava-os no seu tempo livre e, com um pouco de prática, dominou-os tão bem quanto aos instrumentos chineses[134]. Na verdade, o imperador executava instrumentos chineses e tártaros desde a sua infância, portanto é razoável supor que ele sentiria curiosidade em relação a qualquer novo instrumento, fosse chinês ou ocidental[135]. Aliás, ele convidava com frequência alguns executantes para a corte:

> "Entre os muitos discursos; introdusiu elle, o da musica, e instrumentos, em alguns dos quais (por aliuio) se exercita…E ouuindo elle tanger o Orgão, e o Crauo, que mandou buscar a nossa Caza, gostou tanto, que pegando do seu instrumento, se pos hombro, por hombro acompanhando o Padre, que tangia o Orgão…Quis logo uer, o que ouuia, e (de industria) escolhendo alguãs peças mais difficultosas, de tanger; as tangeu em seus instrumentos…"[136]

Em 1685, Tomás Pereira acompanhou o imperador numa excursão de caça à Mongólia, tocando para *Kangxi* nos momentos de ócio. A paixão do imperador pela música pode ter sido decisiva no estreitamento da relação com Tomás Pereira. Para além do jesuíta português, também os padres Verbiest e Grimaldi partilhavam deste interesse artístico, então *Kangxi* conversava amiúde com os três sobre música. Seguindo a recomendação de Grimaldi, o imperador convidou um executante holandês que tocava muito bem harpa e que viria a demonstrar uma mestria semelhante à de Tomás Pereira, ao tocar qualquer música depois de a ouvir uma só vez. Por conseguinte, o imperador convidou-o a ficar na corte, no sentido de ensinar harpa aos eunucos[137].

Entretanto, as igrejas em Pequim ofereciam momentos musicais belíssimos. Vários instrumentos ocidentais raros foram colocados em cada igreja em Pequim, o que atraiu o imperador *Kangxi*:

> "Aos 9 de Mayo, quando occupaua a boa saude, que Deos me da…veyo o Emperador

[134] Cf. JI, Shu, «Banda Ocidental na Corte de Qing», em *Estudos de Manchu* 1(1996), Shenyang, p. 55. Texto original:"…法国传教士白晋曾充当康熙特使, 回国向法王路易十四呈递的奏折(康熙皇帝传》, 1697 年巴黎版) 中说: " (康熙皇帝) 很喜欢西洋音乐的乐理、乐器及其演奏法。在亲自处理国务之暇, 他只要认真练习几次, 就能够象演奏中国及挞粗的大部分乐器一样, 演奏西洋乐器"
[135] Cf. WANG, Rou, *Art. cit*., p. 92.
[136] BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Ob. cit*., p. 83.
[137] Cf. WANG, Rou, *Art. cit*., pp. 92-93.

a esta Igreja, uer, ouuir, e fazer soar o Orgão (de que tão bem os annos passados tenho fallado) meixendo as mãos neste diante de sua Corte por muito tempo." [138]

A música poderá sido decisiva no trabalho de evangelização, uma vez que os jesuítas não passavam de pagãos aos olhos dos chineses e muitos ministros contestaram a divulgação do catolicismo na China. *Kangxi* manteve uma atitude ambígua em relação à fé católica: não aprovou mas tampouco reprovou o proselitismo dos sacerdotes, mas deslocou-se à igreja para ouvir música e tocar instrumentos ocidentais. Já se referiu que Tomás Pereira e outros jesuítas estudaram música durante a sua formação na Ordem de Jesus e que a música religiosa era uma parte importante da liturgia. Se o catolicismo fosse proibido na China, Pereira não teria permissão para tocar na corte, o que dava muito prazer ao imperador, pelo que *Kangxi* se absteve de interferir nessa matéria, pelo menos até à *Controvérsia dos Ritos* se intensificar.

O imperador possuía vários instrumentos ocidentais, oferecidos por jesuítas e embaixadores, em várias ocasiões. Contudo, era difícil transportar instrumentos musicais da Europa para a China, especialmente os de grandes dimensões. Tomás Pereira ultrapassou esse inconveniente, instruindo alguns artesãos chineses a fabricar alguns instrumentos[139]. Em 1703, *Kangxi* deu uma audiência a *Gao Shiqi* (高士奇, *gāo shìqí*) na sala *Yuanjian* do Jardim *Changchun* (畅春园渊鉴斋, *chàngchūnyuán yuānjiànzhāi*), onde o estudioso viu as antiguidades e também os instrumentos ocidentais do imperador. Ao descrever o jardim, no seu artigo *As Coisas de Pengshan* (蓬山密记, *péngshānmìjì*), Gao faz referência a um instrumento específico, provavelmente um cravo: "houve um instrumento ocidental em arame de ferro, fabricado pela corte imperial, tendo cento e vinte cordas" (内造西洋铁丝琴，弦一百廿根). Durante a visita, o imperador terá tocado a melodia budista "Mantra do Templo *Pu'an*" (普庵咒, *pǔ'ānzhòu*) em cravo. Para além disso, terá ordenado aos músicos que tocassem um arranjo da música erudita chinesa, *O repouso do ganso na ilha de areia* (平沙落雁, *píngshāluòyàn*), originalmente para solo de *qin* (antiga cítara chinesa), arranjo

[138] BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Ob. cit*., p. 105.
[139] Cf. WANG, Rou, *Art. cit*., p. 93.

esse que fizera pessoalmente para quatro instrumentos orientais: *Pipa*[140], *Zheng*[141], *Komuz*[142] e *Xianzi*[143]. O efeito foi tão harmonioso e perfeito, que pareceu ser tocada em cravo. Este episódio revela que *Kangxi* já conhecia alguma técnica da homofonia ocidental[144] mas não dedicava o tempo que gostaria à prática musical, devido a morosos assuntos políticos. Ou seja, o governante era apreciador da música ocidental, mas os afazeres de Estado tomavam-lhe a maior parte do tempo[145].

O imperador criou também um *Gabinete do Recreio* (升平署, *shēngpíngshǔ*) para promover atividades culturais na corte, com ópera, música e dança, departamento que recrutava jovens eunucos para praticar os instrumentos, cuja execução o imperador assistia quando podia. Ele aproveitava ainda os momentos de pausa para tocar, no caminho para o campo de batalha ou nas viagens ao sul da China.

Em 1690, o chefe nómada de *Zunghar Khanate* (准噶尔, *zhǔngáěr*), *Galdan Boshugtu Khan* (噶尔丹, *gáěrdān*), conduziu as suas tropas contra *Qing*. *Kangxi* liderou pessoalmente o exército para a batalha e venceu as forças opositoras. No regresso, passaram pela cidade de *Hohhot* (呼和浩特, *hūhéhàotè*, cujo nome antigo era *Guihua*, 归化, *gūihuà*), onde o imperador mandou preparar um banquete em honra dos seus guerreiros vitoriosos. Alguns cativos apresentaram-se neste festim para cantar, dançar ou tocar música. *Kangxi* ficou muito satisfeito com as interpretações, especialmente a de um velho cativo e, como resultado, libertou-o juntamente com outros reféns de guerra que se tinham revelado bons intérpretes musicais[146]. Isto prova, sem sombra de dúvida, que para o imperador a música era algo aparte da política, uma arte partilhada por todos os povos. A sua paixão podia motivar a libertação de um inimigo ou alimentar a amizade com um estrangeiro. No caso do

[140] *Pipa* (琵琶, *pípá*) é o nome de um instrumento de corda chinês. É um dos instrumentos musicais mais antigos da China, com mais de dois mil anos de história, sendo ainda hoje um dos instrumentos mais populares. Fonte: http://portuguese.cri.cn/721/2011/09/07/1s139785.htm, consultado em 12 de julho de 2014.

[141] *Zheng* (筝, *zhēng*) é uma espécie de harpa horizontal chinesa. Tem em média 26 ou mais cordas e pontes móveis. Fonte: www.philmultic.com/guzheng/, consultado em 12 de julho de 2014.

[142] *Komuz (*火不思, *huǒbùsī*) é um instrumento de corda da Ásia Central. Fonte: www.britannica. com/EBchecked/topic/320792/komuz, consultado em 12 de julho de 2013.

[143] *Xianzi* (*弦子*, *xiánzi*) é um instrumento de corda tibetano. Fonte: http://baike.baidu.com/view/204695.htm, consultado em 11 de março de 2013.

[144] Cf. WANG, Lin, «O Imperador Kangxi Toca Piano», em *Música da China* 3(1991), Pequim, [s. p.]. Texto original: "朕近以琴谱《平沙落雁》勾作琵琶、弦子、虎拍、筝，四乐器同弹。"因令弹之，四乐合成一声，仍作琴音。声甚清越，极其大雅."

[145] Cf. WANG, Rou, *Art. cit*., p. 93.

[146] Cf. XU, Aihua e JIN, Xiexie, «O Imperador Kangxi e a Música», em *The World of Music* 6(1998), Xi'an, p. 36. Texto original: "北疆的准噶尔部落首领噶尔丹与沙俄勾结, 公然举兵进犯内地。为了维护国家统一, 康熙率军亲征, 大败噶尔丹部。班师至归化城(今呼和浩特市)时,康熙'躬自稿劳西路凯旋之师。'席间, 有人将叛军俘虏中能歌善舞者带上, 让他们歌舞奏乐为之助兴。有一被俘老兵, 以其苍劲浑厚的歌喉, 赢得了康熙的欢愉,当场" 大笑赦之遣还。" 还有几个歌舞奏乐出色者, " 亦分别赦免。"

padre Tomás Pereira, a sua inteligência diplomática terá conquistado a confiança do imperador *Kangxi*, os seus conhecimentos científicos terão fortalecido o respeito real, mas foi graças à sua arte musical (o seu maior talento) que granjeou a amizade do imperador.

O padre refere muitas vezes o órgão nos seus diários, instrumento que teria sido introduzido na China entre 1260 e 1264, na época da dinastia *Yuan*. *Sheng* (笙, *shēng*) é um instrumento chinês cuja forma parece a miniatura de um órgão, e o órgão parece que é constituído por muitos *Sheng*, portanto deu-se-lhe o nome de *Xinglong Sheng* (兴隆笙, *xīnglóngshēng*), significando *Xinglong* próspero. Gradualmente, ao longo da dinastia *Yuan*, este instrumento tornou-se muito popular. O escritor *Tao Zongyi* (陶宗仪, *táo zōngyí*) descreveu o órgão na sua obra *Chuogenglu* (辍耕录, *chuògēnglù*): "Nos banquetes, quando o órgão soasse, começava a tocar-se outros instrumentos, quando o órgão parasse de soar, a música acabava"[147]. Ou seja, o órgão era o protagonista durante as festividades, e outros instrumentos meros auxiliares.

Mais tarde, o padre italiano Francesco Sambiasi (毕方济, *bìfāngjì*) ofereceu um órgão ao imperador *Chongzhen* (崇祯, *chóngzhēn*) da dinastia *Ming*, e o padre Johann Adam trouxe-o para a China, instalando-o na Sé de Pequim, Catedral da Imaculada Conceição (宣武门天主堂, *xuānwǔmén tiānzhǔtáng*)[148]. Os governantes não prestaram grande atenção a este instrumento, até Tomás Pereira chegar a Pequim, após o que o órgão conheceu um rápido desenvolvimento na China.

O jesuíta trouxe também um órgão para Pequim, ficando colocado na Igreja do Salvador, também conhecida como Igreja de *Xishuku* (西什库天主堂, *xīshíkù tiānzhǔtáng*), onde ele e outros religiosos o tocavam regularmente[149]. Só então os habitantes, ministros e até membros da família imperial se interessaram pelo instrumento, deslocando-se a esta igreja, a fim de ouvir a sua música. Entretanto, Pereira registava no seu diário vários episódios relacionados com o instrumento na Igreja do Salvador:

> "Aos 31 ueyo a esta igreja o Irmão 2º do Rey; aonde bateu cabeça, e se ajoelhou diante da Imagem do Saluador… Aos 5 de Março ueyo tão bem o 3º Irmão do Rey, e sabendo

[147] Cf. CHEN, Huiling, *Art. cit.*, p. 81. Texto original: "凡宴会之日，此笙一鸣，众乐皆作，笙止乐亦止。"
[148] Cf. LI, Xiaojie, «A Música Ocidental na Corte de Qing», em *Forbidden City Magazine* 5(1991), Pequim, p. 3.
[149] Cf. *Idem, ibidem.*

que hum Padre sabia tanger Órgão; o qual (por occasião de huã confissão estaua fora) esperou, que o Padre chegasse; e ouuiu tanger usque ad fastidium [até à náusea]; porque gastou nisto grande parte de sua uinda; não se enfadando de ouuir."[150]

Estes registos relatam ainda uma audiência, que *Kangxi* concedeu em 1699 a nove jesuítas na cidade de *Zhenjiang* (镇江, *zhènjiāng*). Na ocasião, dois padres - Philibertus Geneix (*Yan Libo*, 颜理伯, *yán lǐbó*) e Ludovicus Pernon (*Nan Guangguo* 南光国, *nán guāngguó*) - revelaram-se muito proficientes em música, mas foi o padre Pernon que se destacou com o seu violino, sendo a primeira vez que o imperador ouviu tal instrumento[151]. O imperador mostrou-se muito interessado e achou útil recorrer à música ocidental para enriquecer a música tradicional chinesa[152]. É possível que o instrumento tocado por Pernon não fosse violino mas uma viola de gamba[153] já que, naquele tempo, o violino ainda não era muito popular na Europa e o seu solo pouco habitual[154].

Mais tarde, o padre italiano Teodorico Pedrini (德里格, *délǐgé*) chegou a Pequim, um grande mestre no cravo e violino e também compositor, pelo que *Kangxi* ordenou que instruísse os seus três filhos[155]. Com tantos talentos musicais reunidos na corte, o imperador decidiu organizar uma orquestra, em 1699. Esta tornou-se uma orquestra mais formal ou profissional, composta sobretudo por jesuítas (ao invés dos eunucos), liderada por Tomás Pereira de acordo com a vontade real e com um elemento chinês, católico, de seu nome *Ge Laidi* (*葛*莱迪, *gě láidí*).

A música ocidental era cada vez mais popular, a ponto dos ministros e até elementos do povo começarem a praticar instrumentos ocidentais. A utilização destes novos

[150] BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Ob. cit*., p. 73.
[151] Cf. CHEN, Huiling, *Art. cit.*, p. 82. Texto original: "最早有关小提琴传入中国的记载见于豪《中西交通史》一书。作者在书中引述法国人弗朗索瓦·弗罗热所著《法国人初次来华记》的记载：4799 年，康熙帝南巡时，曾召见九位西方传教士聆听他们演奏西乐，并询问各人所长，其中有位名叫南光周的教士会拉提琴。在同书中，方豪还记述了意大利人德理格既是一位传教士，又是能演奏小提琴的音乐家。同时，他还作有题名为《奏鸣曲小提琴独奏与固定的低音谱》的小提琴曲。此后，小提琴传入中国的记载时有所见。"
[152] *Idem*, *ibidem*.
[153] Viola de gamba, ou violone, é qualquer um dos instrumentos de corda com trasto desenvolvido no século XV, e usado principalmente na Renascença e no Barroco. Fonte: www.musicolog.com/violadagamba.asp#.U8CHm_QW2fM, consultado em 12 de julho de 2014.
[154] Cf. WANG, Chenxi, «Os Documentos Históricos sobre a Divulgação do Violino na Corte Durante os Períodos de Kangxi e de Qianlong», em *Journal of Jinhua College of Profession and Technology*, No. 2 de Vol. 8 (2008), Jinhua, p. 74. Texto original: "可能当时的演奏乐器还是维奥尔琴(注: 维奥尔琴是现代小提琴的前身, 属文艺复兴时期欧洲最风靡的乐器之一。1650~1730 年间经斯特拉迪瓦里、阿马蒂和瓜尔内里等家族加以改进而臻于完美, 逐渐演变为现代小提琴。因为同时期的法国古典小提琴学派还并未起步, 小提琴地位低下, 还没有独奏的资格。可想而知, 当时南光国的演奏水平也是比较低的。但这次在中华大地上的首次演出, 使皇帝"于西乐规律颇表惊奇", 更触动了他"有意以西乐改善中国旧有音乐"的想法。可以说, 这是小提琴艺术在中国的舞台上第一次亮相。"
[155] Cf. *Idem*, *ibidem*.

instrumentos foi, ainda assim, algo condicionada porque a maior parte estava concentrada na corte e, embora algumas igrejas tivessem instrumentos na altura, a quantidade de fiéis católicos na China era ainda diminuta, por conseguinte, o povo quase não tinha oportunidade de apreciar os instrumentos/músicas trazidos do Ocidente. A atividade musical do padre Tomás Pereira resumiu-se assim ao contexto da corte e dos templos cristãos.

3.2 A obra musical de Tomás Pereira

Na dinastia *Qing*, a música ocidental estava já mais disseminada na China, sendo muito conhecida a obra *Explicações da Música* (*Luluzhengyi*, 律吕正义, *lǜlǚzhèngyì*), publicada naquele período. Apesar da fama do livro, que reproduz de forma muito completa as técnicas musicais usadas a Ocidente, a *Introdução à Musicologia* (*Luluzuanyao*), escrita por Tomás Pereira, é-lhe anterior, sendo considerado o primeiro livro sobre a teoria da música ocidental. Aliás, uma vez que os títulos dos dois livros em chinês são parecidos, existe muita confusão entre as obras e atribui-se, não raras vezes, a autoria de *Luluzhengyi* igualmente a Tomás Pereira, o que não é correto. Mas existe algum tipo de relação entre as duas obras? Como ter a certeza que Tomás Pereira foi o autor de *Luluzuanyao*?

Na realidade, não existem muitos estudos sobre a *Introdução à Musicologia*, a obra fez parte do acervo da corte durante muito tempo, pelo que o acesso ao livro foi muito limitado. Até 1936, quando o historiador *Wu Xiangxiang* (吴相湘, *wú xiàngxiāng*) o descobriu na *Biblioteca de Beiping* (北平图书馆, *běipíng túshūguǎn*, nome velho de Pequim), onde existiam três versões: uma em chinês, outra em língua *Manchu* e um rascunho em chinês. Se em nenhuma dessas versões consta o nome do autor, porquê que se atribui a autoria a Tomás Pereira? Vários argumentos parecem apoiar esta premissa.

Em primeiro lugar, a versão inglesa da obra *Description Géographique, Historique, Chronologique, Politique et Physique de l'Empire de la Chine et de la Tartaric Chinoise* (中华帝国全志, *zhōnghuádìguóquánzhì*), do francês Du Helde, menciona Tomás Pereira enquanto autor da obra *The Elements of Music*, provavelmente referindo-se à *Introdução à Musicologia*.

Em segundo lugar, o padre francês Louis Pfister (费赖之, *fèilàizhī*), na biografia que faz do jesuíta em *Notices Biographiques et Bibliographiques sur Les Jesuites de l'ancienne Mission de Chine* (在华耶稣会士列传及著述提要, *zàihuáyēsūhuìshì lièzhuànjízhùshùzhāiyào*), refere que ele escreveu *Music Practica et Speculativa* (实用音乐与欣赏音乐, *shíyòngyīnyuèyǔxīnshǎngyīnyuè*), livro que teria sido publicado em Pequim, em chinês, depois traduzido para a língua *Manchu* por ordem imperial. Tanto *The Elements of Music* como *Music Practica et Speculativa* se deviam referir à mesma obra, a saber, *Introdução à Musicologia* e o padre Tomás Pereira seria o autor[156]. Também Joachim Bouvet, numa carta a Luís XIV em 1697, referiu que Pereira compilara um manual de música em chinês para ensinar o imperador. Provavelmente este manual foi *Introdução à Musicologia*, provando que este estaria concluído antes de 1697.

Acrescente-se ainda a informação "Ano 64 de Kangxi" (1707) no final do rascunho da *Introdução à Musicologia*: esta não foi a data de conclusão da obra, mas a de transcrição, portanto a obra era anterior. O rascunho revela também que o principal transcritor foi *Yinzhi* (胤祉, *yìnzhǐ*), filho do imperador, já que ele já estudava música com o padre Teodorico e conhecia a teoria da música ocidental.

Por outro lado, não se encontraram quaisquer livros sobre música ocidental publicados antes 1707, portanto o manual de Tomás Pereira tinha que ser *Luluzuanyao*. Tudo indica que *Luluzuanyao* não só foi a primeira obra sobre teoria da música ocidental, mas também o primeiro e mais importante manual chinês de música ocidental, e que o jesuíta português foi o seu autor[157].

O imperador *Kangxi* era muito diligente, para além de assistir às aulas dos missionários com muita atenção, exigiu que todos os jesuítas registassem os conteúdos das mesmas em papel, a fim de os traduzir para língua manchu. Daí o manual da música, *Introdução à Musicologia*, ter duas versões em chinês e uma em língua manchu. Quando é que Tomás Pereira concluiu e publicou esta obra? Analisando tudo o que foi exposto até aqui,

---

[156] Cf. TAO, Yabing, «As Relações entre as obras Luluzuanyao e Luluzhengyixubian», em *Journal of the Central Conservatory of Music* 4(1991), Pequim, pp. 48-49. Texto original: "《中华帝国全志) 的英译本记有徐日升著有《The elements of music》一书, 该书名译为汉文即可与《律吕纂要》相同而得出结论: "这一书籍出徐日升手笔应该是无疑问的. 《1552年至1773年在华耶稣会士列传及著述提要) 中关于徐日升除了与德理格合著《律吕正义· 续编》外, 还用汉文著作有(*Musica pratica et speculativa*》一书(可译为 《音乐实践与理论) 并奉皇帝之命译成满文的记载 (费氏原著P. 38d、385), 认为所说的汉文音乐著作即是《律吕纂要》."

[157] Cf. *Idem*, *ibidem*, pp. 48-50.

conclui-se que a obra foi publicada entre 1673 (depois da chegada do padre a Pequim) e 1697 (data em que o padre Bouvet enviou a carta ao rei da França), ainda que não seja possível determinar a data exata.

Muitos defendem que a obra terá sido concluída nos primeiros anos do padre na corte porque, sem um manual formal, seria difícil explicar sistematicamente a teoria da música ocidental a *Kangxi*. Por outro lado, uma vez que esta obra não foi editada para o público, circulando apenas na corte, escasseiam registos sobre a mesma. Além disso, talvez não fosse o padre a batizar a obra de *Luluzuanyao* (*Introdução à Musicologia*), mas o príncipe *Yunzhi*, quando a traduziu[158].

No período do imperador *Qianlong*, o ministro *Ji Yun* (纪昀, *jì yún*) compilou *Siku Quanshu* (*Biblioteca Completa em Quatro Partes*, 四库全书, *sìkùquánshū*), que continha muitas obras clássicas famosas, incluindo *Luluzuanyao* (*Introdução à Musicologia*) e *Luluzhengyi* (*Explicações da Música*). O catálogo anotado de *Siku Quanshu* afirma que *Luluzuanyao* era um excerto de *Luluzhangyi*, mas esta afirmação não é correta, porque *Luluzuanyao* foi concluída antes.

Luluzhengyi tem quatro partes - Primeira Parte (上, *shàng*), Segunda Parte (下, *xià*), Continuação (续编, *xùbiān*) e Pós-edição (后编, *hòubiān*) - a compilação de *Xubian* tomou por referência *Luluzuanyao*, mas não se pode dizer que seja um mero excerto dele, porque os conteúdos são muito diferentes. Aliás, *Xubian* contém muitas coisas que *Luluzuanyao* não tem, porque tomou também por referência a obra musical de Teodorico Pedrini[159]. Refira-se, por fim, um parágrafo na introdução de *Luluzhengyi Xubian*:

> "…Desde a fundação do nosso país, o território ficava cada vez maior, muitos estrangeiros foram para ali pela admiração à China. Tomás Pereira foi um deles, que veio de Portugal do Ocidente, ele foi perito em música… O seu livro tem dois elementos principais… Mais tarde, o italiano Teodorico foi para a China, que também foi proficiente em música, a sua teoria da música tinha a mesma raiz da teoria de Tomás Pereira…"[160]

[158] Cf. *Idem, ibidem.*
[159] Cf. *Idem, ibidem.*
[160] Cf. *Idem, ibidem.*

Em conclusão, além dos testemunhos ocidentais, vários documentos chineses provam que Tomás Pereira foi o autor de *Luluzuanyao*, o primeiro manual chinês de música ocidental. Já *Luluzhengyi*, a mais importante obra sobre música na dinastia *Qing*, usou *Luluzuanyao* como principal referência, o que demonstra o grande contributo de Pereira nesta matéria. Na verdade, sendo difícil compreender os conceitos musicais, sobretudo para alguém que não era especialista em música, o padre tentou usar frases elementares, de forma a simplificar complexos conceitos musicais. Desde então, a música chinesa foi influenciada pela técnica ocidental, por exemplo, alguns autores passaram a utilizar a notação musical apresentada por Tomás Pereira em *Luluzuanyao* para compor[161].

A música chinesa tem uma teoria própria, sendo abundante a bibliografia acerca do assunto. A lista inclui *Registos do Historiador* (史记, *shǐjì*), uma obra muito famosa na China, escrita por *Sima Qian* (司马迁, *sīmǎ qiān*) entre 109 a.C. e 91 a.C.[162], com duas partes sobre a teoria musical da China: *Livro da Música* (乐书, *yuèshū*) e *Livro de Melodia* (律书, *lǜshū*). Outros historiadores seguiram as pisadas de *Sima Qian*, incluindo capítulos sobre a teoria da música nas suas obras[163].

No século XI, o monge e pedagogo musical italiano Guido D'Arezzo (992-1033 d.c.) criou a notação moderna, também conhecida como "notação silábica", utilizando sete sílabas como solfejo, para representar as notas de quaisquer escalas - Ut, Re, Mi, Fa, Sol, La e San – que mais tarde evoluíram para o que conhecemos hoje: Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá e Si[164]. Antes deste método chegar à Ásia, chineses, japoneses, coreanos e vietnamitas usavam a notação *Gongche* (工尺谱, *gōngchěpǔ*) para compor, igualmente um sistema de solfejo, com sete carateres chineses que correspondem às notas e escalas: *Shang* (上, *shàng*), *Che* (尺, *chě*), *Gong* (工, *gōng*), *Fan* (凡, *fán*), *Liu* (六, *liù*), *Wu* (五, *wǔ*) e *Yi* (乙, *yǐ*). Contudo, por existirem muitos dialetos na China, alguns povos utilizavam outros carateres[165].

Antes da notação silábica popularizada por D'Arezzo, a música ocidental recorria já à solmização fazendo a correspondência de letras latinas às notas - C (dó), D (ré), E (mi), F (fá), G (sol), A (lá), B (si) - as notas Dó, Ré, Mi, Sol e Lá são tons, o Fá e o Si são

[161] Cf. ZHANG, Zhao, «Quando a Pauta foi introduzida para a China?», em *People´s Music* 9(1981), Pequim, p. 13.
[162] Fonte: http://forums.civfanatics.com/showthread.php?t=152838, consultado em 12 de julho de 2014.
[163] Cf. DU, Yaxiong e QIN, Dexiang, *A Teoria Musical da China*, Shanghai Conservatory of Music Press, Xangai, 2007, pp. 8-9.
[164] Fonte: http://reflexaoemmusica.blogspot.pt/2009/05/guido-darezzo.html, consultado em 12 de julho de 2014.
[165] Cf. DU, Yaxiong e QIN, Dexiang, *Ob. cit*., pp. 165-166.

semitons[166].

Quadro 1 – Tipos de notação

Solfejo	Sol	Lá	Si	Dó	Ré	Mi	Fá	Sol	Lá	Si
Notação *Gongche*	He 合	Si 四	Yi 一	Shang 上	Che 尺	Gong 工	Fan 凡	Liu 六	Wu 五	Yi 乙
Correspondência à notação musical numerada	5̇	6̇	7̇	1	2	3	4	5	6	7
Nome original em latim	**Sol**ve polluti	**La**bbi reatum	**San**cte loannes	**Ut** queant lexis	**Re**sonar e fibris	**Mi**ra gestorum	**Fa**muli tourum	**Sol**ve polluti	**La**bbi reatum	**San**cte loannes

Uma escala diatónica[167] tem oito notas (dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó), sendo uma oitava o intervalo[168] entre uma nota musical e outra, com a metade ou o dobro da sua frequência[169]. Por outro lado, uma escala cromática tem doze notas com intervalos com semitons[170], isto é, existem cinco semitons entre C e D, D e E, F e G, G e A, A e B, usando-se os acidentes bemol (*b*) e sustenido (♯) para marcar os semitons: ♯C (♭D), ♯D (♭E), ♯F (♭G), ♯G (♭A), e ♯A (♭B).

Já na China, *As Cinco Tonalidades e Doze Escalas de Temperamento Igual*[171] (五音十二律, *wǔyīnshíèrlǜ*) são os elementos básicos da teoria musical. *Os cinco tons* são a solmização da China e usam-se carateres chineses para os representar: *gong* (宫, *gōng*), *shang* (商, *shāng*), *jue* (角, *jué*), *zhi* (徵, *zhǐ*) e *yu* (羽, *yǔ*), correspondentes a Dó, Ré, Mi, Sol e Lá (não há carateres para representar os semitons Fá e Si). Usa-se os *Doze Lu (律 lǜ)* para determinar a altura de tom, isto é, divide-se uma escala em doze intervalos, cada intervalo é um *lǜ* e cada *lǜ* pode ser considerado uma nota com intervalo e semitom. Os seus nomes chineses são: *huangzhong* (黄钟, *huángzhōng*), *dalu* (大吕, *dàlǚ*), *taicu* (太簇, *tàicù*), *jiazhong* (夹钟, *jiāzhōng*), *guxi* (姑洗, *gūxǐ*), *zhonglu* (仲吕, *zhònglǚ*), *ruibin* (蕤宾, *ruíbīn*),

[166] Fonte: www.academiamusical.com.pt/tutoriais/tons-e-semitons/, consultado em 12 de julho de 2014.
[167] A escala diatónica é uma escala de oito notas, com cinco intervalos de tons e dois intervalos de semitons entre as notas. Fonte: https://sites.google.com/site/musicaeteoria/escala-diatonica, consultado em 12 de julho de 2014.
[168] Fonte: https://sites.google.com/site/musicaeteoria/intervalo, consultado em 12 de julho de 2014.
[169] Fonte: http://forum.cifraclub.com.br/forum/3/183667/, consultado em 12 de julho de 2014.
[170] Fonte: www.mundodoviolao.com.br/teoria-musical/escala-cromatica/, consultado em 12 de julho de 2014.
[171] Fonte: www.encyclo.co.uk/define/Sh%C3%AD-%C3%A8r-l%C7%9C, consultado em 12 de julho de 2014.

linzhong (林钟, *línzhōng*), *yize* (夷则, *yízé*), *nanlu* (南吕, *nánlǚ*), *wushe* (无射, *wúshè*) e *yingzhong* (应钟, *yìngzhōng*). De acordo com a teoria *Yin-Yang*[172] do taoísmo (sendo o *Yin* feminino e o *Yang* masculino), os doze *lǜ* dividem-se em seis *Lu-yang* (律, *lǜ*) e seis *Lu-yin* (吕, *lǚ*)[173]. As suas relações serão:

Quadro 2 – Tons e semitons chineses

Doze Lu	Huang zhong	Dalu	Taicu	Jia zhong	Guxi	Zhong lu	Rui bin	Lin zhong	Yize	Nanlu	Wu she	Ying zhong
Lu-yang	√		√		√		√		√		√	
Lu-yin		√		√		√		√		√		√
Solmização	C	#C bD	D	#D bE	E	F	#F bG	G	#G bA	A	#A bB	B
Solmização da China	Gong		Shang		Jue			Zhi		Yu		

Refira-se que esta é uma comparação relativa, porque as alturas dos tons chineses e ocidentais não são absolutamente iguais. Note-se contudo que uma vez que os conceitos da música ocidental eram muito diferentes dos chineses, para uma compreensão mais intuitiva, inseriram-se muitas ilustrações em *Luluzuanyao*. Tomás Pereira introduziu a notação na parte *Introdução à Pauta* (乐用五线说, *yuèyòngwǔxiànshuō*):

> "Deve-se arranjar as notas em cinco linhas, como , se as linhas forem menos de cinco, não chegam para anotar todos os tons; entretanto, não é preciso ultrapassar cinco. Depois de pintar as cinco linhas, marcam-se as notas em cima de uma linha ou no espaço entre as linhas, então, cada linha ou espaço pode representar uma nota. Se os espaços não representarem as notas, só as linhas representarem as notas, necessitam de mais linhas, se for assim, não tem uma boa aparência. Além disso, se utilizar as cinco linhas , é fácil de observar que a terceira linha é a média… No caso de utilizar onze linhas, como , não é fácil procurar a linha média, que é a sexta, sendo a

[172] Yin-Yang são conceitos do taoísmo, que expõem a dualidade de tudo o que existe no universo. Descreve as duas forças fundamentais opostas e complementares, que se encontram em todas as coisas. O "yin" é o princípio feminino, a terra, a passividade, escuridão, e absorção. O "yang" é o princípio masculino, o céu, a luz, atividade, e penetração. Fonte: www.sacredlotus.com/theory/yinyang.cfm, consultado em 12 de julho de 2014.
[173] Cf. DU, Yaxiong e QIN, Dexiang, *Ob. cit*., pp. 140-141.

visualização demasiada complexa...”[174]

Esta obra introduz também a clave de sol: “…(O sinal “Clave de sol”) serve para marcar a zona das tonalidades entre a mais alta e a mais baixa”[175].

 Clave de sol (atual)  Clave de sol (antigo)

Tomás Pereira apresentou também o sistema ocidental de solfejo na sua obra, atribuindo nomes chineses (ou traduzindo foneticamente para chinês) as seis notas: dó - wu (乌, *wū*), ré - le (勒, *lè*), mi - ming (鸣, *míng*), fá - fa (乏, *fá*), sol - shuo (朔, *shuò*), lá - la (拉, *lā*). Porém, o padre não introduziu o “si” na sua obra, utilizando o “fá” em substituição: *“*Entre estas seis notas, de wu a le, é um tom, de le a ming, também é um tom, de ming a fa, ainda é um tom, mas de ming a fa não é igual, é o semitom, de fa a shuo, é um tom, de shuo a la, também é um tom. Entre todas seis notas, só fa é semitom.”

Como referido anteriormente, o solfejo da música chinesa não inclui os semitons (fá e si), portanto Tomás Pereira introduziu também este conceito, na parte *Semitom Fa* (乏半音说, *fábànyīnshuō*), escrevendo que os semitons eram muito importantes porque, sem eles, a música não ficaria sucessiva e melodiosa, portanto *“*colocam-se os semitons fa na escala, para marcar a diferença.*”*[176]

Na notação musical antiga da China não existia também o conceito de compasso. Ou seja, não havia forma alguma de indicar quantitativamente a duração de cada tom. Foi o padre Pereira que apresentou a noção de unidade de tempo, com as ilustrações abaixo apresentadas. Ele descreveu a duração de semibreve como uma “unidade” (度, *dù*), e assim, “… breve  (短形号, *duǎnxínghào*) vale duas unidades, a semibreve  (短之半形号, *duǎnzhībànxínghào*) vale uma unidade, uma mínima  (小形号, *xiǎoxínghào*) vale meia

[174] Texto original: “排乐音需用五线，少则不足以排四声之八音，多则无用，是以制五线为法于五线之每线、每空各排一音，则可以尽八音矣。如不用线空，一音用一线，则线数太多，反觉繁杂难观矣，何则，如用此五线，一览即分第三线为中…若用十一线如下，欲分第六或为中线，必须着意寻数，难于一览即得。”

[175] Texto original: “自始至终高下之形号也。”

[176] Texto original: "故安乏音于八音内而藉以分别矣。"

unidade, a semínima  (小之半形号, *xiǎozhībànxínghào*) vale um quarto de uma unidade, a colcheia  (速形号, *sùxínghào*, i.e., sinal rápido) vale um oitavo de uma unidade, a semicolcheia  (最速形号, *zuìsùxínghào* – sinal rapidíssimo) vale um décimo sexto de uma unidade…"[177]

3.2.1 Breve Reflexão sobre a Influência da Notação Musical Ocidental na China

Embora o nosso trabalho não se enquadre na musicologia, nomeadamente nos aspetos da notação musical, não podemos deixar de refletir um pouco sobre este tema, uma vez que o contributo de Tomás Pereira e os seus contemporâneos jesuítas na introdução da ciência musical na China é considerado pioneiro. Para tal, impõe-se uma pequena apresentação sobre a tradição chinesa da arte musical, sobretudo no seu ensino e registo.



Se a teoria da música ocidental é regular, já na música chinesa não existe uma teoria unificada, onde o uso faz o hábito. Anteriormente, os chineses cantavam e tocavam sobretudo através do ensino oral. Através da notação *Gongche* era difícil mostrar exatamente o andamento, tempo, compasso e modo musical. Compare-se a música tradicional *Pavilhão de Peónia* (牡丹亭, *mǔdāntíng*), em diferentes notações.

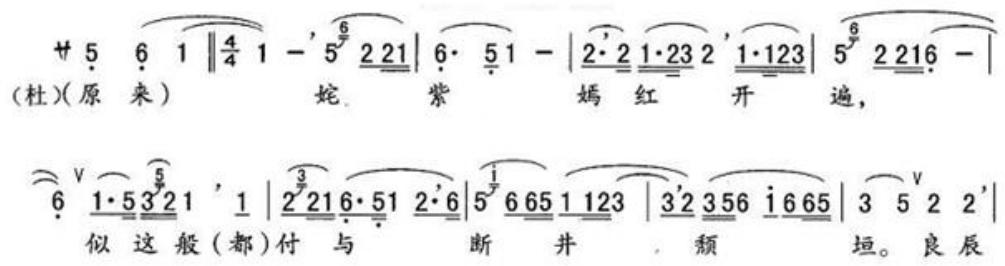
[177] Texto original: "短形号取属音即准二度，短之半形号取属音即准一度，小形号取属音即准半度，小之半形号取属音即准四分度，速形号取属音即准八分度，最速形号取属音即准十六分度之一。"



Acima, pode observar-se a *Gongche Notação* do *Pavilhão de Peónia*. Os carateres grandes são letras da música, à direita destes carateres existem muitos outros, pequenos (como 上, 尺, 六, etc.), que são os solfejos da canção. Além disso, ao lado dos solfejos, há muitos sinais, como "∆" e "○", para apresentar a duração das notas.



Acima, vê-se a pauta musical da mesma canção. Atualmente, a pauta é a notação comum em todo o mundo e, visto que a teoria musical do Ocidente torna as composições mais regulares e claras, todos os chineses a estudam na escola primária e secundária.



Apresenta-se, por fim, a notação musical numérica da *Pavilhão de Peónia*. Atualmente, os chineses utilizam-na para cantar ou tocar instrumentos chineses, porque esta notação é mais fácil de estudar e conhecer. Constata-se que a *Gongche Notação* é complicada, dificultando a leitura das composições, e serve unicamente para cantar, para a parte instrumental é necessário consultar a *Jianzi Notação* (减字谱, *jiǎnzìpǔ*) ou outras notações tradicionais da China, igualmente complicadas. Pelo contrário, a notação ocidental é mais regular, mais fácil de ler e estudar, e a pauta musical serve para cantar e também para tocar, sendo de utilização muito conveniente.

Assim, devemos agradecer ao iluminante da música moderna, o padre Tomás Pereira, que ocupa um lugar de destaque na história da música da China. Ele não só foi perito nos instrumentos ocidentais e orientais, mas também introduziu a música moderna no país que o acolheu. A música faz parte do intercâmbio cultural e, atualmente, a teoria musical ocidental é muito comum na China. Entretanto, os chineses não deixam a música tradicional, isto é, adicionam elementos ocidentais às composições chinesas, pelo que a música mantém as suas caraterísticas próprias, ao mesmo tempo que fica mais rigorosa. Por exemplo, a pauta musical substituiu a *Gongche Notação* e os estudantes da música tradicional chinesa também estudam a teoria da música ocidental. Para além disso, os estrangeiros podem cantar ou executar as músicas chinesas através das pautas.

Ressalve-se que temos pouco talento e sabedoria sobre teoria da música, pelo que nos falta capacidade para analisar com rigor a obra *Luluzuanyao*. Acreditamos no entanto que Tomás Pereira foi metódico e que os conteúdos da obra são detalhados e bem organizados, apesar de não adaptados a leigos, já que contém conceitos complexos. O padre Pereira tentou utilizar a musicologia chinesa para explicar a teoria ocidental, portanto quem fosse letrado na primeira, aprenderia as técnicas ocidentais mais rapidamente.

Em suma, o padre Tomás Pereira não só contribuiu muito para a diplomacia e evangelização, mas também trouxe a música ocidental para a China. Atualmente, a teoria da música ocidental tem bastante relevo no país, porque é também adaptável à música chinesa, pelo que importa relembrar o papel de Tomás Pereira neste contexto.

4. A influência de Tomás Pereira como diplomata da Corte Imperial

Apesar da pacificação da *Revolução dos Três Feudos* e da reconquista da ilha de Taiwan, instabilidade política mantinha-se com *Zunghar Khanate*, um forte império nómada da zona oeste, a ameaçar a segurança da China. Para além disso, o czar da Rússia expandia-se para Oriente e, após anexar a Sibéria, estava gradualmente mais perto da fronteira, sendo inevitável o conflito. A Companhia de Jesus desempenhou um papel preponderante na resolução desses conflitos, com os jesuítas da corte de Pequim a participarem na mediação entre os dois países. Sendo Tomás Pereira fluente em chinês e latim foi escolhido como tradutor, juntamente com o padre Jean-François Gerbillon, auxiliando os ministros *Songgotu* (索尔图, *suǒétú*) e *Tongguogang* a negociar o *Tratado Sino-Russo de Nerchinsk* (尼布楚条约, *níbùchǔ tiáoyuē*). A assinatura deste tratado foi a maior consecução na vida diplomática de Tomás Pereira.

O jesuíta registou as circunstâncias concretas desta assinatura nos seus diários e, através destes, podemos analisar as relações entre a China e a Rússia de um ponto de vista mais objetivo. Porquê que a Companhia de Jesus interveio nas relações sino-russas e porque foi Tomás Pereira escolhido como tradutor? Tentaremos, ao longo desta alínea, responder a estas questões pertinentes.

4.1 O contexto histórico do Tratado Sino-Russo de Nerchinsk

O Principado de Moscovo começou por ser um pequeno país sem costa marítima. Com o tempo e a conquista de muitos ducados próximos, transformou-se no império da Rússia, mantendo a sua ambição expansionista. Ao contrário das potências europeias, que desde o século XV se expandiam por via marítima, a Rússia apostou numa expansão terrestre e no século XVII, o seu imenso território estendia-se até ao oceano Ártico e ao mar Báltico. Carecia, no entanto, de portos descongelados favoráveis à navegação, pelo que o perfeito sistema fluvial na Sibéria foi-lhe útil. Por outro lado, a zona da Sibéria possuía muitos recursos naturais, como ouro e prata, e também as zibelinas, cujas peles constituíram

uma mercadoria fundamental[178].

Já anteriormente os russos procuraram expandir-se para Oriente, mas os montes Urais, que atualmente demarcam a fronteira entre a Europa e a Ásia, serviram de barreira natural. Até que o comerciante Anika Strogonov, que se dedicava ao negócio de peles, promoveu várias expedições nessa direção. Em 1558, o imperador Ivan IV permitiu que a família de *Strogonov* dominasse os territórios ao longo do rio *Kama*, a sul dos montes Urais, abrindo assim o caminho para Oriente. Ao mesmo tempo, o uzbeque *Kuchum Khan* conquistou a zona *Sibir* (que deu origem ao nome Sibéria) e, embora aceitasse o domínio russo, em 1569 incitou os habitantes a lutarem e assaltou os russos em 1573. Face a este cenário, o imperador ordenou à família Strogonov a formação de um exército, recrutando cossacos para lutar contra *Kuchum Khan*, sob a liderança de *Yermak* (*Vasili Timofeevich Olenim*)[179].

Os cossacos ajudaram Ivan IV a conquistar Cazã e Astracã, estabelecendo-se posteriormente no delta do Volga, de onde atacavam regularmente as caravanas. Portanto, o mesmo imperador que os apoiou, enviou o exército para os enfrentar em 1557. De seguida, sob a liderança de Yermak, cerca de 540 cossacos chegaram à residência de *Maxim Strogonov*, que os recrutou e os enviou para a Sibéria. Yermak iniciou esta expedição em 1578, vencendo *Kuchum Khan* em 1581 e conquistando as zonas dos rios *Tura*, *Tobel* e *Irtysh*. Enquanto ele e a sua força de cossacos permaneceu na Sibéria, os tártaros ali obedeceram ao domínio russo. Mais tarde, e apesar do apoio do imperador, o exército de *Yermak* foi vencido pelos tártaros, e ele morreu em 1584. Finalmente, os cossacos saíram da Sibéria e o príncipe mongol *Fedjidsak* tomou estes territórios, mas não por muito tempo, dado que o exército russo controlava o melhor caminho para entrar na Sibéria, e acabou por vencer os mongóis[180].

Na realidade, o exército de Moscovo limitara-se, até ali, a saquear as tribos autóctones, não assumindo o domínio efetivo da região. Contudo, mudaria a sua estratégia na Sibéria, construindo casamatas em lugares fortificados para controlar o território e resistir aos constantes assaltos. Como resultado, a Rússia conquistou o oeste da Sibéria em apenas

[178] Cf. SEBBES, Joseph, *Ob. cit.*, pp. 17-18.
[179] *Idem*, *ibidem*, pp. 20-22.
[180] Cf. *Idem*, *ibidem*, pp. 20-24.

15 anos e, em 1636, chegou ao mar de *Okhotsk* no extremo Oriente[181]. Instalaram-se também igrejas ortodoxas nas terras ocupadas, o que muito contribuiu para a evangelização e a pacificação destes lugares, bem como para a defesa dos direitos do povo.

Em 1652, construiu-se *Irkutsk*, na bacia do rio Lena (atualmente o centro da Sibéria), e quando os buriates se submeteram ao domínio da Rússia, em 1655, os russos apontaram para a zona do rio Amur (黑龙江, *hēilóngjiāng*), já em território chinês[182]. Os russos fizeram sucessivas tentativas para invadir a região, mas foram sempre vencidos pelos exércitos chineses que, dado o isolamento da zona, se retiravam imediatamente após as vitórias, incitando ao regresso dos russos e criando um ciclo vicioso de conflitos e batalhas.

Os russos souberam daquela bacia através dos cossacos, que estabeleceram uma fortaleza em 1639 perto da foz do rio *Ulya*. Para além das narrativas contadas pelos habitantes da região de *Ulya*, chegavam aos ouvidos dos cossacos, em *Vytim*, "estórias" de um príncipe de seu nome *Lavkai* que fazia comércio com a China e que se instalara na bacia do rio *Urka*, onde se dizia existir minas de prata, cobre e chumbo. Quando o chefe de *Iakutsk*, Petrovich Golovin, e o chefe de *Eniseisk*, Afanasei, ouviram as referidas notícias, decidiram explorar a região. O primeiro enviou uma expedição sem sucesso e, logo depois, o seu subordinado Poyarkov capitaneou outra campanha de 132 pessoas, que partiu de *Iakutsk* em 15 de julho de 1643 para o mesmo destino. Chegados à foz do rio *Songhua* (松花江, *sōnghuājiāng*) no fim desse ano, *Poyarkov* enviou 23 batedores que foram mortos pelos *Jurchens*, que moravam nas proximidades. Seis semanas depois, Poyarkov e os seus homens chegaram finalmente à foz do rio Amur[183]. O território abrangido pela expedição de *Poyarkov* era habitado pelos *Tungus* (通古斯, *tōnggǔsī*) que incluíam as etnias de *Jurchens*, *Daur* (达斡尔, *dáwòěr*), *Nanai* (*Acham*, 赫哲, *hèzhé*), *Oroqen* (鄂伦春, *èlúnchūn*), *Evenkis* (鄂温克, *èwēnkè*), entre outras[184].

Quando Poyarkov regressou a *Iakutsk*, em 12 de julho de 1646, registou toda a viagem. Nos seus relatos, o russo afirmava ser possível desenvolver a agricultura e o comércio de peles naquela zona. Defendia também que 300 soldados bastariam para

[181] Cf. fonte: http://cul.cn.yahoo.com/t/ypen/20120930/1341346.html, consultado em 18 de novembro de 2012.
[182] Cf. SEBBES, Joseph, *Ob. cit.*, pp. 22-30.
[183] Cf. *Idem*, *ibidem*, pp. 30-32.
[184] Cf. WULISI, Weirong, «Daur e a Batalha de Albuzin», em *Theoretic Observation* 4(1986), Qiqihar, p. 79.

controlar aquela terra, através de três fortalezas nas terras dos *Daur* e dos *Jurchens*. Cada fortaleza seria defendida por 50 soldados, e os restantes 150 constituiriam uma força móvel. Isto suscitou o interesse da Rússia pela zona do Amur e, em 1649, com a permissão de *Dimitri* (o novo chefe de *Iakutsk*), o comerciante *Khabarov* dirigiu uma nova expedição.

Esta acabaria por ocupar a região de *Daur* em 1651, apesar da força militar enviada pelo imperador *Shunzhi*. Um ano depois, os russos continuavam a ocupar várias aldeias de *Jurchens* e de *Nanai* em redor do rio *Songhua*, pelo que o imperador *Shunzhi* enviou mais de dois mil soldados para os expulsar. O confronto deu-se a 24 de março desse ano, saindo a tropa de *Qing* derrotada. Apesar da vitória, os russos retiraram-se em abril, devido à escassez de recursos da região[185].

Khabarov achou que tinha capacidade para conquistar o rio Amur porém, chegados ao destino, 136 soldados de um total de 348 desertaram. Então, o czar enviou um reforço de três mil soldados, que se reuniram ao exército em agosto de 1652. Enquanto *Khabarov* (cujo nome deu origem, no século XIX, à cidade *Khabarovsk*, perto do rio Amur) se deslocava a Moscovo, no sentido de relatar a situação da região ao czar, Stepanov assumia o comando das tropas e uma embaixada de cinco pessoas, liderada por *Chechigin*, dirigia-se para Pequim.

Na primavera de 1655, um exército com mais de dez mil soldados enviado por *Qing* não conseguiu vencer a força russa, de apenas 500 homens. Mais tarde, os habitantes das bacias dos rios Amur e *Songhua* abandonaram as suas terras, deixando a força russa sem alimentos, o que seria determinante para a derrota que sofreu face ao exército chinês, no rio *Songhua*. De facto, o czar enviara ordens no sentido de evitar mais conflitos, mas a demora da missiva culminou nesta batalha e marcou o fim da invasão russa de *Iakutsk* na bacia do rio Amur[186].

Paralelamente, *Beketov* liderou uma outra expedição ao rio Amur, partindo de *Eniseisk* em junho de 1652, sob as ordens do chefe Pashkov. Nos primeiros anos, a sua campanha não foi bem-sucedida - aliás, na primavera de 1654, encontrou Stepanov - contudo, ele não desistiu do seu objetivo e, em julho de 1656, tomou posse como primeiro comandante dos exércitos russos no rio Amur, liderando outra expedição desde *Eniseisk*. Na

[185] Cf. SEBBES, Joseph, *Ob. cit.*, pp. 31-33.
[186] Cf. *Idem*, *ibidem*, pp. 33-36.

primavera de 1658, chegou ao rio *Shilka* e orientou a construção da cidade de *Nerchinsk* na margem. Devido à falta de mão de obra, enviou uma comitiva a Stepanov solicitando 100 trabalhadores. Infelizmente, Stepanov morrera na batalha atrás referida, e apenas 17 sobreviventes se juntaram a Pashkov, corria o ano de 1661[187].

Pashkov regressou a *Eniseisk* no ano seguinte, deixando um pequeno grupo de soldados em *Nerchinsk* que, sob a liderança de Tolbuzin, se transformaria num importante centro militar, entre a China e a Rússia.

Em 1669, os russos construíram a cidade de *Albazino* (雅克萨*, yǎkèsà*) no curso superior do rio Amur, que seria palco da famosa *Batalha de Albazino* (1685-1688), considerada a primeira guerra formal entre a China e a Rússia e que culminaria no *Tratado de Nerchinsk*[188].

Desde a antiguidade que as etnias nómadas do norte da China, como os turcos e hunos, constituíam uma ameaça. Assim, cada novo governo destacava forças significativas para as fronteiras, para assegurar a segurança do país. De modo divergente, o nordeste da China era escassamente povoado e mais distante da capital, pelo que as defesas ali não eram tão fortes nem a fronteira tão demarcada.

No século XIII, *Gengis Khan* conquistou toda a China e estabeleceu o império Mongol (dinastia *Yuan*, 元, *yuán*) que, embora tenha entrado em colapso no século XIV, manteve uma força considerável, evitando a conquista da Mongólia pelo governo de *Ming*. Antes de dominarem a China, os *manchu* tinham boas relações com os mongóis, membros das duas etnias desposavam-se, a própria mãe do imperador *Shunzhi* era mongol[189]. Quando os *manchu* assumiram o governo, o oriente da Mongólia foi submetido, mas persistiram muitos conflitos com as tribos locais. Concomitantemente alguns mongóis criaram o país nómada *Zunghar Khanate* na zona ocidental que, com o tempo, se fortaleceu e ameaçou o imperador[190].

Na China diz-se que: *quem quiser resistir à agressão estrangeira, precisa de resolver os problemas internos primeiro*. Apesar dos ataques russos à bacia do rio Amur desde

[187] Cf. *Idem, ibidem*.
[188] Cf. *Idem, ibidem*, pp. 36- 37.
[189] Cf. NIE, Xiaoling, «A Relação Política entre Mongólia e Manchúria no período inicial e a Rainha Xiaozhuang», em *Heilongjiang National Series* 1(2011), Harbin, pp. 92- 96.
[190] Cf. SEBBES, Joseph, *Ob. cit*., pp. 37-39.

meados do século XVII, quer o imperador *Shunzhi*, quer o seu filho *Kangxi*, prestaram maior atenção às guerras internas. Só depois de assumir o domínio de Taiwan em 1683, o império focou a atenção em *Zunghar* e na Rússia, com quem mantinha relações muito instáveis.

Galdan Boshugtu Khan conquistou *Zunghar* na década de 70 e, aparentemente, mantinha boas relações com a Rússia, mas nunca deixou de reforçar as suas fronteiras, no sentido de prevenir uma possível invasão. Por seu lado, a Rússia instigava *Galdan* a lutar contra a China mas, na década de 80, ele não cedera ainda à pressão, e viria mesmo a influenciar a assinatura do *Tratado de Nerchinsk*. Por seu lado, *Kangxi* tinha medo que a Rússia e *Zunghar* se aliassem contra a China, o que o terá levado a prescindir de algumas vantagens no referido tratado[191].

De acordo com o *Retrato do Imperador Kangxi* (清世祖实录, *qīngshìzǔshílù*), durante uma visita à sua terra natal, no nordeste da China, o imperador terá revelado a sua suspeita em relação à Rússia: "Embora os russos digam que se renderam, temos que prestar atenção à defesa, treinar soldados e cavalos e preparar as armas, evitando cair na cilada"[192]. O nordeste era um reduto dos *manchu* e o imperador não podia suportar uma invasão à sua terra natal. Assim, *Kangxi* determinou que expulsaria os russos primeiro, colocando de lado, ainda que temporariamente, o problema de *Galdan*. Em 1682, o imperador rumou ao nordeste, para implementar uma estratégia tripla contra a Rússia: contenção militar, negociações de paz e reforço da defesa fronteiriça.

Em primeiro lugar, o exército de *Qing* estabeleceu duas fortalezas, em *Aigun* (瑷珲, *àihuī*) e *Humar* (呼玛尔, *hūmǎěr*), reforçando a fronteira com a Rússia junto do rio Amur[193]. O imperador considerou também o problema da alimentação. As políticas de desenvolvimento agrícola tinham resultado, pelo que havia relativa abundância naquela altura. No entanto, o transporte de alimentos por via terrestre ficava oneroso, optando-se por isso pelo caminho fluvial. Conquanto o exército tivesse cerca de 80 grandes navios, que serviam para transportar alimentos e armadas, estes não eram viáveis nos combates, portanto construíram-se 56 navios menores para fins militares. Por outro lado, criaram-se 19 postos ao longo das margens do rio, a fim de reforçar as comunicações. Finalmente, o exército

[191] Cf. MA, Manli, «As Relações entre Galdan e a Rússia», em *Inner Mongolia Social Sciences* 8 (1980), Hohhot, pp. 75 e 78.
[192] ZHANG, Danhui, «As coisas sobre a Batalha Albazin no início da Dinastia Qing», em *Publicação Cultural* 1(2008), Shenyang, p. 86.
[193] Cf. *Idem*, *ibidem*, pp. 86-87.

chinês exterminou todos os invasores russos do curso inferior e médio do rio Amur[194].

Anteriormente, o governo chinês enviara embaixadores a *Albazino* (em 1661 e 1669) e recebera emissários russos, mas não obteve resultados satisfatórios, com os russos a fazerem exigências desmesuradas, nomeadamente que a China pagasse um tributo à Rússia sobre todos os produtos preciosos, como as sedas e pratas. Ora o império de *Kangxi* detinha uma posição muito forte na Ásia, quase todos os países vizinhos, nomeadamente a Coreia e o Vietname, lhe pagavam um tributo anual. Pese embora os conflitos com *Xiongnu* e os povos turcos, também eles pagavam impostos em épocas de paz. Aliás, nenhum Estado ousara até então exigir o pagamento de um tributo à China.

Obviamente que *Kangxi*, enquanto líder da maior potência do mundo, não poderia admitir aquelas condições. Aliás, os russos tinham consciência de que os seus termos não seriam aceites, sobretudo numa altura em que o imperador lutava contra os reis dos *Três Feudos*. Possivelmente, o seu objetivo seria inquirir sobre a força militar da China, no sentido de superar as forças chinesas e reconquistar *Albazino*. Em fevereiro de 1685, o imperador decidiu reconquistar aquela cidade e outros lugares ocupados pelos russos, conflito que ficou conhecido na História como *Batalha de Albazino*. As suas intenções ficaram registadas no *Retrato do Imperador Kangxi*:

> "A guerra não é uma coisa boa, mas vejo-me obrigado a desencadear esta guerra. A Rússia invadiu as nossas fronteiras sem motivos, e recrutou os nossos fugitivos, introduziu-se no nosso país, perturbando lugares como *Solon* (索伦, *suǒlún*), *Nanai*, *Feiyaka* (飞牙喀, *fēiyákā*) e *Qiler* (齐勒尔, *qílèěr*), a paz nas fronteiras era perturbada diariamente; os russos saqueavam os habitantes, arrebatavam as aldeias, e roubavam as peles de zibelinas, cometendo todo o tipo de maldades. Já mandei pessoas advertirem-nos muitas vezes, mas quando os embaixadores regressaram, disseram-me que os russos não obedeceram ao meu aviso, pelo contrário, entraram em *Nanai* e *Feiyaka*, os habitantes sofriam muitas perturbações. Então, sou obrigado a enviar tropas para o rio Amur, que impedirão o seu caminho, porque os russos não deixaram de saquear e não enviaram os fugitivos de volta. Temos de destruí-los.[195]"

[194] Cf. *Idem, ibidem*, pp. 87 e 89.
[195] *Idem, ibidem*, p. 89.

A 17 de março do mesmo ano (no calendário chinês), *Kangxi* enviou uma nova mensagem ao czar, expressando a sua vontade de estabelecer relações pacíficas com a Rússia mas, não recebendo qualquer resposta, enviou três mil soldados para *Albazino* sublinhando que o objetivo desta guerra era a reconquista das terras ocupadas, pelo que seria de evitar mortes desnecessárias.

Em 22 de maio, o exército de *Qing* chegou aos arrabaldes de *Albazino*, enviando aos russos uma última carta em língua *manchu*, russo e latim, exigindo uma retirada. A recusa tornou o confronto inevitável e, poucos dias depois, incapaz de resistir aos ataques, a força russa anunciou a rendição. Mais de 700 soldados foram conduzidos à foz do rio *Argun*, para regressarem ao seu país. A vitória da China fora completa[196].

O exército chinês, no entanto, deixou *Albazino* desguarnecida, dando oportunidade a um contra-ataque. De facto, os russos refugiaram-se em *Nerchinsk* depois da batalha e, quando souberam que o inimigo já se retirara, reocuparam a povoação em julho de 1685. Em fevereiro do ano seguinte, quando *Kangxi* teve conhecimento do facto, enviou dois mil soldados, ordenando não só a reconquista de *Albazino* como também uma ofensiva imediata até *Nerchinsk*, que se devia guarnecer. O exército devia contudo abster-se de destruir a cidade e os campos circundantes, por forma a utilizar as suas colheitas como soldo do exército chinês[197].

Em maio, o exército de *Qing* chegou às portas de *Albazino*, intimando os russos a renderem-se; em julho conseguiu controlar o curso superior do rio, impedindo quaisquer reforços de *Nerchinsk*. Todavia, esta batalha não foi tão favorável como a anterior. Durante o ano de ocupação, os russos estabeleceram uma fortaleza ali, com celeiro, armazém de pólvora e armas, tendo assim os recursos necessários para uma longa resistência. Some-se ainda o facto de, pese embora a superioridade numérica do exército chinês, as suas armas não serem tão avançadas como as da Rússia: usavam ainda armas brancas, como a lança, o arco e a flecha, possuindo apenas 50 mosquetes. O exército de *Qing* assumiu assim uma estratégia de guerra prolongada, cercando *Albazino*[198].

Naquele período, o embaixador da Holanda esteve em Pequim e, procurando uma

[196] Cf. *Idem*, *ibidem*, pp. 89-90.
[197] Cf. *Idem*, *ibidem*, p. 90.
[198] Cf. *Idem*, *ibidem*, pp. 90-91.

solução pacífica para o problema sino-russo, *Kangxi* pediu-lhe que entregasse uma carta ao czar. A maior parte dos soldados russos morrera durante o cerco, restando cerca de 150 pessoas, pelo que a Rússia foi obrigada a aceitar a sugestão do imperador. Em setembro de 1686, os embaixadores Venyukov e Favorov entregaram uma carta do czar, manifestando a vontade da Rússia de resolver o conflito através da diplomacia. O embaixador russo responsável pelas negociações chegou à China (Golovin) no ano seguinte, e *Kangxi* decidiu terminar o cerco, oferecendo alimentos e cuidados médicos aos sobreviventes.

De facto, o exército de *Qing* tinha capacidade para reconquistar *Albazino*, mas *Kangxi* queria manter boas relações com a Rússia, portanto desistiu da soberania ali[199].

4.2 A Companhia de Jesus e a assinatura do Tratado de Nerchinsk

O dilema fronteiriço entre a China e a Rússia permanecia, motivando negociações entre os dois países, um processo que se revelou longo e difícil. Superando as dificuldades e controvérsias, o *Tratado de Nerchinsk* entrou finalmente em vigor em 1689. Desde então, a fronteira na bacia do rio Amur ficou bem definida e os nativos deixaram de temer constantes conflitos entre os dois países, até que o império russo invadiu novamente o nordeste da China, já no século XIX[200].

Já se referiu que a Igreja Ortodoxa contribuiu bastante para a expansão russa na Sibéria. Antes da sua presença, os nativos eram considerados hereges mas, se o baixo nível de educação dos habitantes dificultou a evangelização ali, aos poucos os missionários "ganharam" a Sibéria. Contudo, uma outra força religiosa que não a Igreja Ortodoxa foi determinante para a assinatura do *Tratado Sino-Russo de Nerchinsk*: a Companhia de Jesus.

Os missionários na corte de *Kangxi* não tinham poderes para intervir em assuntos nacionais e internacionais. Nesta situação específica porém, os jesuítas desempenharam um importante papel, alguns historiadores sugerem que eles não foram meros tradutores, mas verdadeiros intermediários e inspiradores do tratado. Outra corrente defende, pelo contrário, que eles foram conspiradores. Independentemente da verdade dos factos, o imperador *Kangxi* revelou uma maior tolerância para com o trabalho de evangelização na China como

[199] Cf. *Idem, ibidem*, p. 91.
[200] Cf. SEBBES, Joseph, *Ob. cit.*, pp.89-90.

agradecimento pela intervenção dos jesuítas[201].

4.2.1 O caminho terrestre do Evangelho

Os esforços dos jesuítas nas conversações com a Rússia poderiam ter um objetivo mais profundo: promover as missões no Oriente, sendo o apoio da Rússia favorável à Companhia de Jesus neste contexto.

Em 1676, quando o czar Aleixo I enviou *Spathar* a Pequim, os jesuítas participaram já nas negociações. O padre Verbiest não desperdiçou a oportunidade e disse ao emissário que queria servir o czar, para benefício da Companhia de Jesus. Como é sabido, a maior parte dos jesuítas chegou ao Oriente por via marítima, o que pressupunha muitas dificuldades, longos percursos e gastos. Matteo Ricci procurou um caminho terrestre mais conveniente até à China, mas sem grande sucesso. Em dezembro de 1663, o Papa Clemente permitiu que os jesuítas tomassem caminhos terrestres para Oriente, ao invés de zarparem de Lisboa. Também ele ansiava por um novo caminho desde a China ao centro da Europa, o que obrigava a atravessar a Sibéria e exigia a boa vontade dos governantes russos[202].

Verbiest conseguiu estabelecer uma boa relação com o embaixador Spathar, aquando a sua visita, procurando causar uma boa impressão através de muitos favores. Por exemplo, o czar exigiu-lhe uma carta que provasse a sua presença em Pequim, mas o governo chinês recusou este pedido. O padre ajudou-o a escrever esta carta, referindo os conteúdos discutidos e também a disponibilidade dos jesuítas na China para servirem o czar. Contudo, Aleixo I morreria durante a viagem de regresso do seu embaixador e o czar Teodoro III, que lhe sucedeu no trono, não respondeu ao jesuíta[203]. Embora Verbiest não alcançasse grandes resultados com este primeiro contacto, viria ainda a desempenhar um importante papel para as evangelizações católicas.

Em 1684, o jesuíta italiano Charles Maurice Vota e os seus colegas estabeleceram uma residência jesuíta em Moscovo, possibilitando a abertura de um caminho via Sibéria. Entretanto, a pedido de Verbiest, Luís XIV enviou um novo grupo de jesuítas para a China.

[201] Cf. *Idem, ibidem*, pp. 89-91.
[202] Cf. *Idem, ibidem.*, pp. 91-107.
[203] Cf. *Idem, ibidem*, pp. 107-108.

O grupo incluiu Luís Barnabé e Philip Avril, que decidiram seguir o caminho terrestre, conhecedores que eram das dificuldades da travessia por mar: mais de 600 jesuítas tinham já partido em direção à China e apenas 100 chegaram ao destino, morrendo os restantes pelo caminho, devido a naufrágios ou doença. Avril procurou uma rota mais segura por terra, partindo em 1686 e chegando no ano seguinte à residência em Moscovo[204].

Porém, a situação ali era precária. Em setembro de 1685, o embaixador chinês chegou a Moscovo com uma proposta de tréguas dirigida ao czar, traduzida para o latim pelos jesuítas em Pequim. Os russos acharam que esta proposta fora mal traduzida, dado que não contemplava quaisquer benefícios para a Rússia, e atribuíram a culpa à Companhia de Jesus, incluindo os membros de Moscovo. Para além disso, a China e a Rússia tinham conflitos no leste da Sibéria, e uma vez que os russos negociavam peles dali, temiam espionagem por parte dos jesuítas. Por isso, quando o padre Barnabé pediu ao governo russo permissão para atravessar a Sibéria, foi-lhe recusado. Mais tarde, sabendo de uma embaixada da China (um grupo de comerciantes mongóis) que se preparava para regressar a casa, procuraram segui-los para Oriente para estudarem com atenção as alternativas terrestres. Todavia, uma vez mais, o governo da Rússia não autorizou a travessia[205].

Em dezembro de 1686, o rei da Polónia *Sobiesky* assinou o *Tratado de Grzymultowsky* com a Rússia, onde se determinava que: "os mensageiros do Evangelho terão livre passagem através dos territórios moscovitas no seu caminho para a China." Mas, no mesmo artigo, existia uma explicação complementar, definindo que os viajantes que quisessem atravessar a Sibéria teriam de possuir passaporte polaco.

A pedido do padre Avril, o rei polaco aconselhou o czar a ser tolerante, por sua vez, o governo russo exigiu aos jesuítas franceses uma autorização de França e outros documentos para atravessarem a Sibéria. O padre Barnabé foi para França a fim de obter estes documentos, concomitantemente, Verbiest pediu ao rei que enviasse mais jesuítas para a China pelo caminho terrestre, então, o padre Avril realizou a sua viagem com dois jesuítas polacos e mais dois franceses. Mais tarde, ele encontrou o embaixador polaco na Pérsia, o Conde *Syri Zigorski*, que manifestou vontade de o acompanhar até à China[206].

[204] Cf. *Idem, ibidem*, pp. 108-109.
[205] Cf. *Idem, ibidem*, pp. 109-110.
[206] Cf. *Idem, ibidem*, pp. 110-111.

A viagem revelar-se-ia muito atribulada. Primeiro, o padre Barnabé e o outro sacerdote francês morreram no mar Báltico. Depois, os jesuítas franceses e polacos determinaram encontrar-se, em setembro de 1688, na fronteira entre a Polónia e a Rússia, mas um dos polacos desapareceu antes da partida. Avril tinha de regressar a *Wilna* para comunicar este desaparecimento, mas o Conde *Zigorski* não quis esperar, e partiu sozinho. Por fim, os jesuítas polacos conseguiram atravessar a Sibéria mas o padre Avril não: apesar de possuir todos os documentos exigidos, os russos não autorizaram a sua passagem. E mesmo os jesuítas polacos que atravessaram a Sibéria nunca chegaram à China.

Apesar deste fracasso, a Companhia de Jesus não desistiu de descobrir um caminho terrestre entre a Europa e a China, que tornaria as missões da Companhia mais convenientes e bem-sucedidas[207].

O italiano Philip Grimaldi (闵明我, *mǐnmíngwǒ*) fez uma nova tentativa quando, em 1686, *Kangxi* o enviou como embaixador a Roma e Moscovo. O imperador esperava que ele fizesse progressos nas suas relações com a Rússia; enquanto Verbiest desejava que conseguisse uma autorização para os jesuítas atravessarem a Sibéria. Na sua viagem, Grimaldi encontrou o seu velho amigo alemão, matemático e filósofo Leibniz, que era apreciado pelo czar. Leibniz tentou apresentar Grimaldi ao czar, mas este recusaria o seu pedido.

No mesmo ano, quando os embaixadores russos *Venyukov* e *Favorov* saíram de Pequim, o padre Verbiest pediu-lhes o favor de entregarem uma carta a *Spathar*, que reiterava a fidelidade dos padres Verbiest e Tomás Pereira à Rússia. Nesta missiva, o jesuíta solicitava apoio ao padre Grimaldi e que enviasse alguém fluente em latim para participar nas negociações[208]. O seu objetivo era óbvio: sem o latim, os jesuítas não poderiam intervir.

Os russos não falavam chinês e os chineses não conheciam russo. Os dois países tinham tentado utilizar a língua mongol para comunicar, mas o efeito não foi satisfatório, porque os tradutores mongóis não tinham grande formação. Ora, praticamente todos os jesuítas tinham frequentado o ensino superior na Europa ou em Macau, o que lhes conferia maior capacidade de tradução. Se fossem capazes de convencer os interlocutores da China e

[207] Cf. *Idem*, *ibidem*, pp. 111 e 113.
[208] Cf. *Idem*, *ibidem*, pp. 112-114.

da Rússia a negociarem em língua latina, poderiam intervir no processo[209]. Por outro lado, Verbiest achou que se ajudasse a Rússia neste caso, provavelmente os jesuítas seriam autorizados a atravessar a Sibéria e o imperador *Kangxi* ficaria igualmente agradecido pela sua contribuição. Se as negociações chegassem a bom termo, as três partes - a China, a Rússia e a Companhia - sairiam beneficiadas.

4.2.2 A assinatura do Tratado de Nerchinsk

Com 63 anos e a recuperar de um ferimento resultante de uma queda de cavalo, o padre Verbiest não poderia viajar como tradutor[210], recomendando Tomás Pereira, que trabalhava ao seu lado no Escritório Imperial da Astronomia. O imperador *Kangxi* confiava igualmente no padre, que estava em Pequim há 14 anos, comentando com ele os assuntos políticos e apreciando a sua inteligência. Tomás Pereira era, por tudo o que já se referiu, o homem certo para a missão.

Segundo o livro clássico *Elogio do Cristianismo* (正教奉褒*, zhèngjiàoféngbāo*), quando o imperador organizou a embaixada, afirmou que os europeus eram "muito fiéis, honestos e credíveis", pelo que aceitou a sugestão do padre Verbiest, enviando Tomás Pereira e o francês Gerbillon como tradutores chinês-latim nas negociações com a Rússia[211]. De acordo com o *Retrato do Imperador Kangxi*, este tê-los-á instruído da seguinte forma:

> "Eu acredito que *Nerchinsk, Albazino,* a bacia do rio Amur e seus afluentes são territórios nossos, não podem cedê-los à Rússia. (Se a Rússia concordar com a nossa proposta) Determina as fronteiras e aprova que a Rússia faça negócio ali; se não, vocês têm de regressar imediatamente, não tem interesse continuar a discutir com eles".[212]

Antes da partida, a 30 de maio de 1688, *Kangxi* enviou o seu príncipe mais velho para tomar chá com os membros da embaixada em *Qinghe* (清河*, qīnghé*), nomeando

[209] Cf. WU, Boya, «Os Jesuítas e o Tratado de Nerchinsk», em *Estudos Religiosos do Mundo* 3(1998), Pequim, p. 109.
[210] Cf. SEBBES, Joseph, *Ob. cit*., p. 114.
[211] Cf. HE, Guichun, «Assinatura do Tratado Sino-Russo de Nerchinsk e os Jesuítas», em *Journal of Fujian Normal University* 4(1989), Fuzhou, p. 103.
[212] Cf. YU, Sanle, «Tomás Pereira, Jean-François Gerbillon e Assinatura do Tratado de Nerchinsk», em *Journal of Beijing Administrative College* 5(2000), Pequim, p. 65.

Songgutu chefe da comitiva, mas reafirmando: "Tenho visto (dis o Emperador) que os homens europeos de que me sirvo são fieis, dignos de credito e em quem me posso estribar, pello que vá comvosvo Siu ge xim (que hé o meu nome em China) ao moscovitas."[213] Em 5 de maio, o imperador fez preciosas dádivas aos dois jesuítas: "Demais se dignou dar-me seu proprio vestido, cuja cassaca era de pelles de muito preço, que vendo-a todos vestida sabião logo a forma digna de seu feito. Ao companheiro fes fazer huma nova tambem de sufficiente estima."[214]

O lugar escolhido para as negociações foi *Selenginsk*, perto do rio *Selenga*, mas quando eles chegaram ao rio *Kerulen* (克鲁伦河, *kèlǔlúnhé*), *Galdan Khan* estava a atacar *Khalkha Mongol* (喀尔喀蒙古, *kāěrkā měnggǔ*, atualmente é o país de Mongólia), a situação ali estava muito confusa, os caminhos cortados e alguns membros e cavalos da comitiva acabaram por morrer no trajeto. Como resultado, a embaixada voltou para trás. Logo que chegaram a Pequim, *Kangxi* convocou Tomás Pereira para preparar detalhadamente a próxima viagem[215].

Os dois países determinaram *Nerchinsk* como novo lugar de negociações, e o grupo partiu novamente de Pequim a 10 de junho de 1689, não sem antes *Kangxi* lhes oferecer selas bordadas com dragões, para serem utilizadas na viagem[216]. Naquele tempo, os ministros chineses usavam o cavalo para realizar longas jornadas, portanto boas selas eram fundamentais para aliviar a fadiga da viagem. O dragão simbolizava o próprio imperador, se alguém do povo ou da nobreza possuísse algum objeto com esta imagem seria condenado à morte, salvo se o imperador desse uma aprovação especial. Normalmente, ele concedia este privilégio apenas à família real ou aos ministros mais destacados pelo que, o facto dos dois jesuítas serem distinguidos desta forma é significativo.

Desta vez, o imperador não insistiu em manter todos os territórios na bacia do rio Amur, instruindo *Songgotu* no sentido de ceder *Nerchinsk*, se a Rússia se mostrasse muito insistente. O rio *Argun* seria uma fronteira entre a China e a Rússia[217]. No país vizinho, o czar transmitia a Golovin as suas quatro alternativas: primeiro, o rio Amur seria a fronteira

[213] Cf. SEBBES, Joseph, *Ob. cit.*, p. 186.
[214] Cf. *Idem, ibidem*, p. 187.
[215] Cf. HE, Guichun, *Art. cit.*, p. 103.
[216] Cf. *Idem, ibidem.*
[217] Cf. YU, Sanle, *Art. cit.*, p. 65.

entre os dois países; segundo, *Albazino* seria a fronteira; terceiro, o exército da Rússia retirar-se-ia de *Albazino* e, como quarta opção e último recurso, os embaixadores poderiam ceder algum território adicional à China.[218]

O jesuíta francês Joachim Bouvet menciona na sua obra *Portrait Historique de l'Empereur de la Chine* (*Retrato Histórico do Imperador da China*, 中国皇帝康熙传, *zhóngguó huángdì kāngxīzhuàn*) que, nos seus primeiros quatro anos de reinado, *Kangxi* controlava rigorosamente os ministros, não tolerando quaisquer erros, por muito insignificantes[219]. O mesmo se passaria com os jesuítas na corte, segundo o *Diário de Gerbillon*:

> "Sua Majestade conhece-nos muito bem, e confia em nós completamente, trata-nos como membros da sua família de quem ele gosta muito. Ele já observou o comportamento dos nossos jesuítas, não só na corte, mas também mandou alguém morar na nossa casa, e enviou alguém para outras províncias, a fim de observar as ações dos nossos colegas da Companhia de Jesus. Então, o imperador não descobriu as nossas culpas. Por esta razão, o Imperador tem intimidade connosco, e convoca-nos todos os dias."[220]

Tudo indica que *Kangxi* confiava nos jesuítas, sobretudo em Tomás Pereira e Gerbillon, a quem atribuiu o título oficial de terceiro grau. Na dinastia *Qing*, classificaram-se os funcionários em nove graus, sendo o primeiro grau o mais alto. A hierarquia era muito clara, os ministros *Songgotu* e *Tongguogang* (tio de *Kangxi*), com o título de primeiro grau, podiam recusar as sugestões de Tomás Pereira e Gerbillon. Apesar disso, o imperador exigiu-lhes que tomassem as refeições com os dois jesuítas na mesma mesa e, se encontrassem algumas dificuldades, as discutissem com eles[221].

Em 31 de julho, a embaixada chegou a *Nerchinsk* e começaram as negociações: o ministro *Songgotu* foi o primeiro representante da China e o astuto Golovin o chefe da comitiva russa. Desde logo se manifestaram as divergências sobre a soberania na bacia do rio Amur: ambos os países eram fortes e não se queriam submeter ao outro.

[218] Cf. WU, Boya, *Art. cit*., p. 112.
[219] Cf. HE, Guichun, *Art. cit*., p. 103.
[220] GERBILLON, Jean-François, *Ob. cit.*, p. 71.
[221] Cf. YU, Sanle, *Art. cit*., p. 65.

Tomás Pereira e Gerbillon tiveram muito trabalho de interpretação ou de tradução. Embora as duas partes parecessem irreconciliáveis, eles queriam chegar a um acordo o mais rapidamente possível. Fazendo uso da sua inteligência, Pereira observou que os russos queriam aumentar o comércio com a China. Assim, convenceu os oficiais chineses de que a cedência de alguns territórios ali, podia facilitar as relações comerciais.

Já foi mencionada a ameaça de *Galdan Khan*, instigado a atacar a China naquela altura. Se os russos formassem uma aliança com ele, a China estaria rodeada de inimigos; pelo contrário, se a China assinasse um acordo de paz com a Rússia, *Galdan Khan* não teria coragem de invadir o país. Também já se referiu que os dois imperadores fizeram algumas concessões prévias, portanto os seus conflitos não eram inultrapassáveis. Graças aos argumentos de Tomás Pereira, os emissários moderaram as suas exigências, a Rússia concordou em executar a sua terceira opção (sair de *Albazino*) e a China decidiu ceder *Nerchinsk* à Rússia[222].

A China participava em negociações internacionais pela primeira vez, faltava-lhe portanto experiência mas, graças aos esforços de Pereira e de Gerbillon, o país não perdeu a sua dignidade. Ainda que a China tenha perdido alguns territórios junto ao Amur, esta negociação foi considerada uma vitória, porque o exército russo saiu de *Albazino*. A 7 de setembro de 1689, a China e a Rússia assinavam o *Tratado Sino-Russo de Nerchinsk*, em língua manchu, russo e latim[223]. Entretanto, o padre Tomás Pereira registou os conteúdos do tratado no seu diário, em latim, com algumas diferenças em relação ao documento oficial, e o padre Gerbillon registou-os também em francês. De uma forma resumida os termos do acordo foram:

1) Desde o rio *Kerbichi* (格尔必齐河, *géěrbìqí hé*), que é o braço do rio Amur, até ao mar (Okhotsk), tendo os montes *Stanovoi* (外兴安岭, *wàixīng'ānlǐng*) como linha divisória, as terras no sul dos montes pertenciam à China, e as terras a norte à Rússia. A ocidente, o rio *Argun* era a divisória, a China possuía as terras a sul do rio e a Rússia as terras a norte. As casas na foz do rio *Meirelke* a sul do rio *Argun*, deviam mudar-se para o norte do mesmo rio.

2) O território de *Albazino* pertencia à China, mas a cidade seria destruída, e os

[222] Cf. *Idem*, *Ibidem*, pp. 65-66.
[223] Cf. *Idem*, *Ibidem*, pp. 66.

habitantes russos tinham de mudar-se dali. Os caçadores dos dois países não podiam passar a fronteira sem permissão, caso contrário seriam presos e punidos. Se mais de 10 pessoas passassem a fronteira, teriam que o relatar ao imperador e seriam condenados à morte pelo delito.

3) Os acontecimentos que ocorreram antes da assinatura do tratado não seriam investigados.

4) Desde a data em que os dois países selassem a sua amizade, os fugitivos do país vizinho não podiam beneficiar de asilo, devendo ser repatriados. Os russos na China ou os chineses na Rússia podiam levar a sua vida como antigamente.

5) Quando o tratado entrasse em vigor, os habitantes dos dois países podiam passar a fronteira para fins comerciais, desde que tivessem passaportes.

6) A amizade e a paz entre os dois países manter-se-ia para sempre, eliminando-se todos os conflitos na fronteira, se as duas partes observassem o tratado rigorosamente[224].

A assinatura do *Tratado de Nerchink* foi um grande feito, evitando grandes guerras com a Rússia durante quase 200 anos. O padre Tomás Pereira contribuiu muito para as negociações, a China e a Rússia prosseguiram os próprios interesses, e a Companhia de Jesus contribuiu para a paz entre os dois países. Desde então, as missões na China tornaram-se mais favoráveis e Pereira granjeou ainda mais respeito e influência. Depois da assinatura do tratado, também *Golovin* demonstrou o seu apreço: "Com tudo bem conhecemos o muito que vos devemos e o quanto nos ajudastes pello bem commum. Sabei que o não ignoro e vos asseguro que ouvireis dentro de poucos tempos em moscovita o fruito de vossos trabalhos com retribuição."[225] E o padre respondeu-lhe que: "Faça Deos por sua misericordia que esteja pella promessa e vejamos em nosso tempo em mais altura naquelle grande império a fé, romana."[226] Infelizmente, os russos não cumpriram a sua promessa, a residência jesuíta em Moscovo foi encerrada em outubro de 1689, e o sonho do padre Verbiest não se realizou: os jesuítas nunca conseguiram entrar na China através da Sibéria[227].

A China e a Rússia eram realmente grandes potências naquele momento. A Rússia

[224] Cf. SEBBES, Joseph, *Ob. cit.*, pp. 251-252.
[225] Cf. *Idem, ibidem*, p. 255.
[226] Cf. *Idem, ibidem.*
[227] Cf. WU, Boya, *Art. cit*., p. 117.

temia o país vizinho e não ousou desencadear uma grande ofensiva contra a China. Porém, depois de duas guerras do ópio no século XIX, a China enfraqueceu, enquanto a Rússia viu a sua posição reforçada. A Rússia violaria o *Tratado de Nerchinsk*, invadindo novamente território chinês no século XIX. Sem capacidade para repelir as forças russas, a China foi compelida a assinar o *Tratado de Aigun* (瑷珲条约, *àihuītiáoyuē*) em 1858, e a *Convenção Sino-Russa de Pequim* (中俄北京条约, *zhōng'éběijīngtiáoyuē*), em 1860, perdendo mais de 1,6 milhões de quilómetros quadrados. Se a China considerou estes dois acordos injustos, para a Rússia vinham apenas repor a justiça, uma vez que devolveram à Rússia as terras perdidas no século XVII.

4.2.3 O papel de Tomás Pereira e da Companhia de Jesus em Nerchinsk

Graças ao *Tratado de Nerchinsk*, a China e a Rússia mantiveram-se em paz durante quase dois séculos. Ainda que o acordo não dependesse totalmente dos jesuítas, não se pode ignorar os seus méritos, especialmente do padre Tomás Pereira que desempenhou um importante papel nas negociações. Os jesuítas e *Kangxi* tinham objetivos diferentes: o imperador esperava apenas que os padres alcançassem a assinatura do tratado, sem prejuízo para os interesses da China; os jesuítas desejavam descobrir um caminho terrestre pela Sibéria, a fim de facilitar as suas missões no Oriente e reforçar a influência do catolicismo na China.

A Rússia e a China eram muito diferentes do ponto de vista cultural, linguístico e racial, todavia, comparativamente, a China era mais fechada. Quase nenhum chinês (incluindo o próprio imperador) conhecia a Rússia enquanto Portugal tinha alguns costumes similares à Rússia, e a Companhia de Jesus possuía uma residência em Moscovo, pelo que Tomás Pereira saberia alguma coisa sobre o país através dos seus colegas. Então, ambos os países aceitaram os jesuítas como intermediários[228].

A atitude inicial dos russos não foi amigável. Quando a embaixada da China chegou ao local das negociações, recebeu um enviado especial russo para conversar sobre os passos

[228] Cf. *Idem*, *ibidem*, pp. 102-103.

concretos das negociações e, embora ele prestasse homenagem aos oficiais chineses, a sua atitude foi arrogante com os elementos da comitiva. Posto isto, os jesuítas comunicaram aos russos a falta de cortesia do seu mensageiro, pedindo que não o enviassem ao acampamento novamente, ao que a comitiva russa respondeu, enviando dois altos funcionários[229]. Sobre as preocupações dos ministros chineses, o padre Pereira escreveu:

> "Gastei em os persuadir quasi ou mais de huma hora, trasendo resões forços a este fim, a saber, que se me lhe conceder o que pedião havia risco, que os moscovitas muitos mais desconfiarião de suas excellencias do que de facto de suas excellencias experimentavão."[230]

Os representantes da China foram tão inflexíveis que as negociações chegaram a um impasse, ultrapassado graças à mediação dos jesuítas[231]. De acordo com o *Diário de Gerbillon*, os chineses tinham medo que os russos os atacassem e queriam manter soldados próximos do local para proteção, mas a comitiva russa não concordou. Devido à inexperiência em assuntos internacionais, *Songgotu* e *Tongguogang* desconheciam a regra que impedia de atacar quaisquer embaixadores durante as negociações. Os dois padres convenceram os ministros chineses a reduzirem os soldados e persuadiram os russos a aceitarem as exigências da China, motivadas pela falta de experiência.[232]

As comitivas revelaram-se muito conflituosas, pelo que Pereira teve um papel espinhoso como intermediário, chegando a temer que a sua mediação pudesse causar a insatisfação de uma das partes: "De tudo eu não sabia nada, porque, como alheyo de meu Instituto, me retirava o que podia e os deixava, salvo quando chamado forçosamente me não podia sem grave perigo retirar."[233]

Para além disso, os russos não confiavam nos jesuítas, achavam que eles eram parciais, favorecendo os chineses, pelo que quiseram utilizar novamente tradutores mongóis. "Mostrou este governador em minha presença o duvidar de mym e meu companheiro…"[234] A comitiva chinesa não aceitou esta exigência, os dois jesuítas afirmaram que só eles eram

[229] Cf. GERBILLON, Jean-François, *Ob. cit*., p. 28.
[230] SEBBES, Joseph, *Ob. cit.,* p. 236.
[231] Cf. CAHEN, Caston, *Histoire Des Relations De La Russie Avec La Chine Sous Pierre Le Grand*, The Commercial Press, Pequim,1980, p. 23.
[232] Cf. GERBILLON, Jean-François, *Ob. cit*., pp. 29-30.
[233] Cf. SEBBES, Joseph, *Ob. cit.*, p. 227.
[234] *Idem, ibidem*, p. 232.

tradutores oficiais, com direitos para tratar de assuntos relacionados com as negociações. Ainda assim os russos contactaram os homólogos chineses através de tradutores mongóis, pois acreditavam que os missionários exagerariam as exigências russas dificultando, desta forma, um consenso. Esta desconfiança em relação aos jesuítas ficou demonstrada em algumas cartas de *Golovin*, conforme o diário russo:

> "...Nesta mesma sessão os altos embaixadores, vendo que os Jesuítas suscitavam toda a espécie de oposições e retinham os embaixadores chineses na sua inclinação para uma paz eterna, ordenaram a André *Beloboski* que falasse aos jesuítas em segredo e lhes prometesse o favor dos Altos Soberanos e um salário..."[235]

Talvez *Golovin* temesse fracassar na sua missão, o que provocaria a ira do czar. Portanto terá exagerado o comportamento dos missionários e, caso não fosse bem-sucedido, podia sempre lançar-lhes a culpa. Em 1685, *Kangxi* escrevera ao czar, numa tentativa de negociar a paz e, para além das cartas originais em chinês, enviou exemplares traduzidos para latim. Por conseguinte, os russos sabiam que os jesuítas ajudavam a China e acreditavam que prejudicariam os interesses da Rússia e forneceriam aos chineses armas de fogo[236]. Não se pode provar que *Golovin* acusou falsamente os tradutores, mas é plausível acreditar que o embaixador exagerou os seus argumentos, conhecedor que era do preconceito do czar em relação aos jesuítas.

Neste contexto e quaisquer que fossem os resultados das negociações, o czar não reconheceria o papel positivo dos jesuítas, pelo que a Companhia de Jesus não tiraria benefícios da situação. Apesar da desconfiança russa, Pereira e Gerbillon não minaram as negociações, pelo contrário, ajudaram-nas em vários aspetos o que levou *Golovin* a prometer apoio à Companhia de Jesus. Não se sabe se ele tentou cumprir a promessa, contudo, o encerramento da residência jesuíta não pode ser imputado a *Golovin*, uma vez que ocorreu antes do seu regresso a Moscovo[237].

Os ministros chineses levantaram igualmente dúvidas acerca dos dois jesuítas, portanto ordenaram a alguns *manchu* que contactassem com os russos na sua língua[238].

[235] SEBBES, Joseph, *Ob. cit.*, p. 116.
[236] Cf. *Idem, ibidem*, pp. 116-117.
[237] Cf. *Idem, ibidem*, p. 117.
[238] Cf. SEBBES, Joseph, *Ob. cit.*, pp. 115-116.

Sendo Tomás Pereira português e Gerbillon francês, não estavam a trabalhar com a sua língua materna e, ainda que falassem fluentemente chinês e latim, poderiam surgir algumas dificuldades de compreensão e interpretação. O padre diz no seu Diário:

> "…julgando eu era este mao conceito, total ruina do bom sucesso que esperava, julguei tambem fazer meu arresoado em sua deffença e bem comum, do que espero se não mostrarão ingratos os Moscovitas à Companhia de Jesus, e tenho confiança que o Gram Duque não ignorará este justo reconhecimento."[239]

Acreditamos que Tomás Pereira se empenhou no seu papel de mediador. Ao mesmo tempo, os russos queriam cativar os jesuítas, por exemplo, dispuseram-se a ajudá-los a resolver o problema do caminho terrestre pela Sibéria. Embora esse fosse o objetivo final da Ordem, eles não quiseram trair *Kangxi*[240]. Tomás Pereira disse: "Quis em sinal de agradecimento offerecer algumas pelles e dinheiro com muita efficacia, o que com outra igual e mais poderosa se regeirou; o que vendo elle appellou pera a igreja, disendo o offerecia a Deos"[241]. Ou seja, o comportamento dos russos não foi "agradecimento", mas uma tentativa de suborno. Recorde-se que o imperador abominava a corrupção, que era muito séria no governo chinês, e se os ministros soubessem que Tomás Pereira tinha sido subornado, comunicariam esse facto a *Kangxi*, o que resultaria na perda de todos os poderes para os dois missionários e também para a Companhia de Jesus. Nestas circunstâncias, dificilmente os padres aceitariam um presente da Rússia. Aliás, Tomás Pereira ficou muito zangado, porque "a que o lingoa ignorante, que era rude moscovita, explicava a modo tartaro por ídolo"[242]. Os jesuítas não podiam aceitar uma descortesia a Deus, ainda que não intencional.

Provavelmente, *Kangxi* tomou precauções em relação aos seus ministros e aos jesuítas; temendo que qualquer das partes traísse os interesses da China, fez com que se vigiassem mutuamente durante as negociações. A situação do padre Pereira era delicada, ele buscava a confiança dos russos ao mesmo tempo que precisava de manter a confiança do imperador chinês.

---

[239] *Idem, ibidem*, pp. 227-228.
[240] Cf. CAHEN, Caston, *Ob. cit.*, p. 23.
[241] Cf. SEBBES, Joseph, *Ob. cit.*, p. 211.
[242] Cf. *Idem, ibidem.*

Em suma, Tomás Pereira e Gerbillon não foram meros intérpretes, ou os russos não os temeriam, já que as suas atividades não podiam influenciar o resultado das negociações. Normalmente os intérpretes não interferem verdadeiramente nas conversações, mas *Kangxi* conferiu-lhes poder real. Pereira podia mudar não só o resultado das negociações, mas também influenciar as relações entre a China e a Rússia. O padre escreveu também no seu Diário: "...nós não fomos investidos com o trabalho ou título de intérprete".[243] Tudo somado, o papel dos dois jesuítas era inevitavelmente controverso.

Por outro lado, o padre português já auxiliara os russos algumas vezes. Antes de partir a *Nerchinsk*, ele enviara uma carta a *Golovin*, em 28 de maio, explicando a situação da embaixada da China. Quando terminaram as negociações, os contactos entre os embaixadores das duas partes também cessaram, cabendo aos jesuítas o papel de ligação[244]. Tomás Pereira aconselhou os dois ministros chineses a acreditarem nos russos: "só tendo confiança neles (os moscovitas) podemos nós acreditar que este acordo é autêntico, e não podemos deitar tudo a perder negando-lhes a confiança devida mesmo a bárbaros, que é uma categoria que não inclui os moscovitas".[245] Se os jesuítas fossem negligentes naquela altura, provavelmente as negociações nunca seriam retomadas.

Mais tarde, a controvérsia entre as duas partes em relação às fronteiras quase bloqueou as negociações. *Golovin* ficou muito inquieto, teve medo que o czar o responsabilizasse pelo fracasso, portanto exigiu aos ministros chineses uma carta explicando o romper das negociações. Tomás Pereira conseguiu desbloquear o impasse. Se as negociações falhassem, *Golovin* seria punido pelo czar, e os ministros chineses pelo imperador *Kangxi*. Então, por sugestão do jesuíta, as partes acabaram por aceitar o rio *Kerbichi* como fronteira entre os dois países[246]. O czar Pedro I ficou satisfeito com este resultado e, para recompensar *Golovin*, atribuiu-lhe o título de vice-rei da Sibéria, utilizando-o como representante da Rússia em várias negociações futuras[247].

Alguns historiadores defendem, pelo contrário, que Tomás Pereira e Gerbillon eram apenas revisores, incumbidos de rever os documentos bilaterais, uma vez que os dois países

[243] Cf. *Idem*, *ibidem*, p. 118.
[244] Cf. WU, Boya, *Art. cit.*, p. 116.
[245] SEBBES, Joseph, *Ob. cit.*, p. 120.
[246] Cf. CAHEN, Caston, *Ob. cit.*, pp. 23-24.
[247] Cf. SEBBES, Joseph, *Ob. cit.*, p. 117.

tinham já chegado a um acordo prévio às negociações[248]. *Khrizanich*, *Spathar* e Verbiest tinham gizado já um esboço do acordo, fazendo com que as negociações fossem uma mera formalidade e o papel dos jesuítas modesto. Quanto às divergências entre os dois países, esta corrente defende que resultou da vontade, quer da China, quer da Rússia, em assumir a posição dominante nas negociações, portanto desafiavam a outra parte a fim de mostrar a própria força[249].

Não partilhamos deste ponto de vista simplificador da história. Antes de mais, *Khrizanich* era um siberiano exilado, *Spathar* não gozava da confiança do czar e, embora *Kangxi* confiasse muito em Verbiest, ele era um jesuíta belga, não sendo provável que o imperador atribuísse a um estrangeiro tão grande poder. Em segundo lugar, se os dois países já tivessem chegado a um acordo prévio, os russos não se preocupariam com os jesuítas, porque as suas atividades não podiam influenciar um facto consumado. Por fim, *Kangxi* disse aos seus ministros:

> "E mais uma vez no assunto russo, não me aconselharam, tanto os ministros manchus como os chineses, que a Rússia era muito longe de China e que as negociações tinham muito poucas possibilidades de terem êxito? Mas eu disse, não. Não se pode permitir que o assunto fique nesta fase incerta; e eu mandei os funcionários superiores atuarem segundo o meu ponto de vista, de que resultou que a Rússia foi imediatamente chamada à ordem..."[250]

Isto revela que *Kangxi* não estava certo do resultado das negociações. Se os dois imperadores definiram as linhas de base anteriormente, o resultado não podia ultrapassar esses limites, o facto das duas partes acharem o resultado satisfatório, porém, não significa que os dois países tinham unificado opiniões.

Apesar de *Kangxi* promulgar um édito oficial designando Tomás Pereira como membro da comitiva negocial, não lhe atribuiu um título específico. Contudo, tudo aponta no sentido de que o papel de Pereira e Gerbillon fosse muito importante, eles não foram só intérpretes, mas também intermediários e participantes neste caso[251].

[248] Cf. WU, Boya, *Art. cit.*, p. 116.
[249] Cf. *Idem, ibidem*, p. 118.
[250] *Idem, ibidem*, p. 119.
[251] Cf. HE, Guichun, *Art. cit.*, pp. 102-106.

É muito raro encontrar informações sobre a Companhia de Jesus em documentos históricos da China. A embaixada que partiu para *Selenginsk* em 1688 incluía dois secretários chineses, cujos nomes foram registados no documento oficial, ao contrário dos nomes de Tomás Pereira e Gerbillon.[252] Embora *Kangxi* confiasse em Tomás Pereira e lhe agradecesse pelo seu trabalho em *Nerchinsk*, não queria que o mérito fosse todo atribuído aos jesuítas. Sendo a China ainda um país feudal, os jesuítas eram vistos como "bárbaros do Ocidente"[253]. Ora se os estrangeiros fossem determinantes nos assuntos internos, isto retiraria dignidade ao imperador e tanto ele como os seus ministros seriam vistos como incapazes em assuntos de Estado. Por isso, os historiadores oficiais relativizaram intencionalmente o papel dos jesuítas no *Tratado de Nerchinsk* e enalteceram o mérito dos ministros chineses, para demonstrar a força da China.

Porquê que os russos odiavam os jesuítas? Eles sabiam que os jesuítas eram instruídos e inteligentes e, se conseguissem contactar diretamente os ministros "ignorantes", as negociações provavelmente seriam mais favoráveis, mas os jesuítas frustraram os seus planos. Conhecedores da sabedoria de Tomás Pereira e de Gerbillon, os ministros chineses escutaram os seus argumentos, levando os russos a afirmar que os dois jesuítas "instigavam" a comitiva chinesa contra a Rússia[254]. Pereira não quis embaraçar ou ofender os russos, mas se a China saísse lesada no tratado, a Companhia de Jesus sairia igualmente prejudicada.

Apesar de Portugal ter chegado a Macau em 1553, a China não assinou nenhum tratado com Portugal até ao século XIX.[255] Portanto, o *Tratado de Nerchinsk* foi o primeiro acordo bilateral celebrado pela China, um país feudal, sem um sistema legal moderno e completo. As negociações internacionais dependem do Direito Internacional, que os chineses praticamente desconheciam, o que dificultou as relações externas do país. Já os russos dominavam alguns princípios básicos e estariam em vantagem nas negociações, não fosse pela presença dos jesuítas[256].

Sendo o sistema legal da maioria dos países católicos inspirado na religião e o Direito Internacional independente, foi inicialmente proibido pela Igreja Católica. Contudo,

[252] Cf. SEBBES, Joseph, *Ob. cit.*, pp. 121-122.
[253] Cf. *Idem, ibidem*, p. 122.
[254] Cf. *Idem, ibidem.*
[255] Cf. TAN, Shibao, «Os Problemas sobre a abertura da Porta de Macau», em *Estudos de Macau* 8 (1998), Macau, p. 6.
[256] Cf. SEBBES, Joseph, *Ob. cit.*, pp. 123-129.

à medida que este se afirmou na Europa no século XVII, os jesuítas familiarizaram-se com os seus conceitos. Aliás, o teólogo espanhol Francisco Suárez (1548-1617) foi especialista de Direito Internacional e professor na Universidade de Coimbra, que possuía algumas suas obras. Embora Tomás Pereira não pudesse contactar Suárez pessoalmente, teria acesso a informação legal através de outros jesuítas ou dos documentos em Coimbra[257], e portanto seria conhecedor dos preceitos do Direito Internacional, algumas vezes mencionados no seu diário:"...E como alheyos os nossos da fé que se deve ao direito das gentes, forão tais que duvidarão se naquillo lhes mandaria peçonha..."[258]

Apesar da inexperiência chinesa, o *Tratado de Nerchinsk* realizou-se segundo as premissas do Direito Internacional, o que constituiu um grande avanço. Sendo a China uma grande potência, nunca cedera às exigências de outros países anteriormente, se estes não cedessem às suas ambições, a China simplesmente declarava guerra. Até os holandeses tinham de obedecer à ordem de *Kangxi*:

> "Hé verdade que se agora viera cá outro europeo bem creyo não seria admitido sem se sogeitar à infamia de vassallo, como com deshonra manifesta o fiserão os holandeses, não se designando e offerecer tributo annual se lhe concedessem o comércio que tanto anellão, o que eu ouvi, mas nem com esta sumissão o alcançarão como querião."[259]

O país mudou a sua atitude face à Rússia, um país europeu, uma vez que queria alcançar a paz.[260] Tomás Pereira e outros jesuítas terão desempenhado um papel preponderante neste assunto, persuadindo *Kangxi* a desapegar-se dos métodos rotineiros e tradicionais.

Em conclusão, devemos analisar o papel dos jesuítas com objetividade. Isto é, não se pode dizer que o sucesso das negociações dependeu totalmente de Pereira e de Gerbillon, mas é justo sublinhar o seu contributo nesta matéria. De facto, Tomás Pereira foi muito importante nas negociações que culminaram no *Tratado de Nerchinsk*, já que ele foi intérprete e também um elemento fundamental da embaixada da China, esclarecendo os mal-entendidos entre os países e alcançando um resultado aceitável para ambas as partes.

[257] Cf. *Idem, ibidem*, pp. 128-129.
[258] *Idem, ibidem*, p. 214.
[259] *Idem, ibidem*, p. 208.
[260] Cf. *Idem, ibidem*, pp. 129-131.

Embora a Companhia de Jesus não conseguisse desbravar um caminho terrestre pela Sibéria, o padre português tentou tudo para completar essa tarefa, sendo o seu empenho reconhecido pela China, Rússia e Companhia de Jesus.

Por outro lado, apesar do mérito de Tomás Pereira no tratado, o papel do português foi muito controverso. Não só os russos acreditaram que ele era espião, como muitos estudiosos chineses o questionaram, levantando suspeitas de traição em *Nerchinsk*, uma vez que os russos o quiseram subornar e ele lhes transmitiu informações sobre a China[261].

Segundo o seu Diário, Tomás Pereira não aceitou o suborno, e relatou o facto ao imperador *Kangxi*, o que podia provar a sua fidelidade. Todavia, embora Pereira nunca admitisse qualquer traição à China, tudo indica que ele fez isso mesmo, apesar de não visar interesses pessoais. Ele era um jesuíta e a máxima da Companhia de Jesus, *para a maior glória de Deus*, a sua promessa: visando as ambições da sua Ordem, Pereira bajulou os russos. Entretanto, ele foi muito astuto, o seu comportamento não influenciou o tratado, portanto as informações fornecidas seriam de somenos importância. O jesuíta conseguiu assegurar que a China não saísse muito prejudicada do acordo, ao mesmo tempo que favorecia os russos e, o mais importante, contribuía para a missão da Companhia de Jesus.

Dadas as disputas entre os jesuítas franceses e portugueses[262], seria possível que Tomás Pereira não estivesse realmente empenhado na abertura do cominho terrestre, concordando superficialmente com a tarefa sem ter intenções de a cumprir? Sendo Verbiest inteligente e conhecedor dessa rivalidade, saberia também qual a verdadeira opinião de Tomás Pereira sobre o caminho terrestre, ou não o recomendaria para participar nas negociações. A rivalidade entre jesuítas era antiga, Tomás Pereira achava que os irmãos franceses eram "invasores", porque desobedeceram à ordem do Padroado Português. Mas estas disputas não seriam intransponíveis ou Verbiest não apresentaria o padre Gerbillon ao imperador *Kangxi* e não concordaria que integrasse a comitiva que partiu para *Nerchinsk*. Durante as negociações, qualquer irresponsabilidade do padre Pereira em relação ao caminho terrestre seria relatada a Roma, o que não aconteceu[263].

[261] Cf. HE, Guichun, *Art. cit*., pp. 103-106.
[262] Cf. SEBBES, Joseph, *Ob. cit*., pp. 151-152.
[263] Cf. *Idem*, *ibidem*, pp. 152-153.

4.2.4 A vida de Tomás Pereira depois do Tratado de Nerchinsk

A vida diplomática de Tomás Pereira não foi muito longa. A participação nas negociações em *Nerchinsk* foi a missão mais marcante, mas este caso basta para demonstrar a inteligência do missionário.

Entrando o *Tratado Sino-Russo de Nerchinsk* em vigor, o imperador voltou a sua atenção para *Zunghar Khanate*, mas não pôde resolver este problema por meio da diplomacia. Ao mesmo tempo, a *Controvérsia dos Ritos* na China intensificou-se, pelo que *Kangxi* se afastou dos jesuítas. Assim, o padre português não teve outras oportunidades para mostrar as suas capacidades diplomáticas[264].

Em 1688, quando Ferdinand Verbiest morreu, Tomás Pereira foi nomeado seu sucessor no Gabinete Imperial da Astronomia, mas não aceitou a nomeação. Ele e o matemático belga Antoine Thomas recomendaram Grimaldi para o cargo, apesar do português ficar temporariamente responsável, até ao regresso de Grimaldi. Se ninguém levantou dúvidas sobre a sua capacidade, por que recusou ele o cargo? Provavelmente, enquanto decorressem as negociações em *Nerchinsk* não tinha tempo suficiente para fazer outras coisas. Além disso, ele foi igualmente nomeado para outros cargos religiosos: em 1687, tornou-se visitador das Províncias Japão-China e vice-visitador para o setor de Pequim da Vice-província chinesa. Embora este cargo lhe fosse retirado pelo padre Francisco Fillippucci, em 6 de janeiro do ano seguinte, Tomás Pereira retomaria funções em janeiro de 1691, graças ao padre Francisco Nogueira. Entre 1688 e 1691, o português foi também reitor do Colégio de Jesuítas em Pequim, e chegou a vice-provincial da China, cargo que desempenhou entre 29 de junho de 1692 e 29 de junho de 1695. Assim, embora a sua vida diplomática terminasse, ele continuou a progredir no seio da sua Ordem[265].

A confiança do imperador saiu reforçada com a assinatura do Tratado pelo que, em 1692, permitiu que os missionários evangelizassem na China continental. Até então, mesmo que alguns jesuítas divulgassem o catolicismo, não existia uma aprovação oficial. Só em 1694 o jesuíta português tomou conhecimento do encerramento da residência em Moscovo mas ele e os seus colegas insistiram no sonho de abrir um caminho terrestre, mudando

[264] Cf. *Idem*, *ibidem*, p. 121.
[265] Cf. *Idem*, *ibidem*, p. 149.

apenas de estratégia[266].

A sede da Companhia de Jesus em Roma voltou a sua atenção para a Arménia. A experiência dos padres Avril e Barnabé na Sibéria revelou que uma pequena expedição não conseguiria fazer face a grandes imprevistos, pelo que a Companhia desenvolveu um plano global, enviando uma grande expedição para ali.

O plano incluiu quatro pontos. Primeiro, o padre Grimaldi organizaria um grupo de dez ou doze membros que seguiria para a Arménia, com o padre *Beauvollier* como guia. Em segundo lugar, reforçou-se o número de missionários na Arménia, onde os jovens jesuítas deviam estudar a língua, a cultura e os costumes locais. Terceiro: estabeleceram-se postos em *Bokhara* e *Samarkand*, onde a expedição podia retemperar forças. E, por último, enviou-se anualmente novos jesuítas para a Arménia, provenientes de Istambul, *Trebizond* e *Erzerum*, para que os religiosos ali instalados pudessem avançar para o Oriente, utilizando os conhecimentos adquiridos na Arménia, um país muçulmano, na zona muçulmana da China[267].

Grimaldi e outros onze jesuítas chegaram a Istambul no outono de 1691. Dois elementos permaneceram ali enquanto os restantes prosseguiram viagem através de *Erzerum*, chegando a *Isfahan*, na Pérsia. Neste ponto, Grimaldi mudou de ideias, e dirigiu-se a Goa pelo caminho marítimo. Dali foi obrigado a continuar para a China sozinho, dado que as autoridades portuguesas não autorizaram a saída dos franceses para a China.

Entretanto, o padre *Beauvollier* chegou a Surate, na Índia, e ali permaneceu até 1699, apanhando então um navio para a China. Este novo fracasso foi um desapontamento para Roma, uma vez que o governo russo permanecia inflexível quanto à passagem pela Sibéria[268].

A força dos jesuítas franceses em Pequim tornava-se significativa, pelo que Tomás Pereira e outros portugueses deixaram de se empenhar no projeto. Os principais participantes da expedição eram franceses e, se eles abrissem um caminho terrestre, poderiam suplantar os portugueses que, por isso, não autorizaram a entrada a partir de Goa.

Estas lutas políticas ficaram cada vez mais óbvias depois da morte de Verbiest, em

[266] Cf. *Idem*, *ibidem*, p. 141.
[267] Cf. *Idem*, *ibidem*.
[268] Cf. *Idem*, *ibidem*, pp. 141-143.

1688, quando o companheiro de Tomás Pereira em *Nerchinsk*, o francês Gerbillon, se revelou o seu maior concorrente. De acordo com o relatório do padre Antoine Thomas, em 6 de setembro de 1690, Grimaldi enviou uma carta para Pequim pedindo apoio. O belga queria relatar o pedido ao imperador, mas a fação portuguesa opôs-se ferozmente à ideia.

Entretanto, o padre Gerbillon queria ir para Moscovo a partir de Pequim por terra, mas *Dominic Gabiani*, responsável da Vice-província, não concordou com a sua sugestão. Antoine Thomas relatou mais tarde que, de facto, o imperador *Kangxi* também tinha interesse no caminho pela Sibéria, contudo os jesuítas portugueses não concordaram com este plano[269]. Naquela altura, Tomás Pereira ocupava uma importante posição na corte e chefiava os jesuítas portugueses em Pequim, pelo que terá sido o principal opositor aos planos de uma nova expedição terrestre. Por outro lado, o imperador confiou muito no jesuíta, abandonando um plano que interessava à China e a vários missionários, por influência do português.

Muitas pessoas reprovarão o comportamento de Pereira, que sacrificou o interesse da Companhia de Jesus, mas ele foi também um patriota, tentando proteger o estatuto do Padroado Português. No que diz respeito ao plano do caminho terrestre, o principal obstáculo foi a intransigência do czar Pedro I. Aliás, as viagens marítimas eram cada vez mais seguras, mas após o reinado de *Kangxi* a China isolou-se ainda mais e poucos jesuítas conseguiram entrar no país. Por tudo isso, a Igreja de Roma foi obrigada a abandonar definitivamente o sonho de criar um caminho terrestre[270].

4.3 O diário do padre Tomás Pereira

Para registar o progresso das negociações, Pereira e Gerbillon escreveram diários com elevado valor histórico, já que os documentos chineses e russos são muito parciais e quase não aludem à intervenção dos jesuítas. Enquanto "espetadores", os dois padres podiam registar os acontecimentos de uma forma mais isenta.

O diário de Tomás Pereira termina em 10 de janeiro de 1690, três meses após a

[269] Cf. *Idem*, *ibidem*, pp. 143, 144 e 149.
[270] Cf. *Idem*, *ibidem*, pp. 144-145.

assinatura do tratado. Atualmente, duas cópias portuguesas e uma versão latina constam dos arquivos jesuítas em Roma, outra cópia portuguesa foi incluída na obra *Jesuítas na Ásia*, existente na Biblioteca da Ajuda em Lisboa, cujo conteúdo é igual às versões em Roma, apesar da escrita de algumas palavras diferir. Não se conhece a origem das cópias portuguesas ou latinas, mas as duas cópias existentes em Roma terão sido realizadas na China, tendo em conta a tinta e o papel utilizados, e provavelmente concluídas em Macau, como era comum naquela altura. A versão latina deverá ter sido realizada na Europa, devido ao tipo de materiais usados e analisando as muitas diferenças em relação às cópias portuguesas em Roma.

Existem mais duas versões, uma mais resumida e outra mais completa, compiladas por *Dunin Szpot*, narradas na terceira pessoa e com algumas ideias pessoais do autor. Infelizmente, a versão original foi perdida. Portanto, os diários do padre Tomás Pereira foram compilados conforme as duas cópias em Roma[271] e publicados na obra *O Diário do Padre Tomás Pereira, S. J. – Os Jesuítas e o Tratado Sino-Russo de Nerchinsk (1689)*, de Joseph Sebbes, um documento deveras precioso e útil para quem tenha interesse académico no padre Tomás Pereira. Para além da versão original em inglês, a obra está traduzida para chinês e português.

Embora Gerbillon também registasse os mesmos acontecimentos em diário, sendo um matemático e geógrafo, interessou-se sobretudo por assinalar as características geográficas de *Nerchinsk* e arredores. O seu diário parece um relatório científico, provavelmente seria publicado após a assinatura do tratado, portanto ele evitou descrever as contendas entre os dois países, para não ferir suscetibilidades. Já o diário de Tomás Pereira ficou mais privado, apenas os seus colegas iriam lê-lo, portanto ele revelou alguns factos polémicos[272]. Por exemplo, ele queixa-se muitas vezes da estupidez dos ministros chineses:

> "…porque (como verdes em semelhante negocio entre elles nunca praticado) trasião ou levarão só des dias de termo pera sua conclusão… com o exemplo lhe dar a entender se deve dar fee humana conforme o direito da natureza, e não com temeraria ignorancia duvidar…"[273] e "…não sei com que fundamento, que eu não atribuo a outro,

[271] Cf. *Idem, ibidem*, pp. 153-158.
[272] Cf. *Idem, ibidem*, pp. 158-159.
[273] *Idem, ibidem*, pp. 213-214.

mais que o não saber que cousa hé o mundo fora da China…"[274]

O padre expressava igualmente a sua insatisfação para com os russos:

"Isto, e outras cousas odiozas lhe deixei dizer pellos lingoas…que eu pera isso não era necessario ainda que presente a tudo" [275] ou "nesta occasisão responderão os moscovitas o que não devião, não concedendo, nem só o entregar Yag za, ou Albazim. Com resão legitima me queixei…"[276]

Conforme a ordem do imperador, Gerbillon era subalterno e teria que obedecer ao padre Pereira. Contudo, o diário de Gerbillon não menciona muito o colega de missão (tal como o diário de Pereira quase não refere o padre francês) e a sua leitura levaria a pensar que o francês seria o chefe[277]. Provavelmente isso resultou da rivalidade interna na Ordem, uma vez que as negociações se realizaram em 1689, um ano após a morte do padre Ferdinand Verbiest, quando os conflitos entre os jesuítas franceses e portugueses se tornavam cada vez mais notórios. Apesar do principal intermediário ser Tomás Pereira, e o padre Gerbillon só ter conversado com os russos uma vez, ele louvou muito o seu próprio mérito no diário, esquecendo o companheiro. Pelo contrário, o padre Tomás Pereira registou a única mediação de Gerbillon no seu diário: "Voltando o Padre meu companheiro com a resposta, já em summa resiunidas as condições, lhe dei hum abraço milito apertado…"[278] Pereira tinha a responsabilidade de relatar a Roma todo o processo de negociação, pelo que não podia ignorar detalhes importantes. Já os relatórios de Gerbillon seriam entregues ao rei Luís XIV e à Academia de Ciências Francesa, que não conheciam ou valorizavam o padre português[279]. Através da última citação, constata-se que a relação entre dois padres era ainda cordial. Possivelmente, disputas entre os jesuítas franceses e portugueses só se tornaram mais intensas após o regresso de *Nerchinsk*.

Quanto à autenticidade do diário de Pereira, pode dizer-se que os seus relatos são fiáveis, mas existe também alguma dose de exagero. Tomás Pereira ocultou o seu objetivo principal no texto, omitindo uma possível ajuda aos russos e tentando enaltecer o seu

[274] *Idem, ibidem*, p. 216.
[275] *Idem, ibidem*, p. 226.
[276] *Idem, ibidem*, p. 231.
[277] Cf. *Idem, ibidem*, pp. 159-160.
[278] *Idem, ibidem*, p. 238.
[279] Cf. *Idem, ibidem*, pp. 159-160.

altruísmo, como se todos os seus comportamentos visassem apenas a paz e Deus.

Por exemplo, no início, os ministros chineses não permitiram que os dois jesuítas conversassem a sós com os russos, porque temiam um sequestro dos seus mediadores. O padre português persuadiu-os no entanto a enviar o padre Gerbillon para se encontrar com os russos (a única vez referida):

> "Quero diser que eu gritar tanto, sendo tão desigual a condição e partido, sem duvida há huma resão violenta que me obriga a fasê-llo diante de Vossa Excellencias, nunca a tanto me atrevi. Donde se segue que forçar-me a rezão e a necessidade a fasê-llo, de que Vossa Excellencias virão e vem já effeitos evidentes, que se eu não gritasse algumas veses já tudo estaria arruindo."[280]

Pode observar-se que Tomás Pereira prestava muita atenção às negociações. Se ele ou Gerbillon não pudessem conversar com os russos, as negociações fracassariam, os ministros seriam responsabilizados e ele não só perderia a confiança de *Kangxi*, mas também frustraria a esperança da Companhia de Jesus. Por conseguinte, ele não conseguiu ficar calmo e gritou com os oficiais chineses. O padre sabia que o seu comportamento não era correto, face à hierarquia e à etiqueta chinesa, pelo que procurou explicar esse desrespeito com muitas palavras, para que ninguém achasse que ele tinha um interesse oculto nesses encontros com a delegação contrária.

De qualquer maneira, o diário de Tomás Pereira tem grande relevância para a compreensão do *Tratado de Nerchinsk*, dado que registou muitos detalhes, enquanto os documentos oficiais chineses apenas transcrevem o resultado. Para além do que, os documentos chineses e russos tentam imputar a culpa dos conflitos ao interlocutor, sendo o diário de Tomás Pereira, apesar dos defeitos, mais objetivo.

Em jeito de conclusão, sublinhe-se que o padre Tomás Pereira foi um homem controverso, mas analisando o seu contributo para o *Tratado de Nerchinsk*, as suas intenções e as suas atitudes, parece claro que a sua atuação foi positiva: para a China (embora o seu objetivo não fosse fácil); para a Rússia, (chegou a ofender os ministros chineses para não romperem as negociações); para a Companhia de Jesus pois, apesar da rivalidade com os jesuítas franceses, não poupou esforços para cumprir os objetivos da Ordem; e para Portugal

[280] *Idem, ibidem*, p. 238.

(foi o primeiro português a interferir na diplomacia da China). Por tudo isso, temos razões para homenagear o padre Tomás Pereira.

5. A importância de Tomás Pereira para a religião católica na China coeva

Tomás Pereira obteve o apreço e a confiança do imperador *Kangxi* e de outros ministros chineses, devido às suas consecuções nas áreas da música e da diplomacia. Contudo, o padre nunca ficou arrogante e vaidoso pelo seu êxito, tampouco se esqueceu que a sua principal tarefa na China era a evangelização. Uma missão nada fácil: os jesuítas franceses ameaçavam o Padroado Português; o governo da China recusava a legalização do catolicismo, porque os conceitos católicos chocavam com os ritos tradicionais; para além do que os cidadãos chineses resistiram ao catolicismo, por o considerarem pagão. Porém, Tomás Pereira manteve-se firme no seu propósito, não só pela honra da Companhia de Jesus, mas também do império português. Mas porquê que o catolicismo na China ficou sempre aquém das outras religiões?

5.1 História das religiões na China

A religião é um conjunto de crenças sobre as causas, natureza e finalidade da vida e do universo, especialmente quando considerada como a criação de um agente sobrenatural ou a relação dos seres humanos com o que consideram sagrado ou divino[281]. Como consequência de notórias diferenças culturais, formaram-se muitas religiões, algumas com pontos em comum e outras completamente diferentes, parte das quais persistem, até aos nossos dias, na China. Muitas religiões chegaram através da *Rota da Seda*, como o budismo, o islamismo e o cristianismo.

A definição do confucionismo gera acesos debates. Há quem o considere uma religião, porque os chineses veneram *Shangdi* (上帝, *shàngdì*, ou *Tiandi*, 天帝, *tiāndì*)[282], significando o imperador do céu. Porém, a maioria argumenta que o confucionismo é apenas uma filosofia, sendo o humanismo o seu núcleo, sustentado pelos *Três Elementos Chave* e *Cinco Doutrinas* (三纲五常, *sāngāngwǔcháng*). Os três elementos chave dizem respeito à obediência e resumem-se da seguinte forma: os ministros têm de obedecer ao seu imperador;

[281] Cf. ZHANG, Wenjian, *História da Religião*, Editor Popular de Jiangxi, Nanchang, 2003, pp. 2-8.
[282] Fonte: www.siluke.com/0/13/13903/3283369.html, consultado em 5 de abril de 2013.

os filhos têm de obedecer ao seu pai; a mulher tem de obedecer ao seu marido.[283]

Na dinastia *Han*, o imperador Wu (汉武帝, *hànwǔdì*, 156 a.C. – 87 a.C.) decidiu governar o país segundo os preceitos confucionistas, favoráveis ao domínio feudal[284], e quase todos os seus sucessores lhe seguiram o exemplo. Apesar do confucionismo ter nascido no seio da etnia *han*, os imperadores *Qing* adotaram-no, não só porque respeitavam a cultura maioritária mas também porque constataram que o confucionismo estava muito arreigado[285]. A par desta, outras religiões como o budismo, taoísmo e islamismo tinham uma expressão significativa. Com este cenário, a missão católica foi extremamente difícil.

5.1.1 Taoísmo, Budismo e Islamismo na China

O taoísmo nasceu na China no *Período das Primaveras e Outonos*, sendo uma religião politeísta criada por Laozi (老子, *lǎozǐ*, 580-471 a.C.), tendo o *Tao* (caminho,道, *dào*)[286] como conceito central. Mais tarde, graças ao filósofo Zhuangzi (庄子, *zhuāngzǐ*, 369-286 a.C.), o taoísmo desenvolveu-se muito depressa[287]. Esta religião atingiu o seu apogeu nas dinastias *Tang* e *Song*, porque muitos imperadores a promoveram e sofreu uma grande repressão, e consequente declínio, sob a governação mongol, defensora do budismo[288].

O taoísmo teve pouca expressão durante o reinado do imperador *Kangxi*. Os *manchu*, seguidores do budismo, prestaram alguma atenção ao confucionismo após a sua expansão até ao centro do país. *Kangxi* não reprimiu o taoísmo, pelo contrário, respeitava-o, chegou mesmo a atribuir títulos a alguns taoistas, mas inevitavelmente esta religião foi perdendo expressão[289]. Por conseguinte, o taoísmo não constituiu um grande obstáculo para a missão católica na China.

O islamismo é, nos nossos dias, a segunda maior religião na China, popular

[283] Fonte: http://chinese.yabla.com/chinese-english-pinyin-dictionary.php?define=%E4%B8%89%E7%BA%B2%E4%BA%94%E5%B8%B8, consultado em 5 de abril de 2013.
[284] SUN, Dongbo, «A Influência do Confucionismo no período dos Imperadores Kangxi e Qianlong», em *Manchu Minority Research* 1(2009), Shenyang, p. 51.
[285] *Idem, ibidem*.
[286] *Tao* significa, literalmente, *o caminho*, mas é um conceito que só pode ser apreendido por intuição. O *tao* não é só um caminho físico e espiritual; é identificado com o *absoluto* que, gerou os opostos/complementares *yin* e *yang*, a partir dos quais todas as *"dez mil coisas"* que existem no Universo foram criadas. Fonte: www.taoist.org.cn/getDjzsById.do?id=124, consultado em 5 de abril de 2013.
[287] Cf. WANG, Xiangfeng, «Taoísmo e Taoistas», em *Fórum da Cultura Chinesa* 9(2008), Pequim, p. 49.
[288] Fonte: http://history.chinaiiss.com/html/20077/29/a323f.html, consultado em 5 de abril de 2013.
[289] Fonte: http://cul.china.com.cn/zt/djlt/2011-10/14/content_4545210.htm, consultando em 5 de abril de 2013.

sobretudo no noroeste do país. Em rigor, a maior parte dessa região não integrava a China na Antiguidade, fazendo parte da chamada *Zona Ocidental*. Os costumes e a cultura dos habitantes desta região distinguem-se, de uma forma clara, daqueles que podemos identificar no resto da China. Hoje em dia, a China tem 56 etnias, 10 das quais são muçulmanas e bastante populosas, pelo que o islamismo se transformou numa importante religião.

O islamismo tem as suas origens no século VII e assenta nos ensinamentos do profeta Maomé[290] e de um livro sagrado, o *Alcorão*. Inicialmente (séculos VII a XIII), a difusão do islamismo foi promovida pelos sucessores de Maomé, os califas ortodoxos, omíadas e abássidas. *Muawiyah I Ibn Abu Sufyan*, o fundador da dinastia omíada[291] e os seus sucessores (661-750) conquistaram muitos países na Ásia central.

No início do século X, os *Qarajanidas* (喀喇汗国, *kālǎhánguó*) mudaram a sua capital para a cidade de *Kashgar* (喀什, *kāshí*), localizada atualmente na província de *Xinjiang*. O sultão *Satuq Bughra Khan* (萨图克-博格拉汗, *sàtúkèbógélāhán*) foi o primeiro turco que ali professou o islamismo e, desde então, esta religião suplantou regionalmente o budismo.

Um desses sucessores de Maomé foi *Uthman ibn Affan*[292], o terceiro califa ortodoxo[293], cujo emissário chegou a *Chang'an* em 651, apresentando-se perante o imperador *Gaozong*[294], da dinastia *Tang*. Posteriormente, o comércio entre *Tang* e o mundo islâmico transformou-se numa realidade cada vez mais próspera e inúmeros muçulmanos abriram lojas árabes em *Chang'an*, onde vendiam especiarias, joias e muitos outros produtos. À medida que os comerciantes muçulmanos prosperavam, o islamismo tornou-se mais popular na China.

Em 755, aquando da *Rebelião de An Lushan* (安史之乱, *ānshǐzhīluàn*) no norte da China, o imperador *Tang* pediu auxílio aos *uigur*[295] e aos abássidas. Com a vitória *Tang*, em 763, muitos soldados muçulmanos e *uigures* já islamizados, fixaram-se em *Shayuan* (沙苑,

[290] Maomé foi um líder religioso e político árabe que, segundo a tradição islâmica, corresponde ao mais recente e último profeta de Deus, cf. MA, Tong, *Cultura Muçulmana na Rota da Seda*, Editor Popular de Ningxia, Yinchuan, 2000, p.3.
[291] A dinastia omíada, aquela que sucedeu aos quatro califas ortodoxos, tem as suas origens, tal como Maomé, numa tribo de Meca, os coraixitas, cf. QIAN, Xuewen, *História do Império Árabe*, Editor Popular de Ningxia, Yinchuan, 2005, pp. 109-114.
[292] O nome do terceiro califa muçulmano é normalmente traduzido para português como Otman, Utman ou Otomão.
[293] O título califa significa "o substituto do Profeta", cf. Ma, Tong, *Ob. cit*., p. 34.
[294] O imperador Gaozong (*唐高宗, táng gāo zōng*) da dinastia *Tang* nasceu em 628 e morreu em 27 de dezembro de 683 e governou a China desde 649, cf. LU, Xiangqian, *Mortes de Wu Zetian e de Liu Ji*, Editor da Universidade de Zhejiang, Hangzhou, 2007, p. 86.
[295] O império uigur (*回纥, huí hé*), um estado turco (742-848), situava-se na Ásia Central, cf. LIN, Gan e GAO, Zihou, *História do Império Uigur*, Editor Popular de Interior Mongólia, Hohhot, 1990, pp. 1-3.

shāyuàn), na China. Na realidade, a maior parte dos soldados muçulmanos, nomeadamente árabes, persas ou *uigures*, nunca mais deixariam o país, razão pela qual a região de *Shayuan* constitui, ainda hoje, uma das áreas de forte implantação islâmica.

Os *manchu* tomaram diferentes medidas para dominar os *han*, mongóis, tibetanos e muçulmanos. Antes de entrarem na China central, os *manchu* residiam no nordeste do país, enquanto a maioria dos muçulmanos se concentrava a noroeste, pelo que se desconheciam mutuamente. Assim, quando os *manchu* chegaram ao poder, não limitaram as atividades dos muçulmanos. Pelo contrário, os conflitos entre os *han* e os muçulmanos prolongaram-se no tempo. Muitos ministros *han* acusaram os muçulmanos de planearem uma sublevação, mas *Kangxi* considerou estas acusações infundadas. Para manter a paz, o imperador decidiu punir os ministros que inventavam conspirações, e anunciou que protegia o direito dos muçulmanos e as tradições islâmicas[296]. Mas, ainda que *Kangxi* respeitasse a sua cultura, os muçulmanos não aceitaram o domínio *manchu*, o que conduziu a muitas rebeliões que ameaçaram a segurança da China. Em consequência disso, o governo de *Qing* decidiu reprimir o islamismo, proibindo mesmo os muçulmanos de fazerem a peregrinação a Meca, o que inflamou a comunidade[297].

O trabalho dos jesuítas estendeu-se a muitas regiões da China, mas quase nunca se orientou para noroeste, por duas ordens de razões. Em primeiro lugar, a maioria dos muçulmanos residia ali. Ora, como é sabido, o islamismo choca com o cristianismo, e quase todos os muçulmanos possuem uma forte fé, dificilmente se convertem a outra religião. Para além disso, a região noroeste não era segura, sempre assolada por batalhas, pelo que a tarefa de evangelização ali estaria votada ao fracasso. Assim, o catolicismo nunca ganhou expressão naquela região.

O budismo tem sido a religião dominante na China, sendo a primeira e uma das mais importantes religiões estrangeiras a entrar no país. O budismo surgiu na Índia, chegando à China através da *Rota da seda* e estendendo-se mais tarde à Coreia e ao Japão. Ainda que seja impossível determinar a data exata da sua "importação" para a China, tudo aponta que terá ocorrido durante a dinastia *Han*, após a formação da *Rota da Seda* e durante as dinastias

[296] YANG, Hude e ZHANG, Zhongyue, «Política do Islamismo na Dinastia Qing», em *Journal of Minorities Teachers College of Qinghai Teachers University* 11(2008), p. 1.
[297] Fonte: www.fox2008.cn/ebook/zgdyslj/6.html, consultado em 6 de abril de 2013.

do *Norte* e do *Sul* (420-589). Segundo o *Romance dos Três Reinos* (三国志*, sān guó zhì*), o ministro do *Grande Yuezhi*, *Yicun* (伊存, *yī cún*), visitou *Chang'an* no ano 2 a.C., e ensinou os cânones do budismo ao ministro *Jinglu* (景庐, *jǐng lú*) da dinastia *Han*.

Em 64, o imperador da dinastia *Han Oriental* enviou *Cai Yin* (蔡音*cài, yīn*) para a Índia, com o objetivo de estudar os cânones do budismo. Durante a viagem, *Cai Yin* encontrou os monges indianos *Kasyapa-matanga* e *Dharmaraksa,* que também se interessavam pelo estudo do budismo e, assim, rumaram juntos para a capital *Luoyang*.

No ano seguinte, foi construído o *Templo Cavalo Branco* (白马寺, *bái mǎ sì*), inspirado no templo indiano de *Jetavana Vihara* e *Kasyapa-matanga* começou a traduzir para chinês o primeiro volume de *Sutra de quarenta e dois capítulos*, um dos cânones budistas[298]. Desde então, o budismo expandiu-se largamente junto de diversos setores sociais, incluindo a família imperial. Isto explica porque o imperador *Heng,* da dinastia *Han Oriental*, fundou um templo na corte e o povo instalava templos budistas em inúmeras cidades, vilas e aldeias.

Xuanzang (玄奘, *xuánzàng*), o mais famoso monge da dinastia *Tang*, foi para a Índia onde permaneceu 17 anos. No seu regresso, trouxe para *Chang'an* não só 657 volumes de cânones budistas como algumas imagens de Buda. Aí, escreveu *Tang e Zona Ocidental*, obra na qual descreve as terras por onde passou ou de que ouviu falar, designadamente a *Zona Ocidental* e a Índia, texto fundamental para conhecer as etnias e culturas do oeste da China[299].

Na dinastia *Qing*, muitos chineses se converteram ao budismo. Foi o caso do imperador *Shunzhi* que, reza a história, terá abdicado do trono para se tornar monge. Já *Kangxi*, não querendo cometer o mesmo erro do seu pai e de outros imperadores que negligenciaram os assuntos de Estado por causa do budismo, como *Huizong* (宋徽宗, *sònghuīzōng*) da dinastia *Song*, e *Wudi* (梁武帝, *liángwǔdì*) da dinastia *Liang Sul*, não foi muito influenciado por essa religião, pois acreditava que prejudicaria os interesses do país. Contudo, *Kangxi* foi muito sensato nesta matéria, não tomando medidas repressivas em

[298] *Sutra de quarenta e dois capítulos* (em chinês: *四十二章经, sì shí èr zhāng jīng*) é uma obra budista, em que cada capítulo tem expressões de um Buda, cf. GUO, Feng, *The chronicle of the silk road*, Editor Popular de Shanxi, Xi'an, 2003, p. 118.
[299] Fonte: www.mongolianculture.com/indomongolian.htm, consultado em 7 de abril de 2013.

relação ao budismo.

Por um lado, o imperador limitou rigorosamente a quantidade e dimensão dos templos, uma vez que não era permitido construir ou alargar os templos sem licença real. O número de monges foi também fixado: os templos não podiam aceitar monges em excesso. Anteriormente, o governo atribuía um documento especial aos monges que preenchiam certos requisitos - o *dudie* (度牒, *dùdíe*) - que os isentava dos impostos e os dispensava do serviço militar. Visto que *Shunzhi* foi muito influenciado pelo budismo, não era exigente quanto aos requisitos, atribuindo o *dudie* a muitos monges. *Kangxi* anulou esta prática. Tal como os católicos, os budistas também pediam que os monges realizassem certos sacrifícios para assinalar uma morte, mas *Kangxi* proibiu essas manifestações religiosas em espaços públicos.

O governo atribuía igualmente alguns cargos políticos aos monges, para tratarem de assuntos relacionados com o budismo, e *Kangxi* manteve essa tradição, mas retirou poder concreto aos monges.

Apesar destas restrições, o imperador não proibiu o budismo. Normalmente, *Kangxi* saía da corte apenas quando as circunstâncias de Estado o exigiam, nomeadamente em caso de guerra, mas gostava muito de visitar outras cidades. De facto, ele visitou muitos templos budistas na China, deixando o seu registo em templos famosos, ou solicitando aos funcionários locais a sua reconstrução. No sentido de garantir o domínio do Tibete, e uma vez que quase todos os tibetanos eram budistas fervorosos, *Kangxi* ofereceu muitos benefícios aos monges e habitantes do Tibete[300].

Sublinhe-se a atitude objetiva de *Kangxi* para com o budismo, pois ele respeitava aquela fé mas, sendo a China um Estado secular, não permitiu que a religião ultrapassasse o poder imperial e limitou as atividades religiosas.

O budismo constituiu o maior obstáculo à divulgação do catolicismo, devido à sua forte influência e número de fiéis. Contudo, contrariamente ao islamismo, esta é uma religião tolerante, não proíbe que os crentes professem outras crenças, por isso, muitos chineses budistas acabaram por se converter ao catolicismo, após contacto com os missionários.

[300] Cf. WU, Zhaobo, «O imperador Kangxi e o Budismo», em *Arquivo da História* 1(2005), Pequim, pp. 38-44.

5.1.2 O Cristianismo na China

Apesar de Matteo Ricci, Tomás Pereira, Ruggieri e outros missionários famosos chegarem à China entre os séculos XVI e XVIII, os contactos do país com o cristianismo remontam ao século VII. Em 635, o bispo do nestorianismo (景教, *jǐngjiào*)[301] Alopen chegou à China vindo da Pérsia, conseguindo uma entrevista com o imperador *Taizong* (唐太宗, *tángtàizōng*) da dinastia *Tang*[302]. O nestorianismo tornou-se imediatamente popular, sobretudo junto dos nobres, e os imperadores autorizaram a construção de igrejas nestorianas na China, na condição de ostentarem a imagem do imperador. A imperatriz *Wu Zetian*[303] (武则天, *wǔzétiān*) restringiria posteriormente o nestorianismo, em defesa da sua fé budista. Perante esta situação, *Alopen* decidiu introduzir algumas doutrinas budistas no nestorianismo, ao mesmo tempo que reunia fundos para construir um grande monumento metálico em *Luoyang*, o *Monumento dos Elogios de Grande Zhou* (大周万国讼德天枢, *dàzhōu wànguó sòngdé tiānshū*)[304], que enaltecia os méritos da imperatriz[305]. *Wu Zetian* ficou satisfeita com a homenagem e eliminou as proibições anteriores.

Em 1623, a *Estela do Nestorianismo* (大秦景教流行中国碑, *dàqínjǐngjiào liúxíng zhōngguó bēi*) foi descoberta em *Chang'an*, com 1.780 carateres chineses e 10 alfabetos siríacos, registando a evolução do nestorianismo durante a dinastia *Tang*. Investigações posteriores provaram que esta estela foi erguida em 781 numa igreja nestoriana e, quando os jesuítas tomaram conhecimento do facto, decalcaram a inscrição e traduziram-na para latim, enviando a cópia traduzida para a Europa[306].

Entretanto, o zoroastrismo[307] e o maniqueísmo[308] tornaram-se igualmente populares

[301] Nestorianismo é uma doutrina cristológica proposta por Nestório, Patriarca de Constantinopla (428 - 431). A doutrina, formada durante os estudos de Nestório sob Teodoro de Mopsuéstia na Escola de Antioquia, enfatiza a desunião entre as naturezas humana e divina de Jesus. Fonte: www.infoescola.com/religiao/nestorianismo/, consultado em 10 de abril de 2013.

[302] Fonte: www.bdcconline.net/en/stories/a/alopen.php, consultado em 10 de abril de 2013.

[303] Wu Zetian, (625-705), conhecida como imperatriz Wu, foi a única mulher na história da China que ocupou o trono imperial. Fonte: www.womeninworldhistory.com/heroine6.html, consultado em 10 de abril de 2013.

[304] Quando a imperatriz Wu Zetian governava a China, mudou o nome do país *Tang* (*唐, táng*) para *Zhou* (*周, zhōu*), mas depois da sua morte, o nome *Tang* foi novamente restaurado.

[305] Fonte: http://blog.163.com/young.austin@126/blog/static/407047812009631271418 7/, consultado em 10 de abril de 2013.

[306] Fonte: http://hua.umf.maine.edu/China/Xian/pages/210_Xian_Forest_of_Steles.html, consultado em 10 de abril de 2013.

[307] O zoroastrismo, também chamado de masdeísmo, é uma religião monoteísta fundada na antiga Pérsia pelo profeta Zaratustra, a quem os gregos chamavam de Zoroastro. É considerada como a primeira manifestação de um monoteísmo ético. Fonte: www.brasilescola.com/mitologia/zoroastrismo-religiao-dos-antigos-persas.htm, consultado em 10 de abril de 2013.

[308] O Maniqueísmo é uma filosofia religiosa sincrética e dualística fundada e propagada por Maniqueu que divide o mundo simplesmente entre *Bom*, ou Deus, e *Mau*, ou o Diabo. A matéria é intrinsecamente má, e o espírito intrinsecamente bom. Fonte: www.ocultura.org.br/index.php/Manique%C3%ADsmo, consultado em 10 de abril de 2013.

na China.

O florescimento do nestorianismo não durou muito tempo. Visto que os monges estavam isentos de pagar impostos e gozavam de outros benefícios, muitos chineses tornaram-se monges para evitar os impostos, fazendo com que a economia do país decaísse. Em 845, o imperador *Wuzong* (唐武宗, *tángwǔzōng*), da dinastia *Tang*, ordenou a destruição de vários templos e estátuas de Buda, obrigando muitos monges a regressarem à vida civil[309]. A perseguição religiosa tornou-se ainda mais séria com o massacre de muitos nestorianos e aquela crença cristã foi definhando[310].

No século XIII, o império mongol expandiu o seu domínio a toda a China: os chineses chamam esta época de ocupação de dinastia *Yuan* (元, *yuán*). Assim, muitos habitantes da Ásia central e do sudoeste asiático entraram na China: árabes, eslavos, judeus, turcos, *tangut*, assírios, muitos deles nestorianos. O governo da Mongólia não se imiscuía nos assuntos religiosos, portanto o nestorianismo renasceu na China, ao ponto de devotos desempenharem importantes cargos políticos. A própria rainha *Sorkaktani*[311] professava esta fé, apesar de, segundo a obra *Jami' al-tawarikh* (史集, *shǐjí*): "mesmo que ela fosse uma cristã, ainda não poupava esforços para promover o desenvolvimento das doutrinas de Maomé…"[312]

No seu caminho para a China, o célebre explorador veneziano Marco Pólo encontrou muitos nestorianos:

> "Cigianfu he hũa çidade da prouincia de Mangy. em que se fazem muytas obras de outro e de sirguo. ally estam duas ygrejas de christaãos nestorinos. as quaes edificou Marsarchis ho Nestorino. ho qual percalçou do gram Cham ho bispado em aquela çidade."[313]

Refira-se que *Cigianfu* é a cidade de *Zhenjiang* (镇江, *zhènjiāng*), localizada no leste da China. Mais. De acordo com os seus registos, existiam igrejas nestorianas em Pequim

[309] Fonte: http://credit-report-score-deep.blogspot.pt/2008/09/great-anti-buddhist-persecution.html, consultado em 13 de julho de 2014.
[310] WANG, Jing, «As Razões da Decadência do Nestorianismo na Dinastia Tang», em *Journal of Northwestern Polytechnical University (Social Sciences)* 1(2006), Xi'an, p. 54.
[311] Sorghaghtani Beki, ou Sorkhokhtani, era esposa de Tolui, filho mais novo de Gengis Khan. Fonte: www.babylon.com/definition/Sorkaktani/, consultado em 13 de julho de 2014.
[312] ZONG, Yiyun, «Comparação do Nestorianismo e do Catolicismo na Dinastia Yuan», em *Estudos Religiosos do Mundo* 5(2011), p. 132.
[313] PÓLO, Marco, *O Livro de Marco Paulo*, edição de Francisco Maria Esteves Pereira conforme a impressão de Valentim Fernandes feita em Lisboa em 1502, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, Lisboa, 1922, p. 54.

(norte), *Dunhuang* (oeste), *Quanzhou* (sul) e outras cidades, o que significa que o nestorianismo se alastrou a todo o país. *Quanzhou* seria o centro do nestorianismo no sul, porque muitas relíquias relacionadas com esta fé foram descobertas nesta cidade.

O nestorianismo na China foi muito influenciado pela cultura oriental. Por exemplo, não pregava que Maria era mãe de Deus; não utilizava imagens, apesar de manter a cruz; os bispos não podiam comer carne, mas podiam casar-se [314] Todavia, a influência do nestorianismo diminuía em igual proporção ao crescimento do número de católicos.

Em 1243, o Papa Inocêncio IV enviou o padre *Giovanni da Pian del Carpine* transmitir o catolicismo no império mongol. Três anos mais tarde, o padre apresentou-se ao governador mongol *Guyuk Khan* (贵由, *guìyóu*), em *Caracórum*, mas não conseguiu convertê-lo ao catolicismo, pelo que regressou à Europa no ano seguinte. Concomitantemente, o Papa destacou outros dois padres para o sul da China, que não chegaram ao destino. Em 1252, o rei Luís IX da França enviou o padre Guilherme de Rubruck ao império mongol, para se encontrar com *Mongke Khan*. A reunião decorreu em *Caracórum*, a 3 de janeiro de 1254, mas o trabalho de evangelização continuou interdito[315].

Já os italianos Nicolau e Maffeo Pólo chegaram a Pequim, capital do império mongol (1265), sendo recebidos por *Kublai Khan*, que era simpatizante do catolicismo. *Khan* pediu-lhes que relatassem ao Papa a situação do império, na esperança de que o Papa enviasse novamente missionários para a China. Em 1269, eles regressaram à Europa e encontraram o novo Papa, Gregório X. Dois anos depois, os irmãos partiram de novo para a China, com uma carta do Papa dirigida ao imperador mongol, desta vez acompanhados pelo filho de Nicolau (Marco Pólo, então com 15 anos), mas os dois missionários nunca chegaram ao destino[316].

Em 1287, o nestoriano *Rabban Sauma* representou o Estado do Ilcanato [317] na Europa, chegando a Roma no ano seguinte onde se reuniu com o Papa Nicolau IV, que lhe confiou uma missiva para *Kublai Khan*. Em 1289, ele regressou a casa enquanto o Papa planeava novas missões na China[318].

---

[314] Cf. ZHU, Qian, *O Nestorianismo na China*, Edição Popular, Pequim, 1993, pp. 135-136.
[315] Fonte: http://baike.soso.com/v54658207.htm, consultado em 11 de abril de 2013.
[316] Fonte: www.biography.com/people/marco-polo-9443861, consultado em 11 de abril de 2013.
[317] O Ilcanato, também grafado Ilkhanato, foi um dos quatro Estados sucessores do império mongol, resultantes da sua fragmentação. Fonte: www.historytoday.com/historical-dictionary/i/ilkhanate, consultado em 11 de abril de 2013.
[318] Fonte: www.britannica.com/EBchecked/topic/52503/Rabban-bar-Sauma, consultado em 11 de abril de 2013.

Um dos missionários enviados foi o padre italiano João de Montecorvino[319] (1247-1328) da Ordem dos Frades Menores, que chegaria a *Quanzhou*, na província de *Fujian*, em 1291, alcançando algum tempo depois Pequim (1294), onde se apresentou ao imperador *Temur Khan* (铁穆尔, *tiěmùěr*). Este concordou que o franciscano divulgasse a sua fé, o que significou a entrada oficial do catolicismo na China, para descontentamento dos nestorianos.

Mais tarde, João de Montecorvino estabeleceu duas igrejas católicas em Pequim (1299 e 1305), altura em que já existiam mais de 30 mil cristãos na China, sendo auxiliado na sua obra de evangelização por Arnaldo de Colónia, frade alemão que a ele se reuniu em 1303.[320] Em homenagem ao padre, criou-se também o *Convento de Montecorvino* na província de *Shanxi*[321], com o objetivo de formar novos sacerdotes. Sob a orientação de Montecorvino, que viria a ser nomeado Arcebispo e Patriarca de Todo o Oriente pelo Papa Clemente V, a missão católica conseguiu grande êxito no norte e leste da China, apesar da oposição nestoriana.

Em 1313, a Igreja em Roma enviou o padre Gerado e outros seis missionários para a China. Um deles ficou num outro lugar a transmitir o catolicismo, três deles morreram na Índia, portanto só três missionários chegaram à China. Gerado foi nomeado bispo da diocese de *Quanzhou*, outros dois pregavam em Pequim, portanto a China teria duas dioceses: Pequim e *Quanzhou*. Na sequência da morte de Gerado, em 1328, o Papa João XXII enviou o padre Nicolau para o suceder no cargo (1333)[322].

Em 1338, o padre italiano André representou o império mongol numa visita à Europa, sendo-lhe concedida uma audiência com o Papa Bento XII. Em contrapartida, o Papa nomeou *Giovani de' Marignolli* como seu embaixador, que se dirigiu à China com uma comitiva de mais de 50 pessoas, chegando em 1342, para ser recebido pelo imperador *Ukhaantu Khan* (妥欢贴睦尔, *tuhuāntiēmùěr*).

O império mongol praticava então a segregação racial na China, os *han* e outras etnias não usufruíam das regalias dos mongóis, o que conduziu a muitas batalhas, onde pereceram muitos cristãos. Em 1368, os *han* reconquistaram a China, estabelecendo a

[319] João de Montecorvino (1247-1328) foi um missionário italiano, considerado o primeiro apóstolo da China. Foi o primeiro arcebispo do Oriente, tendo sido investido como Arcebispo de Khanbaliq e Patriarca de Todo o Oriente. Atualmente é venerado como um beato da Igreja Católica. Fonte: www.newadvent.org/cathen/08474a.htm, consultado em 10 de abril de 2013.
[320] Cf. ZONG, Yiyun, *Art. cit.*, p. 134.
[321] Fonte: http://baike.baidu.com/view/1128240.htm, consultado em 10 de abril de 2013.
[322] Cf. ZONG, Yiyun, *Art. cit.*, p. 134.

dinastia *Ming*, cujos governantes fecharam as portas aos estrangeiros, expulsando todos os missionários (católicos ou nestorianos)[323]. Durante um século e meio, os contactos entre a China e o Ocidente foram praticamente inexistentes.

Uma nova fase missionária surgiu no século XVI, quando o padre Francisco Xavier chegou à ilha Sanchoão na China, e os portugueses se estabeleceram em Macau. O Colégio de São Paulo em Macau tornou-se a base dos jesuítas, de onde saíam novos missionários para a China continental.

O governo da China manteve todavia uma atitude negativa para com os religiosos católicos, porque achava que as doutrinas cristãs chocavam com as tradições chinesas. Assim, o padre Matteo Ricci (1552-1610) permitiu que os cristãos chineses mantivessem alguns costumes ancestrais, como o culto dos antepassados ou as oferendas a Confúcio, para além de tentar conciliar o catolicismo com os textos clássicos do confucionismo, que estudou profundamente. O governo aceitou com agrado as tentativas de inculturação católica[324], nomeadamente as sugestões de Ricci a que chamou *Regulamento de Matteo Ricci* (利玛窦规矩, *lìmǎdòuguījǔ*), exigindo que todos os jesuítas lhe obedecessem em território chinês[325].

Uma missão católica permanente foi criada em Pequim (1601), graças aos esforços de Matteo Ricci. O seu método de evangelização foi bastante subtil, despertou o interesse do imperador e de outros intelectuais chineses pela ciência e cultura ocidentais, fazendo dessa curiosidade o ponto de abertura para a doutrina católica.

Em 1603, *Xu Guangqi* (徐光启, *xúguānngqǐ,* aliás Paulo, nome cristão) foi batizado em Nanquim tornando-se, mais tarde, um importante ministro, mantendo uma boa relação com Matteo Ricci na corte com quem traduziu os *Elementos de Euclides*[326]. Os ministros *Li Zhizao* e *Yang Tingjun* (杨廷筠, *yáng tíngjūn*) também se converteram ao catolicismo, em 1610 e 1611, então, estes três ministros uniram-se para promover o catolicismo na China, sendo por isso, considerados os *Três Grandes Pilares do Catolicismo Chinês* (圣教三柱石,

[323] Fonte: http://baike.baidu.com/view/1166013.htm, consultado em 12 de abril de 2013.
[324] Designa-se por "acomodação cultural" ou por "inculturação", o esforço de muitos missionários no sentido de valorizarem elementos das culturas nativas que tentavam converter ao Cristianismo.
[325] Fonte: http://gd.sina.com.cn/life/news/2005-09-21/1713987.html, consultado em 12 de abril de 2013.
[326] Fonte: www-history.mcs.st-andrews.ac.uk/Biographies/Xu_Guangqi.html, consultado em 12 de abril de 2013.

shèngjiàosānzhùshí)[327].

O jesuíta e explorador português Bento de Góis foi o primeiro europeu a percorrer o caminho terrestre da Índia para a China, através da Ásia Central, chegando a *Suzhou* (肃州, *sùzhōu*) na China, em 1605, onde morreu devido ao cansaço. As suas explorações demonstraram contudo que o reino de Cataio, descrito na obra *As Viagens* de Marco Pólo, era de facto a China[328].

Em 1613, outro jesuíta português de seu nome Álvaro Semedo (曾德昭, *zēng dézhào*, ou 谢务禄, *xiè wùlù*) chegou a Nanquim, onde alcançou manifesta notoriedade com a obra intitulada *Relação da Grande Monarquia da China*, na qual descreve o país numa época particularmente difícil, que corresponde ao fim da dinastia *Ming* e à instauração da dinastia *Qing*[329].

Na primeira metade do século XVII, a dinastia *Ming* debatia-se com a ameaça dos *manchu* e também de organizações anti-governo, nomeadamente a seita *Sociedade do Lótus Branco* (白莲教, *báiliánjiào*)[330]. Para o ministro *Shen Que* (沈榷, *shěn què*), o catolicismo estaria unido àquela sociedade com o objetivo de destronar os *Ming*, opinião que relatou ao imperador. Os seus argumentos foram quatro. Primeiro, os jesuítas recebiam muitas doações privadas em nome de Deus, mas o seu objetivo era muito discutível. Em segundo lugar, os jesuítas observavam o calendário gregoriano, que considerava contrário à tradição chinesa. Terceiro, o primeiro imperador e a sua esposa foram enterrados juntos na *Tumba de Mingxiao* (明孝陵, *míngxiàolíng*), em Nanquim, a velha capital do país, mas os jesuítas construíram um jardim em redor da tumba, onde penduraram uma imagem de Jesus, profanando o túmulo do ex-imperador. Quarto e último argumento: os missionários adoravam Deus, mas não prestavam culto aos antepassados, levando as pessoas a desrespeitarem os deveres filiais[331].

As contradições entre as doutrinas católicas e as tradições locais ficavam cada vez mais óbvias e, apesar de *Xu Guangqi* defender os jesuítas, os padres Semedo, Alfonso

[327] Fonte: http://catholicunderthehood.com/2012/07/05/288-the-three-pillars-of-chinese-catholicism/ consultado em 12 de abril de 2013.
[328] Fonte: http://expresso.sapo.pt/bento-de-gois-e-a-asia-central=f122620, consultado em 12 de abril de 2013.
[329] Fonte: www.univie.ac.at/Geschichte/China-Bibliographie/blog/2010/11/09/semmedo-imperio-de-la-china/, consultado em 12 de abril de 2013.
[330] A Sociedade do Lótus Branco afirmou-se como escola sectária budista no século XII, alcançando grande prestígio junto da população. Fonte: http://baike.soso.com/v148135.htm, consultado em 12 de abril de 2013.
[331] Cf. YU, Yuhan, «O Caso dos Jesuítas em Nanquim no fim da Dinastia Ming», em *Journal of Changwei Teachers College* 4(1994), Weifang, pp. 64-65.

Vagnoni (王丰肃, *wáng fēngsù*, 高一志, *gāo yīzhì*) e outros 14 cristãos foram presos em Nanquim a 21 de julho de 1616. Mais tarde, os dois padres foram expulsos para Macau. Os jesuítas em Pequim, apreensivos, tentaram refutar as acusações, sem sucesso. Em dezembro, quando o imperador *Wanli* promulgou a *Proibição do Cristianismo*, os padres Sabatino de Ursis (熊三拔, *xióng sānbá*) e Diego de Pantoja (庞迪我, *páng díwǒ*), estabelecidos em Pequim, foram igualmente expulsos para Macau.

Contudo, os jesuítas de outras cidades permaneceram na China, escondidos. Quando o assunto esmoreceu, os padres Semedo e Alfonso regressaram à China continental, secretamente, e os seus nomes passaram a ter designações chinesas, a fim de continuarem a divulgar o catolicismo. Este episódio ficou conhecido como o "Caso dos Jesuítas em Nanquim" (南京教案, *nánjīngjiàoàn*)[332].

Com a morte do imperador *Wanli* em 1620, a proibição deixou de ser seguida à risca. Em 1622, o padre Johann Adam Schall Von Bell conseguiu entrar no país, o que representou o recomeço das missões na China.

Entretanto, alguns jesuítas granjearam a confiança do novo imperador *Xizong* (明熹宗, *míngxīzōng*), nomeadamente os padres Manuel Dias, Niccolo Longobardi (龙华民, *lóng huámín*) e João de Rocha (罗如望, *luó rúwàng*) que o ajudaram a fabricar canhões. Seguiu-se a chegada de muitos outros religiosos, incluindo Gabriel de Magalhães, Ludovico Buglio (利类思, *lì lèisī*), Koffler (瞿安德, *qú ānde*), Martino Martini (卫匡国, *wèi kuāngguó*) e Michal Boym (卜弥格, *bǔ mígé*).

As guerras constantes dificultavam, no entanto, a missão dos jesuítas. Por exemplo, *Zhang Xianzhong* (张献忠, *zhāng xiànzhōng*) ex-militar *Ming*, organizou uma tropa privada com mais de 600 mil soldados, lutou contra o exército *Ming* e conquistou a província de *Sichuan* (四川, *sìchuān*), onde estabeleceu o país *Daxi* (大西, *dàxī*) em 1643, sendo *Chengdu* a capital[333]. Quando os padres Gabriel e Ludovico chegaram a *Chengdu*, trabalharam para Zhang. Porém, *Daxi* durou apenas três anos, sendo conquistado pelas tropas *Qing* em 1646. Segundo o documento *Catolicismo em Sichuan* (圣教入川记,

[332] Cf. *Idem*, *ibidem*, p. 65.
[333] Fonte: www.britannica.com/EBchecked/topic/105565/Zhang-Xianzhong, consultado em 15 de abril de 2013.

shèngjiàorùchuānjì), escrito por Gabriel e Ludovico, *Zhang* foi um homem cruel, e quando o seu exército foi definitivamente derrotado, ele massacrou os habitantes, os seus soldados e funcionários. Felizmente, os dois padres evitaram o massacre e, quando *Zhang* foi morto pelo exército *Qing*, os dois foram capturados e levados para Pequim. Os sacerdotes trabalharam então na corte, onde conquistaram a confiança do imperador *Shunzhi* [334].

Por outro lado, quando *Li Zicheng* conquistou Pequim, o imperador *Chongzhen* suicidou-se e a sua família fugiu para o sul da China, mas o padre Johann Adam Schall Von Bell permaneceu na corte, passando a trabalhar para o imperador *Shunzhi*. Pelo contrário, os padres Koffler e Michal acompanharam a família real *Ming* no exílio para o sul da China e continuaram ao seu serviço. Por exemplo, em 1648, Koffler batizou o terceiro príncipe, *Zhu Cixuan* (朱慈煊, *zhū cíxuān*), e outros membros da família real *Ming*[335] e Michal visitou a Santa Sé e outros países europeus, como embaixador de *Ming*, em 1650[336]. Contudo, a maior parte dos missionários passou a trabalhar para o novo governo.

Em 1648, o missionário espanhol Franciscus de Capillas (刘方济, *liú fāngjì*), da Ordem dos Pregadores, foi condenado à morte na província de *Fujian*, por cometer adultério com uma viúva chinesa, gerando um filho. Este era considerado um crime muito grave naquele tempo e teve consequências negativas para as missões na China[337].

Ainda assim, o imperador *Shunzhi* tinha uma atitude tolerante em relação ao catolicismo e tratava bem os jesuítas na corte. Em 1650, ele promulgou uma *Tolerância ao Catolicismo* (容教敕书, *róngjiàochìshū*), legalizando assim a evangelização católica. Em 1657, *Shunzhi* outorgou uma tabuleta à Catedral da Imaculada Conceição em Pequim, em que inscreveu quatro carateres "通微佳境" (*tōngwēijiājìng*), significando que (os padres) conheciam algumas coisas muito bem[338].

5.2 A missão de Tomás Pereira na China

"Nosso S*enh*or os mande p*ar*a acudir a tantos milhões de almas, q*ue* se uão ao

[334] Fonte: http://news.ifeng.com/history/zhongguogudaishi/detail_2011_08/16/8435377_0.shtml, consultado em 15 de abril de 2013.
[335] Fonte: http://baike.baidu.com/view/1166013.htm, consultado em 15 de abril de 2013.
[336] Fonte: www.boym.org/consort/patron, consultado em 15 de abril de 2013.
[337] Fonte: www.people.com.cn/GB/channel1/10/20000929/255603.html, consultado em 16 de abril de 2013.
[338] Fonte: http://baike.baidu.com/view/1166013.htm, consultado em 16 de abril de 2013.

inferno por esta falta, e nos ajunte no Ceo c*om* outros m*ui*tos."[339] O padre Tomás Pereira tornou-se famoso entre os chineses, graças o seu talento musical e diplomático mas, para a Companhia de Jesus, ele era um grande jesuíta simplesmente porque promovia os interesses da Ordem. O português serviu de mediador entre o governo chinês e a Igreja em Roma na questão da *Controvérsia dos Ritos*, ao mesmo tempo que defendia o Padroado Português no Oriente.

O imperador de então, *Kangxi*, revelava grande interesse em relação à música ocidental, que estudava com o padre Ferdinand Verbiest, cujos conhecimentos eram limitados. Verbiest recomendou então Tomás Pereira, como oportunamente se referiu, para prosseguir a educação musical do imperador, assim como sugeriu o colega como tradutor, durante as negociações com a Rússia.

Pereira tinha igualmente formação em Astronomia, portanto integrou o Gabinete Imperial de Astronomia, ao lado de Verbiest. Os dois jesuítas formaram igualmente uma equipa em prol da evangelização na China. Pode dizer-se que os dois padres tinham uma relação próxima, que Verbiest era professor, amigo e mentor de Tomás Pereira. E que o sucesso deste último dependeu do apoio de Verbiest. Naturalmente, quando o seu amigo expirou, em 1688, o jesuíta português ficou deveras pesaroso, expressando a sua saudade no *Diário* em várias passagens:

> "Após a morte do Nosso Padre Fernando Verbiest, benemérito de toda a missão da China, que a própria divina bondade e misericórdia chamara a melhor vida no dia 28 de janeiro do ano passado, cumulado com o digno prémio de tantos trabalhos levados a cabo para a glória de Deus, veio parar às mãos deste servo humilíssimo e todo inclinado à Sagrada Família Agostiniana, a de Vossa Paternidade, uma carta, que eu li e reli, com não menos alegria do que eu julgo a leria o meu Predecessor; a caridade de que estava cheia intercederá junto do Senhor; no entanto sofro a dor de que, sendo eu diferente não só quanto aos merecimentos mas também quanto aos dons concedidos pela divina liberalidade ao Padre Fernando Verbiest, nunca poderei ser equiparado à benevolência de Vossa Reverendíssima Paternidade, sumamente favorável à nossa Companhia."[340]

[339] BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Ob. cit*., p. 85.
[340] BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Ob. cit*., p. 203.

Pereira confirmou a contribuição de Verbiest para a Companhia de Jesus, tomando-o como modelo e tornando-se o seu "herdeiro", porque nunca frustrou as esperanças da China, de Portugal e da Companhia de Jesus.

Já se referiu que Tomás Pereira desempenhava o cargo de Visitador das Províncias Japão-China, de reitor do Colégio dos Jesuítas em Pequim e de Vice-Provincial da China da Companhia de Jesus. Na época, os jesuítas tinham de estudar em Macau antes de entrarem no país mas, com a prosperidade do catolicismo, Tomás Pereira procurou estabelecer um colégio em Pequim, a fim de formar os jesuítas localmente.

> "Suposto termos cá tantos auisos, *e* preceitos; hu*m* dos quais hé o ser obrigado a dar o meu escusado paresser sobre os Sacerdotes nouos, e Collegio, q*ue* se pertende fundar; o faço. Ao q*ue* digo, me paresse seria cousa boa o Collegio hauendo gente, q*ue* o habitasse; q*ue* athe´gora não aparesse (**Salt*em*** [pelo menos] pouca) e não he, da q*ue* se imaginaua ao principio haueria; mas gente ordinaria; e q*ue* dantes, não sej se haueria pensamento, q*ue* tais erão capases. Pello q*ue* digo, q*ue* sendo dos q*ue* requere a Comp*anhi*a (o q*ue* julgo se deue encarregar aos, q*ue* Deos deu este poder) seria bom hauer collegio; mas não co*m* este pretexto (como eu ouui m*ui*tas ueses) Comessemos, *e* logo hauerá: q*ue* ha já 3 annos, e aquelles, q*ue* haverá não apparessem. Este hé o meu paresser, do Collegio.[341]"

Esta carta foi enviada em 3 de janeiro de 1678 ao Visitador Sebastião de Almeida, portanto o colégio terá sido criado depois dessa data. Os diários de Tomás Pereira entre 1678 e 1688 não fazem qualquer alusão ao colégio. A primeira referência surge em 1688, quando Pereira foi nomeado reitor do colégio, enviando duas cartas ao Visitador Simão Martins: "Faço esta nam a outro fim, que rogar a Vossa R*everencia* de joelhos, e a todo esse Collegio que me acudão com o P*adre* Luiz Azzi ao menos p*or* hum, ou dous annos…[342]" O conteúdo da segunda carta é idêntico ao da primeira. Por isso, presume-se que o Colégio dos Jesuítas em Pequim tenha começado a funcionar por volta de 1688.

Mais tarde, o padre belga Antoine Thomas (安多, *ānduō*) sucedeu-lhe na reitoria mas, apesar de estar já afastado, Pereira acompanhou o percurso do mesmo, questionando os colegas sobre o Colégio. Os seus registos revelam que a instituição foi organizada segundo

[341] *Idem, ibidem*, p. 77.
[342] *Idem, ibidem*, p. 134.

moldes europeus - "…com efeito, na Europa a cada passo, e também aqui na China…"[343] - e esclarecem também a forma de gestão do mesmo:

> "O nosso dinheiro, tal como se supõe, está colocado num fundo; mas o serem as casas que não gozam do privilégio dos Colégios dotadas de rendas, essa é a realidade que subverte pela base o fundamento do nosso Instituto."[344]

Contudo, não se encontraram documentos adicionais sobre a instituição. Talvez o desenvolvimento do colégio não tenha sido favorável, a avaliar pela carta que Tomás Pereira enviou ao Padre Geral Tirso González de Santalla, em 1696:

> "…apresentou a dificuldade, e discorrendo largamente a expondo acerca das rendas deste colégio (adquiridas e confirmadas não por ele mas por indústria de outrem) julgando que para si será fácil acrescentar as rendas encontrados (o que, se não é fácil, é de louvar a diligência em fazê-lo, se for feita com recta, sólida e comum intenção) perorou a favor do colégio muito sabiamente."[345]

Por outro lado, devido à *Controvérsia dos Ritos* que se vinha intensificando na China desde o início do século XVIII, as atividades da Ordem estavam condicionadas, o que se terá refletido no funcionamento do Colégio dos Jesuítas em Pequim.

Apesar da fundação de duas igrejas católicas em Pequim em 1299 e em 1305, estas tinham sido destruídas devido às guerras. Até que em 1605 se fundou uma nova igreja católica, a Catedral da Imaculada Conceição, ao lado de *Xuanwumen* (宣武门, *xuānwǔmén*) no sul de Pequim, comummente chamada de Igreja do Sul ou Igreja de *Xuanwumen*.

Matteo Ricci chegara a Pequim em 1601, fixando-se em *Xuanwumen*, onde decidiu fundar uma igreja. Para tal, comprou um edifício ao lado da sua residência, com 25 quilogramas de ouro, reconvertendo-o. O templo era retangular, como os edifícios tradicionais da China, mas a decoração seguiu a moda europeia.

Em maio de 1644, as tropas de *Qing* entraram em Pequim e o governo anunciou que a cidade interior era reservada aos *manchu*, pelo que todos os habitantes, incluindo os jesuítas, tinham de sair dentro de três dias. Previa-se que a igreja, onde Johann Adam Schall

[343] BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Ob. cit*., p. 213.
[344] *Idem, ibidem*.
[345] BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Ob. cit*., p. 715.

Von Bell e outros padres moravam, fosse demolida. Johann Adam explicou ao imperador *Shunzhi* que muitos livros católicos e instrumentos astronómicos se encontravam na cidade interior, sendo impossível transportar tudo em três dias. Pois *Shunzhi* concordou que Johann e outros jesuítas continuassem a morar ali, e a igreja ficasse intacta.

Em 1645, Johann Adam Schall Von Bell tomou posse como diretor do Gabinete Imperial de Astronomia, desde então, muitos jesuítas trabalharam ali, nomeadamente Ferdinand Verbiest e Tomás Pereira. Pode dizer-se que os ministros jesuítas utilizavam os seus poderes para manter esta igreja, que funcionou mesmo na época da *Proibição do Cristianismo*, sendo recuperada e reconstruída muitas vezes[346].

Em 1650, no sentido de recompensar o trabalho de Johann Adam na elaboração do calendário, *Shunzhi* outorgou-lhe 50 quilogramas de ouro, terrenos para reconstruir a igreja, e uma imagem de Nossa Senhora, para orago. O edifício incluía residências para os jesuítas, um observatório, biblioteca e sala de música. A igreja seria novamente destruída em duas ocasiões, devido a terramotos. Assim, em 1703, o imperador *Kangxi* atribuiu cinco mil quilos de prata para recuperar a igreja, sob orientação dos padres Pereira e Grimaldi. As obras de restauro foram concluídas em 1712, depois da morte de Tomás Pereira, que ocorreu em 1708. O padre teve, no entanto, um importante papel neste projeto.

Tomás Pereira registou no seu *Diário* que o órgão fora instalado na Igreja do Sul. Foi, de resto, por sua sugestão que se construíram duas torres altas: uma destinada ao órgão e outra para os sinos, de várias dimensões. Ocasionalmente, executavam-se músicas chinesas na igreja. Tomás Pereira achava que esta aproximação à cultura chinesa era favorável à evangelização[347].

A maioria das igrejas na China seguia, até então, o estilo tradicional usado nos edifícios chineses, muito diferente da arquitetura das restantes igrejas católicas espalhadas pelo mundo. Contudo, Tomás Pereira decidiu que a Igreja do Sul seria reconstruída segundo o estilo barroco, em voga na Europa. Outras igrejas seguiram esta tendência ocidental, diversificando a arquitetura chinesa. Assim, é válido afirmar-se que Tomás Pereira contribuiu também para a história da arquitetura da China[348].

---

[346] Cf. ZHAO, Xiaoyang, «A Igreja do Sul durante 400 anos», em *Jornal das Etnias da China*, Pequim, 20 de março de 2007, p. 7.
[347] Cf. *Idem, ibidem*, p. 7.
[348] Fonte: www.studa.net/meishu/030424/2003424155936-2.html, consultado em 18 de abril de 2013.

O órgão estava já na Igreja do Sul antes da sua reconstrução, conforme registo no diário de Tomás Pereira, em 30 de agosto de 1681: "…Pello q*ue* fez aqui o mesmo P*adr*e, q*ue* asima, outro Orgão, q*ue* inclue em si 4 de diuersas voses entre si… Colocou-se este anno na Igreja… sendo obrigado o Auctor a tanger mais de hu*m* mez inteiro cada dia m*ui*tas horas…"[349] Naquele tempo, Pequim tinha apenas duas igrejas: a Igreja do Sul e a Igreja do Leste (东堂, *dōngtáng*, ou Igreja de São José), fundada em 1653 em *Wangfujing*, pelo que os habitantes costumam chamá-la de Igreja de *Wangfujing* (王府井教堂, *wángfǔjǐngjiào táng*)[350].

Foi precisamente graças ao órgão que *Kangxi* entrou numa igreja pela primeira vez o que, de acordo com o *Diário* do jesuíta, aconteceu em 9 de maio de 1685[351]: "Esperamos q*ue* com esta occasião uenha á Igreja o Emperador, impedido todos estes de sua política; a qual, entendo terá paciência por esta uez; deixando-se uencer do seu appetite, e desejo, q*ue* mostra de ouuir.[352]"

O que motivou esta visita? Terá *Kangxi* sido movido apenas pelo seu interesse musical ou comungava da crença católica? Já se salientou que o imperador não era um fanático religioso, ele respeitava o budismo, governava o país sob os preceitos confucionistas e, antes da *Proibição do Cristianismo*, tinha igualmente uma atitude tolerante para com o catolicismo. Será razoável afirmar que *Kangxi* leu a Bíblia ou outras obras católicas, pois sabia muitas coisas sobre Jesus e chegou a compor alguns poemas relacionados com aquela fé. O mais famoso será porventura *A Morte de Jesus* (基督死, *jīdūsǐ*), também referido como *A Canção da Cruz de Kangxi* (康熙十字歌, *kāngxīshízìgē*):

> "O seu mérito tornou-se uma cruz, o seu sangue tornou-se um regato, as suas benevolências corriam para todos os cantos do mundo. Ele foi preso por quatro tribunais à noite[353], o seu discípulo negava três vezes, e o galo cantava duas vezes[354]. Deram-lhe 5 mil vezes chicotadas, a sua pele e carne foram rasgadas, ele foi

[349] BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Ob. cit*., p. 92.
[350] Fonte: www.drben.net/ChinaReport/Beijing/Landmarks-Hotspots/DongCheng/Dong_Tang-St_Josephs_Church-East_Cathedral/St_Josephs_Church1-East_Cathedral1-Directions-Map.html, consultado em 18 de abril de 2013.
[351] Cf. BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Ob. cit*., p. 105.
[352] BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Ob. cit*., p. 92.
[353] Quando Jesus foi preso, foi julgado em quatro locais distintos: a casa do sacerdote Anás, a casa do Sumo-sacerdote judaico Caifás (onde se reuniu o Sinédrio), a casa do procurador romano Pôncio Pilatos e a casa de Herodes *o Grande*.
[354] Jesus predisse que, quando estivesse a ser julgado, o galo cantaria duas vezes depois de S. Pedro negar três vezes que era um dos seus discípulos. A sua profecia cumprir-se-ia.

pendurado com dois ladrões[355]. Quer o povo, quer os funcionários, todos se compadeciam da sua experiência, depois de falar as sete palavras[356], todas as pessoas choravam por ele."[357]

Neste poema, *Kangxi* não só expressou o seu lamento por Jesus, mas também descreveu a crucificação com palavras simples[358]. O poema poderia indicar que *Kangxi* aceitava o catolicismo, mas ele aprovou apenas o *Regulamento de Matteo Ricci*, dando clara primazia ao confucionismo e à cultura tradicional chinesa.

Em 1703, o imperador foi infetado com a malária, doença pouco comum no país, portanto os médicos imperiais não o conseguiram tratar. Face a esta situação, os padres franceses Gerbillon e Claude de Visdelou[359] trataram *Kangxi* com quinino, e o imperador recuperou rapidamente. Como forma de agradecimento aos jesuítas, *Kangxi* doou-lhes espaço em *Xi'anmen* para construírem uma terceira igreja em Pequim. Aí nasceria a Igreja do Salvador, também conhecida como Igreja do Oeste ou Igreja de *Xishiku*, de estilo gótico[360].

Em jeito de conclusão, pode dizer-se que *Kangxi* respeitava o catolicismo e aceitava algumas das suas doutrinas mas nunca se converteu. Aliás, à medida que a *Controvérsia dos Ritos* se intensificava, *Kangxi* começou a ter dúvidas em relação às missões cristãs[361]. Mas o que causou esta controvérsia entre a China e o Ocidente? E, não menos importante, como se resolveu este conflito?

5.2.1 A Controvérsia dos Ritos e a Permissão do Catolicismo na China

A abertura da *Rota da Seda* aprofundou gradualmente o intercâmbio entre o Oriente e o Ocidente. Os chineses conheceram e começaram a utilizar, através desta rota, muitos produtos, plantas e animais ocidentais. No entanto, não aceitaram a cultura ocidental, tão

[355] Jesus Cristo foi pendurado numa cruz ao lado de dois ladrões.
[356] As sete palavras de Jesus são na verdade sete frases breves que, segundo a tradição, foram pronunciadas por Jesus durante a sua crucificação. Fonte: www.igrejaparati.com.br/as_sete_palavras_de_jesus.htm, consultado em 13 de julho de 2014.
[357] Texto original: 功成十字血成溪， 百丈恩流分自西 。身列四衙半夜路，徒方三背两番鸡。五千鞭挞寸肤裂，六尺悬垂二盗齐。惨恸八垓惊九品，七言一毕万灵啼。
[358] Fonte: www.chinacath.org/article/other/wenzh/mr/2009-01-18/2531.html, consultado em 18 de abril de 2013.
[359] Há quem defenda que foram os padres Gerbillon e Joachim Bouvet a tratar o imperador. Fonte: www.chinatravelpage.com/church-of-the-saviour-beijing, consultado em 18 de abril de 2013.
[360] Fonte: http://baike.baidu.com/view/764328.htm, consultado em 18 de abril de 2013.
[361] Fonte: http://cclw.net/gospel/explore/fyyzh/htm/chapter4.html, consultado em 18 de abril de 2013.

díspar da sua cultura tradicional.

Com a chegada dos jesuítas, no século XVI, o choque cultural tornou-se inevitável. A missão dos jesuítas era transmitir o catolicismo, mas esta religião estrangeira não podia competir com o confucionismo, que exercia uma grande influência. O confronto entre as culturas ocidental e chinesa, com especial foco nos ritos chineses, opuseram o imperador *Kangxi* e o Papa Clemente XI. A *controvérsia dos ritos* na China foi uma longa disputa, no seio da igreja católica, sobre se os ritos chineses constituíam formas de idolatria ou superstição[362].

Desde o início do século XVII que os missionários na China tinham de obedecer ao *Regulamento de Matteo Ricci*, vestindo-se como letrados confucionistas, estudando a língua e a cultura chinesas, enquanto ensinavam ciências avançadas, a fim de provar que eles não eram "bárbaros" do Ocidente. Ricci permitiu que os crentes chineses venerassem os antepassados, Confúcio e o céu, decisões que eram muito polémicas no seio da igreja e da própria Ordem[363].

Segundo as doutrinas do confucionismo, o céu representava *Shangdi*, deus supremo que dominava todo o mundo, sendo o imperador considerado filho do céu. Quando Matteo Ricci pregava, recorria a conceitos confucionistas, nomeadamente a *Shangdi* que fazia corresponder a Jesus. Uma vez que o "céu" era o único Deus do confucionismo e Jesus era o Deus cristão, os dois eram mais ou menos idênticos, portanto não viu necessidade de proibir os sacrifícios ao céu. O padre argumentava mesmo que os chineses adoravam, sem saberem, o Deus cristão desde tempos remotos, sob o nome de *Tiān*, *Shangdi* ou *Tiānzhǔ.*

Para além disso, Ricci considerava o culto aos antepassados apenas uma cerimónia de recordação, em que os descendentes expressavam o respeito pelos seus antepassados, sendo portanto uma tradição salutar. Encarava ainda Confúcio como um grandioso filósofo, e não via inconveniente que as pessoas o homenageassem. Desde que as cerimónias não tivessem um carácter supersticioso, não violavam as doutrinas cristãs. Talvez Matteo Ricci visse o confucionismo como uma filosofia e não uma religião, pelo que podia misturar

[362] Fonte: www.fordham.edu/halsall/mod/1715chineserites.asp, consultado em 18 de abril de 2013.
[363] Cf. YAN, Quanquan, «A Influência da Controvérsia dos Ritos no fim da Dinastia Ming e no início da Dinastia Qing», em *Manager´ Journal*, Chengdu, 5 de novembro de 2009, p. 373.

alguns dos seus preceitos na sua missionação[364].

Ricci faleceu em 1610, depois de nomear Niccolo Longobardi seu sucessor, personagem que atiçou fortemente a célebre *Controvérsia dos Ritos*. Sobre Longobardi, diga-se resumidamente que chegou à China em 1597, fixando-se inicialmente em *Shaozhou* e, mais tarde, em Pequim (1609). Refira-se também que o sacerdote era contrário ao *Regulamento de Matteo Ricci*, mas que expressou a sua opinião apenas após a morte do padre.

Longobardi quis banir as palavras chinesas 天 (*tian*, céu, *tiān*), 上帝 (*shangdi*, *shàngdì*, significa "o imperador de cima") e 天主 (*tianzhu*, *tiānzhǔ*, significa "Senhor do céu") da pregação católica. As três palavras vinham sendo utilizadas para indicarem Jesus, mas o padre achava que *tian* só podia indicar o céu, *shangdi* era o Deus da China, e todos os termos *técnicos* do confucionismo deviam ser eliminados da pregação.

Também a palavra *tianzhu* era pouco adequada para representar Deus, pelo que sugeriu que se traduzisse a palavra latina *deus* foneticamente para o chinês, como *dousi* (陡斯, *dǒusī*). Outros jesuítas, pelo contrário, defendiam que a palavra *tianzhu* era uma mera tradução e não um termo confucionista, sendo portanto válida para indicar Jesus em chinês[365].

Em suma, duas correntes dividiam os jesuítas: manter ou abolir o *Regulamento de Matteo Ricci*. No sentido de reduzir o impacto da controvérsia, a Companhia de Jesus queimou mais de 50 artigos que atacavam Matteo Ricci, mantendo uma posição unificada sobre os ritos. Em 1628, os jesuítas na China reuniram-se em *Jiading* (嘉定, *jiādìng*), na província de *Jiangsu*, para discutir a questão do culto aos antepassados e da tradução da palavra "Deus". Não foi alcançado um consenso total nessa reunião, mas o *Regulamento de Matteo Ricci* manteve-se, e adotou-se a sugestão de Longobardi em relação à tradução fonética da palavra "Deus"[366].

No início, a *Controvérsia dos Ritos* foi apenas um problema interno da Companhia de Jesus mas, com a intervenção da Ordem dos Pregadores, a polémica redobrou.

[364] Cf. QIAN, Zhikun, «A Controvérsia dos Ritos e Proibição do Cristianismo de Kangxi», em *Journal of Hangzhou Teachers College* 2(2002), p. 63.
[365] Fonte: www.fordham.edu/halsall/mod/1715chineserites.asp, consultado em 19 de abril de 2013.
[366] Cf. YAN, Quanquan, *Art. cit*., p. 373.

A ordem dos dominicanos foi fundada em Toulouse (França) por São Domingos de Gusmão, no ano de 1216[367], alastrando-se rapidamente por toda a Europa. No início do século XVII, muitos dominicanos chegaram à China para divulgar o catolicismo, competindo com os jesuítas[368]. Para os dominicanos, o *Regulamento de Matteo Ricci* era muito prejudicial à fé, sendo o espanhol Juan Bautista de Morales (黎玉范, *lí yùfàn*, 1597-1664) um dos opositores mais acérrimos do regulamento. O padre entrou na Ordem em 1614, foi missionário nas Filipinas e em Sião. Sob a recomendação do padre Angel Cocci (高琦, *gāo qí*), partiu de Manila em 9 de março de 1633, passando por Taiwan, e chegando à província de *Fujian* a 2 de julho do mesmo ano. Morales fixou-se então em *Fu'an*, onde mais tarde estalou a controvérsia[369].

Antes da chegada de Juan Bautista de Morales à China, o italiano Giulio Alenio e outros jesuítas alcançaram bons resultados no leste da província de *Fujian*, batizando os primeiros cristãos e pregando de acordo com o *Regulamento de Matteo Ricci*. Contudo, quando os dominicanos chegaram, questionaram os métodos pouco ortodoxos dos jesuítas. O padre dominicano Angel deslocou-se mesmo a *Fuzhou*, a fim de discutir o problema dos ritos com o jesuíta português Bento de Matos (林本笃, *lín běndǔ*), mas nenhuma solução resultou de tal encontro.

Depois da morte de Angel, Morales tornou-se o responsável local da sua Ordem. Outro dominicano, de seu nome António Cabellero de Santa María (利安当, *lì āndāng*), estudava chinês com o cristão literato Tadeo Wang (王达窦, *wáng dádòu*), mas observou que ele e outros fiéis chineses prestavam culto aos antepassados, facto que relatou ao seu superior. Este considerou o rito uma superstição e ordenou aos cristãos que destruíssem as tabuletas dos antepassados no templo ancestral[370] e em casa[371]. Ainda que muitos fiéis obedecessem à ordem de Juan, muitos outros recusaram o seu pedido. Morales apresentou a estes "teimosos" duas opções: abandonarem as atividades "supersticiosas" ou deixarem de ser católicos.

[367] Fonte: http://dominicanos.pmeevolution.com/index.asp?art=6572, consultado em 20 de abril de 2013.
[368] Cf. ZHANG, Xianqing, «A Ordem dos Pregadores e o intercâmbio entre a China e o Ocidente no fim da Dinastia Ming», em *Academic Monthly* 10(2006), Xangai, p. 137.
[369] Cf. ZHANG, Xianqing, «O dominicano Li Yufan e a Controvérsia dos Ritos na China», em *Estudos Religiosos do Mundo*, Pequim, 15 de setembro de 2015, pp. 58-60.
[370] Um Templo Ancestral, uma tradição da China, é erguido em honra dos antepassados, como prova de piedade filial, considerada uma das principais virtudes do confucionismo. Fonte: www.enghunan.gov.cn/SP/GYGC/index.html, consultado em 20 de abril de 2013.
[371] Cf. ZHANG, Xianqing, A*rt. cit*., p. 60.

O dominicano observou que os cristãos também reverenciavam Confúcio e outros deuses da China o que, aos seus olhos, resultava da indulgência excessiva dos jesuítas. De facto, os jesuítas achavam que o *Regulamento de Matteo Ricci* era razoável, a pregação devia adaptar-se às condições locais, respeitando os ritos locais era mais fácil atrair os chineses. Os cristãos chineses ficaram perplexos perante a ambiguidade de opiniões das duas ordens religiosas, que julgavam iguais.

Morales achava que estas contradições deviam ser sanadas, para bem de todas as missões na China[372]. Apesar de a sua posição ser inflexível, enviou muitas cartas aos jesuítas em *Fuzhou,* esperando que as duas ordens pudessem chegar a um consenso o mais rápido possível. Entretanto, a Ordem dos Frades Menores também se opôs ao *Regulamento de Matteo Ricci,* secundando os dominicanos. Juan Bautista de Morales e o franciscano Francisco de La Madre de Deus (玛方济, *mǎfāngjì*) concertaram argumentos, num encontro realizado na província de *Fujian,* em 22 de novembro de 1635. A dupla encontrar-se-ia posteriormente com o Vice-Provincial jesuíta da China, o português Francisco Hurtado (傅泛济, *fù fànjì*), em *Fuzhou*, onde defenderam a proibição de todos os ritos. Hurtado rejeitou a sugestão, argumentando que as cerimónias tradicionais não tinham cariz religioso. Por conseguinte, dominicanos e franciscanos procederam a uma série de investigações em *Fujian*, a fim de provar que estas tradições violavam as doutrinas católicas[373].

No início de 1636, os dominicanos António Cabellero de Santa María e Franciso Díez (苏方积, *sū fāngjī*) enviaram um relatório com o resultado das investigações para Manila, chegando às mãos dos responsáveis das Ordens dos Pregadores e dos Frades Menores em junho de 1637.

Cerca de um mês depois, estes responsáveis pediram ao bispo de Manila que organizasse uma grande reunião, com os representantes de todas as ordens, para resolver a controvérsia dos ritos. Os jesuítas porém não concordaram com este encontro, por considerarem este um assunto interno dos missionários da China, sob o qual o bispo das Filipinas não possuía qualquer jurisdição, facto que o bispo de Manila relatou a Roma[374].

---

[372] Cf. *Idem, ibidem*.
[373] Cf. *Idem, ibidem*, pp. 60-61.
[374] Cf. GONZÁLEZ, José María, *Historia de Las Misiones Dominicanas de China*, Volume I, Ediciones Studium, Barcelona, 1955, pp. 122-124.

No final de 1638, o padre Juan Bautista de Morales foi preso e enviado para Macau em resultado da proibição do catolicismo em *Fujian*. As suas missivas para Manila sucediam-se ainda assim, no sentido de resolver a controvérsia. No ano seguinte, o Visitador jesuíta Manuel Dias recebeu uma carta do dominicano, e respondeu-lhe que iria entregar aquela carta ao Vice-Provincial. Mas, em 1640, Morales partiria de Macau para Manila sem qualquer resposta da Companhia de Jesus.

Por esta altura, o jesuíta Álvaro Semedo estava já em Roma, no sentido de defender os ritos tradicionais chineses. Isto mostra que a Companhia de Jesus quis evitar uma intervenção do poder das Filipinas, facto que Morales entendeu também pois dirigiu-se igualmente para Roma (onde chegou a 24 de fevereiro de 1643) para resolver a questão[375].

Através do Primaz[376] Francisco Barberino, o padre dominicano conseguiu ver o prefeito da *Congregação para a Evangelização dos Povos*, Francesco Ingoli, que era hostil à Companhia de Jesus e portanto aceitou as queixas de Morales. Em resultado disso, o dominicano conseguiu uma entrevista com o Papa Urbano VIII, onde lhe relatou os detalhes da controvérsia, enumerando 17 pontos críticos, nomeadamente o culto dos antepassados e a tradução usada para Deus. O Papa ficou muito zangado, considerou o *Regulamento de Matteo Ricci* uma heresia, e entregou o caso à Inquisição, organizando um comité com sete sacerdotes importantes, para o efeito[377].

O comité nomeado pela Santa Sé procedeu a exaustivas investigações sobre esta matéria, ao longo de quinze meses, deliberando, em junho de 1644, que a maior parte dos ritos violava as doutrinas do catolicismo e que os cristãos chineses não podiam venerar antepassados, Confúcio ou a quaisquer outros deuses. Enquanto isso, Juan Bautista de Morales recrutava mais dominicanos em Espanha e na Itália, a fim de evangelizarem no Oriente.

Em 1645, o Papa Inocêncio X aprovou a resolução da Congregação: os jesuítas não podiam continuar a utilizar o *Regulamento de Matteo Ricci* na China[378]. Quando Morales retornou a *Fujian*, em 23 de dezembro de 1649, anunciou publicamente a condenação da

[375] Cf. ZHANG, Xianqing, *Art. cit*., pp. 61-62.
[376] Primaz é o arcebispo cuja sede e circunscrição são as mais antigas de um país ou região. Na Península Ibérica, o Primaz é o Arcebispo de Braga, por isso chamado "Primaz das Espanhas". Fonte: www.portal.ecclesia.pt/catolico/artigo.asp?id_entrada=1546, consultado em 2 de maio de 2013.
[377] Cf. ZHANG, Xianqing, *Art. cit*., pp. 61-62.
[378] *Idem, ibidem*, pp. 64 e 66.

Santa Sé em relação às práticas tradicionais dos chineses católicos. O Vice-Provincial Manuel Dias pareceu acatar a decisão mas, tendo em conta a expressão papal - "…até que a Igreja Católica em Roma tome outra decisão…" - os jesuítas tentaram influenciar a decisão final da Igreja em relação ao *Regulamento*, enviando o padre Martino Martini[379] para Roma[380].

Martini apresentou-se ao Papa em 1654, argumentando que as tradições ancestrais permitidas aos cristãos novos na China tinham um caráter secular e em nada chocavam com a fé católica. As negociações duraram cerca de cinco meses até a congregação aceitar o *Regulamento de Matteo Ricci* como necessário à situação da China. Um novo decreto do Papa Alexandre VII, datado de março de 1656, permitiu que os jesuítas continuassem a sua estratégia de inculturação da fé católica nos costumes chineses[381].

Martino Martini regressou à China (1658), onde a *Controvérsia* estava longe de ver um fim. Dominicanos e franciscanos não se conformaram com esta reviravolta e continuaram a enviar cartas para Roma, solicitando a proibição do *Regulamento de Matteo Ricci*.

Os dominicanos organizaram também uma grande conferência na Igreja São João de Lanxi (兰溪圣若翰教堂, *lánxī shèngruòhàn jiàotáng*), na província de *Zhejiang*, da qual resultou o documento *Sentencia de los Missionarios de la China, de la Orden de Santo Domingo, deliberada en la Junta de Lanki de 1661*[382], onde se declarava que as tradições chinesas eram contrárias às doutrinas católicas, exigindo que a Santa Sé anulasse a ordem de 1656. Este documento colocou jesuítas e dominicanos em posições diametralmente opostas[383].

Juan Bautista de Morales faleceu em 1664, sem ver as suas pretensões atendidas por Roma, mas os seus sucessores dominicanos continuaram a sua luta. Em janeiro de 1668, os 23 missionários (das três Ordens) expulsos para Cantão, organizaram uma conferência ao

---

[379] O jesuíta Martino Martini (1614-1661) foi também geógrafo, cartógrafo, historiador e cientista. As suas obras mais famosas foram o *Novus Atlas Sinensis* (uma coleção sistemática de mapas, que incluía descrições geográficas e antropológicas de todas as províncias da China) e um livro de História que relata a conquista do Império do Meio pelos *manchu*, traduzido para várias línguas europeias. Estas obras contribuíram para um melhor entendimento da cultura chinesa no século XVII. Martini foi também o escolhido para defender a posição da Companhia de Jesus junto do Papa, tarefa que realizaria de forma brilhante. Fonte: http://events.unitn.it/en/centro-martini/martino-martini, consultado em 25 de julho de 2013.

[380] Cf. ZHANG, Xianqing, *Art. cit*., pp. 67-69.

[381] Cf. ROSSO, Sisto Antonio, *Apostolic Legations to China of the Eighteenth Century*, P.D. and I. Perkins, Pequim, 1948, pp. 119-120.

[382] Cf. GONZÁLEZ, José María, *Ob. cit.*, pp. 400-401.

[383] Cf. ZHANG, Xianqing, *Art. cit*., pp. 68-70.

longo de 40 dias, para discutir a orientação das evangelizações na China. A maioria dos conferencistas pareceu aceitar a ordem de 1656, isto é, a manutenção do *Regulamento de Matteo Ricci*. No entanto, Domingo Fernández Navarrete (闵明我, *mǐn míngwǒ*)[384] e outros dominicanos continuaram a pressionar Roma para proibir os ritos, de acordo com a ordem de 1645.

Face a tão grande dilema, e não querendo ofender nenhuma das partes envolvidas, a Igreja Católica anunciou uma política eclética (13 de novembro de 1669): as ordens de 1656 e de 1645 tinham igual vigor, cabendo aos missionários adequar a sua evangelização às condições locais[385].

Esta solução não acabou com a *Controvérsia dos Ritos*, que foi ainda acicatada com a publicação da obra *Tratados Históricos, Políticos, Éticos, e Religiosos da Monarquia da China*, assinada por Domingo Fernández Navarrete (Madrid, 1673), em que criticava ferozmente os métodos dos jesuítas na China. Muitos "inimigos" da Companhia de Jesus na Europa apoiaram o autor dominicano. Navarrete conhecia mal a China, não soube avaliar a força milenar da cultura chinesa e a sua imunidade face a influências estrangeiras. A difusão do catolicismo na China exigia de facto algumas concessões[386].

Depois da conferência em Cantão, quase todos os franciscanos e carmelitas na China obedeceram ao *Regulamento de Matteo Ricci*, mas os dominicanos mostraram-se irredutíveis. A exceção era o dominicano *Luo Wenzao* (罗文藻, *luó wénzǎo*, *Gregorio Lopez*), afinal de contas ele era chinês, conhecia muito bem a sociedade onde tinha nascido. *Wenzao* acreditava que a recusa dos ritos locais conduziria ao abandono do país por muitos missionários, para grande prejuízo do catolicismo na China. Ele não almejou porém o apoio da Ordem dos Pregadores, que o acusou de herege[387].

Já se relatou a prisão do padre Johann Adam Schall Von Bell, por influência de *Oboi* e outros ministros: muitos missionários sofreram em consequência disso, sendo presos e enviados para Cantão. Esta perseguição fora motivada pela desconfiança de muitos chineses

[384] O nome chinês do dominicano espanhol Domingo Navarrete é idêntico ao do jesuíta italiano Grimaldi, Min Mingwo (闵明我, *mǐn míngwǒ*), mas eles não eram a mesma pessoa. Fonte: www.bdcconline.net/en/stories/g/grimaldi-philippus-maria.php, consultado em 3 de maio de 2013.
[385] Cf. ZHANG, Xianqing, A*rt. cit.*, pp. 69-71.
[386] Cf. *Idem, ibidem.*
[387] Cf. ZHANG, Guogang, *Do Primeiro Contacto entre a China e o Ocidente à Controvérsia dos Ritos – Os Missionários das Dinastias Ming e Qing e o Intercâmbio Cultural entre a China e o Ocidente*, Editora Popular, Pequim, 2003, pp. 434-437.

em relação à ciência ocidental, situação que poderia levar à suspensão de todas as missões na China. Assim, o padre Verbiest tentou demonstrar ao imperador e à corte que a ciência ocidental era exata e avançada. Em novembro de 1668, *Kangxi* ordenou que Verbiest e *Yang Guangxian*, o diretor do Gabinete Imperial de Astronomia, previssem a sombra do sol em público durante três dias consecutivos. Ao contrário de Yang, as previsões de Verbiest revelaram-se bastante acertadas. De seguida, o imperador ordenou a Verbiest que verificasse o calendário elaborado pelo vice-diretor do Gabinete, *Wu Mingxuan* (吴明烜, *wú míngxuǎn*), ao que o padre obedeceu, descobrindo muitos erros.

Em janeiro do ano seguinte, *Kangxi* enviou 20 ministros para o observatório, a fim de observarem alguns fenómenos astronómicos, e Verbiest foi, uma vez mais, bem sucedido nas suas conclusões científicas, ao contrário de *Wu*. O imperador começava a acreditar na ciência ocidental e a utilizar o calendário gregoriano, exonerando *Yang* e *Wu*, e nomeando Verbiest como novo diretor do Gabinete de Astronomia[388].

> "É bem conhecido e sabido na China o quanto trabalharam os Padres Adam Schall e Ferdinando Verbiest, da Companhia de Jesus, Prefeitos da Matemática nesta Corte durante tantos anos, para abolir completamente o mau uso do Calendário Chinês neste Império, e quanto refutaram, não só com livros impressos e divulgados mas também em conversas familiares, as supersticiosas observações e selecções dos dias." [389]

Confirmadas as capacidades dos jesuítas, *Kangxi* procurou utilizar os conhecimentos avançados do Ocidente para desenvolver o seu país, mas temia que a expansão do catolicismo minasse a sua liderança. Por isso, limitou o trabalho das missões na China, permitindo que os missionários pregassem apenas em Pequim[390].

Vários pregadores como Verbiest, Ludovico Buglio, Gabriel de Magalhães procuraram convencer o imperador mas, ainda que *Kangxi* desejasse anular esta proibição, tinha que considerar a oposição de vários ministros chineses. O imperador corrigiu, no entanto, a injustiça feita a Johann Adam e libertou os missionários presos em Cantão, permitindo que regressassem às suas casas na China.

Na década de 70, do século XVII, muitos jesuítas chegaram a Pequim, contactando e

[388] WU, Boya, «Proibição e Tolerância do Catolicismo no Período de Kangxi», em *Jornal da Cultura Chinesa*, 27 de maio de 2011, p. 8.
[389] BARRETO, Luís Filipe (coord.), *Ob. cit*., p. 215.
[390] Cf. WU, Boya, *Art. cit*., p. 8.

trabalhando para o imperador *Kangxi*, que conheceu assim o cristianismo, constatando que este não era um culto herético. Sabendo que o principal objetivo dos jesuítas era a conversão dos habitantes à fé católica, pode dizer-se que *Kangxi* deu consentimento tácito à missão dos jesuítas na China[391].

A presença de jesuítas na corte facilitou de certo modo a missionação. A Companhia de Jesus detinha, de resto, mais privilégios do que as restantes ordens com presença na China. Uma vez que o imperador não conhecia muito acerca dos dominicanos ou franciscanos, pode dizer-se que os jesuítas eram para ele o símbolo do catolicismo.

Em 28 de março de 1687, *Kangxi* publicou a *Proibição da Heterodoxia*, para prevenir que dissidentes se revoltassem em nome da religião. Alguns funcionários locais consideraram o catolicismo como heterodoxia, e proibiram as atividades católicas. Graças à intervenção de Verbiest, o imperador excluiu o catolicismo da lista em maio, mas não legalizou a divulgação do catolicismo na China[392].

Pode dizer-se que o padre Tomás Pereira foi o ponto de viragem neste assunto. Após a assinatura do *Tratado de Nerchinsk* (cujas circunstâncias tivemos oportunidade de esmiuçar previamente), o padre tornou-se próximo de *Kangxi*, transmitindo-lhe muito conhecimento ocidental. Gradualmente, o pensamento do imperador foi sendo influenciado pela cultura ocidental e europeia:

> "O ensinar ao Emperador, ou outro a especulativa, não nos tirarà a nós a praxe; como nos relogios se vè, que sabendo sua ordem, os nam que fazer a modo China, antes os que tem as letras chinas lhas faz mudar logo Europeus etc.ª por nossas mãos, sabendo elles muito bem."[393]

Igualmente de forma gradual, *Kangxi* foi alargando a liberdade de atuação do catolicismo na China. O diário de Tomás Pereira faz referência a uma visita de *Kangxi* ao sul da China em 1689:

> "Parte o Emperador para o Sul, e hirà a Hamcheu, e Nankim em parte. Dou avizo ao P*adre* V*ice* Provincial, e ao Padre Gabiani: mas poucos conselhos em tempos sospeitozos muito ariscados… Vay o Emperador a Ham-Cheu, avizei ao P*adre* V*ice*

[391] Cf. ZHANG, Xianqing, «Tolerância do Catolicismo em 1692», em *Estudos Históricos* 5(2006), Pequim, pp. 73-74.
[392] Cf. *Idem*, *ibidem*.
[393] BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Ob. cit.*, p. 230.

> Provincial o que devia de necessario: porque de conveniencia me nam quis arriscar em dar documentos em tempos tam suspeitozos."[394]

Pereira esperava que os jesuítas no sul utilizassem esta oportunidade para obter a confiança do imperador, a fim de promover a evangelização. Na entrevista concedida àqueles religiosos, o imperador ofereceu muito dinheiro às missões, o que provou que o apoio *Kangxi* se tornava público. De qualquer maneira, a evangelização na China permanecia numa situação ilegal, uma vez que o imperador nunca publicou uma permissão oficial[395].

Em 1690, o dominicano Pedro de Alcarà (许伯多禄, *xǔ bóduōlù*) comprou um terreno em *Lanxi*, na província de *Zhejiang*, para construção de uma igreja, mas sofreu a oposição dos funcionários locais. Ali próximo, e talvez motivado por este episódio, o chefe do distrito *Lin'an* (临安, *lín'ān*) *Chen Qianji* (陈谦吉, *chén qiānjí*) boicotou o catolicismo na sua região. Alguns crentes relataram este caso a *Prosper Intorcetta* (殷铎泽, *yīn duózé*), reitor do Colégio de Jesus em *Zhejiang*, que considerou isto uma violação à decisão imperial de 1687, que retirou o catolicismo da lista da heterodoxia. O jesuíta solicitou então que o ministro *Zhang Penghe* (张鹏翮, *zhāng pénghé*), Provincial de *Zhejiang*, impedisse o comportamento de Chen. Mas o ministro Zhang era perito em taoísmo e desprezava outras religiões, pelo que declarou o catolicismo heterodoxo, e não só expulsou todos os missionários de *Zhejiang*, como castigou os crentes chineses e queimou clássicos católicos[396].

Os jesuítas relataram o problema ao padre Gerbillon, que acompanhava o imperador numa viagem de caça no norte, para que submetesse o assunto a *Kangxi*. Todavia, Gerbillon achou mais prudente pedir apoio a *Songgotu*[397], que mantinha boas relações com Tomás Pereira e Gerbillon, sobretudo depois do contributo destes religiosos para o *Tratado de Nerchinsk*. O ministro dispôs-se a ajudar os jesuítas[398], e enviou uma carta a *Zhang Penghe*, seu subordinado, exigindo-lhe uma mudança de comportamento. Apesar da comunicação do

[394] *Idem, ibidem*, p. 237.
[395] Cf. WU, Boya, *Art. cit*., p. 8.
[396] Cf. ZHANG, Xianqing, *Art. cit*., pp. 75-77.
[397] Cf. *Idem, ibidem*.
[398] Cf. WU, Boya, *Art. cit*., p. 8.

seu superior, *Zhang* continuou a perseguir os missionários e crentes católicos. *Songgotu* sugeriu então que Tomás Pereira e Gerbillon apelassem diretamente ao imperador, no seu regresso a Pequim[399].

Apesar da proximidade de Tomás Pereira com *Kangxi*, nem sempre era fácil agendar uma audiência, portanto Pereira pediu ao soldado imperial *Zhao Chang* (赵昌, *zhào chāng*) que relatasse este assunto ao imperador. Porque recorreu Tomás Pereira a *Zhao*? Porque ele também era um católico, fervoroso na proteção dos interesses do catolicismo na China. Aliás, no caminho para a fronteira da China para negociar com os russos, Tomás Pereira e Gerbillon permaneceram em casa do pai de *Zhao*, durante alguns dias. Em 1687, quando os jesuítas Jean de Fontaney (洪若翰, *hóng ruòhàn*) e Joannes Dominicus Gabiani（毕嘉, *bì jiā*）chegaram a Pequim, *Kangxi* mandou *Zhao* e Tomás Pereira recebê-los[400]. Portanto, a relação dos dois era próxima e Tomás Pereira registou alguns factos sobre ele no seu *Diário*:

> "Pello que exhortando-me varios de prezença do Emperador, e o Chao laoye[401] juntamente que convinha que eu pedisse acompanhar ao Emperador, me rezolvi a offerecer-me para satisfazer a vontade do Emperador; mas consultando co*m* o Chao laoye o modo das palavras para que não faltando a satisfação do Emperador, fossem ditas de modo inefficaz, p*ar*a nam sortirem o effeito, no q*ue* o Chao laoye me ajudou."[402]

Pode observar-se que *Zhao Chang* não só tinha muitas oportunidades de se aproximar do imperador, como conhecia bem os seus hábitos. Quando *Kangxi* visitou o sul, o soldado cristão acompanhou-o e encontrou-se com o padre Intorcetta e outros jesuítas. Portanto, é provável que ele já soubesse do caso[403].

Em 21 de dezembro de 1691, os jesuítas entregaram uma acusação a *Kangxi*, através de *Zhao*. O imperador mandou um ministro receber os jesuítas, questionando se queriam resolver a questão em público ou em privado. Tomás Pereira achou que uma resolução em privado não cortaria o mal pela raiz. Se a proibição não fosse anulada de forma veemente,

[399] Cf. ZHANG, Xianqing, *Art. cit*., p. 77.
[400] Cf. CHEN, Qingsong, «A Vida de Zhao Chang e as Relações com os Missionários – A sua experiência nos períodos de Kangxi e de Yongzheng», em *Estudos Asiáticos* 8(2009), Seoul, pp. 3-10.
[401] Chao laoye era Zhao Chang, "laoye" (*老爷*, *lǎoye*), que em chinês significa "senhor".
[402] BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Ob. cit*., p. 389.
[403] Cf. CHEN, Qingsong, *Art. cit*., pp. 9-10.

alguns funcionários conservadores continuariam a lutar contra o catolicismo. Pereira esperava assim que o imperador publicasse uma permissão legal ao catolicismo, pelo que *Zhao* sugeriu que elaborasse uma acusação detalhada[404].

Tomás Pereira entregou a acusação a *Kangxi* em privado a 28 de dezembro de 1691. O imperador corrigiu alguns detalhes da acusação, sem se comprometer com uma resposta definitiva. Mais tarde, mandou informar Tomás Pereira que devia entregar uma acusação formal, o que viria a acontecer publicamente a 2 de fevereiro de 1692. O documento relatava os detalhes do caso em *Zhejiang*, enaltecia o contributo da Companhia de Jesus na China, solicitando por fim ao imperador a anulação da sentença do chefe *Chen Qianji*. *Kangxi* encaminhou o processo para o Ministério dos Ritos (礼部, *lǐbù*) e, apesar das tentativas de persuasão de Tomás Pereira, os ministros anunciaram, em 3 de março, que as ordens de 1669 e 1687 eram válidas, mas a igreja em *Hangzhou* podia ser conservada. Ou seja, a evangelização continuava proibida, mas os jesuítas podiam permanecer ali[405].

Instigado por Gerbillon, *Songgotu* pediu ao imperador para reconsiderar a decisão e *Kangxi* decidiu instruir novamente o caso. Segundo a *Breve Monografia da Religião* (教务纪略, *jiàowùjìlüè*), o imperador terá dito aos ministros, a 17 de março:

> "Estes europeus não pouparam esforços na elaboração do calendário e na fundição das armas para enfrentar o inimigo, bem como, o catolicismo nunca praticou coisas horríveis, portanto os crentes (chineses) poderiam continuar a fazer missa, portanto a resolução deste caso devia ser anulada, vocês devem discutir de novo este caso com os funcionários Manchu do Ministério dos Ritos."

Dois dias depois, o imperador reforçou a sua pretensão: "…Foi inocente que o catolicismo foi incluído na lista da heterodoxia, os ministros do Conselho de Estado e do Ministério dos Ritos devem instruir de novo este caso."[406]

Se a 17 de março *Kangxi* dispôs apenas que os ministros *manchu* resolvessem o caso, na ordem de 19 do mesmo mês retirou a palavra "manchu", permitindo assim aos ministros *han* participarem na discussão, revelando interesse pessoal no caso. *Songgotu* fez os

[404] Cf. ZHANG, Xianqing, *Art. cit*., p. 77.
[405] Cf. *Idem. Ibidem*, p. 78.
[406] Cf. *Idem, ibidem.*

possíveis para convencer os ministros a autorizarem o catolicismo, mas a atitude de *Kangxi* terá sido determinante, pois seria temerário contrariar a sua vontade[407]. Os ministros entregaram ao imperador uma nova resolução em 20 de março:

> "…Através da conferência, sabemos que os europeus mostram fidelidade a Deus, eles chegaram à China depois de longas viagens marítimas. Atualmente, eles elaboram o calendário, e fundem armas em caso de guerra; quando eles estavam na Rússia, trabalharam para a China com os maiores esforços, pois, cumpriram a tarefa e deram muitas contribuições meritosas. Os europeus residentes nas províncias da China nunca violaram as regras locais. Eles não são heterodoxos nem provocam distúrbios. Se os crentes budistas podem prostrar-se nos templos do Buda, de Lama ou do taoísmo, não parece adequado que os ocidentais sejam proibidos de praticar a sua religião, visto que estes nunca violaram a lei. Assim, as igrejas católicas nestes locais devem manter-se, com a permissão de os crentes fazerem missas ali."[408]

Kangxi aprovou esta resolução, a 22 de março de 1692, e o édito de *Tolerância ao Catolicismo* entrou em vigor na China, significando que este se podia divulgar legalmente. O sonho do padre Verbiest concretiza-se quatro anos após a sua morte, graças aos esforços dos seus colegas jesuítas. Pereira atribuiu este sucesso à proteção de Deus:

> "E desta sorte feitos todos cor unum, et anima una [um só coração e uma só alma] procuraremos unicam*en*te a Gloria de N*osso* Senhor, que nos concederà à duração perpetua da liberdade da S*an*ta Ley abençoando nossos trabalhos com calmados frutos de m*ui*tos milhares de almas condusidas p*er*a o Ceo."[409]

Ao mesmo tempo, Tomás Pereira enviou uma carta ao Padre Geral, Tirso González de Santalla, com rasgados elogios a *Kangxi*:

> "Com esta remeto a V*ossa* P*aternidade* o treslado do memorial, que junto com o P*adre* Ant*oni*o Thomas offereci ao Imperador, e do feliz despacho, que a Divina Bondade, nunca atentando a minhas culpas, quis, lhe pudesse o mesmo Imperador

[407] Cf. *Idem*, *ibidem*, p. 79.
[408] HUANG, Bolu, *Elogio do Cristianismo* (*正教奉褒, zhèngjiàofèngbāo)*, Xangai, Editora Cimutang, 1894, pp. 5-6. Texto original: "该臣等会议得,西洋人仰慕圣化, 由万里航海而来。现今治理历法, 用兵之际, 力造军器火炮; 差往阿罗素, 诚心效力, 克成其事, 劳绩甚多。各省居住西洋人, 并无为恶乱行之处。又并非左道惑众, 异端生事。喇嘛僧道等寺庙尚容人烧香行走, 西洋人并无违法之事, 反行禁止, 似属不宜。相应将各处天主堂俱照旧存留, 凡进香供奉之人, 仍许照常行走, 不必禁止。"
[409] BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Ob. cit*., p. 473.

> concedendo a liberdade da S*an*ta Ley de Deos em todo este Imperio. Beneficio tão g*ran*de que ate palauras faltão oera ebcarece-lo; g*ran*de não som*en*te em si, mas muito mais grande pellas circunstancias, e pellos obstaculos, quasi insuperaueis, com que o enemigo comum pertendeu impedi-lo, dos quais pertendo principalm*en*te dar em esta carta destincta noticia a V*ossa Paternidade*."[410]

Tomás Pereira sabia que, apesar de a China ser um Estado secular, o imperador detinha o poder supremo, portanto se ele aprovasse ou proibisse o catolicismo, ninguém podia mudar o resultado. Embora o português tivesse vários cargos públicos, o objetivo da sua vida era servir a Deus e, para cumprir esta grande tarefa, tinha de conquistar a confiança de *Kangxi*.

O édito de *Kangxi*, por seu lado, foi uma forma de reconhecimento pelo trabalho dos jesuítas, especialmente os méritos de Verbiest na fundição de armas, e de Tomás Pereira e Gerbillon nas negociações com a Rússia[411]. Pode dizer-se que o édito *Tolerância ao Catolicismo* foi a maior recompensa que *Kangxi* concedeu a Tomás Pereira e à Companhia de Jesus. Em público, o imperador apoiou a missão da Companhia de Jesus; em privado, *Kangxi* ajudou o seu amigo português a concretizar um grande sonho.

Todos os jesuítas se apresentaram na corte para agradecer ao imperador, rezar que Nosso Senhor o abençoasse e expressar a vontade de consagrar a sua vida ao serviço de *Kangxi*[412]. Todas as igrejas na China podiam manter-se, os missionários podiam evangelizar legalmente, o caso em *Zhejiang* foi revertido. A partir de então, os funcionários mais conservadores não podiam impedir o trabalho dos missionários, e cada vez mais chineses deixaram de ver os jesuítas como "inimigos" e o catolicismo como heterodoxia, e muitos deles converteram-se à nova fé[413]. Por serem pioneiros no território e graças a esta grande conquista, os jesuítas reforçaram a sua posição de charneira na China, sendo Tomás Pereira um dos maiores entre eles[414].

As missões entraram então numa época próspera: cada vez mais missionários chegavam ao Império do Meio. Em 1701, a China acolhia um total de 144 missionários

[410] *Idem*, *ibidem*, p. 389.
[411] Cf. WU, Boya, *Art. cit*., p. 8.
[412] Cf. LEIBNITIO, Gottfrido Guilelmo, *As Coisas Recentes da China*, Editora de Elefante, Zhengzhou, 2005, p. 35.
[413] Cf. ZHANG, Xianqing, *Art. cit*., pp. 80-81.
[414] Cf. *Idem*, *ibidem*, pp. 79-81.

ocidentais, incluindo 82 jesuítas, o maior recorde registado entre 1580 e 1800[415]. Uma carta de Tomás Pereira enviada ao Padre Geral, Tirso González de Santalla, em 1693, revela o seu entusiasmo:

> "Com o nouo Decreto da liberdade da Sancta Ley conseguido o anno passado, imaginarão muitos que aueria grande numero de Conuersoens; porem quem conhece o genio dos Chinas, sempre se persuadio, que hirião como dantes, com na realidade sucedão assim: so o que se experimentou de nouidade, foi o grande feruor, com que alguns domicilios com tal excesso, que so na cidade de Cantam se contão ia sete Igreias, ou oito…"[416]

Sem dúvida, a permissão imperial significou o triunfo do *Regulamento de Matteo Ricci*, contudo incendiou ainda mais a já longa *Controvérsia dos Ritos* na China, porque o sucesso da Companhia de Jesus provocou a "insatisfação" de outras Ordens. O bispo francês Charles Maigrot (颜珰, *yán dāng*), por exemplo, da *Sociedade para as Missões Estrangeiras* de Paris[417], anunciou em 26 de março de 1693, que proibia os ritos em *Changle* (长乐, *chánglè*), na província de *Fujian*, enviando esta decisão para Roma, esperando que a Santa Sé publicasse a proibição dos ritos na China.

Para além do desagrado da Companhia de Jesus, este episódio também provocou uma disputa entre o governo da China e a Igreja Católica, que se prolongou por mais de 200 anos[418]. *Kangxi* manteve uma tolerância parcial para com o catolicismo, que se limitava ao *Regulamento de Matteo Ricci*[419]. Aliás, após a publicação do édito de 1692, ele mandou um ministro dizer a Pereira e a Gerbillon que os jesuítas deviam ser cuidadosos na sua conduta, pois uma queixa ministerial contra eles poderia significar a anulação do documento. *Kangxi* salientou também, pessoalmente, que a difusão do catolicismo devia respeitar os costumes ancestrais chineses. Desde que o catolicismo não repelisse a cultura chinesa ou ameaçasse o poder imperial, teria permissão para atuar no país[420].

---

[415] Cf. STANDAERT, Nicolas, *Handbook of Christianity in China*, Volume I, Editora Brill, Leiden, 2001, p. 301.
[416] BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Ob. cit*., p. 473.
[417] A *Sociedade para as Missões Estrangeiras* de Paris é uma sociedade de vida apostólica e de direito pontifício, constituída por padres seculares e leigos dedicados à evangelização em terras estrangeiras. Fonte: http://pt.cyclopaedia.net/Missoes-Estrangeiras-de-Paris, consultado em 9 de maio de 2013.
[418] Cf. ZHANG, Xianqing, *Art. cit*., pp. 82-83.
[419] Cf. *Idem, ibidem*, p. 83.
[420] Cf. LEIBNITIO, Gottfrido Guilelmo, *Ob. cit.*, p. 35.

Infelizmente, a triste *Controvérsia dos Ritos* não terminava aqui. Em 20 de novembro de 1704, o Papa Clemente XI aprovou um decreto da Inquisição que confirmava a condenação de Maigrot dos ritos chineses:

> "I. O Ocidente chama Deus ao Criador do Céu, da Terra e de todas as coisas do universo. Como a palavra *Deus* não soa bem na língua chinesa, os ocidentais na China e os convertidos chineses ao catolicismo usaram o termo "Senhor Celestial" (*Tianzhu*) por muitos anos. A partir de agora, termos como "Céu" e "*Shangdi*" não devem ser utilizados: Deus deve ser tratado como o Senhor do Céu, da Terra e de todas as coisas do universo. A tabuleta que tem as palavras chinesas "Reverência para o Céu" não deve ser pendurada dentro de uma igreja católica e deve ser imediatamente retirada, se já está lá.
>
> II. O culto de Confúcio na primavera e no outono, juntamente com o culto dos antepassados, não é permitido entre os convertidos católicos. Não é permitido mesmo que os convertidos apareçam no ritual como espectadores, porque ser um espectador nesse ritual é tão pagão como participar ativamente nele.
>
> III. Os funcionários públicos chineses e os candidatos aprovados nos exames metropolitanos, provinciais ou prefeitorais, caso tenham sido convertidos ao catolicismo romano, não são permitidos de adorar nos templos confucianos no primeiro dia e no décimo-quinto dia de cada mês. A mesma proibição se aplica a todos os católicos chineses que, como funcionários públicos, chegaram recentemente aos seus postos, ou que, como estudantes, foram recentemente aprovados nos exames metropolitanos, provinciais ou prefeitorais.
>
> IV. Não há católicos chineses autorizados a prestar culto aos antepassados nos seus templos familiares.
>
> V. Seja em casa, no cemitério, ou durante um funeral, um católico chinês não tem permissão para realizar o ritual do culto dos antepassados. Ele não está autorizado a fazê-lo mesmo se ele estivesse acompanhado por não cristãos. Esse é um ritual pagão, independentemente das circunstâncias.
>
> Apesar das decisões supramencionadas, clarifico que os outros costumes e tradições chinesas que não podem, de forma alguma, ser interpretados como pagãos devem ser permitidos entre os convertidos chineses. A forma como os chineses administram os seus lares ou governam o seu país não deve de modo algum sofrer qualquer interferência. Quanto aos costumes exatos que devem ou não ser autorizados a

> continuar, o legado papal na China vai tomar as decisões necessárias. Na ausência do legado papal, a responsabilidade de tomar tais decisões caberá ao chefe da missão da China e do Bispo da China. Em suma, costumes e tradições que não são contraditórios ao catolicismo romano serão permitidos, enquanto os que são claramente contraditórios a ele não serão tolerados sob nenhuma circunstância."[421]

Entretanto, o Papa enviou um emissário à China, Charles-Thomas Maillard de Tournon, a fim de publicar este decreto. Charles chegou a Pequim em 4 de dezembro de 1705. *Kangxi*, que lhe concedeu duas entrevistas, ficou muito zangado com o decreto de Clemente XI, encarando-o como uma ingerência nos assuntos internos do país. Ordenou então que todos os missionários obedecessem ao *Regulamento de Matteo Ricci*, sob pena de serem expulsos para Cantão ou Macau. Charles-Thomas Maillard de Tournon publicou, ainda assim, o decreto do Papa em Nanquim (1707), sendo por isso expulso para Macau, onde morreu em 1710[422].

A intervenção papal acabaria por se revelar desastrosa, com o imperador *Kangxi* a decretar a interdição das missões católicas em 1721. A condenação da Santa Sé seria parcialmente revogada muito mais tarde pelo Papa Pio XII, com a publicação de *Plane compertum est* (1939), permitindo aos católicos chineses a prática dos seus ritos ancestrais. Porém, Roma nunca admitiu que a proibição dos ritos era errada, esperando que, com o desenvolvimento da sociedade chinesa, os sacrifícios se revestissem de um carácter mais social e menos supersticioso[423].

Infelizmente, o sonho de Verbiest durou pouco mais de uma década e, embora Tomás Pereira fosse próximo de *Kangxi*, não conseguiu salvar a situação. Pereira expressou o seu lamento na carta ao legado papal Charles:

> "Primeira[me]nte Iuro in verbo sacerdotis [Juro à palavra de Sacerdote], que tenho dito ao Emperador muitos bens de V*ossa* E*xcelencia*; et perguntado-me elle varias vezes, que me parecia da pessoa de V*ossa* E*xcelencia* respondi que me parecia justo, et recto; et em proua disto lhe trouxe solidos fundamentos."[424]

[421] Fonte: www.fordham.edu/halsall/mod/1715chineserites.asp, consultado em 9 de maio de 2013.
[422] ZHU, Jing, «A Igreja Católica em Roma e a Controvérsia dos Ritos na China», em *Jornal da Universidade de Fudan* 3(1997), Xangai, p. 38.
[423] Cf. *Idem, ibidem*, p. 41.
[424] BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Ob. cit.*, p. 730.

A culpa não foi de Tomás Pereira, sempre zeloso para com a missão de Deus. Aliás, *Kangxi* não imputava qualquer culpa à Companhia de Jesus ou aos seus membros, muitos dos quais revelaram real dedicação ao imperador e ao seu país. Tomás Pereira compreendia igualmente as razões do imperador, uma vez que o domínio dos *manchu* era ainda incerto, e qualquer ataque às tradições refletir-se-ia na estabilidade do governo[425]. Aliás, é difícil condenar alguém nesta matéria. Por um lado, a Igreja em Roma não desejava que o catolicismo fosse influenciado por uma cultura estrangeira, por muito civilizada que fosse, pois isso seria uma profanação do sagrado. Por outro lado, os ritos ancestrais chineses faziam parte dos deveres filiais de uma sociedade fortemente influenciada pelo confucionismo, pelo que o imperador não podia concordar com o decreto papal.

Em suma, este caso resultou de um flagrante choque cultural. Assim, a tarefa de Tomás Pereira foi de mediador: como português, ele devia dar a conhecer a cultura ocidental; como chinês, procurou contrariar os preconceitos dos europeus em relação à China e à sua cultura.

5.2.2 A missão de Tomás Pereira e o Padroado Português

Com a expansão marítima, Portugal estabeleceu muitas colónias pelo mundo, onde procurou implementar o cristianismo, como parte integrante da cultura portuguesa. O Padroado Português foi instituído entre a Santa Sé e Portugal: o Papa delegava no rei de Portugal o exclusivo da organização e financiamento de todas as atividades religiosas nos domínios e nas terras descobertas pelos portugueses[426]. O Padroado foi atribuído a D. João II pelo Papa Alexandre e mais tarde confirmado pelo Papa Leão X, em 1514. Assim, quando Portugal abriu uma rota para o Oriente (Lisboa – Cabo da Boa Esperança – Goa – Malaca – Macau), não só controlou o comércio ultramarino, mas também promoveu a evangelização nos territórios onde aportou. Portugal fundou as dioceses do Funchal, Cabo Verde, Goa e

[425] *Idem, ibidem.*
[426] Fonte: http://www.babylon.com/definition/Padroado%20portugu%C3%AAs/, consultado em 10 de maio de 2013.

Macau, cabendo ao rei português a nomeação dos bispos em cada uma daquelas localidades[427].

Mas outras potências europeias se aventuraram por novos mundos, nomeadamente a Espanha que abriu a rota Espanha – México – Filipinas. Aliás, as Filipinas tornaram-se a base dos espanhóis no Oriente.

Os portugueses sentiram os seus domínios e o Padroado no Oriente ameaçados, portanto pediram permissão ao Papa para fundarem a diocese de Macau em 1576, a fim de reforçar a sua posição na região, ao mesmo tempo que tentavam limitar as atividades dos espanhóis nas Filipinas. Os esforços de Filipe II de Espanha resultaram porém na fundação da diocese de Manila (1579), originalmente sufragânea da Arquidiocese da Cidade do México, estendendo-se às Filipinas[428].

Até então, os missionários que quisessem ir para o Oriente (foi o caso de S. Francisco Xavier, por exemplo), tinham de obter a permissão do rei de Portugal e, depois de lhe prestarem vassalagem, recebiam os fundos necessários para a sua missão, partindo de Lisboa para os destinos escolhidos[429]. Em 1580, o reino de Portugal foi ocupado pela Espanha, mas os conflitos entre espanhóis e portugueses no Oriente não cessaram. Ou seja, os conflitos entre os jesuítas, ligados ao Padroado Português, e os missionários das ordens mendicantes, fiéis ao Padroado Espanhol, prosseguiram[430].

Na segunda metade do século XVI, muitos jesuítas chegaram a Macau, mas o seu destino final foi a China continental. Entretanto, os dominicanos, franciscanos, carmelitas e agostinianos chegaram a Manila, com igual intenção de entrarem na China. Mas, apesar da elevação da diocese de Manila à categoria de arquidiocese em 1595, os missionários espanhóis não conseguiram entrar na China devido ao obstáculo dos jesuítas e à *Proibição do Mar da China*.

Em 1585, perante o pedido do jesuíta Alessandro Valignano, a Santa Sé proibiu que os mendicantes entrassem na China e no Japão, o que desencadeou protestos de Filipe II ao Papa Paulo V. Os jesuítas portugueses não tinham como opôr-se a Filipe II, dado que

[427] Cf. XU, Lubin, «A disputa do padroado entre Portugal e a Espanha no Extremo Oriente», em *Journal of Beijing Institute Of Education* 6(2008), Pequim, pp. 39-40.
[428] Fonte: http://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dmanp.html, consultado em 11 de maio de 2013.
[429] Fonte: http://opinion.hexun.com/2011-01-09/126676063.html, consultado em 11 de maio de 2013.
[430] Cf. XU, Lubin, *Art. cit*., p. 40.

Portugal estava sob o domínio filipino, e o próprio Papa não ficou satisfeito com o monopólio da Companhia de Jesus no extremo Oriente. Por isso, em 1608, Roma autorizou a entrada dos dominicanos, mesmo sem permissão do Padroado Português, alargando essa autorização a todos os missionários em 1633[431].

Com este cenário, os mendicantes decidiram partir de Manila, passando por Taiwan, para chegarem à China continental. Já se referiu que os dominicanos Juan Bautista e António Cabellero tiveram êxito na província de *Fujian*. Já os mendicantes fixaram-se nas províncias de *Zhejiang*, *Shandong*, Cantão e *Jiangxi*, opondo-se também severamente aos jesuítas na *Controvérsia dos Ritos.*

As ambições de Espanha ultrapassavam o domínio religioso, procurando benefícios económicos no Oriente. E os espanhóis realizaram o seu objetivo: o comércio com a China tornou-se cada vez mais dinâmico, sendo as Filipinas a porta de entrada e saída de tal intercâmbio comercial[432].

Embora os mendicantes ameaçassem a posição dos jesuítas na China, estes continuaram numa posição privilegiada graças ao trabalho na corte imperial e à confiança granjeada junto de *Kangxi*. Para o imperador, os jesuítas seriam o único símbolo dos missionários, uma vez que não existiam dominicanos na corte. O facto dos mendicantes se oporem aos costumes tradicionais também lhes garantiria o desagrado de *Kangxi*.

Apesar dos esforços de Tomás Pereira e de outros jesuítas portugueses, o poder do Padroado Português na China foi declinando inexoravelmente. Contudo, a primeira e maior ameaça aos jesuítas não foram os mendicantes, mas os missionários franceses, igualmente jesuítas. No início do século XVII, apenas 22 jesuítas conheciam a China - 11 portugueses, 10 italianos e um espanhol. Isto mudou em 1610, com a chegada do padre Nicolau Trigault, considerado o primeiro jesuíta francês na China.

Daí até 1687, o número alterou-se para 17 jesuítas franceses, muitos deles ligados ao Padroado Português. Sob a liderança do rei Luís XIV, a França viu o seu prestígio internacional aumentar enquanto diminuía o poder de Portugal e da Espanha. A fim de

[431] Cf. *Idem, ibidem*, p. 41.
[432] Cf. YU, Changsen, «O comércio entre a China e o Estado Espanhol nas Filipinas», em *The Journal of Chinese Social and Economic History* 1(2000), Xiamenp, p. 43.

eliminar as suspeitas do Padroado Português, Luís XIV enviou alguns jesuítas franceses para a China, em nome da divulgação científica[433].

Assim, o rei atribuiu aos jesuítas Joachim Bouvet, Jean de Fontaney, Gerbillon, Claude de Vesdelou, Louis Le Comte e Guy Tachard o título de *Matemático Real* e fundos generosos. No início, eles planearam desembarcar em Macau, mas os portugueses não permitiam que barcos estrangeiros aportassem ali, pelo que a embarcação seguiu até *Ningbo*, na província de *Zhejiang*. À exceção do jesuíta Guy Tachard, os outros quatro chegaram a Pequim no início de 1688. Por indicação imperial, Tomás Pereira e *Zhao Chang* receberam a comitiva francesa: "Chegarão aos 27 os P*adres* Francezes: Deos os encaminhe."[434]

Os padres Gerbillon e Bouvet conseguiram ficar na corte, enquanto os outros dois se fixaram noutras cidades. A chegada destes jesuítas foi uma conquista para a França, depois disso, muitos franceses chegaram à China, ameaçando o Padroado Português no Oriente[435].

Naquele tempo, a ciência estava mais avançada em França do que em Portugal, portanto os religiosos franceses estavam em vantagem neste campo e, uma vez que *Kangxi* era muito curioso em relação à ciência ocidental, muitos jesuítas franceses mereceram a sua atenção e apreço: Gerbillon participou nas negociações com a Rússia, Bouvet deu aulas de matemática a *Kangxi*, Gerbillon e Vesdelou trataram o imperador, quando este contraiu malária. Tomás Pereira e outros portugueses deram igualmente importantes contributos ao Império do Meio. Gabriel de Magalhães, por exemplo, granjeou a estima de *Kangxi* por ser perito em fabricar engenhos mecânicos. Ou seja, os jesuítas portugueses e franceses passaram a usufruir de posições idênticas na corte[436].

Mesmo que portugueses e franceses trabalhassem para a mesma Ordem e partilhassem a mesma missão, tinham de ter em conta os interesses da sua pátria e do seu rei. Tal como Portugal, a França buscava a supremacia marítima, portanto se os jesuítas ficassem na China, não só podiam evangelizar, mas também podiam recolher informações sobre a China e o extremo Oriente, com o objetivo de criar futuras colónias, incrementar as relações comerciais com os países asiáticos e gerar riqueza.

---

[433] NUNEZ, Cesar Guillén, «Thomas Pereira, S.J., and the eclipse of the Portuguese Padroado», em *Portuguese Asia: aspects in history and economic history (sixteenth and seventeenth centuries)*, Editora Franz Steiner, Estugarda, 1989, pp. 170-171.
[434] BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Ob. cit*., p. 125.
[435] Cf. ZHOU, Pingping, «O Desafio da França para o Padroado Português no Início da Dinastia Qing», em *Journal of Graduate School of Chinese Academy of Social Sciences*, Publicação Suplementar (2002), pp. 108-109.
[436] Cf. *Idem*, *ibidem*, p. 109.

Portugal sentia-se já ameaçado pela Espanha e, caso os jesuítas franceses chegassem à China, Portugal provavelmente perderia a sua posição de liderança na Ásia, pelo que Pereira estava muito pessimista quanto à chegada da comitiva francesa.

Em 1687, os jesuítas franceses procuraram aportar em *Ningbo*, mas o Provincial de *Zhejiang*, Jin Hong (金鋐, *jīn hóng*), recusou o seu pedido. Fontaney pediu ajuda ao padre Verbiest que, por sua vez, levou o assunto a *Kangxi*. Tomás Pereira tentou impedir o desembarque, o que desagradou a Verbiest, que o acusou de teimosia e de pôr os interesses de Portugal à frente da missão da Companhia de Jesus[437].

Uma vez que os portugueses desempenhavam os cargos mais importantes no Gabinete Imperial de Astronomia, procuraram confiscar os instrumentos que os jesuítas franceses trouxeram para a China, exigindo-lhes que escondessem os seus conhecimentos do imperador[438]. Embora não se possa provar quais os portugueses envolvidos, Tomás Pereira poderá ter sido o instigador, dada a sua proeminência na corte imperial. Para além disso, o português tentou limitar as atividades de Gerbillon e Bouvet, impedindo que pregassem ou realizassem observações astronómicas. Acontece que, após Gerbillon e Vesdelou curarem *Kangxi* obtiveram residências pessoais, o que lhes permitiu uma maior liberdade de movimentos[439].

Em 1693, depois de tomar posse como Vice-Provincial da Ordem na China, Tomás Pereira procurou novamente limitar as atividades dos franceses, mas não podia impedir o aumento do número de jesuítas na China. Além disso, a supremacia do Padroado Português no extremo Oriente continuava a desagradar à Santa Sé. Assim, em 1700, o Padre Geral da Ordem, Tirso González de Santalla, nomeou Gerbillon como Vice-Provincial[440]. O Padroado Português perdia completamente a supremacia na China, ficando em posição idêntica à da França.

A *Controvérsia dos Ritos* acabou por desacreditar toda a Companhia de Jesus, com os jesuítas portugueses a perderam influência em Pequim. Contudo, a evangelização na China não parou totalmente, já que os portugueses ainda ocupavam Macau, onde o Padroado Português permanecia forte e serviria de ponto de partida para o trabalho de evangelização.

[437] Cf. *Idem, ibidem*.
[438] Cf. *Idem, ibidem*.
[439] Cf. *Idem, ibidem*.
[440] Cf. DEHERGNE, Joseph, *Os Jesuítas na China durante Séculos XVI e XX*, Zhonghua Book Company, Pequim,1995, p. 785.

É difícil classificar o comportamento de Tomás Pereira: ele fazia o possível para proteger os interesses de Portugal no extremo Oriente e, embora não pudesse impedir o sucesso dos franceses na China, tentou limitar a sua influência. Para Portugal, ele era um herói. Mas a sua vida estava consagrada a Deus, ele não podia prejudicar a Companhia de Jesus e, perante esta, os membros portugueses e franceses eram iguais, a sua missão era a evangelização, pelo que não iriam ser parciais e tomar partido. A Ordem esperava que a relação de todos os jesuítas fosse harmoniosa, portanto Tomás Pereira nunca criticou os jesuítas franceses em público. Por exemplo, quando relatou as circunstâncias do *Tratado de Nerchinsk* no seu *Diário*, raramente atribuiu méritos a Gerbillon, mas nunca o caluniou. Só através de alguns pormenores é possível detetar os conflitos entre os dois grupos.

Para a França, Pereira seria *persona non grata*. Porém, os seus méritos superaram em larga escala os seus erros. Ninguém pode negar o seu contributo para a causa da Companhia de Jesus: ele ganhou a simpatia do imperador ao transmitir-lhe conhecimentos musicais e científicos; conquistou a confiança de *Kangxi* graças ao seu papel nas negociações com a Rússia; acima de tudo, foi a sua genialidade que conduziu ao édito de *Tolerância ao Cristianismo*. A *Controvérsia dos Ritos* terminou com as missões na China, mas Tomás Pereira não poupou esforços para persuadir o imperador a mudar de ideias. Em suma, não se pode levantar dúvidas sobre a sua fidelidade à Ordem.

Tomás Pereira foi uma personagem importante na história do catolicismo, dedicando toda a sua vida à missão religiosa. Embora ele tenha permanecido na China durante muitos anos, nunca se esqueceu da sua pátria, buscando sempre a sua glória e defendendo os seus interesses. Aliás, para recordar o seu mérito, ergueu-se um monumento numa igreja em Pequim que eterniza o episódio em que Tomás Pereira pediu a *Kangxi* para anular a proibição, questão que será esmiuçada, em detalhe, no próximo capítulo.

Capítulo III - A Identidade Nacional de Tomás Pereira

Desde a época dos Descobrimentos que os portugueses mantêm contactos com a China, inicialmente a partir da sua base em Macau. Pode mesmo dizer-se que Portugal é um dos países europeus que os chineses melhor conhecem. No passado, por motivações religiosas e comerciais, muitos portugueses chegaram à China por via marítima; atualmente, muitos chineses vivem em Portugal.

No seio das comunidades emigrantes portuguesas, o peso da identidade de origem é muito forte, por exemplo, há famílias a viverem em Macau há 200 ou 300 anos, que ainda mantêm os costumes portugueses ou que nunca aprenderam chinês. Pelo contrário, muitos descendentes chineses em Portugal aceitam a cultura de destino, falando só português. Como se explica este fenómeno?

Neste capítulo, pretende-se analisar e refletir sobre a identidade portuguesa no relacionamento com o fenómeno "China": influência histórica, cultura e sociedade, idiossincrasias, capacidade de comunicação, etc. O percurso de Tomás Pereira, que viveu na China durante mais de três décadas, sendo o símbolo dos portugueses na China nos séculos XVII e XVIII, servirá como estudo de caso.

1. Conceito de Identidade e de Identidade Nacional

A identidade nacional congrega um conjunto de características e sentimentos, que fazem um indivíduo sentir-se parte integrante de uma sociedade ou nação. Este conceito surgiu no século XVIII, e foi consolidado no século seguinte[441] embora, em rigor, vários filósofos se tenham debruçado sobre esta problemática ainda antes do século das luzes.

Por exemplo, a ideia central da tragédia grega *Édipo Rei*, escrita por Sófocles no século V a.C. (que sustentou, posteriormente, uma famosa teoria freudiana), alude a este problema existencial. A peça conta a maldição do rei Laio e os presságios de que o seu filho iria matá-lo e casar com a sua mulher, no futuro. Para evitar esta tragédia, o rei abandonou o seu filho Édipo que, mais tarde, foi adotado pelo rei de Corinto, Pólibo. Contudo, a profecia acabaria por se concretizar: Édipo matou o seu pai e casou com a sua mãe, Jocasta. Quando ele tomou conhecimento dos factos, ficou muito triste e furou os próprios olhos. Algumas frases desta tragédia surgem como expressões filosóficas com sentido identitário: "Senão aquele que sou, e saberei quem sou."[442]

Édipo violou a ordem natural das relações humanas e ficou muito confuso em relação à sua identidade: era, ao mesmo tempo, filho e marido de Jocasta. Ou seja, a sua individualidade era composta por papéis contraditórios. Esta é claramente uma história fictícia, pouco provável na vida real, sendo a identidade de Édipo um caso muito extremo.

Porém, cada pessoa tem múltiplos papéis na sua vida pessoal. Por exemplo, na escola somos o aluno, na família somos o filho, no autocarro somos o passageiro, na loja, o cliente, etc. Vejamos o caso de Tomás Pereira. Na corte em Pequim, ele foi um ministro, cientista e músico. Para a Companhia de Jesus, ele foi um missionário da fé e da cultura católica. Para o reino de Portugal ele era um cidadão, com obrigações para com o seu rei, a sua cultura e língua.

Quais são os elementos básicos que formam o indivíduo? Primeiro, somos definidos pelo género: masculino ou feminino. Esta categoria é inata, firme e óbvia e, sem ajuda externa, nunca mudará[443]. No entanto, existem pessoas que têm problemas com a sua

[441] Cf. SOBRAL, José Manuel, *Portugal, Portugueses: Uma Identidade Nacional*, Guide Artes Gráficas, Lisboa, 2012, pp. 18-19.
[442] Cf. SMITH, Anthony D., *A Identidade Nacional*, Gradiva, Lisboa,1997, pp. 13-15.
[443] Cf. *Idem, ibidem*, pp. 16-17.

identidade sexual, não se identificando com o seu género, ou seja, a fisiologia e a psicologia contrariam-se. Em consequência disso, poderão vestir-se de acordo com o código de vestuário do sexo oposto ou mesmo completar o processo de transformação fisiológica, através da Medicina.

A segunda categoria respeita ao território. Algumas pessoas ficam no mesmo lugar desde o seu nascimento até à sua morte, e raramente contactam com outros mundos, por isso, não têm problemas com a sua identidade local. Todavia, outras emigram ou viajam muito, ao longo das suas vidas, experimentando várias culturas[444]. Nem sempre é fácil, para estes nómadas contemporâneos, responder à pergunta "De onde vêm?". Falar da terra dos pais, do lugar de nascimento, ou da cidade onde se cresceu? Considerar o país onde se vive atualmente ou o lugar onde se viveu mais tempo? As respostas podem variar, mas destacarão, certamente, o lugar que consideram mais importante.

Voltemos ao tempo de Tomás Pereira. Apesar de assumirem profissões distintas, ele e outros emigrantes tinham algo fundamental em comum: eram cidadãos de Portugal. Por outro lado, os seus objetivos de viagem eram muito diferentes, de acordo com os respetivos percursos: Pereira estudou no Colégio de Jesus desde a sua infância, aceitava as doutrinas do catolicismo e viajou meio mundo motivo por esta fé. Já o objetivo dos comerciantes seria procurar riqueza e o dos embaixadores estabelecer relações diplomáticas com outros países ou lugares.

Em terceiro lugar, importa referir a classe social, isto é, a identidade socioeconómica. As características sociais e o desenvolvimento do país influenciam a identidade dos seus habitantes[445]. Diferentes classes assumiram, desde sempre, identidades próprias. A forma de viver e pensar seria muito diferente se se pertencesse ao povo, à burguesia ou ao clero. Por exemplo, no século XVII, as dificuldades económicas de Portugal motivaram a aventura marítima e a criação de colónias em vários continentes, podendo dizer-se que a filosofia central foi de aventura e descoberta. Este contexto sociopolítico, tecnológico e económico condicionou as ações de homens como Tomás Pereira, muitos embaixadores e comerciantes portugueses, que participaram nas viagens para África, Ásia, ou América.

A quarta categoria diz respeito à religião. A identidade religiosa está relacionada com

[444] Cf. MATTOSO, José, *A Identidade Nacional*, Fundação Mário Soares e Gradiva Publicações, Lisboa, 1998, pp. 45 e 47.
[445] Cf. SMITH, Anthony D., *Ob. cit.*, pp. 17-18.

as crenças de uma comunidade, podendo revelar ainda certas características individuais. Por exemplo, os católicos usam uma cruz e creem em Cristo, os muçulmanos rezam a Alá, enquanto os budistas meditam na sabedoria de Buda: tudo isto são facetas de uma identidade religiosa[446]. Esta identidade é bastante complexa, tornando-se mesmo num problema, quando motiva conflitos e guerras.

Algumas nacionalidades partilham a mesma fé. É o caso dos portugueses e dos espanhóis que professam, maioritariamente, o catolicismo - aliás, grande parte dos países europeus possui a mesma matriz cristã - contudo, algumas minorias não partilham a identidade religiosa predominante, apesar de viverem em Portugal ou em Espanha. Em muitos países, a identidade religiosa está ainda intimamente ligada à identidade étnica, que influencia também a identidade nacional, especialmente nos Estados multinacionais.

Durante muitos séculos, a religião teve particular influência na Europa, onde muitos países executaram o cesaropapismo[447], nomeadamente o império romano e o Sacro Império romano-germânico. Antes da secularização do Estado português, o catolicismo também desempenhava um papel determinante no país, quem não fosse católico, seria considerado herege e seria perseguido pela Inquisição.

Hoje em dia, a maior parte dos Estados são seculares, os habitantes têm o direito de escolherem a sua religião, mas ainda existem fortes conotações religiosas, sobretudo, nos países muçulmanos. Por exemplo, na Malásia, se alguém se quiser casar com um malaio, tem que se converter ao islamismo[448]. No Brunei, acredita-se que Israel pertence ao eixo de mal, o governo não permite que os cidadãos visitem aquele país e, se alguém violar esse preceito, sofrerá uma pena pesada. Nas décadas de 60 e 70 do século XX, no contexto da Revolução Cultural chinesa, o governo exigiu que fossem eliminados todos os pensamentos antigos, principalmente o confucionismo, considerado feudal. Como resultado, destruíram-se muitos templos confucionistas, budistas e taoistas[449].

[446] Cf. *Idem, ibidem*, pp. 19 e 21.

[447] O Cesaropapismo foi um sistema de relações entre a Igreja e o Estado, em que cabia ao chefe de Estado regular a doutrina, a disciplina e a organização da sociedade cristã, exercendo poderes tradicionalmente reservados à suprema autoridade religiosa, unificando tendencialmente as funções imperiais e pontifícias na mesma pessoa. Fonte: http://fontehistorica.wordpress.com/tag/cesaropapismo/, consultado em 25 de junho de 2013. Atualmente, o Estado do Vaticano permanece um país de cesaropapismo.

[448] Fonte: www.chinanews.com/hr/2012/08-28/4139189.shtml, consultado em 25 de junho de 2013.

[449] Fonte: www.estadao.com.br/noticias/impresso,china-aposta-no-renascimento-do-confucionismo,527215,0.htm, consultado em 25 de junho de 2013.

Se, atualmente, cerca de 80% dos portugueses são católicos[450], na China, grande parte dos habitantes não professa qualquer religião[451], ou seja, a sua identidade religiosa é o ateísmo. Sem dúvida, a identidade religiosa de Tomás Pereira foi imutável, ele foi um católico fiel, contribuindo com toda a sua vida para a Companhia de Jesus.

Muitos fatores influenciam a identidade pessoal, embora alguns sejam de escolha pessoal. Tomás Pereira nasceu em Portugal, era do sexo masculino e pertencia a uma família nobre. Nada podia fazer em relação a isso. Contudo, as características da pessoa formam-se a partir da soma de fatores congénitos e de outros adquiridos. Pereira entrou na Companhia de Jesus, decidiu ir para a China, trabalhou para o imperador *Kangxi* - tudo isso derivou da sua decisão pessoal. A identidade pessoal difere de indivíduo para indivíduo, ou seja, cada pessoa tem as próprias características. Já a identidade nacional representa as características comuns de uma coletividade, nomeadamente:

1. Um território histórico ou terra de origem.
2. Mitos e memórias históricas comuns.
3. Uma cultura de massas comum.
4. Direitos e deveres legais comuns a todos os membros.
5. Uma economia comum, com mobilidade territorial para os membros[452].

Analisemos cada um destes fatores. Primeiro ponto, a identidade nacional baseia-se no conceito de nacionalidade, que quase toda a gente possui, exceto alguns poucos apátridas, existindo mesmo quem possua múltiplas cidadanias. Frequentemente, o lugar de nascimento dita a nacionalidade da pessoa: Tomás Pereira nasceu em Portugal, tinha nacionalidade portuguesa. Contudo, com o desenvolvimento civilizacional, intensificaram-se as migrações e a nacionalidade torna-se uma questão complexa, apesar do sentimento de pertença não ser facilmente apagado, mesmo para quem viva no estrangeiro durante muito tempo. Por exemplo, poucos macaenses[453] optaram pela nacionalidade chinesa, embora morassem em Macau há várias gerações, porque continuam a sentir Portugal como a sua pátria.

[450] Fonte: www.pop.pt/pt/grafico/a-religiao/crenca-em-deus/pt/?colors=pt-0, consultado em 25 de junho de 2013.
[451] Fonte: http://web2.fimmu.com/xhrj/article/view.asp?id=92, consultado em 25 de junho de 2013.
[452] Cf. SMITH, Anthony D., *Ob. cit.*, p. 28.
[453] Um macaense não é simplesmente um habitante ou natural da Região Administrativa Especial de Macau da República Popular da China. Macaenses ou "filhos da terra" são os descendentes euroasiáticos de famílias com linhagem portuguesa enraizadas em Macau. Fone: http://baike.baidu.com/view/20518.htm, consultado em 27 de junho de 2013.

Nos antípodas, encontramos cidadãos que abdicam da nacionalidade dos antepassados, por razões diversas. Nos Estados Unidos, quase todos os recém-chegados optam pela nacionalidade norte-americana, porque este é um país de imigração, no qual, inicialmente, os estrangeiros eram estimulados a viverem e a naturalizarem-se[454]. Esta decisão é muito influenciada pelas condições económicas: muitas pessoas emigram para países do primeiro mundo, a fim de melhorarem a qualidade da vida ou em busca de um futuro melhor para os seus filhos, naturalizando-se logo que possam. Portugal passou por um fenómeno idêntico, com imigrantes de África e do Brasil[455].

Refira-se que alguns países não permitem a dupla cidadania. É o caso da China e do Japão, se os pais tiverem nacionalidades diferentes, o filho terá que escolher uma[456]. Por tudo isso, os emigrantes enfrentam sempre um problema de identidade nacional.

Acerca do segundo ponto, diga-se que os cidadãos se orgulham dos grandes feitos históricos do seu país e da prosperidade alcançada, sofrem com os problemas e ficam reconfortados com o renascimento nacional. É o caso dos mongóis, que nunca se esquecem da expansão do império mongol, no século XIII; dos britânicos que atribuem à Revolução Industrial, iniciada no século XVIII, o desenvolvimento científico e tecnológico de todo o mundo e dos portugueses, que recordam o contributo dos Descobrimentos para o mapeamento de novas terras. Os chineses e indianos ficam contentes pelo progresso registado nos últimos anos, nos seus países. Entretanto, os alemães não negam o holocausto causado pelo nazismo, na base da II Guerra Mundial. Nos Jogos Olímpicos de Londres (2012), a seleção feminina de futebol da Coreia do Norte recusou-se a entrar em campo para a partida de estreia, já que a organização exibiu a bandeira da Coreia do Sul antes do início do jogo contra a Colômbia[457]. Entende-se o comportamento das jogadoras norte-coreanas: a dignidade do país é inviolável.

Uma cultura comum não pode ser separada da história do país, uma vez que a determina. A identidade cultural é o sentimento de pertença de um grupo ou de um indivíduo a uma cultura.[458] Obviamente, a cultura influencia a pessoa e é parte integrante

[454] Fonte: www.girafamania.com.br/americano/materia_usa.html, consultado em 27 de junho de 2013.
[455] Fonte: http://imigrantes.no.sapo.pt/page2.html, consultado em 27 de junho de 2013.
[456] Fonte: http://baike.baidu.com/view/56724.htm, consultado em 27 de junho de 2013.
[457] Fonte: http://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2012/07/25/bandeira-errada-faz-coreia-do-norte-se-recusar-a-entrar-em-campo-nas-olimpiadas.htm, consultado em 27 de junho de 2013.
[458] Cf. PATRÍCIO, Manuel Ferreira, *Portugal : percursos de interculturalidade*, Volume IV, ACIDI, Lisboa, 2008, pp. 427 e 429.

e fundamental do conceito da identidade, muitas questões contemporâneas sobre a cultura se relacionam com outras sobre a identidade. A identidade cultural é influenciada por fatores como lugar de nascimento, género, raça, história, nacionalidade, orientação sexual, crença religiosa e etnia. Entretanto, a identidade cultural pode revelar-se em muitos aspetos e deixa impressões muito concretas nos estrangeiros. Por exemplo, se aludirmos ao Brasil, as pessoas vão-se lembrar do futebol; quando se menciona o Egito, é normal pensar nas pirâmides e quando se fala sobre a Grécia, recordam-se grandes mitos e filósofos.

Para além dos aspetos territoriais e culturais, os cidadãos de um país partilham os mesmos deveres e direitos básicos. Quase todos os países definem os direitos políticos dos seus habitantes, determinando as relações entre o Estado e os indivíduos, de acordo com as condicionantes e características nacionais. Geralmente, a pessoa tem como inalienável a liberdade de mudança, de expressão, de imprensa, liberdade religiosa, direito à privacidade, à greve, de acesso ao ensino e de constituir família, etc. Estes direitos têm que se construir com base no princípio da igualdade, não se podendo discriminar os cidadãos em função de raça, sexo, idade, língua, religião, ponto de vista político, existência de limitações e/ou deficiência. De entre os direitos e liberdades fundamentais, destaca-se o direito à participação em atividades políticas, à educação e ao sufrágio. Além disso, o cidadão goza dos outros direitos básicos, como assistência na saúde e o direito a um padrão de vida adequado[459].

Contudo, não existem países perfeitos, os direitos humanos são violados todos os dias, em vários pontos do planeta. Por exemplo, entre 1948 e 1994, praticou-se um regime de segregação racial (*Apartheid*) pelos sucessivos governos do Partido Nacional na África do Sul, sob o qual os direitos da grande maioria dos habitantes, de raça negra, foram cerceados pelo governo formado pela minoria branca, o que foi considerado uma violação dos direitos humanos pela ONU[460]. A Política do Filho Único na China também é muito controversa: há quem ache que viola o direito reprodutivo; outros defendem que, se o governo não controlasse o crescimento da população, os chineses enfrentariam uma grande falta de recursos[461]. As mulheres não têm direitos iguais aos homens em muitos países

[459] Cf. SILVA, Jorge Pereira da, *Direitos de Cidadania e Direito à Cidadania*, ACIME, Lisboa, 2004, pp. 19 e 24.
[460] Fonte: www.suapesquisa.com/o_que_e/apartheid.htm, consultado em 28 de junho de 2013.
[461] Fonte: http://portuguese.cri.cn/chinaabc/chapter1/chapter10403.htm, consultado em 28 de junho de 2013.

muçulmanos [462] e polígamos. [463] Estas desvantagens acabam por reduzir o senso de identidade nacional, portanto os referidos governos procuram resolver estes problemas.

Quanto ao último fator identitário (a economia), pode ser definido como o sistema consolidado de atividades humanas relacionadas com a produção, distribuição, troca e consumo de bens e serviços de um país ou outra área geográfica[464]. A atividade económica é a base do desenvolvimento da sociedade, pelo que as nações procuram defender e controlar as suas riquezas, incluindo o potencial humano[465]. Não existem apenas diferenças económicas entre os países, mas também entre regiões do mesmo país, o que gera mobilidade de bens e de mão de obra. Em Portugal como na China, as cidades litorais são mais desenvolvidas do que as do interior, pelo que os cidadãos procuram trabalho nos lugares mais dinâmicos. Provavelmente, esta tendência não influencia muito a economia global do país, mas as diferenças entre as cidades acentuam-se. Assim, os habitantes dos lugares menos desenvolvidos podem viver insatisfeitos, o que vai afetar o seu sentimento de identidade nacional. Para evitar o agravamento desta situação, a China elaborou o *Desenvolvimento do Oeste*, atribuindo benefícios às cidades ocidentais e aliciando os talentos que quiserem trabalhar naquela zona[466].

No fim de contas, se as regiões se desenvolverem simultaneamente, o país sai a ganhar e o sentimento da identidade nacional dos cidadãos é reforçado. Por outro lado, muitos cidadãos migraram para outro país, mas mantiveram uma forte identidade nacional e investiram na sua pátria. Por exemplo, os emigrantes chineses têm contribuído fortemente para o desenvolvimento económico do país, sobretudo nas décadas de 80 e 90 do século passado.

Nação e etnia são coisas distintas. A nação indica um grupo de pessoas com ideais e símbolos em comum, incluindo a mesma bandeira. A etnia indica um grupo de pessoas com características físicas e históricas em comum. A etnia tem desde logo um nome próprio coletivo, a mesma língua e cultura. Em segundo lugar, partilha um mito de linhagem e memórias históricas. Possui, para além disso, um ou mais elementos diferenciadores de

[462] Fonte: http://gb.cri.cn/321/2004/03/09/143@91261.htm, consultado em 28 de junho de 2013.
[463] Fonte: http://brevesfragmentos.blogspot.pt/2009/10/poligamia-poliandria-poliginia.html, consultado em 28 de junho de 2013.
[464] Cf. MATTOSO, José, *Ob. cit*, pp. 93 e 95.
[465] *Idem, ibidem*, p. 94.
[466] Fonte: http://finance.sina.com.cn/g/20040402/0733698723.shtml, consultado em 28 de junho de 2013.

cultura comuns e está associada a uma terra natal específica. Por fim, a etnia regista um sentido de solidariedade em sectores significativos da população[467].

Por exemplo, a Alemanha é uma nação, mas os germanos são uma etnia com uma cultura e língua comuns que, devido a circunstâncias históricas, se espalharam por vários países. Ou seja, a nação Alemanha é composta por vários grupos e etnias, incluindo germanos, polacos e judeus. Contudo, nem todos os germanos têm nacionalidade alemã e, se a maior parte mora na Alemanha, muitos outros estão na Áustria, Suíça, Polónia, Rússia ou Países Bálticos. Em suma, a nação e a etnia têm elementos comuns, mas não são coincidentes[468].

O nacionalismo forma-se com base na nação, sendo uma ideologia que contém os elementos da etnia, da raça e do Estado[469], relacionada com o patriotismo (isto é, o sentimento de amor e devoção à pátria e aos seus símbolos como sejam a bandeira, o hino ou o brasão)[470]. Ou seja, o nacionalismo enfatiza os interesses do país, e o patriotismo releva dos sentimentos dos cidadãos para com o seu país. Normalmente, estes dois conceitos são considerados ideologias positivas mas, quando levados ao extremo, conduzem a muitos problemas nacionais.

Alguns países formam-se exclusivamente por uma única etnia: é o caso de Portugal, Coreia do Sul, Coreia do Norte, Áustria ou Japão (não considerando a diversidade étnica resultante da imigração). Outros são Estados multiétnicos, nomeadamente a China, Rússia, Suíça, Índia ou Bélgica.[471] Nestes países, existem frequentemente conflitos entre as diferentes etnias, motivados pelo nacionalismo étnico (etnonacionalismo) e pelo separatismo.

O nacionalismo étnico é uma forma de nacionalismo onde a nação é definida em termos da etnicidade; inclui sempre alguns elementos herdados das gerações anteriores e uma afirmação implícita de etnicidade como uma essência que não se altera com o passar do tempo[472]. Por exemplo, muitos brasileiros são descendentes dos portugueses, no entanto, não são considerados portugueses.

Às vezes, o nacionalismo étnico conduz ao separatismo (independentismo),

[467] Cf. SMITH, Anthony D., *Ob. cit.*, pp. 35-44.
[468] Fonte: www.infoescola.com/historia/povos-germanicos/, consultado em 30 de junho de 2013.
[469] Cf. SMITH, Anthony D., *Ob. cit.*, pp. 63-64.
[470] Cf. MATTOSO, José, *Ob. cit*, pp. 35 e 37.
[471] Existem ainda países multiétnicos, por serem tradicionalmente países de imigrantes, como acontece nos EUA e no Brasil.
[472] Cf. SOBRAL, José Manuel, *Ob. cit*., pp. 63-65.

resultando na desintegração nacional. Recorde-se, a este propósito, a desintegração da URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, entre 1989-1991, resultando em vários Estados independentes na Europa de Leste. Posteriormente, deu-se um processo de dissolução muito longo e difícil na Jugoslávia, a Eslovénia viveu a Guerra dos Dez Dias, a Croácia passou por uma Guerra de Independência, houve ainda a Guerra de Bósnia e a Guerra de Kosovo, nas quais morreram muitos inocentes[473].

As dissoluções resultam de muitos fatores, nomeadamente da existência de costumes antagónicos, que acabam por chocar, e de diferentes níveis de desenvolvimento económico. No rescaldo da II Guerra Mundial, vários países foram obrigados a aderir à URSS, mas estas repúblicas não partilhavam uma identidade nacional com a União Soviética, pelo que a dissolução seria inevitável. Na Jugoslávia, a zona dos eslovenos era mais rica do que outras regiões do país, portanto estes achavam que as zonas pobres influenciavam negativamente o seu desenvolvimento. No Chipre, os turcos afirmavam que os direitos dos gregos eram demasiado fortes, pelo que dividiram a ilha. O separatismo resultou ainda na independência de muitas colónias na América e em África (Brasil, Angola, Moçambique...), que sacudiram o jugo das potências colonizadoras a partir do século XVIII[474].

Em conclusão, a identidade nacional é uma ideologia muito complexa, relacionada com diversos fatores: a história, a cultura, a religião, a sociedade, a economia, a raça, a etnia, a geografia, a psicologia, etc. Esta identidade resulta no sentimento de uma pessoa ou grupo para com a sua pátria ou lugar de residência, reforçando o Estado e promovendo o desenvolvimento da civilização.

[473] Fonte: http://educador.brasilescola.com/estrategias-ensino/a-fragmentacao-iugoslavia.htm, consultado em 30 de junho de 2013.
[474] Cf. SMITH, Anthony D., *Ob. cit.*, pp. 162-163.

2. Tomás Pereira e a Identidade Nacional dos portugueses

Portugal tem uma longa história, a sua cultura influenciou civilizações em todo o mundo, o catolicismo foi divulgado pelos lusitanos na Ásia, na África e na América. O contacto com o mar, num país com uma vasta faixa litoral voltada para o Atlântico e bons portos, propícios à navegação, fez dos portugueses um povo de marinheiros e pescadores, atraído pelo desconhecido. Um povo que, como cantou Camões, deu "novos mundos ao mundo".

2.1 A identidade nacional dos portugueses

Fernão Lopes explica, na sua *Crónica* (1419), a origem do nome de Portugal, reino que foi fundado em 1179 por vontade de um nobre destemido, que ousou desafiar o seu Senhor.

> "E a causa por que se a terra chamou Portugal, foi porque antigamente sobre o Douro foi povoado o castelo de Gaia, e por aportarem i mercadores em navios e assi pescadores pelo rio dentro, e ancorarem e estenderem suas redes da outra parte do rio, e para isso ser mais conveniente, se povoou outro lugar que se chamou o Porto, que ora é cidade mui principal. Donde, ajuntados estes dous nomes, saber Porto e Galia, foi chamado Portugal."[475]

As fronteiras de Portugal, como as dos restantes países, resultam da construção dos homens e não da Natureza: os portugueses foram os obreiros da sua história e da sua cultura[476]. No entanto e apesar da sua dimensão diminuta, Portugal possui uma grande diversidade cultural, ao longo do seu território. Orlando Ribeiro (1945) recorda, oportunamente, que se podem distinguir três grandes áreas naturais em Portugal: o Norte Atlântico, o Norte Trasmontano e o Sul. Alguns lugares, sobretudo no interior, foram adaptados à agricultura, garantindo o fornecimento de alimentos ao país (recordemos que Salazar considerava o Alentejo o "celeiro" do país). Por outro lado, o litoral possui portos de

[475] Cf. MATTOSO, José, *Ob. cit.*, p. 59.
[476] Cf. *Idem, ibidem*, p. 44.

boa qualidade, ponto de chegada de mercadorias e pessoas, e base de outro setor crucial para a economia: a pesca. Ou seja, as diferentes características regionais enriquecem o país.

O reino nasceu no norte, expandindo-se gradualmente, tomando os territórios ocupados pelos mouros que deixaram, no entanto, marcas assinaláveis na língua e cultura nacionais. A vizinhança com Espanha, com quem Portugal manteve relações permanentes ao longo da história, sem esquecer o período de ocupação entre 1580 e 1640, atuou igualmente sobre a forma de se ser e sentir português[477]. Ou seja, a cultura portuguesa é um cadinho de diversas influências, a partir dos vários povos que foram chegando à finisterra peninsular e se misturaram com os locais, criando algo único, irrepetível.

Tomás Pereira nasceu em Famalicão, fez o ensino básico em Braga, entrando depois na Companhia de Jesus em Coimbra, tendo ainda vivido em Lisboa durante algum tempo. Terá este contacto com várias idiossincrasias regionais facilitado a compreensão e aceitação de uma cultura tão diferente como é a chinesa?

A História de Portugal, este pequeno país de apenas 92 mil quilómetros quadrados, rivaliza com a das grandes potências europeias, se recordarmos o grande império marítimo que estabeleceu a partir dos séculos XV-XVI. Ainda hoje os portugueses se orgulham da sua glória passada, possuem um forte sentido nacional que lhes permite enfrentar ameaças exteriores. A ambição universalista motivou, no fim do século XIX, um plano da dinastia de Bragança, conhecido como o "Mapa cor-de-rosa", que tinha como objetivo assumir a soberania dos territórios entre Angola e Moçambique, formando uma gigante colónia em África. Os cidadãos pagariam pesados impostos para suportar tal plano que, de resto, entrava em conflito com os interesses ingleses. Assim, a Inglaterra fez um ultimato a Portugal (1890), exigindo que o rei D. Carlos abandonasse aquele plano, e enviou navios para águas portuguesas, para o caso das tropas lusas não recuarem.[478]

Apesar do país não ter alternativa, face ao ultimato da potência dominante da época, os republicanos aproveitaram esta transigência para incendiar as massas contra a monarquia. Pouco depois, o escritor republicano Henrique Lopes de Mendonça (1856-1931) assinava um poema exaltado, elogiando os méritos dos grandiosos navegadores e a brilhante história de Portugal, no sentido de estimular o povo a lutar. Alfredo Keil (1850-1907) compôs uma

[477] Cf. MATTOSO, José, *Ob. cit.*, pp. 44 - 57.
[478] Fonte: http://ensina.rtp.pt/artigo/ultimato-ingles/, consultado em 1 de julho de 2013.

música para este poema, a famosa *A Portuguesa*. Em 31 de janeiro de 1891, quando os republicanos lançaram a revolução no Porto, os dissidentes usaram esta canção como símbolo, todavia, a revolução foi reprimida e a melodia proibida[479].

A expansão marítima permitiu aos portugueses contactarem com outras civilizações, reforçando o seu sentimento nacional e consciência das suas próprias características, físicas e culturais[480]. Mas nem só de momentos áureos se faz a História de um país: Portugal sofreu com a peste negra (séc. XIV), foi ocupado pelo reino vizinho (séc. XVI-XVII), ocorreu o sismo de Lisboa (1755), foi invadido pela França (séc. XIX) e governado por um regime ditatorial (séc. XX). No entanto, os portugueses nunca deixaram de lutar pelo renascimento e pela liberdade e os seus esforços mudaram a sorte do país.

Luís Vaz de Camões foi um desses heróis. A sua mais célebre obra, *Os Lusíadas*, pode competir com os grandes clássicos da Humanidade, nomeadamente de Homero, de Virgílio, de Dante Alighieri ou de William Shakespeare. A obra narra, em verso, a epopeia dos Descobrimentos desde o século XIV até ao século XVI, com destaque para a descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama, integrando-se num conjunto lendário e mítico[481]. Como o título indica, o herói desta epopeia é coletivo, os Lusíadas, ou os filhos de Luso, os portugueses. Luso é, na mitologia grega, filho ou companheiro de Baco, deus romano do vinho e de todo o tipo de excessos, a quem se atribui a fundação da Lusitânia, que corresponde hoje ao território de Portugal e da Estremadura espanhola[482].

Camões teve uma vida cheia de deceções. Na sua juventude, participou na guerra contra os mouros, em Marrocos, ficando cego de um olho; foi preso em Portugal e depois em Goa. Posteriormente, foi viver para Macau e, segundo a tradição, ali teria escrito parte de *Os Lusíadas* numa gruta, que mais tarde recebeu o seu nome. Em 1560, o navio em que viajou naufragou na foz do rio *Mekong*[483] mas Camões salvou o manuscrito original, nadando até terra. Em 1570, regressou a Lisboa, e publicou a sua epopeia dois anos depois, tendo-lhe o rei D. Sebastião concedido uma pensão de sobrevivência, como reconhecimento pela sua grande obra. Contudo, após a morte do rei, Camões deixou de receber esse apoio,

[479] Cf. SOBRAL, Manuel José, *Ob. cit.*, pp. 63 -66.
[480] Cf. MATTOSO, José, *Ob. cit.*, p. 18.
[481] Cf. SARAIVA, António José, *Para a História da Cultura Em Portugal*, Vol. I, Livraria Bertrand, Amadora, 1980, pp. 83-88.
[482] Cf. *idem, ibidem*.
[483] O Mekong é um dos maiores rios do mundo, localizado no sudeste asiático. Fonte: www.minube.pt/sitio-preferido/rio-mekong-a1202, consultado em 2 de julho de 2013.

acabando por morrer na miséria, em 10 de junho de 1580[484]. O poeta é um símbolo de Portugal pois, embora as suas experiências tenham sido muito amargas, ele nunca abdicou do seu sonho, cantando os antepassados e incentivando os portugueses a lutarem pela sua pátria.

Várias estátuas, um pouco por todo o mundo lusófono, recordam o bardo português e, para eternizar este grande poeta, a data da sua morte (10 de junho) foi definida como o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, feriado que pertence a todos os portugueses e respetiva diáspora. Aliás, realizam-se anualmente grandes festejos em Macau, no Canadá e no Reino Unido[485].

O português também é conhecido como a língua de Camões, sendo a primeira grande herança cultural do país (já dizia Pessoa que a sua pátria era a língua portuguesa). Hoje com cerca de 270 milhões de falantes, a língua portuguesa é a quinta mais falada no mundo e a língua oficial de Portugal, Brasil, Moçambique, Angola, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Timor-Leste, e uma das oficiais da Guiné Equatorial e de Macau.[486] Ou seja, é possível ouvir a língua de Camões em cada canto do mundo.

Em 1992, criou-se o Instituto Camões em Lisboa, para promover a língua e a cultura portuguesas no mundo[487], demonstrando que o poeta está intrinsecamente ligado à língua e cultura portuguesas.

2.2 Tomás Pereira como português e a imagem da China aos seus olhos

Os episódios descritos são meros exemplos da coragem e persistência dos portugueses, características que Tomás Pereira também possuía. Talvez inspirado em Luís Vaz de Camões e tal como o poeta, Pereira contribuiu com a sua vida em prol da pátria, curvou-se à vontade da Companhia de Jesus e do rei de Portugal, partindo para um país desconhecido, apesar dos perigos. Já na China, acompanhou o imperador *Kangxi* no campo de batalha, lutando ao seu lado contra *Zunghar* quando podia ter escapado a esta guerra perigosa, já que não tinha qualquer relação direta com ele. *Kangxi* apreciava o jesuíta não só

[484] Cf. SOBRAL, Manuel José, *Ob. cit.*, pp. 46 - 48.
[485] Fonte: www.catraios.pt/10junho.htm, consultado em 2 de junho de 2013.
[486] Fonte: www.tvciencia.pt/tvccul/pagcul/tvccul03.asp?codcul=60045, consultado em 2 de junho de 2013.
[487] Fonte: www.instituto-camoes.pt/informacao-institucional/missao-do-camoes, consultado em 2 de junho de 2013.

por causa da sua inteligência, mas também pela sua coragem, opinião que se espelharia sobre todos os outros portugueses na China.

Portugal é um país religioso onde, pese embora a separação de poderes praticada desde o início do século XX, o catolicismo ainda assume um peso relevante. No norte de Portugal, que nunca foi ocupado pelos mouros e terá porventura uma herança romana mais pesada, a fé é ainda mais forte. Foi neste contexto que Tomás Pereira nasceu, sendo influenciado profundamente pela cultura católica desde a infância. Como católico e jesuíta, Pereira dedicou-se a propagar a fé, estabelecendo a Igreja e o Colégio de Jesus em Pequim, trabalhando para que a sua missão fosse legalmente autorizada e servindo de mediador entre o imperador e a Santa Sé, no que respeita à *Controvérsia dos Ritos*. O seu fervor religioso ficou registado em várias passagens do seu *Diário*:

> "E, de facto, nós que nos exilámos voluntariamente nestas terras do fim do mundo para propagar o Santíssimo Nome de Cristo Senhor, que outra coisa devemos procurar senão conhecer e seguir, por intermédio dos seus Legados, a vontade de Deus e da Santa Sé Apostólica, isto é, do Vigário do mesmo Senhor na terra?"[488]

Na última fase, a ameaça dos jesuítas franceses ao Padroado Português no Oriente motivou alguns atos que prejudicaram os interesses da sua Ordem, mas não se pode negar a sua fidelidade para com a fé, pese embora os interesses de Portugal fossem prioritários. Pereira não teria conflitos pessoais com os franceses, contudo, em primeiro lugar era português e só depois jesuíta. Pereira jurou a sua fidelidade a Deus, em nome de Portugal: "E creyo que sendo eu Portuguez, ninguem delles duvidará de mim; e duvidando tenho bojo para sofrer, penna para escrever, bocca para fallar, e boas rezoens que responder."[489]

É possível que os superiores da Companhia de Jesus tenham sido informados acerca dos conflitos entre os missionários e dos atos do jesuíta, pelo que Tomás Pereira se justificou ao padre italiano Giovani Francesco Nicolai de Leonissa, numa longa carta datada de 1693:

> "…Eu, que nesta controvérsia fiz de superior e juiz, sempre fui tido como parte interessada, para que nunca se acreditasse em mim; aos Padres Franceses, porém embora sendo partes interessadas, e nunca Superiores, sempre lhes foi dado crédito. E,

[488] BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Ob. cit*., p. 221.
[489] *Idem*, *ibidem*, p. 181.

> dado que eu e os Padres Franceses éramos iguais na qualidade de partes interessadas, devia Vossa Paternidade, por sua equidade, suspender o juízo e ouvir os testemunhos de outros; e se quisesse excluir Portugueses, como sendo incapazes de testemunho por direito natural, tal como os Padres Franceses e esse título os excluíram do governo da Companhia, podia Vossa Paternidade acreditar nos padres de outras nações."[490]

Nesta missiva, Pereira argumenta que as contribuições dos jesuítas portugueses na China foram fundamentais e que ele nunca limitou intencionalmente a ação dos irmãos franceses, tentando provar o seu apoio em diversas ocasiões. Porém, ele omitiu algumas verdades, por exemplo, não explicou porque proibia as atividades de astronomia dos jesuítas franceses na corte, tendo em conta a curiosidade científica do imperador. Sendo que, naquele tempo, a ciência estava mais avançada em França do que em Portugal, as capacidades dos franceses não eram menores. Possivelmente, Tomás Pereira temia que os franceses conquistassem a confiança de *Kangxi* e os portugueses perdessem importância. Talvez ele tentasse garantir os interesses de Portugal, na premissa de que não prejudicaria os objetivos primordiais da Companhia de Jesus.

A identidade cultural de Tomás Pereira passava inevitavelmente pela sua língua materna, o português, embora falasse chinês e fosse fluente em espanhol e latim, como se constata nas cartas dirigidas aos seus superiores. A sua pessoa caracterizava-se ainda por uma apurada curiosidade académica: várias ciências e música faziam parte do seu leque de interesses. Por exemplo, tendo nascido no Minho - região de muitas vinhas -, conheceria alguma coisa sobre a cultura vinícola.[491] No noroeste da China fabricavam-se igualmente vinhos, afamados, desde a antiguidade, através de métodos bastante distintos dos de Portugal. O imperador bebia vinho raramente, para usufruir dos seus benefícios sem que este prejudicasse a sua saúde.

De acordo com alguns registos, quando *Kangxi* esteve doente, Tomás Pereira e outros jesuítas recomendaram-lhe vinhos europeus, argumentando que beber vinho com moderação era saudável. Gradualmente, o imperador passou a apreciar os vinhos ocidentais pelo que, quando alguns jesuítas ou comerciantes da Europa chegavam a Pequim, lhe

[490] *Idem, ibidem*, p. 605.
[491] Fonte: www.gastronomias.com/vinhos/inicio.htm, consultado em 4 de julho de 2013.

ofereciam alguns produtos, incluindo vinhos. Pode dizer-se que, através dos esforços dos jesuítas, a cultura do vinho ocidental se divulgou na China[492]. Apesar disso, o jesuíta não menciona muito o seu país no diário, talvez porque, depois de chegar a Pequim, deixasse de ter notícias regulares:

> "Com occasião de tão boa mudança; não mudarej comtudo meu proposito, e offerta, q*ue* ao memso P*adr*e tinha feito, de escreuer todos os annos, o q*ue* de nouo se offerecesse nesta Corte; athe se me não dar de lá; o basta; por ver eu, quando uim de Portugal a pouca noticia, q*ue* lá hauia daqui."[493]

Pereira lembrava-se da sua pátria, enviando algumas cartas para Portugal, mas era raro receber uma resposta. Primeiro, porque em Pequim não existiam muitos portugueses. Para além disso, os meios de transporte naquela altura nem sempre eram seguros, possivelmente muitas das suas cartas ou respetivas respostas se perderam na viagem. Por fim, a maior parte dos líderes jesuítas eram italianos, logo não estariam particularmente atentos às notícias de Portugal.

Tomás Pereira tinha opiniões contraditórias em relação à China e aos chineses. Se, às vezes, mostrava grande apreço para com o país que o acolheu, outras vezes discordava profundamente dos seus costumes ou formas de pensar. As suas anotações nos diários, depois entregues à Companhia de Jesus, fornecem a visão de um português acerca da China, desde logo, reconhecendo a sua importância no extremo Oriente:

> "Tendo já quasi chegado poucos dias antes da povoação de Selenga, aonde com o embaixador moscovita se devião fazer as pases, eis que nos veyo nova como o Elut fasia guerra ao Hal ha[494], por cuias teras fasiamos nosso caminho, a que eu ouvi chamar sine rubore emperador (parecendo-me a mim indigno ainda o nome de pastores)."[495]

Possivelmente, Pereira descobriu na China um país mais civilizado e desenvolvido do que outros países asiáticos, nomeadamente a Mongólia que nem sequer se podia considerar um país, mas uma tribo. Para além disso, o padre conhecia muito bem a história

[492] Fonte: www.da.dl.gov.cn/MainPageServlet?ctrl=xxxxPublic&id=6268, consultado em 4 de julho de 2013.
[493] BARRETO, Luís Filipe (coord.), *Ob. cit.*, p.88.
[494] Hal ha indica a zona *Mongóis Khalka*, no norte da China.
[495] SEBBES, Joseph, *Ob. cit.*,p. 189.

da China referindo, por exemplo, o império mongol, que governou o território entre 1271 e 1368, até ser expulso para o norte:

> "(…) ao qual cabeça e outros semelhantes chamão os Tartaros Tai Kie[496], hoc est parentes do sangue real, que no reynado dos Tartaros occidentais que antigamente dominarão a China 60 e mais annos devididos por aquelles desertos por politica de sua segurança…"[497]

Nas conversações que antecederam o *Tratado de Nerchinsk*, Tomás Pereira teve um maior contacto com os ministros chineses e não ficou satisfeito com alguns dos seu atos, apelidando-os de estúpidos e arrogantes:

> "Comtudo como perseverou este embaixador em conservar suas pertenções de igualdade, não se acomodando aos costumes dos chinas inexpertos, foi tambem mal despachado, mas não deixou pouco abatidos os chinas de suas persunções, que se admirarão da audacia com que intrepido lhes respondia."[498]

De facto, apesar de alguns contactos com o exterior, o país era antiquado, sobretudo no que respeita à ciência e à diplomacia. Já Tomás Pereira sentiu-se superior naquele contexto, por ser mais viajado e conhecer o protocolo das negociações internacionais. Apesar das críticas, o jesuíta não negava a força do império.

> "Sahião nossos embaixadores desta corte como se fossem elles sós no mundo (o que não posso deixar de dizer pera não faltar à verdade de sincera relação, e não referir conceitos apaixonados), sahirão com o acompanhamento e soldadesca assima referida, e com muita resão gloriabantur in multitudine. Porque bem creyo que a nenhum outro monarcha do mundo seria possivel comboyar hum exercito de cavallharia tal, 40 dias de caminho por hum deserto (ainda que gastamos 49, levando todo o necessario e mantimentos em camellos e carruagem), e 90 barcas capazes de artelharia, que levavão por agoa com mil soldados e mais de 2000 de serviço, que à vista de Nip Chu [Nerchinsk] não deixarão de dar aos Moscovitas em que cuidar."[499]

[496] Tai Kie significa príncipes (太子, *tài zǐ*). Aqui indica os membros da família real.
[497] SEBBES, Joseph, *Ob. cit.*,p. 189.
[498] *Idem, ibidem*, p. 207.
[499] *Idem, ibidem*, p. 220.

Também no que respeita à força militar, Tomás Pereira reconhecia o poderio do império de *Kangxi*, muito superior ao dos países vizinhos, como a Mongólia e o Vietname. Ainda assim, a China não tinha travado grandes batalhas com países europeus (excetuando o conflito com a Holanda, em Taiwan) e portanto desconhecia os recursos bélicos ocidentais, como canhões e mosquetes. Pereira ajudou o padre Verbiest a fabricar canhões, mas a técnica não estava suficientemente desenvolvida, pelo que a China permaneceu na época das armas brancas. Pelo contrário, a Rússia possuía armas mais avançadas portanto era de evitar uma guerra entre os dois países. Se o português estava bem consciente desse facto, já os ministros chineses, na sua presunção, não conseguiram perceber a real força militar do seu interlocutor.

Apesar de Tomás Pereira e outros jesuítas viverem em Pequim há muito tempo, a desconfiança para com os missionários durou bastante tempo, sendo em parte contrariada pela atitude do imperador para com os estrangeiros: "No **exulta** [precónio] et outras occazioens, q*ue* se nomeya o Imperador o nomeyei sempre; sendo q*ue* como Portuguez, podia **saltem** [ao menos] duvidar."[500] A desconfiança dos altos funcionários chineses estendia-se a todos os estrangeiros, nomeadamente aos russos: "Os moscovitas não são como vós, que sois sinceros e verdadeiros; elles não, nem vós vos deixeis delles enganar. Disem hoje huma cousa e pella manhã e não guardão. Nos temos delles muita experiencia; vós nenhuma: sabemos que são mentirosos."[501] Pereira convenceu os ministros a deixarem os preconceitos de lado, adotando uma atitude objetiva:

> "Senhores, não convem parvis componere magnos. Nem devemos confundir cousas grandes com as pequenas, e muito menos pessoas. O conceito que Vossas Excellencias tem dos moscovitas hé só do que virão obrar a gente baixa, cujo alvo de ordinario hé a mentira: athé agora não houve semelhante occasião de os tratar e conhecer…O mesmo digo do mais, pello que se não deve negar a fee a semelhantes pessoas, ainda que nos inferiores haja nota, ou perdifia no povo rude: alem de que era necessario ouvir o que elles a isto responderião, e não só fiar no que ouvimos aos nossos."[502]

Ou seja, o respeito que o jesuíta conquistara até então, permitiu aos embaixadores

[500] BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Ob. cit.*, p.152.
[501] SEBBES, Joseph, *Ob. cit.*,p. 227.
[502] *Idem, ibidem*, p. 228.

chineses ultrapassarem a sua desconfiança nas negociações que antecederam o acordo sino-russo. Mas Tomás Pereira continuava a ser um estrangeiro que, às vezes, avaliava as características e atos dos chineses de uma forma altiva: "Senhores, eu quem sou? Sou hum homem estrangeiro: se diser que honrado, nada val a testemunha, e só está nos ouvintes o crê-lo. Se disser sou homem baixo, sei que Vossas Excellencias não querem assim, pois me tratão com tanta honra."[503] Pereira sabia que, embora ele conhecesse bem a língua e a cultura chinesas, continuava um estrangeiro aos olhos locais, e só trabalhando em prol da China podia alcançar a sua confiança. A ciência ocidental encontrou igualmente diversos obstáculos:

> "As coisas chegaram ao ponto de o imperador não só dizer que não acreditava em nada dessas superstições, mas também, exemplo nunca ouvido nesta Corte, de se afastar frequentemente, por essa razão, do cumprimento dos antiquíssimos costumes dos Reis Chineses, incentivo manifesto sem dúvida para todos os Chineses, a que abandonassem o abuso que paulatinamente se introduzia no Calendário."[504]

Outrora, os chineses deram valiosos contributos para o avanço científico do mundo, nomeadamente com a bússola, a pólvora, o papel e a tipografia, consideradas as quatro grandes invenções da China.[505] Contudo, na sua cega autoconfiança, não se aperceberam que a sua ciência estava ultrapassada e tiveram dificuldade em aceitar as novidades ocidentais trazidas pelos jesuítas. Tomás Pereira menciona, por exemplo, as superstições a que os chineses continuavam presos:

> "Chama-se o Eclipse da Lua yve xe,: e do sol Ge xe, podemos descobrir aqui algũa superstiçam, **et fortasse** [e talvez] (se nam constasse o contr*ario*) com mais rezam pois se diz em China que a Lua se come, o Sol se come etc. e isto seria indigno erro: ainda que alguns rudes o imaginem assim; que douto, ou entendido China o dirà? Eu tenho ouvido muitas vezes a gentios Chinas o seguinte. Como nossos antigos puzeram semelhante nome ao Ecplise? Donde se vè claro nam crerem o que dizem; mas conservar o costume uzado de seus antepassados."[506]

[503] *Idem*, *ibidem*, p. 239.
[504] BARRETO, Luís Filipe (coord.), *Ob. cit.*, p. 215.
[505] Fonte: http://baike.baidu.com/view/6420.htm, consultado em 10 de julho de 2013.
[506] BARRETO, Luís Filipe (coord.), *Ob. cit.*, p. 443.

As expressões "yve xe" (月食, *yuèshí*, "a lua foi comida") e "Ge xe" (日食, *rìshí*, "o sol foi comido"), usadas para o eclipse lunar e o eclipse solar, respetivamente, estão relacionadas com uma lenda chinesa sobre um monstro, "o cão do céu" (天狗, *tiāngǒu*), que comia o sol e a lua. Quando o sol ou a lua desapareciam, as pessoas tocavam tantã e tambor, ou acendiam bombinhas, para expulsar o cão do céu[507]. A partir de 2137 a.C., a China começou a observar os eclipses de uma forma científica[508], mas grande parte da população continuou a acreditar naquela superstição.

Pereira alude também às tradições fúnebres da China, onde a palavra "死" (*sǐ*, morrer) era um tabu. Quando o imperador falecia, ninguém podia dizer "o imperador morreu", optando por expressões eufemísticas como *Xim tien* (升天, *shēngtiān*) e *pin tien* (殡天, *bìntiān*), que queriam dizer que (o imperador) tinha ido para o céu (paraíso).

> "Elles dizem Xim tien pintien sò por cortezia; para q*ue* queremos nos aforçar sues entendimentos, e obrigal-los a crer seus costumes políticos a nosso entender; ou que nossa insiencia, e pouca praxe de sua politica os obrigue a mudal-los, e suppor ser erro seu, o que a falta em nos de experiencia ignora."[509]

Tomás Pereira esteve no nordeste do país em mais do que uma ocasião, acompanhando uma expedição de caça do imperador ou no seu trajeto para *Nerchinsk*. Como ali moravam muitos tártaros (mongóis), o português chamou este lugar de "Tartária", designação não muito rigorosa: embora tártaros e mongóis tivessem relações ao longo da história, não são a mesma etnia. Sobre aquela região, Pereira registou:

> "**Basta ut finis illum non habenti, imponatur. Et cui nimis tardo in Lingua Sinica et in Tartara ignoranti de ista vocabularium machinare praesumenti satisfat** [para que se imponha um limite ao que o não tem. E a quem é demasiado frouxo na Língua Chinesa e ignorante na Tártara, baste-lhe, presumindo, inventar o vocabulário desta]."[510]

Naquele tempo, os mongóis dividiam-se em muitas tribos, muitas delas independentes do império. Os mongóis eram um povo nómada com a sua própria língua,

[507] Fonte: http://baike.baidu.com/view/5737.htm, consultado em 14 de julho de 2013.
[508] Fonte: http://club.history.sina.com.cn/thread-2204223-1-1.html, consultado em 14 de junho de 2013.
[509] BARRETO, Luís Filipe (coord.), *Ob. cit.*, p. 443.
[510] *Idem*, *ibidem*, p. 267.

cultura e costumes ancestrais quase intactos, portanto quase não sabiam falar chinês (mandarim) e poucas pessoas tinham uma formação básica. Na verdade, a região a norte de Pequim era rural e muito pobre. Vivendo sempre no próspero contexto da capital, Pereira ficou surpreendido com o atraso daquelas regiões.

Quando o imperador visitava outras cidades, levava sempre uma grande comitiva, incluindo membros da família real, ministros, cozinheiros e todo o tipo de servos, professores, músicos e pintores. Provavelmente, metade da corte acompanhava o imperador nestas viagens, incluindo Pereira como músico e professor:

> "De modo q*ue* se acha com qualquer lugar, q*ue* chega este Monarcha, com a mesma comodidade, q*ue* em Pekim assim pertencente ao regallo, comodo, fruita fresca, q*ue* continuam*en*te se lhe manda desta Corte pella posta; como pertensente a gouerno de Tribunais, q*ue* em todo o lugar o acompanhão; como se nehuã mudança se fisera. Verificando-se nelle à letra o prouerbio. **Ubi Rex, ibi curia** [Onde está o Rei, aí está a Corte]."[511]

Sendo estrangeiro, Tomás Pereira podia observar de forma mais objetiva a sociedade chinesa, embora por vezes, fosse muito difícil distinguir a tradição da superstição. Ele não compreendia ou demonstrava preconceito em relação a alguns costumes, que considerava "atrasados" ou supersticiosos. Ainda assim, os seus registos sobre o país têm grande valor histórico e permitem não só conhecer os costumes da altura, como também o percurso da evangelização na China.

2.3 A China aos olhos dos portugueses

Os portugueses contribuíram bastante para o intercâmbio ocidental com a China: além de Tomás Pereira, muitos exploradores, comerciantes, embaixadores ou jesuítas portugueses visitaram anteriormente o império, durante os séculos XVI e XVII, e alguns deles descreveram inúmeros factos sobre o mesmo, como veremos de seguida.

Fernão Mendes Pinto (1510?-1583) foi um desses pioneiros. A sua vida,

[511] BARRETO, Luís Filipe (coord.), Volume II, *Ob. cit*., p. 22.

particularmente aventureira, passou por, como ele próprio nos diz, ter sido feito cativo 13 vezes e vendido 17[512]. Como é sabido, a maior parte da sua vida desenrolou-se no Oriente, para onde embarcou em 1537 e de onde regressou, largos anos depois, em 1558. Já em Portugal, começou a escrever as suas memórias (1569), sob o título *Peregrinação*, obra que terminou em 1580 mas que foi publicada apenas em 1614, após o que atraiu particular atenção, sendo traduzida para várias línguas e conquistando grande notoriedade, comparável, segundo alguns autores, ao *Dom Quixote de La Mancha* de Cervantes. Os leitores sentiam-se atraídos pelas suas aventuras e pelas descrições de terras longínquas e exóticas, descrições onde, frequentemente, a realidade se confunde com a ficção. Por se tratar de uma obra onde a fronteira entre o real e o imaginário se confundem amiúde, criou-se o célebre trocadilho em torno do seu autor: "Fernão, mentes? Minto." Aliás, talvez não seja por acaso que o título da edição chinesa fosse 远游记 (yuǎn yóu jì), ou *Jornada ao lugar longínquo*, título também escolhido para outras obras sobre viagens imaginárias.

Devemos analisar esta obra com particular atenção - não obstante os erros e equívocos veiculados pela mesma e considerando que o seu autor a escreveu largos anos depois dos acontecimentos -, atendendo à sua importância histórica. Na verdade, algumas informações sobre as quais se levantavam dúvidas viram a sua veracidade confirmada por documentos divulgados recentemente. É o caso da referência que o autor faz, no capítulo LXV:

> "Nós, co feruor desta vitoria arremetemos logo à porta, & nella achamos o Mandrim com obra de seiscentos homẽs comsigo, o qual estaua encima de hum bom cauallo, com hũas couraças de veludo roxo de crauação dourada do tempo antigo, as quais despois soubemos que forão de hum Tomè Pirez q el Rey dom Manoel da gloriosa memoria mandara por Embaixador à China, na não de Fermão Perez Dandrade, gouernando o estado da India Lopo Soarez Dalbergaria[513]".

Um documento chinês mostra que, de facto, quando Tomé Pires chegou a Cantão, o funcionário *Gu Yingxiang* (顾应祥, *gù yìng xiáng*), recebendo-o, lhe terá sugerido quais as prendas que devia levar ao imperador *Zhengde* e, mais ainda, na obra *Jingxuzhaixiyinlu* (静

[512] Cf. BUESCU, Maria Leonor, *Antologia dos Viajantes Portugueses na China*, Editor San Huan, Haikou e Macau, 1998, p. 135.
[513] PINTO, Fernão Mendes, *Peregrinação*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa,1988, p. 333.

虚斋惜阴录, *jìng xū zhāi xī yīn lù*) diz-se que "Houve três barcos estrangeiros foram a Cantão… Eles não sabiam protocolos da China… As suas oferendas incluíram coral, pedras preciosas, couraças, vidros, etc"[514]. Tudo indica que as tais "couraças de veludo roxo de crauação dourada do tempo antigo" existiram mesmo! Atente-se noutro exemplo ainda, a propósito do conflito entre os portugueses e os chineses em *Liampó* (宁波, *níng bō*): o autor menciona que, por alguns chineses não devolverem uma quantia de dinheiro aos portugueses, estes últimos teriam assassinado 13 aldeãos e, em consequência disso, os portugueses teriam sido mortos[515]. A autenticidade deste episódio, questionada durante tanto tempo, foi provada por um documento oficial intitulado *Coisas na época do Imperador Shizong da Dinastia Ming*, que diz: "(…)Xie não tinha capacidade de devolver… os astutos ficam zangados, então lançaram fogo aos edifícios e mataram muitos homens e mulheres. O funcionário ficou com medo e apresentou esta coisa ao superior."[516]

Fernão Mendes Pinto fala de um "reino" imenso, cuja paisagem é deslumbrante, os recursos naturais inumeráveis, as construções grandiosas, quer se tratem de palácios, residências de altos funcionários ou templos, com cidades magníficas. Veja-se o que o autor afirma a propósito de Nanquim: "Affirmarãonos os Chins, q tẽ esta cidade oitocentos mil vezinhos, & vinte & quatro mil casas de Mãdarins, & sessenta & duas praças por muyto grande preço"[517] e também sobre a capital do império: "…esta cidade de Pequim, metropli com razão, na riqueza, & em tudo o mais quanto se pode dizer ou cuydar, & tambem para dar conta da fundação & principio da segunda cidade deste grande imperio que he a do Nanquim…"[518]. Apesar da falta de fontes que corroborem aquilo que, aqui ou ali, o autor nos diz, é evidente a sua admiração e o seu espanto perante a China.

A China também suscitou grande admiração em Mendes Pinto do ponto de vista político, administrativo, económico e social. O imperador é apresentado como alguém tão diligente "(…) que aos reynos & republicas Christãs pode ser exemplo, assi de caridade como de bom gouerno"[519]. Em anos de boas colheitas ordenava que se armazenassem cereais para fazer face à carência dos cidadãos, em maus anos agrícolas: "quando acerta o

[514] JIN, Guoping, *Administração*, volume XIX, Nº 72, [s.e.], Macau, 2006, p. 539.
[515] *Idem, ibidem*, p. 699.
[516] JIN, Guoping, *Art. cit.*, p.541.
[517] PINTO, Fernão Mendes, *Ob. Cit.*, p. 246.
[518] *Idem, ibidem*, p. 265.
[519] *Idem, ibidem*, p. 327.

anno a ser esteril, se reparte tambem o trigo pelo pouo sem se leuar por isso ganho nem interesse algum"[520]. Referindo-se às despesas militares, o autor declara que "não lançara o Rey tributo nem finta sobre os pobres nẽ os pouos serão auexados…"[521], acrescentando ainda algumas formas de proteção social aos mais desfavorecidos, em Pequim.

> "…os aleijados dos peis que não podem andar, dão se aos esparteyros para que torção tamiças. & fação em preitas para seirões, & outras cousas que as mãos podem fazer"[522]. Noutra ocasião, acrescenta: "as molheres publicas que na velhice vierão a adoecer de algũas doenças incuraueis, ha tambem outras casas da mesma maneyra, em que são curadas & prouidas muyto abastadamente â custa das outras molheres publicas do mesmo oficio…"[523].

Como se não bastasse, Mendes Pinto descreve uma bela e confortável prisão o que, naturalmente, suscita algumas dúvidas: "Tem mais esta prisaõ das cercas para dentro muytos grande quantidade de gente que tenho dito, com muytos regatos, & tanques dagoa muyto boa para o seruiço & lauagem de toda esta gente presa, & muytas irmidas, & muytos espritaes…"[524].

Em suma, embora Fernão Mendes Pinto fosse um experiente viajante, apresenta a China como uma terra de abundância e justiça, cujos contornos se aproximam de uma utopia, e em que

> "assi na salubridade & temperamento dos ares, como na policia, na riqueza, no estado, nos aparatos, & nas grandezas das suas cousas, & para dar lustro a tudo isto, ha tambem nella hũa tamanha obseruancia da justiça, & hum gouerno tão igual & tão excelente, que a todas as outras terras pode fazer inueja."[525]

Em inúmeros aspetos, a distância entre a imagem do país por si criada e a realidade é, efetivamente, grande. A sua exuberante descrição e os seus rasgados elogios à perfeição da China contrastam claramente com aquilo que sabemos sobre a mesma, na época da dinastia *Ming* e pouco antes do imperador *Jiajing* (嘉靖帝*, jiā jìng dì*) subir ao trono. Com

[520] *Idem, ibidem*.
[521] *Idem, ibidem*, p. 328.
[522] *Idem, ibidem*, p. 326.
[523] *Idem, ibidem*.
[524] *Idem, ibidem*, p. 315.
[525] *Idem, ibidem*, p. 284.

efeito, a China encontrava-se nas mãos de eunucos, célebres pela sua crueldade, e a situação socioeconómica era tão grave que o literato chinês *Wei Desheng* (魏德胜, *wèi dé shèng*) afirmou que: "e a China se degenerasse para uma tribo estúpida que estava atrasada da Europa, pelo menos 300 anos."[526]

Contudo, mesmo existindo algumas dúvidas sobre a sua obra, suscitadas por algum exagero ou por informações cuja veracidade é discutível, não se pode negar o seu valor histórico como fonte acerca dos primeiros contactos entre portugueses e chineses e, por outro lado, como obra de divulgação da cultura e da civilização chinesas.

O explorador português Tomé Pires (1465-1524?) também deixou as suas impressões sobre a China, país onde terminou a sua vida. Boticário de ofício, chegou à Índia em 1511 partindo, cinco anos depois, a bordo de um navio da armada de Fernão Peres de Andrade, como primeiro embaixador português no *Celeste Império*. Em 1521, chineses e portugueses envolveram-se num conflito, em *Tuen Mun*[527], do qual os portugueses saíram derrotados e durante o qual o referido boticário foi preso. Tudo indica que terá morrido pouco depois deste infeliz episódio ou, defendem alguns autores, terá sido impedido de deixar o país.

A sua notoriedade deve-se, fundamentalmente, ao facto de ter escrito a *Suma Oriental*, na qual descreve as margens do *Mar da Índias* e onde consta a primeira descrição da China lavrada por portugueses. A sua obra, desaparecida durante muito tempo e publicada apenas no século XX, foi escrita algures entre 1512 e 1515 em Malaca, ou seja, antes de realizar a sua viagem à China resultando, naturalmente, da aprendizagem feita pelo autor junto de chineses, malaios ou portugueses aí residentes. Por comparação a Fernão Mendes Pinto, o seu discurso - a ele se atribui a expressão o "Lusitano…cujo custume he dizer menos suas glorias do que sam & o mall mais do que he"[528] - é menos encomiástico, menos rico e, em certos aspetos, mais crítico. Tomé Pires começa desde logo por afirmar:

> "Segundo o que as gemtes de cá desta parte do Levante contam das cousas da China, sam asaz grandes asi na terra como em gemtes e rriquezas e estados e cousas outras, que mais se creram com verdade averem se na Europa, que não nesta terra da

[526] YAO, Jingming, «*As imagens da China em Peregrinação de Pinto*», em *Literatura Comparada da China Nº 3 (2003)*, 2003, p. 62.
[527] *Tuen Mun* (em chinês: 屯门, *tún mén*) é uma vila que fica, atualmente, em Hong Kong, cf. "TUEN Mun", www.districtcouncils.gov.hk /tm/english/welcome.htm, consultado em 30 de abril de 2014.
[528] CORTESÃO, Armando, *Primeira Embaixada Europeia à China*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1990, p. 7.

China."[529]

Refira-se a presença comercial chinesa em Malaca e nas margens do Oceano Índico, que corresponde a uma fase de abertura ao exterior, indissociável das expedições protagonizadas por *Zheng He*[530], no século XV. Neste contexto, Tomé Pires alude à importância económica da China:

> "Vem se em jumcos a Malaca com mercadarias, e trazem seda bramca e damascos e sitins de cores, e brocados à sua gisa, muito alljofar… Levam quando se vam de Malaca pimenta, pucho, cacho… A China hé terra de muitas mercadorias e de muitos mantimentos." [531]

Alguns hábitos causaram contudo algum espanto e estranheza no autor, nomeadamente quando tomou conhecimento que os chineses "comem com dous paos tomam a porcelana com a mão esquerda, e com a mão direita e com a boca e com os paos se servem"[532] ou ainda quando, tomando um caso particular como regra, afirma que estes "gabam muito o nosso vinho e bebem grandemente[533]" ou que os que "vem a Malaca sam de pouca verdade e furtão, estes sam da gemte baixa[534]".

O texto denuncia que Tomé Pires nunca estivera na China e que estaria condicionado por certos preconceitos ou categorias religiosas. "Ho rei da China hé gemtio, he senhor de grande terra e gemte"[535], afirmou, o que, tratando-se de um budista não poderia estar mais longe da verdade. Veiculando alguns equívocos que circulavam na sua longínqua Europa, o mesmo autor afirmou ainda que na China existia "gemte hé branca de nosa allvura"[536].

A importância desta obra, pioneira dos escritos portugueses sobre essa longínqua região, decorre precisamente daquilo que a mesma não nos diz, por outras palavras, a obra revela qual foi o ponto de partida do relacionamento entre os portugueses e os chineses, marcado por um profundo desconhecimento.

---

[529] LOUREIRO, Rui Manuel, *O Manuscrito de Lisboa Da "Suma Oriental" de Tomé Pires*, Instituto Português do Oriente, Lisboa, 1996, p. 145.
[530] Zheng He (*郑和, zhèng hé*), o célebre explorador chinês, nasceu em 1371 e morreu em 1433. Cf. PENG, Deqing, *Família de Zheng He*, Editor Popular de Comunicações, Pequim, 1985, pp. 2-3.
[531] *Idem, ibidem*, p. 146.
[532] Apud LOUREIRO, *Ob. cit.*, pp. 145-146.
[533] Apud *Idem, ibidem*.
[534] Apud *Idem, ibidem*, p. 145.
[535] Apud *Idem, ibidem*.
[536] Apud *Idem, ibidem*.

Como mencionamos num capítulo anterior, frei Gaspar da Cruz foi o primeiro missionário português a contactar com a China, partindo para Cantão (广州, *guǎng zhōu*) em 1556. Constrangido pela interdição vigente no que diz respeito à difusão de outras crenças, o dominicano não alcançou o seu intento, regressando no mesmo ano a Malaca. Durante a sua permanência no *Celeste Império*, o missionário recolheu inúmeras informações que, posteriormente, compilou no *Tractado em que se contam muito por estenso as cousas da China, com suas particularidades, e assi do reyno de Ormuz*, o primeiro texto português a ser publicado sobre a China. Chegando à China via Cantão e a propósito deste importante porto[537], afirma:

> "Havendo de tratar da cidade de Cantão, dou primeiro um aviso aos leitores, que entre as cidades nobres Cantão é uma entre muitas menos nobres da China, e muito somenos em edifícios que outras muitas, ainda que é mais populosa que muitas."[538]

Apesar de ser um dinâmico entreposto comercial, como testemunhou João de Barros que, na sua obra *Da Ásia*, afirma "tanta he a riqueza daquella terra, e tanta e cópia de seda, que assi gastam elles o ouro batido em pão, e a seda nestas bandeiras, como nós gastamos as tintas de pouco preço, e o lenço de linho grosso"[539], tudo indica que Cantão não seria tão monumental como as cidades do norte do país. Por outro lado, a sua observação, algo desapontada, pode resultar do contraste entre aquilo que viu e aquilo que, atendendo às notícias sobre a grandiosidade da China, estaria à espera de encontrar.

Ainda em relação a este principal porto austral, o frade franciscano afirma: "E a que levam os portugueses e alguma que levam os de Sião é tão pouca em comparação do grosso trato da terra… saindo cinco ou seis naus carregadas de seda e de louça… Pimenta e marfim, que é o principal que levam os portugueses, bem pode passar a vida sem elas"[540], o que poderá significar que a atividade comercial portuguesa nesse porto era ainda incipiente.

Do ponto de vista geográfico, o religioso afirma, com muita precisão que: "toda a China por dentro se navega e toda se corre por rios que a talham toda e regam, que são

[537] Este porto foi o grande entreposto *da Rota da Seda do Mar*. Daqui partiram, por exemplo, as expedições de *Zeng He*.
[538] CRUZ, Frei Gaspar da, *Tratado das coisas da China*, Edições Cotovia, Lda, Lisboa,1997, p. 111.
[539] LOUREIRO, Rui Manuel, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, Fundação Oriente, Lisboa, 2000, pp. 223-224.
[540] CRUZ, Frei Gaspar da, *Ob. cit.*, p. 125.

muito grandes"[541]. Como sabemos, o país é atravessado por sete grandes rios, entre os quais se destacam o rio *Yangtzé* (长江, *cháng jiāng*) e o rio Amarelo, com um importante valor simbólico, relacionado com a origem da civilização.

Frei Gaspar da Cruz alude também às práticas e costumes da família imperial: "El-rei em seus casamentos não se mistura com nenhuma gente fora do seu reino. Casa seus filhos e filhas com outros seus parentes."[542] Efetivamente, durante a dinastia *Ming* fixou-se essa prática, indissociável de um certo isolamento em relação ao exterior, com raras exceções, como é o caso do imperador *Chengzu* (明成祖, *míng chéng zǔ*) que se casou com uma coreana. Aliás, a rotina de contrair matrimónio com parentes era frequente entre a generalidade dos grupos sociais e, muito embora atualmente seja contrariada, prolongou-se até aos nossos dias. Referindo-se à sucessão ao trono, o autor acrescenta que: "O primeiro filho que lhe nasce de qualquer de suas mulheres, aquele sucede no reino."[543] Em rigor, neste caso, o padre comete um equívoco. As normas de sucessão na China variaram ao longo do tempo e, durante a dinastia *Ming*, apenas se impunha a escolha de um filho legítimo, não necessariamente o primogénito, como foi o caso de *Hong Zhi* (弘治帝, *hóng zhì dì*), terceiro descendente do anterior imperador.

A sua descrição das prisões chinesas contrasta de forma gritante com a de Mendes Pinto e, muito provavelmente, está mais próxima da realidade. "Afirmou um português honrado que esteve preso, que no tronco onde ele esteve morreram em cada um ano dois mil homens pouco mais ou menos, uns à fome, outros ao frio, outros dos açoites."[544] É sabido que o tratamento concedido aos presos e as penas aplicadas pela justiça *Ming*, desde os tempos do seu primeiro imperador, *Zhu Yuanzhang* (朱元璋, *zhū yuán zhāng*), eram particularmente cruéis. Recorde-se, a este propósito, a *morte por mil cortes*[545], pena muito comum naquela época. Ainda a propósito da aplicação da justiça, frei Gaspar da Cruz descreve a *pena de canga*, ou exibição pública dos condenados, aos quais era comum bater, injuriar ou lançar pedras:

"Quando levam presos de diversas partes da província para a cidade que é a cabeça,

[541] *Idem, ibidem,* p. 133.
[542] *Idem, ibidem,* p. 215.
[543] *Idem, ibidem,* p. 216.
[544] *Idem, ibidem,* p. 206.
[545] Modo de execução em que o réu, julgado culpado, sofre uma mutilação através de uma faca especial, cf. WANG, Yongkuan, *Penas Cruéis da China*, Editor Popular de Henan, Zhengzhou, 2006, pp. 1-9.

> leva cada preso uma bandeirinha na mão em que vai escrito o porque vai preso com letras grossas, e fazem-lhas levar altas para que possam ser vistas e lidas suas culpas de todos os que passarem, para que assim escarmente cada um e não faça semelhantes delitos."[546]

Contrastando com a visão algo idílica de Fernão Mendes Pinto ou com a escassez de informação transmitida por Tomé Pires, a obra de frei Gaspar da Cruz revela-se mais realista e, indubitavelmente, mais rica sendo, por isso mesmo, útil enquanto fonte histórica.

Entre os inúmeros missionários que seguiram os passos de Matteo Ricci, podemos distinguir, entre os portugueses, Álvaro Semedo, cujo primeiro nome chinês foi *Xie Wulu* (谢务禄, *xiè wù lù*). Nascido em 1585, este missionário passou por uma breve experiência em Nanquim, entre 1613 e 1616, de onde foi expulso, regressando a Macau. Mais tarde, voltou à China clandestinamente, sob o nome de *Zeng Dezhao* (曾德昭*, zēng dé zhào*), onde continuou a sua tarefa de missionação e onde morreu em 1658. O missionário é recordado pelo seu livro intitulado *Relação da Grande Monarquia da China*, na qual descreve o império numa época particularmente difícil, que corresponde ao fim da dinastia *Ming* e à instalação da dinastia *Qing*. A obra foi organizada em duas partes, a primeira sobre a cultura chinesa e a segunda sobre a missão católica na China, apresentando-se, a todos os títulos, particularmente rica no que concerne aos detalhes e à época retratada.

Referindo-se aos hábitos e costumes, designadamente ao vestuário típico, o autor diz que "Os materiais com os quais os chineses fazem vários panos para seu uso pessoal, roupa para camas e outros ornamentos da casa são a lã, o cânhamo, a seda e o algodão, dos quais existem todos em suma abundância"[547]. Num outro trecho, afirma que "Os jovens usam qualquer cor, pois as pessoas idosas reservam para si as mais modestas. O povo, na sua maior parte, veste-se de preto bem como toda a espécie de criados, com a obrigação de não poderem mudar de cor."[548]

A propósito da educação escreve que os chineses se dedicam ao estudo, "desde idade muito tenra"[549] aludindo ainda aos rigorosos métodos de aprendizagem utilizados: "Passados

[546] CRUZ, Frei Gaspar da, *Ob. cit.*, pp. 206-207.
[547] SEMEDO, Álvaro, *Relação da Grande Monarquia da China*, Fundação Macau, Macau, 1994, p. 69.
[548] *Idem, ibidem*, p. 70.
[549] *Idem, ibidem*, p. 81.

poucos meses dão-lhes obras dos clássicos… As lições são, igualmente, reproduzidas de cor pelos alunos e de costas voltadas para o professor e, assim que chegam à banca deste, deixam lá ficar o livro aberto."[550]

Descrevendo a geografia e as minorias étnicas da China, o autor afirma também, entre tantas outras coisas:

> "Falando da província de Cantão, disse que, como a ilha de Hainam, que é grande e toda pertence à China, estava dividida em duas partes: a primeira mais vizinha do reino, pela parte do norte e habitada pelos chineses e por estes governada; a outra, que fica para o sul, para a costa da Cochinchina, é habitada por gente bárbara com língua própria, que governa por si mesma sem se relacionar com os chineses a não ser em algumas coisas de comércio."[551]

Com efeito, *Hainam* (海南, *hăi nán*), a segunda maior ilha da China, localizada numa região remota, era parcialmente habitada pela etnia *Li* (黎族, *lí zú*) que, em geral, era tida por primitiva e analfabeta, distinguindo-se claramente da maioria *Han*. Para além destes, Álvaro Semedo menciona também os muçulmanos:

> "Há a mais, na China, moiros em grande quantidade, mas não em todas as províncias nem em todas as cidades. Encontram-se, porém, nas melhores e falam a própria língua do país, pois da sua, com a exceção de algumas palavras, nada sabem. Conhecem, também, muitas coisas da sagrada Escritura."[552]

Hoje a maior parte dos muçulmanos concentra-se no noroeste da China, especialmente nas províncias de *Ningxia* e de *Xinjiang*, com particular incidência dos *Hui* (回族, *huí zú*) em *Ningxia* e dos *Uigur* (维吾尔族, *wéi wú ĕr zú*) em *Xinjiang*, respetivamente. O escritor parece referir-se aos *Hui* - etnia que incorporou árabes e persas, que chegaram pela Rota da Seda e aí se fixaram, misturando-se com os *Han*, dos quais assumiram os valores e a língua - e não aos *Uigur*, cuja cultura e língua os torna facilmente identificáveis.

Na segunda parte da sua obra, Semedo fornece informação valiosa sobre as missões

[550] *Idem, ibidem*.
[551] *Idem, ibidem*, p. 267.
[552] *Idem, ibidem*, p. 268.

católicas, designadamente sobre o papel desempenhado por São Francisco Xavier, a quem louva como "a flor do dia da graça"[553], Matteo Ricci, Michele Ruggieri e Alessandro Valignano, a quem atribui, a propósito das dificuldades de evangelização, a frase "em alta voz, com toda a convicção íntima do seu coração, referindo-se à China: 'O rocha, rocha, quando te abrirás rocha?'"[554] O autor terá registado esta expressão com alguma amargura, tanto mais que no momento em que escreveu a sua obra vivia-se o drama da expulsão dos missionários da China.

Finalmente, entre tantas outras informações, descreve também Macau, o que constitui, ainda hoje, matéria de ampla discussão, especialmente, por não haver outras provas que possam corroborar a sua descrição:

> "existe uma outra ilha chamada pelos chineses Gau Xan, e pelos portugueses Macau, … que se torna muito fácil defendê-la sendo própria para o reduto de ladrões como era, exatamente, até então, acolhendo-se ali muitos, os quais infestavam toda aquela ilha. Trataram os chineses de se providenciarem maus, ou fosse por não se atreverem ou para o fazerem com menor risco e a expensas doutrem, conhecendo o valor dos portugueses, cometerem-lhes essa empresa e prometeram-lhes que, se expulsassem da ilha os ladrões, a concederiam para habitação."[555]

Para além dos autores já mencionados, convirá não esquecer dois portugueses, também jesuítas e missionários que, de uma forma ou de outra, são também indissociáveis do esforço de aproximação e reconhecimento da cultura e civilização chinesas e que, por outro lado, desempenharam um importante papel na divulgação da cultura europeia e católica. Refiro-me, a Gabriel de Magalhães e, obviamente, a Tomás Pereira.

Quanto ao primeiro, Gabriel de Magalhães (1609-1677), diga-se que era natural de Pedrogão Grande e que embarcou para o Oriente em 1634. A partir de 1640, já o encontramos no sul da China a desenvolver o seu trabalho missionário. Mais tarde, foi feito prisioneiro e enviado para Pequim, sendo libertado pelo imperador *Kangxi*. O jesuíta fixou-se na cidade, aí escreveu a *Nova Relação da China* e aí acabaria por morrer.

A sua obra afigura-se, à partida, menos interessante que outras, na medida em que

[553] *Idem, ibidem*, p. 289.
[554] *Idem, ibidem*, p. 297.
[555] *Idem, ibidem*, p. 292.

dedicou um dos capítulos à análise *Dos nomes que os chineses e os estrangeiros dão à China e dos países de Catai e de Mangi, etc.*[556]. Por outras palavras, adotou designações arcaicas que nos remetem imediatamente para a obra de Marco Pólo.

Por outro lado, o livro revelou-se de um rigor e de uma riqueza inexcedíveis, consequência de um profundo conhecimento da língua chinesa, que utilizou amiúde. A sua originalidade sem precedentes revela-se, a título de exemplo, nas passagens sobre a dinastia *Ming* ou *Qing*: "Sob a família precedente, chamava-se Tai Mim Que, isto é o Reino de Grande Claridade, mas os tártaros que governam, presentemente, chamaram-lhe Tai Cim Que, ou Reino de Grande Pureza."[557] A sua explicação está corretíssima: *Ming* (明, *míng*), em chinês, significa claridade e *Qing* (清, *qīng*) significa pureza; *Tai Mim Que* refere-se então à dinastia *Ming* e *Tai Cim Que* à dinastia *Qing*. Magalhães destaca ainda a antiguidade linguística da China: "Não obstante os egípcios se vangloriarem de terem sido os primeiros que tiveram letras e hieróglifos, a verdade é que os chineses tiveram-nos antes deles"[558] e, mais à frente, acrescenta "Não posso, porém, deixar de dizer que a língua chinesa é mais fácil que a grega, a latina e todas as outras da Europa."[559]

O autor não só estudou a língua chinesa, mas também conhecia a sua literatura, como se entende da alusão, eventualmente questionável, a que "O primeiro desses imperadores chamava-se Yao que, segundo as crónicas chinesas, começou a reinar, há 4.025 anos deste ano de 1668."[560] Se é certo que *Yao* (尧, *yáo*) subiu ao trono, efetivamente, em 2357 a.C., discute-se se foi este o primeiro imperador ou se esse lugar cabe a *Fuxi* (伏羲, *fú xī*) ou *Huang* (黄帝, *huáng dì*). Em qualquer caso, *Yao* foi o responsável pela adoção do primeiro código legislativo, o que não deixa de ser interessante.

A descrição de Gabriel de Magalhães é sustentada pelo seu conhecimento pessoal - "Em 4 de Maio do ano de 1642, parti da cidade de Hiamcheu, a capital da província de Chekiam e, em 28 de Agosto do mesmo ano, cheguei à cidade de Chimtu, capital da província de Suchuen"[561] - e revela-se simultaneamente detalhada e precisa, cheia de

[556] MAGALHÃES, Gabriel de, *Nova Relação da China*, Fundação Macau, Macau, 1997, p. 63.
[557] *Idem, ibidem*.
[558] *Idem, ibidem*, p. 113.
[559] *Idem, ibidem*, p. 122.
[560] *Idem, ibidem*, p. 131.
[561] *Hiamcheu* corresponde a *Hangzhou*; *Chekiam* a *Zhejiang*; *Chimtu* a *Chengdu* e *Suchuen* a *Sichuan*, cf. *idem*, p. 165.

vivacidade e usando metóforas de uma beleza poética. Veja-se, a título de exemplo, a sua declaração de que se pode "dizer que há dois impérios na China, um na água e outra na terra e tantas Venezas como cidades"[562] ou a forma de viver dos seus habitantes, quando diz que os "barcos servem de casa para os que são seus donos. Fazem a sua cozinha ali, nascem, ali são criados e ali morrem"[563].

Finalmente, o rigor das informações que Magalhães nos fornece é confirmado pelo excerto acerca da *Cidade Proibida* que, escreve, "tem nove portas, três no lado sul e duas em cada um dos outros lados e não doze."[564] Até à década de 50 do século passado, as nove portas da *Cidade Proibida* eram conhecidas como *Chongwenmen (*崇文门*, chóng wén mén), Xuanwumen (*宣武门*, xuān wǔ mén), Zhengyangmen (*正阳门*, zhèng yáng mén), Fuchengmen (*阜成门*, fù chéng mén), Chaoyangmen (*朝阳门*, cháo yáng mén), Xizhimen (*西直门*, xī zhí mén), Dongzhimen (*东直门*, dōng zhí mén), Deshengmen (*德胜门*, dé shèng mén)* e *Andingmen (*安定门*, ān dìng mén),* designações que perduram até aos nossos dias nas estações de metro, batizadas em homenagem à Cidade Proibida.

[562] MAGALHÃES, Gabriel de, *Ob. cit.*, p. 165.
[563] *Idem, ibidem*.
[564] *Idem, ibidem*, p. 239.

Capítulo IV - Reflexões sobre o primeiro encontro entre as duas culturas, acomodação dos jesuítas e ajustamento da identidade – uma perspetiva intercultural

> "The mere realization of the existence of other cultures in itself required adjustments in one's world-view. The problems of the observer are compounded when he tries to function in two cultures. He is constantly faced with choices, synthesizing according to his past experience and his evaluation of the actual scene. He responds to people and situations which he has partly created by his own impact. In the process, he is likely to emerge with clearer perceptions, but a greater complexity of emotional and intellectual commitments and tensions posed by the alternatives of the two cultures. He becomes, in sociological terms, a "marginal man"… In fact, he has become an inside-outsider of two cultures."[565]

Tomás Pereira e os seus pares na China foram "forasteiros" (*outsiders*) num novo ambiente social, cultural, linguístico e psicológico, com milénios de história. A sua principal missão, a evangelização, que obviamente envolvia o uso da linguagem e exigia um reconhecimento coletivo de um outro povo, constituiu assim um grande desafio. Os séculos XVII e XVIII foram extremamente interessantes na história da comunicação intercultural e interlinguística entre as duas civilizações, por mérito destes pioneiros. Na China, este período é recordado como uma época de abertura e de iluminação aos novos conceitos, ao conhecimento sobre o Homem e sobre o mundo. Os jesuítas são considerados verdadeiros precursores e, com um domínio bilingue e bicultural extraordinário para a altura, muito contribuíram para a primeira diversificação cultural.

O fenómeno de evangelização na China enquanto contributo para a comunicação entre as duas civilizações - e a sua complexidade, associada à espiritualidade, à cognição, à sociedade, à cultura, até à comunicação linguística e intercultural -, oferece um desafio de estudos interdisciplinares que tem atraído muitos investigadores. Tanto na China como no Ocidente, cada vez mais académicos se focam na questão de identidade e assimilação

[565] YOUNG, John D., *The Cross-Cultural Perspective, Confucianism and Christianity, The First Encounter,* Hong Kong University Press, Hong Kong, 1981, p. 2.

cultural dos jesuítas, sendo Matteo Ricci uma das personagens mais estudadas. O interesse reside na sua prática de adaptação e acomodação à cultura e aos costumes chineses, difundindo conhecimento iminentemente europeu na China, ao mesmo tempo, que levava a sabedoria chinesa à Europa, sendo considerado o pai da sinologia. Na sua linha de pensamento e ação seguem John von Belt, Ferdinand Verbiest e Tomás Pereira, entre muitos outros jesuítas do período das dinastias *Ming* e *Qing*.

A comunicação entre as duas civilizações a partir da religião envolveu a divulgação do catolicismo, da ciência e das artes (sobretudo ao nível da música e pintura) na China, e do confucionismo na Europa. Apesar das numerosas barreiras linguísticas e culturais, esta interação Oriente-Ocidente contribuiu para o conhecimento sobre o "outro" e mudou profundamente a identidade individual dos envolvidos.

Deste ponto da vista, a acomodação dos jesuítas à cultura chinesa, referida como "Práticas de Ricci", é um fenómeno de grande interesse, para refletirmos sobre a natureza da comunicação entre culturas, sobretudo numa época em que as condições de mobilização, de aprendizagem de línguas, de capacidade da identificação e gestão de conflitos entre o "si" e o "outro", eram muito limitadas. Os jesuítas na China - homens aculturados pelo contexto europeu em expansão numa sociedade autossuficiente e fechada - eram, sem dúvida, homens com um grande espírito, uma enorme força e resistência, que quebraram as fronteiras linguísticas, culturais e religiosas, colocando as duas civilizações em diálogo.

Estas fronteiras eram definidas pela distância geográfica, linguística, ideológica e cultural, mas a ação de comunicação entre homens de diferentes partes do mundo provocou uma verdadeira revolução, que mudou o horizonte do saber e do ser.

Estes primeiros contactos entre os dois sistemas culturais e científicos deixaram um imenso espaço para investigação: como é que o conceito de Deus se coadunava com o sistema de "rituais" de Confúcio? Como é que Matteo Ricci ou Tomás Pereira se identificavam naquele ambiente sociocultural? Que conflitos enfrentaram? Que estratégia usaram os jesuítas para serem aceites? Comecemos por analisar a questão de identidade e assimilação dos jesuítas da dinastia *Ming*.

1. A primeira confrontação do Mundo Ocidental com o Império do Meio

O mundo ocidental está profundamente ancorado na civilização greco-romana e no advento do cristianismo. Embora nos nossos dias, o termo "Ocidente" seja muito mais alargado, a identidade cultural do "Ocidente" (sobretudo no contexto deste capítulo) é um conceito mais estreito, emergente da civilização greco-romana clássica com toda a sua influência, cultural, cristã, de pensamento, costumes e tradições éticas, morais e espirituais, em termo e depois da era pós-clássica. A identidade ocidental foi também determinada pelas correntes culturais europeias na arte, música, ética, folclore e tradições orais, cujos temas foram desenvolvidos pelo Romantismo; pela tradição racionalista, desenvolvida pela filosofia helenística, Escolástica, Humanismo, Revolução Científica e Iluminismo; pelas reformas religiosas; pelo sistema legal romano; pelos efeitos sociais das migrações e heranças dos celtas, germânicos, eslavos e muitos outros grupos étnicos. E, mais recentemente, pelo colonialismo que se prolongou até ao XX.

Apresentado o contexto socio-histórico do período da expansão europeia no Capítulo I, importa notar aqui que as instituições da Igreja Católica tinham um papel importante na reserva do conhecimento e na ordem social e ideológica, e que os seus representantes acompanharam essa expansão, levando a fé e o saber ocidental.

Os primeiros registos da entrada de missionários na China datam do século XIII, durante a dinastia *Yuan*: o franciscano João de Montecorvino, de origem italiana, chegou à capital do império em 1294. Em 1307, o Papa Clemente V enviou sete bispos franciscanos para o consagrar Arcebispo de Pequim. Apenas três sobreviveram à viagem, realizando a dita consagração em 1308. Mais tarde foram enviados outros três, mas só um chegou ao destino. Foi com dificuldades e esforços inimagináveis que a missão orientada por Montecorvino conseguiu evangelizar no norte e no leste da China. Mas com a transição da dinastia *Yuan* para a *Ming*, em 1368, o seu trabalho foi interrompido.

Durante a grande expansão missionária mundial, coincidente com o período de contrarreforma católica, os jesuítas e outros missionários católicos tentaram entrar na China novamente, resultando essa evangelização na (re)abertura dos contactos interculturais entre as duas civilizações.

2. O Império dos Ming-Qing e o Confucionismo

O império *Ming* representou a restauração do Estado-civilização dos *Han*, etnia original da civilização chinesa, depois do domínio da dinastia *Yuan*, mongol. Posteriormente, os *Ming* foram substituídos pelos *Qing* (1644-1912), da minoritária etnia *manchu*, povo nómada originário do leste da Ásia, que atualmente inclui o extremo nordeste da China, também chamado de Manchúria interior, e uma parte da Sibéria. O sistema de governo seguia os princípios da monarquia absoluta, com o imperador a deter o poder supremo sobre os assuntos temporais e espirituais, mas cujo autoritarismo era consideravelmente limitado pelos ministros e outros funcionários da alta de hierarquia. A figura do imperador era, no entanto, sagrada e inviolável. Ele promulgava as leis, sem entretanto legislar, pois todas propostas eram feitas pelos seus ministros.

Sob a dinastia *Qing*, os *manchu* continuaram a absorver a cultura chinesa: a sua organização política baseou-se na da dinastia anterior, ainda que estivesse mais centralizada; sendo o organismo administrativo máximo o Grande Conselho. O império não era hereditário, cada governante escolhia o seu sucessor, que poderia ser um dos seus filhos ou um parente próximo, desde que do sexo masculino. O imperador era considerado o "filho do céu" e o "pai do povo", objeto de veneração obrigatória, mas sujeito a um rígido ritual quotidiano. A dinastia atingiu o apogeu em meados do século XVIII, durante o reinado do imperador *Qianlong*, com um território que alcançava uma área de 13 milhões de quilómetros quadrados.

Tradicionalmente, a sociedade chinesa era dividida em quatro classes profissionais: literatos, agricultores, artesãos e comerciantes (士农工商, *shì nóng gōng shāng*, em ordem de decrescente importância social). Na segunda metade da era *Ming*, os oficiais literatos começaram a beneficiar do dinheiro dos comerciantes para financiarem os seus projetos, como a construção de pontes ou novas escolas de confucionismo. A riqueza gerada pelas atividades económicas produzia recursos para o Estado, bem como para a produção literária, necessária à educação. Mas os comerciantes passaram também a ter acesso à educação e à cultura, atitudes de um

connoisseur e traços da classe letrada, imitando as suas características e preparando o caminho para as famílias mercantes fornecerem oficiais ao império.

O ensino do confucionismo era central nas escolas, como veículo de literacia e de uma educação ética e moral. Confúcio (551-479 a.C.), pensador e pedagogo, advogava uma sociedade baseada no Humanismo *rén* 仁 (amar o outro), na Justiça *yì* 义 (ser grato e capaz de distinguir o bem e o mal), nos Ritos *lǐ* 礼 (conduta correta e ordem social) e na Música *yuè* 乐 (uma forma de estar em harmonia e sintonia com os outros) e, a um nível metafísico, dava importância à vida atual e não a uma qualquer existência depois da morte. No que diz respeito à epistemologia da educação, Confúcio procurava combinar a aprendizagem com a reflexão, como se pode constatar nos *Analectos*, compilados pelos seus discípulos: "Deve-se repensar sobre algo antigo para adquirir o conhecimento novo" (温故而知新), "Quem aprende sem pensar, ficará confuso, e quem pensa sem aprender, ficará perdido" (学而不思则罔，思而不学则殆). Ele criou ainda o conceito de igualdade no ensino, fundando um sistema escolar onde todos tinham o direito de aprender.

Desde a dinastia *Han* e ao longo dos dois mil anos seguintes, o Confucionismo foi a principal doutrina do poder e influenciou a China a todos os níveis: político, social, familiar, artístico e literário. Os clássicos confucionistas como *Os Analectos*, *Grande Saber* ou a *Doutrina da Mediocridade* eram bases da escolaridade e do exame estatal. Até muito recentemente, todos os condados tinham um templo dedicado a Confúcio, cujos critérios morais modelaram a conduta dos chineses, e cujos valores dominaram a consciência, o espírito e o relacionamento dos cidadãos. O confucionismo é o “hardcore” (âmago) da identidade chinesa.

3. Jesuítas na China: do conflito à acomodação

Foi na época *Ming* tardia e início da dinastia *Qing* que a Europa teve conhecimento da China, através numerosos relatos de viagem (por exemplo, *As Viagens* de Marco Pólo) que inspiraram muitos aventureiros e navegadores. Enquanto isso, Portugal, depois da sua conquista de Ceuta, iniciava a expansão marítima, chegando aos mares asiáticos.

Os primeiros documentos portugueses sobre as relações comerciais com os chineses remontam a 1508 e relatam a missão do fidalgo Diogo Lopes de Sequeira, em Malaca. Uma das suas tarefas era averiguar quem seriam os chineses, qual era o seu poderio e que tipo de produtos negociavam. Os portugueses alcançaram pela primeira vez a China em 1513, na sequência da conquista de Goa (1510) e de Malaca (1511) por Afonso de Albuquerque. Fizeram-no a bordo de um barco asiático, integrados numa expedição comercial, chefiada por Jorge Álvares. Seguiu-se a chegada à China do primeiro missionário português, Frei Gaspar de Cruz, em 1556.

Muitos estudiosos defendem que a missão católica na China foi confiada exclusivamente aos jesuítas, sob a tutela do Padroado Português, devido à criação da Diocese de Macau (1576), onde foi fundado o Colégio de São Paulo, a primeira instituição universitária de tipo ocidental no Oriente, com o objetivo de formar missionários especializados. A formação académica e espiritual incluía a aprendizagem das línguas e culturas orientais, sobretudo chinesas, e de diversas disciplinas como teologia, filosofia, português, latim, matemática, geografia, astronomia, música e artes.

O centro do nosso foco é: perante uma língua, uma cultura e uma sociedade tão diferentes da Europa, como é que estes jesuítas ajustavam a sua identidade, a fim de concretizarem a sua missão?

Segundo Nicolas Stnadaert, a história da evangelização europeia na China é marcada por quatro características principais, a saber: 1. a política de acomodação ou adaptação à cultura chinesa; 2. a propagação e evangelização "cima-baixo", da elite para o povo; 3. a propagação indireta da fé, usando a ciência e tecnologia da Europa para atrair a atenção do chineses educados e convencê-los do alto nível de civilização europeia; 4. abertura e

tolerância aos valores chineses, usando a sabedoria confucionista enquanto doutrina ética e social, complementada com a metafísica do cristianismo[566].

Para melhor compreender a questão da identidade de Tomás Pereira, impõe-se uma revisão das estratégias de acomodação cultural dos seus antecessores, nomeadamente de São Francisco Xavier e Matteo Ricci, que ditaram a atitude dos jesuítas em relação à China daquela época.

3.1. O pioneiro da consciência de acomodação: Francisco Xavier

Francisco Xavier nasceu numa família nobre no reino de Navarra. Em 1525, aos 19 anos, ingressou no Colégio de Santa Bárbara em Paris - patrocinado pelo rei D. João III de Portugal, sob a direção do humanista português Diego de Gouveia - onde recebeu rigorosa formação em teologia e humanidades durante 11 anos. A 24 de junho de 1537, Xavier foi ordenado o padre.

Na sequência dos sucessivos apelos do Papa Paulo III por mais missionários, o rei D. João III foi entusiasticamente aconselhado pelo diretor do Colégio a chamar ao reino um grupo de jovens cultos da Companhia de Jesus, que este lhe recomendou. Francisco Xavier descobre aí um caminho da sua vocação religiosa. Chegou a Portugal em 1540 e, logo no ano seguinte, partiu para a Índia com o título de Núncio Apostólico, aportando em Goa quatro meses depois (a 6 de maio de 1542).

Francisco Xavier ouviu falar da China através de comerciantes portugueses que encontrou em Malaca, em finais de 1546. Disseram-lhe que havia gente no interior do país que não comia carne de porco, o que suscitou a sua curiosidade, pensando talvez que fossem seguidores de São Tomás. Entretanto, a descoberta do Japão pelos portugueses encorajou-o a deixar a Índia, uma vez que na nova terra podia fazer muito mais para divulgar a sua fé: os japoneses gostavam muito de aprender, o que não acontecia com a elite indiana. O entusiasmo aumentou quando o missionário conheceu Anjiro, um japonês que lhe contou mais sobre a sua terra e se interessou pelas doutrinas cristãs.

[566] Cf. STANDAERT, Nicolas, «Matteo Ricci: Shaped by the Chinese », em *China Heritate Quarterly* 9(2010), Australian National University, Canberra, p. 23.

Inevitavelmente, Anjiro mencionou o budismo e, na tentativa de estabelecer um paralelo com o cristianismo, informou Xavier, naturalmente com alguns erros e falhas, que os budistas japoneses acreditavam num Deus supremo, criador de todas as coisas. De facto, os preceitos morais de Buda - não matar, não fornicar, não ficar excessivamente perturbado com coisas que não podem ser corrigidas, perdoar a injustiça - eram semelhantes aos Dez Mandamentos. Uma vez que os japoneses também oram com missangas, Xavier estava convencido que se conseguisse converter o governante supremo do Japão, todo o país ficaria rendido ao cristianismo. Em 1549, Xavier escreveu uma carta a Loiola dizendo que pretendia ir para o Japão, terra que parecia mais do que pronta para o cristianismo.

Em companhia de dois padres e do convertido Anjiro, o jesuíta chegou à ilha de *Kagoshima* em 15 de agosto de 1549. O grupo dos missionários foi muito bem recebido durante o primeiro ano e a permanência foi um sucesso, o que convenceu Francisco Xavier de que o Japão era o seu destino. O religioso confirmou que os japoneses eram superiores aos outros asiáticos: gentis, sinceros e bons. Chegou escrever cartas para a Europa repletas de elogios: "… em primeiro lugar este é o povo que descobrimos recentemente com a maior bondade… eles são de disposição amigável, nunca mentem, espantosamente desejosos pela honra e dignidade…"[567]

Todavia, depois de algum tempo, Xavier percebeu o outro lado deste povo, nomeadamente o seu desprezo pelos estrangeiros. Outro aspeto que ele não apreciou foi a ambição desmedida, pela distinção e glórias militares: "…Eles elogiam e honram a tudo que tenha a ver com a guerra, orgulhosos com armas decoradas com ouro e prata…"[568] No que diz respeito à religião budista no Japão, notou:

> "os monges bebem álcool, comem carne em credo, fazem um negócio de mentiras, entram abertamente na casa de prostituição, e geralmente têm meninos que vivem com eles, que eles corrompem na flor da sua juventude. Isso eles mesmos professam, e eles declaram ser nenhum pecado, as pessoas em sua autoridade se deliciarem no mesmo crime abominável... Eles mantêm um número de mulheres nos seus mosteiros... Os bonzos também visitam as benesses em todas as horas..."[569]

[567] Cf. YOUNG, John D., *Ob. cit*, p. 14.
[568] *Idem, ibidem*, p. 16.
[569] *Idem, ibidem*, p. 18.

A sua tentativa de alcançar a capital e converter o imperador acabou em desânimo e deceção, ao encontrar uma capital aterrorizada por soldados e bandidos. Percebeu também que o imperador estava sem poder, "embora todos eles tenham um soberano, os príncipes deixaram de obedecer-lhe e são eternamente brigando uns com os outros". Xavier acabaria por deixar o Japão em 20 de novembro de 1551, com algumas sugestões para, no futuro, se evangelizar naquele país:

> "…é evidente que o que nós queremos aqui são intelectos poderosos, praticados na dialética, dotados de uma eloquência popular, rápidos para seguir erro nos seus deslocamentos e mesmo antecipá-los, capazes de arrebatar a máscara das mentiras que plausivelmente têm a aparência de realidade, para desvendar argumentos sofisticados, e para mostrar a incoerência e contradição de falsas doutrinas."[570]

Estas observações sobre a importância do conhecimento linguístico para comunicar com um outro povo eram realmente pioneiras. Para além de sugerir a formação linguística dos missionários, Xavier argumentou que seria importante enviar intelectuais europeus, capazes de mostrar grande conhecimento e, desta forma, abrir caminho para semear a religião. As suas ideias inspiraram o futuro da missionação: a combinação da evangelização com letras e ciências.

Francisco Xavier não chegou a realizar o seu sonho de ir à China. Depois de ter partido de Goa em abril de 1552, chegou à ilha *Shangchuan* (Sanchoão) em agosto e faleceu no final desse ano. A importância de Xavier para a história da evangelização da Ásia é a sua nova abordagem/perspetiva. A resposta japonesa ajudou-o a perceber que, para o cristianismo crescer na Ásia, os missionários tinham que alcançar os nativos nos seus próprios termos. Como afirma Young:

> "Xavier's contribution to plans for convincing the Chinese monarch to become a universal monarch in the Christian sense was significantly different from that of the other European groups in Asia at the time (or afterwards). Xavier's policy of accommodation was an "organic" missionary policy: to win converts a missionary had to become an "integral part" of a particular civilization. It is therefore incorrect to say that Xavier's approach was pre-Jesuit and that his methods were different from the later

[570] *Idem, ibidem*, p. 19.

> main current of Jesuit strategy… Generally speaking, Xavier helped to direct the Jesuit efforts in China, which led to the best moments of the history of Christian missions in China. His immediate successor, Alessandro Valignano, only carried out his instructions and institutionalized his principles."[571]

3.2 O pai da tradução da terminologia católica para chinês: Matteo Ricci

Matteo Ricci nasceu a 6 de outubro de 1552 em Macerata (Itália), passou um ano a estudar teologia na Universidade de Coimbra, foi incluído na missão jesuíta para a Índia, partindo de Lisboa em março de 1578 e fixando-se em Goa, onde ensinou no Colégio Jesuíta de São Paulo.

Em 1582 recebeu uma missão na China, chegando a Macau a 8 de agosto desse ano. Ricci começou a trabalhar imediatamente no estudo da língua, de acordo com as instruções de Alessandro Valignano, sucessor de Xavier na Ásia. Após um ano de preparação, Ricci chegou à cidade de *Zhaoqing*, onde prosseguiu a sua formação em língua chinesa, mergulhou no estudo dos clássicos confucionistas e, graças à sua memória fotográfica e extraordinária capacidade linguística, se adaptou rapidamente à cultura local. No prazo de um ano, traduzira já os *Quatro Livros* (*Si shu*) para latim. O jesuíta pôs os princípios de Xavier em funcionamento, de tal forma que o imperador *Wanli* permitiu que ele ficasse na China, na presunção que o missionário tinha vindo estudar os clássicos de Confúcio, com o objetivo de se submeter à grande civilização chinesa.

Ricci é o jesuíta mais estudado na Europa, na China continental e em Macau, bem como em Taiwan. Vários autores criticam a sua estratégia de "conciliação" entre a fé cristã e as "superstições" orientais, acusando-o de fazer tantos ajustamentos na religião cristã que os convertidos não diferenciavam o cristianismo do confucionismo. Estas censuras foram legitimadas pela própria Igreja Católica (Papa Clemente XI), resultando na conhecida *Controvérsia dos Ritos* e na proibição do seu método, que consideramos o início do fim da evangelização católica na China.

Do ponto da vista da comunicação intercultural, importa lembrar que, no século XVII, os homens tinham uma compreensão bastante limitada de questões como: as culturas

[571] *Idem, ibidem*, p. 21.

têm mais semelhanças do que diferenças? Como promover a compreensão intercultural e aceitação mútuas? Que papel desempenha o conhecimento da linguagem, da cultura e do mundo na comunicação com povos distantes? Os jesuítas focados neste estudo deram uma resposta muito antes da comunicação intercultural e a sua estratégia se tornarem uma questão filosófica e académica.[572]

3.3 Ajustamento da identidade: uso de vestes confucionistas e da ciência para integração na sociedade chinesa

Quando Ricci chegou à China com Michel Ruggieri, já se vestia como um chinês. Alguns oficiais locais sugeriram o uso da capa dos monges budistas, oferecendo-lhes mesmo algumas peças. Com o traje budista e cabelo rapado, os jesuítas pareciam mais familiares aos olhos chineses, que lhes davam ainda uma conotação religiosa. Mais tarde, Ricci percebeu que os budistas ali não gozavam o mesmo estatuto social dos seus homólogos no Japão, sendo pouco respeitados pelos seus comportamentos pouco veneráveis, ao contrário da elite de literatos, que era muito reverenciada.

Em outubro de 1592, numa visita a Macau, Ricci sugeriu uma mudança na roupa, estilo de cabelo e barba, a adoção de nomes chineses e protocolos de cortesia para o convívio com chineses, semelhantes aos usados pelos mandarins, para conquistar o respeito dos habitantes, considerações que foram aceites pelo padre Alessandro Valignano[573].

A decisão de Matteo Ricci de usar o traje dos literatos confucionistas não deve ser entendida como uma submissão à cultura tradicional chinesa, mas como uma estratégia para facilitar a integração dos missionários e a comunicação com as autoridades. Neste caso, a mudança de roupa pretendia construir uma imagem de sucesso, servindo como uma espécie de passaporte para os jesuítas fazerem o seu trabalho.

Ricci compreendeu que uma característica importante do império era a teocracia: o imperador era o "Filho do Céu", o único homem que podia praticar os cultos mais sagrados, sendo o seu poder assegurado pela doutrina de ordem social confucionista. Este sistema

[572] Cf. BROCKEY, Liam Mattew, *Journey to the East. The Jesuit Mission to China, 1519-1724*, Belknap Press, Cambridge, 2007, pp. 23-38.
[573] Cf. WANG, Zhiping, «O sentido das duas vezes da mudança do vestido de Matteo Ricci», em *Journal of Anqing Normal University*, 3(2011), Anqing, pp. 51-55.

sociopolítico era muito diferente do europeu, em que o poder governamental e religioso estavam separados. Para introduzir o catolicismo na China, impunha-se uma adaptação da doutrina católica à realidade local, a respeito da ordem social, dos valores, até dos costumes. Para uma integração mais rápida, a evangelização devia fazer-se de cima para baixo, começando pelo imperador e estendendo-se depois às elites e ao povo.

Na China, a sementeira e a colheita, as festas e funerais, as decisões políticas e atividades judiciais, e quase todos os momentos marcantes da vida eram organizados de acordo com as fases da lua e com os dias auspiciosos, sendo o imperador considerado como mediador entre o Céu e a Terra (daí conhecido como o Filho do Céu). Consequentemente, erros no calendário podiam assumir grandes prejuízos chegando mesmo, em algumas circunstâncias, a pôr em causa a autoridade imperial. Desde os tempos de *Han* que cada dinastia adotava o seu calendário e durante a era *Ming* foi criado o Observatório Astronómico.

Os conhecimentos astronómicos de Matteo Ricci deram-lhe acesso ao imperador *Wanli*, a quem ofereceu dois relógios, um clavicórdio, um Mapa-mundi, entre outros presentes, oferecendo-se ainda para servir na corte com os seus conhecimentos científicos. Face à novidades destes objetos, o imperador autorizou a permanência do jesuíta na capital.

Ricci fez amizade com dois literatos, *Xu Guangqi* e *Li Zhizao*, que desenvolveram grande admiração pelo padre italiano e se converteram ao catolicismo. Num memorial, *Li* reiterou a sua total confiança em Ricci depois de muitos anos de observação, pela sua simplicidade, modéstia e sabedoria, descrevendo-o como um homem que devia ser o melhor entre os seus compatriotas, cujas virtudes e qualidades humanas o emocionavam. Num prefácio para um livro de Ricci, o oficial escreveu sentimentos semelhantes, referindo que os missionários não se casavam nem procuravam privilégios, mas concentravam-se no autoaperfeiçoamento das virtudes, com grande dedicação ao serviço a Deus. Os literatos consideraram os missionários como extremamente eruditos, verdadeiros sábios, de mente calma e pura[574].

Com o passar do tempo, mais jesuítas foram convidados para trabalhar na corte: Johann Adam Schall von Bell, Ferdinand Verbiest, Tomás Pereira, entre outros. O

[574] Cf. ZHANG, Xiping, *Acompanhamento com Matteo Ricci para a China*, Editora CICC, Pequim, 2006, p. 74.

conhecimento científico destes jesuítas aproximou a Igreja Católica de *Kangxi* (1662-1722), na direta medida em que prestaram serviços à corte nas áreas de diplomacia, astronomia, cartografia e mecânica. Eles também melhoraram a artilharia chinesa, o que permitiu à dinastia *Qing* reconquistar Taiwan em 1661, rechaçando a Holanda. Em agradecimento às contribuições dos jesuítas, *Kangxi* emitiu o *Édito da Tolerência ao Cristianismo* em 1692.

O imperador revelou muita curiosidade pela ciência e também pelas ideias cristãs, ele próprio recebia aulas dos jesuítas na Cidade Proibida, revelando um raro talento musical. Em 1671, numa aula tutorial, Ferdinand Verbiest falou de Tomás Pereira, jesuíta português perito em música. Chamado a Pequim para ser instrutor de música, o imperador *Kangxi* apreciou de imediato a sua memória e inteligência musical. Pereira foi o primeiro europeu a introduzir a musicologia ocidental, tendo escrito uma obra em chinês sobre o assunto, construído um órgão e, mais tarde, uma torre com sinos que tocava música chinesa, na Catedral da Imaculada Conceição. Estas medidas ajudaram não só na fixação dos missionários, mas também na popularidade das suas ideologias.

3.4 Conhecimento da língua chinesa como primeira medida de aproximação e condição primordial na comunicação

A língua, como refletida pelo filósofo-linguista alemão Wilhelm Von Humboldt, não tem apenas a função comunicativa mas, enquanto órgão formativo de pensamento, serve como via de cultivo da mente. Um conceito é expresso em linguagem, a língua (que envolve a estruturação cognitiva humana) é necessária para a existência dos conceitos. E, "reside em cada língua uma visão de mundo característica".[575]

> "O Homem representa conceitualmente o mundo em torno dele através da linguagem partilhada com a sua comunidade, essa língua era adquirida enquanto criança. E para aprender um novo idioma é "preciso adquirir um novo ponto de vista", embora este novo ponto de vista não deixe de ser dentro desta visão do mundo referido pela sua língua materna."[576]

[575] Texto original: "There resides in every language a characteristic world-view" (Weltansicht).
[576] Texto original: "Human beings represent the world around them conceptually through the public language they have acquired as children, and to learn a new language is "to acquire a new standpoint", although this is a new point of view still within the world-view of the old language". HUMBOLDT, W.V, *On Language*, Cambridge University Press, Cambridge, 1999, p. 17.

Assim, a língua de um povo é parte da sua identidade. Para os jesuítas, a China enquanto civilização longínqua e desenvolvida, com uma ordem social bem conseguida, devia-se à milenária sabedoria de Confúcio, a crença mais antiga da China, utilizada pelo poder e vertida nos livros clássicos. A língua chinesa, sobretudo a sua escrita fascinou de tal forma Ricci, que este escreveu:

> "Este método de escrita, desenhando símbolos em vez de letras, dá origem a um modo distinto de expressão, pela qual se é capaz, não só com poucas frases, mas com poucas palavras, expor ideias com grande clareza, que em nossa escrita seria expressos em circunlocuções complexas e, talvez, com muito menos clareza."[577]

Perante uma cultura madura e heterogénea, os jesuítas perceberam que a transmissão do catolicismo só seria possível com uma assimilação. Para tal, era preciso de aprender a cultura e a língua. Assim, Matteo Ricci dedicou-se aos estudos de chinês e dos clássicos confucionistas, ficando deveras surpreendido quando verificou que "O filósofo Confúcio goza do maior respeito na China, até o Imperador é influenciado por ele."[578]

De certo modo, Ricci começou a identificar-se como "um confucionista" ao usar a capa de um literato, ao ler os clássicos e falar chinês com os locais. Antes de se fixar em Pequim em 1601, passou oito anos em *Zhaoqing*, para exercitar a sua fluência na língua chinesa.

A questão da identidade linguística dos jesuítas e da doutrina que divulgavam era o problema central para transmitir alguns conceitos, vindos de uma religião com outra visão do mundo. Ricci foi extremamente inteligente ao identificar as semelhanças com o confucionismo, dando a alguns termos cristãos uma "identidade cultural sínica original" (原儒文化, *yuánrú wénhuà*). Conhecendo alguns conceitos em chinês clássico, migrou expressões cristãs para a terminologia chinesa, para convencer os chineses que na sua civilização já havia Deus: era *Shangdi* (上帝, *shàngdì*), *Tian* (天, *tiān*) ou *Tianzhu* (天主, *tiānzhǔ*), e constava em *Analectos de Confúcio*, *Livro de Mêncio*, *Doutrina da Mediocridade*

[577] Texto original: "This method of writing by drawing symbols instead of forming letters gives rise to a distinct mode of expression by which one is able, not only with a few phrases but with a few words, to set forth ideas with great clearness, which in our writing would have to be expressed in roundabout circumlocutions and perhaps with far less clarity". MUNGELLO, D.E., *Curious Land. Jesuit Accommodation and the Origins of Sinology*, University of Hawai Press, Honolulu, p. 55.
[578] Cf. TRIGAULT, Nicolas, *Matteo Ricci na China*, Editora Guangqi, Taipei, 1986, p. 21.

e *Grande Saber*.

Por exemplo, o carácter 天 refere-se ao céu físico, que possui o poder supremo sobre o Homem. Ricci explicou "Deus" como "o mandante superior do universo, que fica acima de todas as coisas. Ele não só criou tudo, mas toma conta e domina tudo em eternidade". Dizia aos chineses:

> "Os homens gostam de levantar os olhos para olhar para o céu físico. Enquanto estão a fazê-lo, todos eles suspiram e dizem: deve haver alguém que está a operar tudo isso. Este "alguém" é chamado Mestre do Céu (天主, *tiānzhǔ*) ou Deus, no nosso país."[579]

A interpretação do céu chinês de Ricci era algo muito parecido com Deus, embora o culto a este "Deus à chinesa" se concretizasse através de exemplos como os ancestrais e Confúcio, símbolos de virtude, do amor, do bem, com o objetivo de ensinar as pessoas a serem boas ao próximo.[580] Ricci escreveu e publicou um livro em chinês, 天主实义 (*tiānzhǔ shíyì*, céu/mestre/verdadeiro), significando – "O Verdadeiro Significado de Deus", com um estilo muito erudito e elegante, apreciado por muitos literatos chineses e incluído na coleção imperial *Siku quanshu*, o mais elevado reconhecimento na China. O nome chinês de Matteo Ricci, 西泰 *(xītài)*, ficou bem conhecido entre os convertidos chineses, significando *O Grande Sábio do Ocidente*.

Tomás Pereira, que serviu na corte imperial durante mais de 30 anos, como professor de música, diplomata e consultor de assuntos internacionais, também era fluente em chinês. Atuou em várias ocasiões como tradutor para o imperador, foi por este considerado como confiável, responsável, honesto e diligente. O seu envolvimento nas negociações do *Tratado de Nerchinsk* evidenciou o seu papel na corte, como diplomata e tradutor (o seu trabalho, a este nível, foi considerado "perfeito", aplaudido por ambas as partes)[581].

> "Durante como negociações com os russos, Tomás Pereira e o missionário francês atuaram não só como tradutores mas também como conselheiros. "Jean Fançois Gerbillon e Tomás Pereira expuseram a fraude da delegação russa com firmeza. Quando o delegado russo descumpriu o contrato, Jean François Germillon e Tomás

[579] Cf. YOUNG, John D, *Ob. cit.*, p.29.
[580] Texto original: "欲使人人为善，以称上天爱人之以". YU, Huaiyan, *A Visão de Matteo Ricci para a China*, The Commercial Press, Pequim, 2008, p. 155.
[581] Cf. WU, Yanling, *Ob. cit.*, pp. 112-114.

> Pereira declarou claramente que eles iriam retirar-se da reunião e que nunca iriam dar lugar, em qualquer questão de princípios. Após o conteúdo do tratado havia sido confirmado, os russos tentaram novamente para jogar truques na redação. Eles disseram aos jesuítas: "Vocês não precisam de dizer aos delegados chineses todos os detalhes, o tratado está escrito em latim e os chineses não percebiam nada em tudo." Os jesuítas rejeitaram sua conspiração e expressa claramente que eles nunca trairia China e Imperador Kangxi. Por causa disso, Songgotu aplaudiu Jean François Gerbillon e Tomás Pereira, dizendo: "Sem a sabedoria deles a negociação não terá sucesso, então a guerra vai continuar." O Imperador Kangxi também elogiou os missionários pela sua contribuição à negociação….Tomás Pereira disse ao delegado russo Golovin: "Eu já permaneci na China por muitos anos e sou enviado pelo imperador da China, por isso, tenho a obrigação de executar como o seu funcionário fiel."[582]

É extremamente curioso que os documentos existentes em Portugal, nomeadamente os diários e a correspondência de Tomás Pereira com Roma, são escritos em latim ou português. O padre relata, com máxima dedicação e fidelidade, o processo de evangelização e os acontecimentos dentro da sua responsabilidade, numa linguagem em perfeita coerência com o seu papel de jesuíta, sem mencionar as práticas de acomodação. Por outro lado, nos documentos chineses, sobretudo nas obras que escreveu, ele é identificado como um mandarim (usando o pronome 臣 *chén*, exclusivo para um oficial da corte que é parente do imperador), numa linguagem completamente em harmonia com a sua função e vida quotidiana ao serviço de *Kangxi*, sem nenhum traço da sua identidade de missionário, quase não mencionando a Igreja nos seus textos. Este "multinguismo" (i.e. capacidade linguística no uso da língua chinesa e latim/português, para as duas comunidades, ou para os diferentes ouvintes/leitores, nas situações adequadas, com uma clara distinção) é "*avant la lettre*" e extraordinário.

Foi com este excelente domínio da língua chinesa e a sua identidade como oficial fiel da corte que Tomás Pereira conseguiu, em várias ocasiões, defender a missão católica na

[582] Cf. ZHANG, Xiping, *Ob. cit*., p. 33.

China e viu publicado o *Édito da Tolerância*.[583]

Em novembro de 1700, na altura em que a igreja católica ia tomar uma decisão acerca dos rituais chineses e da tradução fonética do termo "Deus" (陡斯 *dǒu sī*, que não se associa a nenhum significado em chinês), Tomás Pereira apresentou, juntamente com mais três jesuítas, uma petição em *manchu* a *Kangxi*, manifestando a compreensão dos rituais confucionistas como "maneiras de prestar a veneração ao Mestre Confúcio e aos professores ao fim de educar os jovens, e não para pedir ao divino sorte, sucesso e fortuna". Em relação aos cultos aos ancestrais, afirmaram: "vimos tal prática como formas de mostrar amor filial e o respeito aos antepassados, e não como práticas supersticiosas para fantasmas dos mortos".. A petição solicitava ao imperador um parecer escrito para apresentar a Roma, na tentativa de evitar um conflito entre a Igreja e a corte imperial. Este documento foi enviado para Roma, com o assentimento de *Kangxi* e o seguinte conteúdo:

> "Este documento está perfeitamente conforme da grande virtude "Dao", sendo a prática de venerar o Céu a forma de mostrar amor aos parentes e respeito aos imperadores e professores, estes são valores universais para todos. Concordo com o que está escrito."[584]

Não podemos deixar de mencionar aqui a decisão de *Kangxi* de expulsar Charles Maigrot (1652-1730), então responsável pela missionação na província de *Fujian*, que esteve associada à questão linguística: numa audiência em agosto de 1706 (quando a situação da proibição dos ritos já era irreversível), o imperador verificou que Maigrot não entendia os clássicos chineses, um elemento-chave na controvérsia que se vivia, pelo que o expulsou. Ordenou ainda que todos os missionários que desejassem permanecer na China pedissem autorizações de residência e apoiassem as práticas de Matteo Ricci.

3. 5 Tomás Pereira: mais do que um missionário

[583] Texto original: "It was during Pereira's years in Beijing that the Chinese Emperor Kangxi issued the famous "Edict of Tolerance", allowing Chinese to convert to and practice the Catholic religion. This edict of 1692 was the culmination of Emperor Kangxi's trust and friendship with the Western Jesuits in Court; but later on it was undermined by the Rite's Controversy in the early eighteenth century. It is argued that it was indeed Tomás Pereira and his companions who made the last push for the issuance of the Edict". (Ku Weiying, Fr. Tomás Pereira, S. J., Emperor Kangxi and the Court Westerners. In Abstracts of the Conference In the Light and Shadow of an Emperor Tomás Pereira, S.J. (1645-1708), *The Kangxi Emperor and the Jesuit Mission in China*. Cf. Fonte: www.riccimac.org/eng/symp2008/abstracts.htm, consultado em 4 de janeiro de 2015.

[584] Texto original: "这所写甚好，有合大道。敬天即事君亲 / 敬师长者，系天下通义，这就是无可改处，钦此".

A partir da dinastia *Qing*, quando os feitos dos jesuítas se tornaram mais conhecidos, os registos sobre os europeus multiplicaram-se quer nos documentos oficiais, quer na literatura chinesa. Portugal deixou de ser um lugar remoto e completamente desconhecido, muitos livros descreviam os cidadãos portugueses na China e o seu país, "Portugal", assumia nomes como *Putaoya* (葡萄雅, *pútáoyǎ*), *Boerduhar* (波尔都哈尔, *bōěrdūhāěr*), *Folangji* (佛郎机, *fólángjī*), ou *País do Oceano Ocidental* (西洋国, *xīyángguó*).

Por exemplo, o livro *Quatro Capítulos sobre Países no além do Mar* (海国四说, *hăiguó sìshuō*), de *Liang Tingnan* (梁廷楠, *liáng tíngnán*), registou uma visita formal que poderá ter sido o primeiro contacto direto com a corte de *Qing*:

> "Em junho do nono ano do *Kangxi* (1670), o rei *Afengsu*[585] do País do Oceano Ocidental (Portugal) mandou via os seus enviados vários tributos: o retrato do Rei, diamantes, uma espada de orla dourada, uma arca pintada em ouro, corais, gotas de coral, gotas de âmbar, agarwood[586], felpas de Duoluo[587], marfins, cornos de rinoceronte, olíbanos… entre outros brindes. Sob a ordem imperial, seriam outorgados ao Rei de Portugal cetins Damang, cetins Zhuang, cetins Wo[588]… e trezentos taels[589] de prata, considerando que o País do Oceano Ocidental muito distanciado e o seu Rei mostrou admiração e lealdade com o seu primeiro tributo. Devia-lhe retribuir uma boa doação. …"[590]

Mas o próprio imperador teria já uma noção sobre Portugal através do padre Gabriel de Magalhães, que trabalhava na corte, e dos contactos motivados pela presença dos portugueses em Macau. Obviamente, D. Afonso VI sabia que se quisesse controlar Macau, tinha de estabelecer boas relações com o novo poder político da China. Enquanto isso, o número de jesuítas portugueses em Macau aumentava.

---

[585] Afengsu (阿丰肃, afēngsù) era Afonso VI, rei de Portugal.
[586] Agarwood é um tipo de madeira. Fonte: www.fragrantica.com/notes/Agarwood-Oud--114.html, consultado em 13 de junho de 2014.
[587] Felpa de Duoluo, (哆啰绒, duōluóróng), é um tipo de tecido em felpo "drugget" . Fonte: http://baike.baidu.com/view/1246252.htm, consultado em 2 de junho de 2013.
[588] Cetim de *Damang* (大蟒缎, *dàmăngduàn*, em padrão de dragão), cetim de *Zhuang* (妆缎, zhuāngduàn) e cetim de Wo (倭缎, wōduàn) são três tipos do cetim da China.
[589] Tael é uma unidade de peso da China, um tael equivale a 0.05 quilogramas, portanto, trezentos tael serão 15 quilogramas. Fonte: www.wordnik.com/words/tael, consultado em 13 de junho de 2014.
[590] Fonte: www.tianyabook.com/zw/haiguosishuo/16.html, consultado em 31 de maio de 2013. Texto original: "九年六月，西洋国王阿丰肃，遣陪臣奉表入贡方物：国王画像、金刚石、饰金剑、金珀画箱、珊瑚树、珊瑚珠、琥珀珠、伽楠香、哆□绒、象牙、犀角、乳香…等物。奉旨："西洋地居极边，初次进贡，具见慕义之诚。可从优赏赍。赐国王大蟒缎、妆缎、倭缎各三…银三百两…"

Uma vez na corte, o padre Tomás Pereira escreveu algumas obras em chinês, para além de ser também referido em várias obras e documentos em chinês, português e latim. A sua produção literária descreve a posição dele e dos outos jesuítas na corte, enquanto as obras que lhe fazem referência permitem fazer uma análise da sua imagem aos olhos dos chineses.

Como muitos missionários europeus da época, Pereira chegou à China preparado para empregar múltiplas competências - o que poderia ser útil para o imperador - e, assim, facilitar o seu objetivo religioso. Mas o missionário foi um polímato excecional: estava envolvido em matemática, relojoaria, destacando-se ainda na diplomacia e na astronomia. Isso levou à sua proeminência na negociação do *Tratado de Nerchinsk*, o primeiro acordo entre a China e o Ocidente, e à liderança dos jesuítas na Ásia, ao mesmo tempo que construía uma forte amizade com o imperador da época.

A música desempenha um papel importante na maioria das religiões, sendo o órgão uma voz poderosa na liturgia cristã. Tomás Pereira foi capaz de construir órgãos, o que atraiu muito interesse entre os chineses, tanto pela sua mecânica como pelo som. Talvez ainda mais importante fosse o papel da música no estabelecimento de uma forte relação entre Pereira e *Kangxi* que, em última instância, controlava a atividade religiosa dos missionários. O próprio jesuíta estava certo que a música era o seu instrumento para a propagação da fé. Numa carta ao embaixador de Portugal em Roma, em 10 de julho de 1682, escreveu:

> "Sei muito bem que, para muitos portugueses, é uma coisa estranha ver um missionário rodeado dos instrumentos musicais. Mas tenho confiança que a glória do Deus é louvada nos sons musicais. Há-de chegar o dia para vermos em alegria o alcançar do nosso objetivo."[591]

Pouco se sabe sobre a vida deste missionário talentoso, pois ele quase nunca menciona a sua vida privada no diário ou nas suas cartas mas, através de outras fontes, diretas e indiretas, é possível esboçar uma imagem do jesuíta português.

[591] Texto original: "我清楚地知道，对于葡萄牙人来说， 乍看传教士在琴笛包围之中是件怪事。但是，我相信上主，至高无上的荣耀借琴笛之声被颂扬。我和其他人将高兴地看到我们意愿中最终目标的实现"。WANG, Bing, *Art. cit.*, p. 90.

3.5.1 A Imagem de Tomás Pereira nos memoriais imperiais

Na dinastia *Qing*, se os ministros quisessem relatar algum assunto ou solicitar algo ao imperador, tinham de lhe dirigir memoriais (奏折, *zòuzhé*), documento que pode ser entendido como um relatório ou petição[592]. Como qualquer funcionário imperial, Tomás Pereira também entregou alguns memoriais na corte, sendo referido por outros, alguns dos quais sobreviveram, permitindo-nos analisar a sua imagem aos olhos chineses.

Recuemos até à data de chegada de Pereira à corte, no seguimento da recomendação de um colega jesuíta. Refira-se que o governo *Qing* era muito cuidadoso quanto à autorização de entrada de estrangeiros no país. O primeiro documento chinês que faz referência ao jesuíta é precisamente a autorização para uma comitiva acompanhar o missionário.

> "O Ministério dos Ritos executa a ordem do Imperador para anunciar esta coisa. No dia 20 de julho intercalar do ano 11 de *Kangxi*[593], sob a ordem do Imperador, anuncia que: Xu Risheng (Tomás Pereira) que fica em Xiangshan'ao[594], conhece muito bem a elaboração do calendário, portanto, conforme o caso de que Johann Adam apresentou Su Na[595] (para a corte), o Ministério das Obras Públicas vai receber Tomás Pereira (em Macau), acompanhando os subordinados de Verbiest… Manda que os ministros do Ministério dos Ritos, Xituiku (锡忒库, *xītuīkù*) que é o funcionário com o título oficial de quinto grau, Chanbuzhu (禅布珠, *chánbùzhū*) que é o secretário com o título oficial de sétimo grau, e os subordinados de Verbiest do Gabinete Imperial da Astronomia, Zou Lishan (*邹立山*, *zōu lìshān*), Pang Daliang (庞大良, *páng dàliáng*), todos partem (de Pequim para Macau) hoje para receber Tomás Pereira, entretanto, oferecendo-lhes os cavalos e alimentos necessários na viagem. Além disso, manda mais um ministro responsável para protegê-los, e tem que pedir alguns soldados para o Ministério das Obras Públicas…"[596]

[592] Fonte: http://baike.baidu.com/view/94548.htm, consultado em 22 de maio de 2013.
[593] O julho intercalar remete para um período entre julho e agosto do calendário chinês. O julho intercalar do ano 11 de *Kangxi* correspondeu a setembro de 1672, no calendário ocidental. Fonte: http://en.webot.org/?search=Intercalation_(timekeeping), consultado em 13 de julho de 2014.
[594] Xiangshan'ao (香山墺, xiāngshān'ào) indica "Macau".
[595] Su Na (苏纳, sū nà) é o nome chinês do jesuíta alemão Bernhard Diestel.
[596] HAN, Qi e WU, Min, *Ob. cit.*, p. 108.

Em janeiro de 1673, o português chegou à corte de Pequim, sendo recebido por um eunuco e, à semelhança do que acontecera com Bernhard Diestel, os serviços imperiais trataram da sua alimentação e outras necessidades, destacando-lhe dois servos.[597]

> "Xu Risheng que conhecia bem a elaboração do calendário já chegou hoje, e o ministro eunuco recebeu-o. Conforme o caso de Su Na (Bernhard Diestel), os gabinetes relacionados deviam oferecer-lhe a alimentação e outras necessidades… Ofereceu dois servos a Xu Risheng que conhecia bem a elaboração do calendário…"[598]

Apesar do caso de Johann Adam ter provado que as ciências ocidentais eram mais avançadas, muitos ministros chineses ainda boicotavam o conhecimento dos estrangeiros, mas *Kangxi* não transigiu, atribuindo cargos importantes aos missionários. Caso Tomás Pereira se provasse incompetente, os oponentes aproveitariam a situação, sendo possível que mais nenhum jesuíta trabalhasse na corte. Como resultado, muitas pessoas estavam expectantes com esta chegada: Verbiest e outros jesuítas em Pequim esperavam que a força da Companhia de Jesus saísse reforçada; o imperador desejava que os conhecimentos de Pereira pudessem estimular o desenvolvimento do país; e os oponentes queriam reduzir a potência dos jesuítas na corte. O padre não frustrou a esperança de Verbiest e do imperador, revelando talento nas áreas de astronomia e música. Com o tempo, cada vez mais ministros confirmaram as suas capacidades e com ele criaram laços de amizade, nomeadamente o ministro *Songgotu* e o soldado *Zhao Chang*.

Com o aumento do número de católicos em Pequim, as tarefas dos jesuítas ficavam cada vez mais pesadas, pois para além de pregarem aos pagãos, eles também trabalhavam para a corte. Havendo a necessidade de mais um jesuíta na China, o padre Verbiest desejou que o escolhido fosse o seu compatriota, Antoine Thomas, astrónomo e matemático.

Antoine Thomas nasceu em 25 de janeiro de 1644, na cidade Namur, Bélgica, entrando na Ordem em 1660. Em 1677, ele pediu para ir para a China, tendo chegado a Macau em 1682. No ano seguinte, ele calculou o eclipse solar com sucesso, conquistando a

[597] HAN, Qi e WU, Min, *Ob.cit.*, p. 158.
[598] HAN, Qi e WU, Min, *Ob.cit.*, p. 158.

estima de Verbiest[599] que, naquela altura, já tinha 60 anos e uma saúde periclitante. Em 1684, Ferdinand Verbiest revelou ao imperador que desejava que o padre Antoine o substituísse[600], pedido que *Kangxi* aprovou no ano seguinte:

> "O Édito Imperial em 12 de fevereiro do ano 24 de Kangxi...[601] No dia 13, os Grandes Secretários[602] Ledehong (勒德洪, *lèdéhóng*), Mingzhu (明珠, *míngzhū*), e Shangshu[603] dos Ministérios dos Ritos, Hang Chi (杭持, *háng chí*) mostraram a Nan Huairen o Édito Imperial do dia 12, e perguntaram-lhe quantas pessoas ficavam em Xiangshan'ao (Macau), que conhecessem bem a elaboração do calendário, e a medicina, e quais eram os seus nomes. Então, Verbiest respondeu que só uma pessoa era perito em elaboração do calendário, que se chamou An Duo (Antoine Thomas)… Sob a ordem do Imperador, escolha-se uma pessoa entre Min Mingwo (Grimaldi) e Xu Risheng (Tomás Pereira), que moram com Verbiest (para receber Antoine em Macau). Então, Nan Huairen relatou ao Imperador que: Eu moro com Ming Mingwo e Xu Risheng, vou mandar um deles para receber An Duo em Xiangshan'ao, que é perito em elaboração do calendário, acompanhando (os funcionários do) Ministério dos Ritos. Sob a ordem do Imperador, manda-se Min Mingwo ir (para Macau). No dia 14, Nan Huairen, Min Mingwo e Xu Risheng, apresentaram-se perante o Imperador em Salão de Cultivo Mental[604], Kangxi permitiu-lhes sentar-se, e apresentou-lhes cumprimentos, e convidou-os para jantar…"[605]

Tal como acontecera aquando da vinda de Tomás Pereira, *Kangxi* concedeu particular atenção à viagem de Antoine. Quando o padre chegou a Pequim, Tomás Pereira expressou a sua alegria: "Da honra co*m* q*ue* foi chamado a esta Corte o P*adr*e Ant*oni*o Thomás, deixo a sua deligencia, e ao P*adr*e Philippo Grimalde, q*ue* daqui o foi buscar, por orde*m* do Emperador."[606] Grimaldi foi o escolhido para acompanhar o novo jesuíta. Porque não Tomás Pereira? Será que o imperador confiava mais em Grimaldi? Naquele tempo, a viagem entre

---

[599] Fonte: www.academia.edu/4762112/Antoine_Thomas_S.J._as_a_Patient_of_the_Kangxi_Emperor_r._1662-1722_A_ Case_Study_on_ the_Appropriation_of_Theriac_at_the_Imperial_Court, consultado em 13 de julho de 2014.

[600] Fonte: www.shjcw.gov.cn/jiancha/node5661/node5663/node13510/userobject1ai1701408.html, consultado em 23 de maio de 2013.

[601] O dia 20 de fevereiro do ano 24 de Kangxi foi em março de 1685.

[602] Grande Secretário, ou Daxueshi (大学士, dàxuéshì), é um título dos funcionários na Dinastia Qing, fonte: www.chinaknowledge.de/History/Terms/neige.html, consultado em 13 de julho de 2014.

[603] Shangshu (尚书, shàngshū) é um dos cargos no governo da China.

[604] Salão de Cultivo Mental, ou Yangxindian (养心殿, yǎngxīndiàn), é a residência do imperador *Kangxi*. Fonte: www.travelchinaguide.com/attraction/beijing/forbidden/mental.htm, consultado em 14 de julho de 2014.

[605] HAN, Qi e WU, Min, *Ob.cit.*, p. 156.

[606] BARRETO, Luís Filipe (coord.), *Ob. cit.*, p. 108.

Pequim e Macau podia demorar quatro meses, entre ida e volta e, embora os cargos dos dois jesuítas fossem quase iguais, os trabalhos de Pereira eram mais importantes na corte e também na Ordem. Além disso, ele era o mais competente professor de música da corte pelo que tanto *Kangxi* como Verbiest acharam preferível que Pereira não se ausentasse da corte.

Aquele excerto inclui outra passagem deveras interessante. Na China imperial, o imperador era o "Filho do Céu", cuja autoridade era demonstrada através da hierarquia e dos rituais. Os ministros e oficiais ajoelhavam-se em frente do trono, mantinham esta postura para ouvir o imperador e tocavam com a cabeça no chão antes de falarem. Receber um lugar sentado, sobretudo durante uma refeição (na mesma sala, mas numa mesa separada, com pratos que o imperador escolhia da sua mesa e mandava os eunucos levar à mesa dos convidados), era uma honra muito elevada. O Salão de Cultivo Mental era a residência de *Kangxi*, além dos eunucos e empregados imperiais, ninguém podia entrar sem permissão. Normalmente, o imperador só recebia ali hóspedes importantes ou ministros para discutir algum assunto urgente. Tudo isso significa que os jesuítas eram como tidos como amigos ou importantes cortesãos e também que a chegada de mais um jesuíta era um evento nacional.

Tomás Pereira e Grimaldi foram os jesuítas mais próximos ao imperador, e *Kangxi* ofereceu-lhes boas condições de vida, que serviram de referência para outros jesuítas, quando chegavam a Pequim: "Atualmente, An Duo (Antoine) já tem dois servos, então, os gabinetes relacionados devem oferecer-lhe as alimentações e necessidades conforme o caso de Xu (Tomás Pereira) e Min (Grimaldi)."[607] Neste memorial, faz-se referência a Tomás Pereira por *Xu*, o seu apelido chinês, sem se mencionar o seu nome próprio, *Risheng*. Sendo *Xu* um apelido muito comum na China, haveria provavelmente outros ministros como o mesmo apelido, como *Xu Yuanmeng* (徐元梦, *xú yuánmèng*) ou *Xu Qianxue (*徐乾学, *xú qiánxué*). Contudo, o facto é que, todos sabiam que "Xu" se referia ao padre Tomás Pereira, talvez porque fosse considerado mais íntimo do imperador do que outros como mesmo apelido, uma vez que era o instrutor de música da corte e tinha uma convivência muito intensa com *Kangxi* e os príncipes.

Quando os jesuítas franceses chegaram a Pequim em 1688, foram recebidos por

[607] HAN, Qi e WU, Min, *Ob. cit.*, 2006, p. 156. Texto original: "现今安多本身并跟役二名所需食用，应照徐、闵例，于该部衙门领给…"

Tomás Pereira e *Zhao Chang*. Os missionários traziam algumas oferendas científicas para o imperador ("…e eles traziam duas esferas armilares...[608] dois telescópios… a pequena caixa dos magnetos…") [609] que *Kangxi* não soube avaliar: "…levam-se os franceses para entrevistar-se com Xu Risheng, ele pode deixar alguém talentoso trabalhar na corte; e outros que não eram adaptados, segundo a ordem original, podiam morar em qualquer lugar (da China)."[610] Uma vez mais, *Kangxi* atribuiu grande poder a Tomás Pereira. Devia ser o padre Verbiest a tratar esta importante tarefa, mas ele tinha falecido recentemente, o que demonstra que o imperador confiava tanto em Pereira como no seu antecessor.

Antoine Thomas nascera na comunidade francesa da Bélgica, onde o francês era a língua materna, pelo que seria outro interlocutor credível para a ocasião. Mas o imperador confiaria mais em Tomás Pereira, no fim de contas, ele já morava em Pequim há 15 anos e era detentor de um cargo de prestígio. Se para os jesuítas, a chegada dos franceses constituía apenas uma reunião dos colegas da Ordem; para o imperador era uma importante questão internacional, pelo que enviou um funcionário mais ilustre para receber a comitiva. Para além disso, era a primeira vez que *Kangxi* contactava os franceses e desconhecia os seus objetivos, portanto esperava que o português pudesse controlá-los. Por fim, Pereira decidiu que Gerbillon e Joachim Bouvet ficariam na corte a trabalhar.

Se Tomás Pereira não tinha uma atitude positiva em relação aos jesuítas franceses, deu muita importância ao seu compatriota, o padre José Suarez (苏霖, *sū lín*), quando este partiu de Nanquim para Pequim, mostrando-se preocupado que a sua viagem. Com certeza, Pereira esperava que Suarez chegasse o mais rápido possível, no sentido de reforçar a fação portuguesa.

> "Sob a ordem do Imperador, Xu Risheng, responsável pela elaboração do calendário, do Gabinete Imperial da Astronomia, anuncia que: o Ministério dos Ritos deve mandar imediatamente funcionários para a Igreja Católica de Jiangning[611], a fim de trazer o ocidental Su Lin (Suarez) para Pequim. Podendo este já se encontrar no seu caminho para capital, muita atenção devia ser dada aos passageiros, caso se cruzarem, tragam-

[608] A esfera armilar é um instrumento de astronomia aplicado em navegação, que consta de um modelo reduzido do cosmos. Fonte: http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/d42.html, consultado em 14 de julho de 2014.
[609] HAN, Qi e WU, Min, *Ob.cit.*, p. 156. Texto original: "礼部为钦奉上谕示。康熙二十七年三月十三日，钦天监治理历法徐日昇传旨：礼部速差人往江宁府天主堂，取西洋人苏霖赴京，恐或苏霖在路，亦未可知，十分留心，路遇同来。"
[610] *Idem, ibidem*.
[611] Jiangning (江宁, jiāngníng) é, atualmente, a cidade de Nanquim.

no para Pequim."[612]

Depois da morte de Verbiest, impunha-se a escolha de um sucessor na direção do Gabinete Imperial de Astronomia. Embora alguns ministros chineses fossem muito inteligentes, não conheciam bem a astronomia ocidental, portanto *Kangxi* achou que os jesuítas eram os candidatos mais aptos:

> "Min Mingwo (Grimaldi) professa bem a elaboração do calendário, devia suceder no cargo de Nan Huairen (Verbiest), mas ele está a viajar de trabalho para o Ministério das Obras Públicas, portanto se se tiver algumas coisas sobre a elaboração do calendário, tem que consultar a Xu Risheng (Pereira) e An Duo (Antoine)."[613]

A primeira opção do imperador foi Tomás Pereira, mas o jesuíta português recomendou o padre Grimaldi para aquele cargo, ficando temporariamente responsável, em conjunto com o padre Antoine, até o regresso do colega. Porque recusou ele esta nomeação? Possivelmente, as suas tarefas na corte e na Companhia de Jesus já eram muito pesadas, e tinha em mãos o processo de negociações com a Rússia, portanto não tinha capacidade para assumir responsabilidades adicionais.

Em 1689, quando *Kangxi* visitou a cidade *Hangzhou* no sul da China, encontrou o padre Prosper Intorcetta, e questionou-o acerca de muitos assuntos: "Perguntou: 'Você já tinha ligações com Xu Risheng (Pereira) de Pequim através das cartas?' O Ministro (Intorcetta) respondeu: 'Nós já contactámos pela carta em dezembro do ano passado, a qual dizia que a Nossa Majestade iria visitar o Sul da China no ano seguinte, talvez incluísse Hangzhou'…"[614]

Kangxi não referiu outros jesuítas em Pequim, nomeadamente o compatriota Grimaldi, com quem Intorcetta poderia manter contacto. Ou seja, depois da morte de Verbiest, Pereira tornou-se o primeiro amigo estrangeiro de Sua Majestade, o primeiro pensamento do imperador era para ele quando o assunto estivesse relacionado com os

[612] HAN, Qi e WU, Min, *Ob.cit.*, p. 156. Texto original: "礼部为钦奉上谕示。康熙二十七年三月十三日，钦天监治理历法徐日昇传旨：礼部速差人往江宁府天主堂，取西洋人苏霖赴京，恐或苏霖在路，亦未可知，十分留心，路遇同来。"
[613] *Idem*, *ibidem*, p. 169. Texto original: "闵明我谙练历法，着顶补南怀仁治理历法，闵明我现今执兵部文出差，如有治理应行之事，着问徐日昇、安多。"
[614] *Idem*, *ibidem*, p. 172. Texto original: "问：“京中徐日昇曾有书来么？”臣奏云：“去年十二月曾有书来，说明年圣驾南巡，或临杭州.”"

jesuítas. Para além do que, Pereira ocupava o cargo mais alto da Ordem no país, portanto seria mais conhecido.

Na mesma viagem, o imperador encontrou os padres Fontaney e Gabiani em Nanquim, que o presentearam com instrumentos de medição. No ano seguinte, em maio de 1690, Gabiani levou estes instrumentos para Pequim, apresentando-se na corte:

> "Aos 21 chegou aqui o P*adr*e Vice Provincial com saude."[615] *Kangxi* também ficou muito cordial pela sua chegada: "…Eu conheço muito Bi Jia (Gabiani) e outros (jesuítas), ele não é preciso de obedecer aos regulamentos de ministros de outro lugar, Xu Risheng e Zhao Chang são responsáveis por recebê-lo."[616]

Na dinastia *Qing*, quando ministros de fora chegavam à corte, tinham de obedecer a uma série de regras antes de se apresentarem ao imperador, fazer grandes vénias aos ministros, usando a porta lateral[617]. Neste caso, *Kangxi* abriu uma exceção, devido a três fatores: primeiro, Gabiani trazia-lhe prendas muito especiais. Segundo, desde a antiguidade que a China prestava muita atenção aos rituais relacionados com hóspedes estrangeiros. Por fim, *Kangxi* estava grato aos jesuítas na sequência do *Tratado de Nerchinsk*, portanto dedicava-lhes uma cortesia sem precedentes.

Uma vez mais, *Kangxi* enviou Tomás Pereira e *Zhao Chang* para receber Gabiani, ao invés do italiano Grimaldi. De qualquer forma, o padre falava muito bem francês: "Logo se fallou muito em lingua Franceza, na qual elle he perito e destro."[618] Mas o imperador também não escolheu Antoine, Gerbillon ou Bouvet, cuja língua materna era o francês, o que prova a crescente posição de Tomás Pereira na corte, depois da assinatura do *Tratado* no ano anterior. Logo, "A conversação (entre o Imperador e Gabiani) durava muito tempo, (o Imperador) convidou-o jantar (na corte), e permitiu-lhe que morava com Xu Risheng…"[619]

Tomás Pereira fora anteriormente convidado para o Festival da Lua mas, para além disso, o padre passou também o Festival de Lanterna (元宵节, *yuánxiāojié*) na corte, na presença do imperador. Esta festa celebra-se no dia 15 de janeiro (no calendário chinês), um grande feriado da China, significando a chegada da primavera. As pessoas acendem

[615] BARRETO, Luís Filipe (coord.), *Ob. cit*., p. 346.
[616] HAN, Qi e WU, Min, *Ob.cit.*, p. 179.
[617] Fonte: http://ah13382036813.blog.163.com/blog/static/172495358201111710460928/, consultado em 26 de maio de 2013.
[618] BARRETO, Luís Filipe (coord.), *Ob. cit*., p. 346.
[619] HAN, Qi e WU, Min, *Ob.cit.*, pp. 179-180.

lanternas de papel ou de seda nas ruas, comem *Yuanxiao*[620] (元宵, *yuánxiāo*) e desvendam enigmas[621]. Esta era uma festividade muito animada na corte, com espetáculos e atividades que os padres Pereira e Gabiani puderam presenciar:

> "Na Festa de Lanterna, sob a ordem do Imperador, mandou-se cinco cavalos imperiais para receber Xu Risheng, Bi Jia e outros (jesuítas), a fim de jantar no Jardim Changchun, e apreciar as acrobacias, óperas (tradicionais da China), fogo de artifício e lanternas."[622]

Isso foi uma grande honra dirigida a Tomás Pereira e aos jesuítas: antes de tudo, a lua apresenta-se cheia neste dia, simbolizando a reunião familiar. O imperador apenas convidou os seus familiares, ministros importantes e amigos chegados para passar o feriado com ele, provando a estima que nutria pelo seu competente professor. Para além do convite, *Kangxi* enviou os cavalos reais para transportar os jesuítas, mostrando o seu cuidado com estes convidados em particular.

Estes cavalos imperiais (御马, *yùmǎ*) eram escolhidos entre as melhores raças da Ásia central ou da Mongólia e criados no Gabinete Imperial dos Cavalos (御马监, *yùmǎjiàn*)[623], para uso exclusivo do imperador e respetiva família. As residências dos jesuítas não ficavam muito perto da corte, portanto eles tinham de montar a cavalo ou apanhar um coche.

> "Em 5 de fevereiro (no calendário chinês), graças à benevolência do Imperador, anunciou-se que: Atualmente, Xu Risheng, An Duo, e outros (jesuítas) têm de entrar sempre no interior da corte, para cumprir as tarefas, mas tenho medo que as suas casas não tenham os cavalos suficientes, portanto nos dias seguintes, o Gabinete Imperial dos Cavalos deve mandar os cavalos para recebê-los (entre as suas casas e a corte). No dia seguinte, o ministro do Gabinete Imperial dos Cavalos mandou os dois servos trazerem os cavalos para as suas residências, servindo-os todos os dias. Em 18 de março, sendo o aniversário da Sua Majestade, Bi Jia e Xu Risheng montaram os cavalos imperiais para o Jardim Changchun, a fim de felicitar o aniversário do

[620] Yuanxiao é um doce tradicional da China, em forma de bolinhas brancas, em imitação da forma da lua cheia, feita com farinha de trigo e pasta de sésamo. Fonte: http://chineseculture.about.com/library/weekly/aa111400a.htm, consultado em 14 de julho de 2014.
[621] Fonte: www.china.org.cn/english/features/Festivals/78320.htm, consultado em 14 de julho de 2014.
[622] HAN, Qi e WU, Min, *Ob.cit.*, p. 180.
[623] Fonte: http://chist.org/wenku/%E5%B0%9A%E9%A9%B7%E7%9B%91, consultado em 14 de julho de 2014.

Imperador."[624]

Aliás, naqueles tempos, os cavalos eram usados para transporte das elites. Um regulamento ditava que os oficiais militares tinham de montar a cavalo para se deslocarem à corte, só os funcionários civis com títulos superiores ao terceiro grau ou os ministros mais velhos podiam fazer-se transportar num coche[625]. Aquando das negociações com os russos, *Kangxi* atribuíra o título de terceiro grau ao português[626], por isso ele podia usar um coche mas continuava a deslocar-se a cavalo, talvez para manter uma imagem humilde: primeiro, ele tinha um cargo mais alto do que outros jesuítas (que não podiam apanhar coche), portanto ele não quis "ostentar" a sua posição. Segundo, a Companhia de Jesus exigia que os jesuítas mantivessem a humildade e o imperador apreciava a integridade dos seus ministros. Para além disso, se Pereira tivesse um coche, teria de contratar mais servos, o que não se coadunava com o voto de pobreza que fizera.

O imperador dava uma audiência quase todas as manhãs, para discutir assuntos nacionais ou internacionais, exceto aos feriados ou se fosse impossibilitado, por doença ou viagens oficiais. Antes da reunião, os funcionários esperavam desde madrugada do lado de fora da *Porta de Xuanwu* (宣武门, *xuānwǔmén*). Os familiares imperiais podiam entrar na corte pela *Porta de Shenwu* (神武门, *shénwǔmén*), mas os ministros só tinham permissão de usar a *Porta de Donghua* (东华门, *dōnghuámén*). Perto desta última, existia a *Lápide de Apeamento de Cavalo* (下马碑, *xiàmǎbēi*) onde estava escrito: "Todos os ministros têm de apear-se do cavalo aqui." Apenas os ministros com mais de 65 anos ou alguém com permissão imperial podiam entrar na corte a cavalo.[627] Pereira e Gabiani montaram os seus cavalos dentro da corte, apesar de ainda não terem 65 anos, por isso teriam recebido esse privilégio de *Kangxi*.

Nestes memoriais, o nome de Pereira (*Xu Risheng*) surge sempre antes dos nomes de Grimaldi (*Min Mingwo*) ou de Antoine Thomas (*An Duo*). Os chineses prestavam muita atenção à hierarquia, o nome da pessoa mais poderosa devia ter prioridade, o que significa

[624] HAN, Qi e WU, Min, *Ob.cit.*, p. 180.
[625] Fonte: http://bjwb.bjd.com.cn/html/2013-03/03/content_52806.htm, consultado em 28 de maio de 2013.
[626] Fonte: http://news.163.com/13/0305/15/8P7C73H900014JB6_all.html, consultado em 28 maio de 2013.
[627] Fonte: http://news.hexun.com/2008-02-29/104122703.html, consultado em 28 de maio de 2013.

que a posição de Tomás Pereira na corte era mais alta. Ou seja, através destes documentos, constata-se que a posição do português era muito alta na corte, que o imperador lhe dispensava particular atenção, tratando-o (e aos seus companheiros) como amigo e que confiava muito nele, concedendo-lhe muitos privilégios.

3.5.2 A Imagem de Tomás Pereira na documentação da época

Os clássicos chineses também registavam factos sobre os jesuítas na China, sobretudo acerca de funcionários importantes. Todavia, por algum motivo, não se encontram muitos registos sobre Pereira, obrigando à pesquisa de fontes alternativas.

Em *Elogio do Cristianismo* (正教奉褒, *zhèngjiàoféngbāo*) surgem várias informações sobre Tomás Pereira. Escrita por *Huang Bolu* (黄伯禄, *huáng bólù*) e publicada em 1894 em Xangai[628], a obra foca a história do catolicismo na China, desde a dinastia *Tang* até ao fim da era *Qing*, relatando também a vida dos jesuítas ali, com pontos de vista positivos. A obra alude, por exemplo, ao papel de Pereira no *Tratado de Nerchinsk*:

> "Em 13 de março do ano 27 de Kangxi (1688), Li Fanyuan[629] anunciou a ordem do Imperador: Nos europeus honestos e confiáveis, Xu Risheng (Tomás Pereira) me parece mais adequado, porque sabe latim e escreve bem. Ele será acompanhando por vocês (alguns ministros da corte de Kangxi) para ajudar na escrita dos documentos nesta negociação com a Rússia."[630]

Pereira trabalhava na corte há 15 anos, pelo que o imperador já o conhecia muito bem e confiava nas suas capacidades. Por outro lado, o tratado não poderia ser assinado por um estrangeiro, mas pelos funcionários chineses que não conseguiriam, no entanto, comunicar com os interlocutores, necessitando de um tradutor. O imperador pretendeu, concomitantemente, que os jesuítas e os embaixadores chineses se supervisionassem mutuamente. Assim, o ministro *Songgotu* foi o responsável das negociações, mas Tomás

[628] Fonte: www.gujibook.com/gujide_7979/, consultado em 2 de junho de 2013.
[629] Li Fanyuan (*理藩院, lǐfānyuàn*) foi "Ministro dos Negócios Estrangeiros" da China na dinastia *Qing*, representando a China junto da Mongólia, Tibete e Rússia. Fonte: www.fofweb.com/History/ MainPrintPage.asp?iPin=EME326&DataType=WorldHistory&WinType =Free, consultado em 14 de junho de 2014.
[630] HAN, Qi e WU, Min, *Ob.cit.*, p. 344. Texto original: "康熙二十七年三月十三日，理藩院奉旨，朕看所用西洋人真实而诚悫可信，罗刹着徐日昇去，会拉提诺文字，其文妥当，汝等也行移文，往说罗刹。"

Pereira desempenhou um papel chave.

> "Em 2 de maio do ano 27 de Kangxi (1688), sob a ordem do Imperador, Xu Risheng (Pereira), Zhang Cheng (Gerbillon), acompanharam os ministros Manchu, Songgotu, Tongguogang, Mala (*马喇, mǎlà*), e os ministros Han, Zhang Penghe (*张鹏翮, zhāng pénghé*), Chen Zhi'an (*陈治安, chén zhì'ān*)",

Impedida a viagem até à fronteira com a Rússia, por causa dos conflitos na zona de *Selenginsk*, entre *Zunghar* e *Khalkha Mongol*, a delegação voltou (a Pequim). Em 13 de agosto, à chegada à corte, foram chamados pelo imperador para uma audiência, que fez muitas, detalhadas e demoradas perguntas.[631] Dos dois jesuítas e quatro ministros chineses, *Huang Bolu* refere o nome de Tomás Pereira em primeiro lugar, significando que poderia ser o líder concreto do corpo diplomático, hipótese que parece corroborada pelo facto, igualmente sublinhado naquele livro, de *Kangxi* lhe conceder uma audiência privada. Pereira foi novamente enviado para a Rússia no ano seguinte: "Em 1 de maio do ano 28 de Kangxi (1689), sob a ordem do Imperador, Xu Risheng e Zhang Cheng acompanharam o ministro Songgotu e outros ministros para o Norte, Nerchinsk, a fim de se encontrar com os embaixadores russos, para negociar a demarcação dos dois países."[632] Antes da partir, *Kangxi* convidou-os para jantarem na corte: "Em 23 de abril do ano 28 de Kangxi (1689), perante a ordem imperial, Xu Risheng, Zhang Cheng e Bai Jin (Joachim Bouvet), e An Duo (Antoine) participaram no banquete no interior da corte."[633]

Embora o processo de negociações fosse muito difícil e complicado, Pereira cumpriu a sua tarefa com sucesso:

> "Em 16 de junho do ano 28 de Kangxi (1689), os embaixadores da China e da Rússia chegaram a Nerchinsk. Em 17, o embaixador russo Golovin mandou alguns enviados para o acampamento da embaixada do Qing, a fim de confirmar data, local e protocolos para a negociação. Em 8 de julho, os embaixadores dos dois países reuniram, cada parte escreveu os seus artigos, em latim, mas até fim do dia, não

[631] *Idem, ibidem*, p. 345. Texto original: "康熙二十七年五月初二，徐日昇、张诚奉命随同内大臣索额图、佟国纲、马喇，汉臣张鹏翮、陈治安，北往塞外，与俄国会议两国边疆，既抵色棱额固，适厄鲁特侵掠喀尔喀部，路途梗阻，俱奉召还。八月十三日进京，上宣徐日昇等至内廷，询问良久。"

[632] *Idem, ibidem*, p. 352. Texto original: "康熙二十八年五月初一日，徐日昇、张诚奉命随内大臣索额图等北往尼布楚，会晤俄国使臣，勘议两国疆界。"

[633] *Idem, ibidem*. Texto original: "康熙二十八年四月二十三日，徐日昇、张诚、白进、安多奉召内廷赐筵。"

chagaram a um acordo. Voltaram para os seus acampamento. Pois, o ministro Songgotu pediu a Xu Risheng (Pereira) e a Zhang Cheng (Gerbillon) para convencer os embaixadores russos, assim, Xu Risheng e os seus acompanhantes foram ao acampamento dos embaixadores russos várias vezes, para esclarecer a posição da parte chinesa. Os embaixadores russos foram impressionados pela abertura, honestidade e sabedoria de Risheng e os seus colegas, e chegou a um acordo (com a China). Finalizaram o Tratado em sete artigos, escrito em cinco línguas, a saber: manchu, chinês, latim, mongol e russo. No dia 24, os embaixadores dos dois países encontraram-se, Risheng leu o acordo ao público, depois, as duas partes assinaram e carimbaram (o tratado), cada parte guardou uma cópia. No fim, eles celebraram juntos, e despediram-se."[634]

Dadas as dificuldades de entendimento com os russos, *Songgotu* enviou Pereira para convencer a embaixada oponente. Aliás, durante as conversações que culminaram no *Tratado de Nerchinsk,* ele testemunhou a capacidade do jesuíta e os dois tornaram-se mais próximos. Note-se também que o padre foi escolhido para ler o Tratado, em representação das duas embaixadas, provando a sua importante contribuição para se chegar ao resultado final. Esta escolha por parte da comitiva dos *Qing*, demonstra que ele não era considerado um mero tradutor, mas também um conselheiro e diplomata.

Antes desta segunda viagem, os embaixadores russos tinham estado em Pequim para preparar as negociações, sendo recebidos na corte por Tomás Pereira, de acordo com a vontade do imperador. A dupla identidade do Tomás Pereira – como jesuíta, que partilhava a religião dos russos, e como diplomata da China – explica porque lhe foram atribuídas tarefas tão importantes, que ele cumpriu na perfeição.

"Em 18 de abril do ano 28 de Kangxi (1689), os embaixadores russos pediram que fossem para a igreja católica para fazer missa, e faziam uma vista oficial a Xu Risheng (Pereira) e a Zhang Cheng (Gerbillon). Sob a ordem imperial, mandou-se os funcionários de Li Fanyuan acompanharem-nos para a igreja. Ali chegaram e

[634] *Idem, ibidem*. Texto original: "康熙二十八年六月十六日，中、俄两国使臣俱至尼布楚。十七日，俄国使臣费耀多罗遣员来中国使臣行辕，商议相会时日、处所、仪注各款。七月初八日，两国使臣相集行馆会议，各陈条款，译用拉提诺语，议至日暮未成，各回本辕。自是索臣饬徐日昇、张诚向俄使臣善为商劝，日昇等逐偕同随员前往俄使臣行辕，反复理喻，往返数次，俄使臣深服日昇等推诚布公，时见高远，议逐成，定约章七条，书满、汉、拉提诺、蒙古、俄罗斯五体文字。二十四日，两国使臣相会，日昇将约章当场宣读毕，两国使臣俱画押盖印，各执一份，共相祝庆而别。"

louvaram ao Deus com toda a seriedade. Depois do ritual, (os funcionários) apresentaram-nos para a Sala de Reunião, onde Xu Risheng, Zhang Cheng, Bai Jin (Bouvet) e Su Lin (José Suarez) os atenderam cordialmente com chá e lanche…"[635]

Na corte imperial, era rotina diária que os ministros principais se apresentassem muito cedo, na audiência da manhã, para discutir os assuntos de Estado com o imperador. Será que Tomás Pereira e os outros jesuítas-conselheiros também assistiam às discussões diárias? Não se encontram registos sobre este assunto mas, tendo em conta a sua posição *especial*, provavelmente eles não participavam em todas as discussões, apenas nas mais importantes, como quando se debateu o *Tratado de Nerchinsk*. Contudo, como amigo, ajudante e professor do imperador, Pereira tinha muitos contactos privados com ele:

"Em 25 de dezembro do ano 28 de Kangxi (1689), o Imperador deu uma audiência a Xu Risheng (Pereira), Zhang Cheng (Gerbillon), Bai Jin (Joachim Bouvet), e An Duo (Antoine) no interior da corte, e pediu-lhes para irem ao Salão de Cultivo Mental todos os dias por turno, a fim de ensinarem as ciências ocidentais como matemática, em língua de Qing (chinês ou manchu). Embora o Imperador seja muito ocupado, ainda se dedicava ao estudo de matemática, aritmética, astronomia, geometria, e outras ciências. Quando o Imperador ficasse no Jardim Changchun, ou visitasse outras províncias, Zhang Cheng ou outros (jesuítas) acompanhá-lo-iam como tutores, dando aulas diariamente ou a cada dois dias. Mais tarde, o Imperador ordenou a edição destas aulas em cadernos, em língua manchu, com ajuda de dois assistentes para tradução e outros dois secretários para escrita, com a presença diária dos jesuítas na corte…"[636]

Para conveniência do ensino, o imperador permitiu que os jesuítas morassem no *Jardim Changchun*, enviando eunucos para os servirem, um cozinheiro imperial (御膳房, *yùshànfáng*)[637] e outros funcionários para satisfazerem as suas necessidades[638]. Isto prova que o governante tinha em boa conta os jesuítas e os seus conhecimentos, no pressuposto

[635] *Idem, ibidem*, pp. 351-352. Texto original: "康熙二十八年四月十八日，俄国使臣请旨往天主堂叩礼天主，并拜谒徐日昇、张诚。奉旨：着理藩院派员同往。使臣至堂，叩拜天主，极形诚敬。叩毕，引至厅事，徐日昇、张诚、白进、苏霖等茶点款待。"

[636] *Idem, ibidem*, pp. 352 e 353. Texto original: "康熙二十八年十二月二十五日，上召徐日昇、张诚、白进、安多等至内廷，谕以自后每日轮班至养心殿，以清语授讲量法等西学。上万几之暇，专心学问，好量法、测算、天文、形性、格致诸学，自是，即或临幸畅春园及巡行省方，必谕张诚等随行，或每日，或间日，授讲西学。并谕日进内廷，将授讲之学，翻译清文成帙。上派精通清文二员，襄助缮稿，并派善书二员誊写…"

[637] O Cozinheiro Imperial era responsável pelas refeições da família imperial. Fonte: http://baike.baidu.com/view/93169.htm, consultado em 5 de junho de 2013.

[638] Cf. ZHAO, Liangwu, *Comparação das Histórias da Matemática da China e do Ocidente*, Commercial Press, Taipei, 1991, p. 292.

que os estudos europeus podiam modernizar a China. Pode dizer-se que, naquele tempo, o desenvolvimento da ciência chinesa dependeu das contribuições de Tomás Pereira e dos outros jesuítas em Pequim.

Visto que as fronteiras da China eram frequentemente violadas por *Zunghar*, em 1696, *Kangxi* dirigiu pessoalmente um exército para lutar contra *Galdan*[639], levando os jesuítas para o campo de batalha: "Em 30 de fevereiro do ano 35 de Kangxi (1696), o Imperador conquistou Zunghar pessoalmente, dirigindo seis tropas, e mandou Xu Risheng (Pereira), Zhang Cheng (Gerbillon) e An Duo (Antoine) seguirem-no."[640] Porque tiveram os jesuítas de o acompanhar? Em primeiro lugar, *Kangxi* era muito trabalhador e os jesuítas podiam dar-lhe aulas no caminho ou tocar música, para melhorar os seus estados de ânimo. Para além disso, a sabedoria dos estrangeiros poderia ser útil em alguma questão militar.

Esta não foi uma viagem turística e, ao contrário do que aconteceu nas conversões sino-russas, a Companhia de Jesus não tinha qualquer interesse nesta guerra, nem dela podia tirar algum benefício. Pereira arriscou a vida, acompanhando *Kangxi* nesta jornada difícil e perigosa. Como jesuíta, ele sacrificaria a própria vida para salvar pessoas em sofrimento; como funcionário da corte, trabalharia para o imperador de todo o coração; como amigo, não o abandonaria naquele momento difícil. *Kangxi* saiu vitorioso e o jesuíta não foi ferido, enviando imediatamente uma carta no regressou a Pequim: "Oferecendo-se uma nova oportunidade de escrever e havendo de acrescento matéria para a escrita, para maior segurança não recuso reiterar o trabalho com algum aditamento…"[641]

Documentos da época revelam ainda que *Kangxi* concedia regularmente doações a Pereira, como manifestação da sua estima e gratidão. Para além da sela e dos cavalos imperiais já citados, o imperador obsequiou o jesuíta com um leque:

> "Em 28 de junho do ano 33 de Kangxi (1694), o Imperador deu uma audiência a Xu Risheng (Pereira), oferencendo-lhe um lugar sentado perto do Trono, e doou-lhe uma leque em marfim dourado, em que estava pintado um relógio mecânico com sino, uma casa e flores, com um poema do Imperador: "O relógio trabalha dias e noites, em

[639] Fonte: www.encyclo.co.uk/define/Zunghar%20Khanate, consultado em 14 de junho de 2014.
[640] HAN, Qi e WU, Min, *Ob.cit.*, p. 360. Texto original: "康熙三十五年二月三十日，上亲征厄鲁特，六军启行，命徐日昇、张诚、安多邑从。"
[641] BARRETO, Luís Filipe (coord.), *Ob. cit*., p. 699.

melhor exatidão do que a clepsidra[642]. Canta à hora em música bela, sendo fiel com sol ou chuva. Vem de longe há dois séculos, para fazer maravilhas.''[643]

Este episódio é mencionado por muitos estudiosos como sinal da relação próxima de *Kangxi* com Tomás Pereira. O leque foi inventado na China, no século XV, mas os comerciantes portugueses já os tinham introduzido na Europa[644], portanto Pereira já os conhecia. Esta doação ao padre português teve um significado especial: o poema em caligrafia inscrito no leque revelou o gosto imperial pelos relógios ocidentais (*Kangxi* gostava muito daqueles engenhos ocidentais, não só tinha uma coleção deles, mas também acreditava na sua exatidão[645]) e serviu como um elogio metafórico para Pereira: o relógio simbolizava o jesuíta diligente e rigoroso, de uma fidelidade indiscutível, intérprete de belas músicas. O sentido mais profundo desta doação é que Tomás Pereira, diplomata, músico e astrónomo, era muito apreciado como um sábio e amigo do imperador.

No contexto da *Controvérsia dos Ritos*, Pereira entregou muitos memoriais ao imperador, enaltecendo os méritos dos jesuítas na China, no sentido de ver revogada a *Proibição do Catolicismo*. O jesuíta português intercedeu também quando o padre Intorcetta foi caluniado, clamando por justiça ao imperador:

> "Na viagem da Vossa Majestade ao Sul da China, tinha sempre a gentileza em falar dos jesuítas europeus com quem tinha encontrado, nos seus memoriais. E hoje, a nossa crença é considerada heterodoxia, o que é muito triste para mim, seu cortesão. O nosso antecessor Tang Ruowang (Johann Adam) era tão apreciado pelo Ex-imperador *Shunzhi*, fanzendo todo o possível para servir ao Império, e corrigiu e aperfeiçoou o antigo calendário… Infelizmente ele foi incriminado caluniosamente pelos homens como o Ministro Yang Guangxian. Graças à sensatez da Vossa Majestade… que vez justiça para a sua honra… A Vossa Majestade reconhece a contribuição de nós, os jesuítas… julga-se ser claro que a Vossa Majestade não acreditava no catolicismo se esta fosse heterodoxia… Os nossos antecessores (Johann Adam e Verbiest) fizeram

[642] (刻漏, kèlòu) refere-se a um instrumento para medir tempo na China antiga, constituído por um conjunto de recipientes de água colocados em níveis diferentes. Através de uma abertura no recipiente superior, a água passava para o inferior, indicando o tempo decorrido pela escala. Fonte: http://baike.baidu.com/view/406954.htm, consultado em 6 de junho de 2013.
[643] A frase indica que o relógio ocidental tinha sido introduzido na China há mais de 200 anos. Cf. HAN, Qi e WU, Min, *Ob.cit.*, p. 360. Texto original: "康熙三十三年六月二十八，上传徐日昇至黼座前，赐金牙扇一柄，内绘自鸣钟、楼台花树，御题七言诗云：“昼夜循环胜刻漏，绸缪宛转报时全。阴晴不改衷肠性，万里遥来二百年。"
[644] Fonte: http://aventure-se.com/2013/07/21/origem-do-leque/, consultado em 14 de junho de 2014.
[645] Fonte: http://news.artxun.com/rizuo-759-3794628.shtml, consultado em 6 de junho de 2013.

longas viagens para cá chegar, os seus objetivos não eram fama e fortuna… mas sim para divulgar uma mensagem de bondade. Perante a afeição dos Imperadores, no ano 10 de *Shunzhi* (1653), (os jesuítas) foram permitidos de elaborar o calendário (na corte), e no ano 14 (1657), podiam-se estabelecer as igrejas (na China)…Espero que a Vossa Majestade reexamine o caso e faça justiça da nossa dedicação e mérito ."[646]

Porventura, com aquela carta, Pereira não pretendia apenas ver corrigida a sentença que recaía sobre o padre Intorcetta (1625-1696), mas desejava que o imperador anulasse a proibição da evangelização. Recorrendo ao seu conhecimento da cultura tradicional chinesa, o português referiu várias vezes o ex-imperador *Shunzhi*, que permitiu a criação de igrejas na China, desde que respeitassem os costumes tradicionais como o amor filial, que ancorava no respeito pelos antepassados. Nas entrelinhas, Pereira recordava que o seu pai aprovara as evangelizações na China portanto, como filho, *Kangxi* devia respeitar a ordem de *Shunzhi*. O imperador, por seu lado, queria continuar a aproveitar os conhecimentos dos jesuítas para desenvolver o país que, de resto, não tinham más intenções e contribuíam diligentemente para o trabalho na corte, pelo que a *Tolerância ao Catolicismo* seria uma retribuição aos seus esforços.

Sabemos que uma elite da corte imperial - que seguira a via do estudo dos clássicos para chegar ao poder e que tinha uma visão do mundo completamente oriental e confucionista - discordava da evangelização. Talvez não compreendessem a fé dos jesuítas, tal como os ocidentais tiveram dificuldade em aceitar os ritos tradicionais da China. Pereira era bem sucedido e famoso, alcançara um alto cargo na corte e, apesar de não ser rico, não lhe faltava dinheiro. Por conseguinte, alguns chineses não compreendiam porque insistia em trabalhar para a Companhia de Jesus, que não podia oferecer-lhe benefícios materiais.

Quando o padre morreu, em 1708, a *Controvérsia dos Ritos* ainda não estava resolvida. Embora o decreto da Igreja Católica tivesse enfurecido o imperador e motivado o seu desinteresse pelo catolicismo, ele nunca culpou o jesuíta. Assim, depois do falecimento de Tomás Pereira, *Kangxi* honrou a sua memória, colocando o seu túmulo ao lado do alemão

[646] HAN, Qi e WU, Min, *Ob.cit.*, p. 182. Texto original: "且皇上南巡，凡遇西洋之人，俱颁温旨教训…今以为邪教，抚臣一心何忍。且先臣汤若望蒙世祖皇帝隆恩，特知尽心，将旧法不可用之处以直治理…后来杨光先等屈陷以不应得之罪。皇上洞鉴…而是非自白…皇上每项既已详明…若以为邪教，不足以取信…先臣跋涉数万里者，非慕名利，非慕富贵而来…将以阐明道教，自来自中国，随蒙圣眷，于顺治十年特赐敕命治理历法，十四年，又赐建堂立碑之地…惟愿皇上睿鉴，将臣等无私可矜之处察明施行…"

Johann Adam Schall Von Bell, no cemitério dos jesuítas de *Maweigou*, com duas lápides para marcar dignamente o local.

As duas pedras permanecem em Pequim[647], uma na *Igreja de Maweigou* (马尾沟教堂, *mǎwěigōujiàotáng*), com o título de *Lápide de Tomás Pereira que Pediu para Proteger Catolicismo* (徐日升提请保护天主教碑, *xúrìshēng tíqǐngbǎohùtiānzhǔjiàobēi*); e outra na Catedral da Imaculada Conceição, com o título de *Lápide de Tomás Pereira que Defendeu Catolicismo* (徐日升提请保卫天主教碑, *xúrìshēng bǎowèitiānzhǔjiàobēi*). Estas inscrições aludem aos memoriais de Tomás Pereira e às resoluções ministeriais a seguir resumidas, que culminaram na publicação do *Édito de Tolerância ao Cristianismo*: em 16 de dezembro do ano 30 de *Kangxi* (2 de fevereiro de 1692), os jesuítas Tomás Pereira e Antoine Thomas entregaram petições ao imperador em nome dos funcionários do Gabinete Imperial da Astronomia, solicitando a permissão do catolicismo na China. Alguns dias mais tarde, o assunto era entregue ao Ministério dos Ritos que recusou o pedido. Uma ordem do imperador anulou a resolução ministerial e ordenou que o Grande Secretário *Yisang'a* (伊桑阿, *yīsāng'ā*) discutisse novamente este caso com o Ministério dos Ritos. A 3 de fevereiro do ano 31 de *Kangxi*, seria publicado o decreto final do Ministério, elogiando os méritos dos jesuítas e autorizando a divulgação do catolicismo na China. Finalmente, a 5 de fevereiro do ano 31 de *Kangxi*, o imperador aprovou o decreto[648].

Na verdade, quase todas as petições foram entregues por Tomás Pereira que, por força das excelentes relações com o imperador e com alguns ministros, viu as suas pretensões concretizadas. Antoine Thomas e Gerbillon também participaram neste processo, mas o trabalho de Pereira terá sido determinante para a legalização das missões. Infelizmente, o imperador *Yongzheng* (雍正, *yōngzhèng*), filho de *Kangxi*, não respeitou o *Édito de Tolerância ao Cristianismo*, proibindo a divulgação do catolicismo na China[649].

O que sabemos realmente acerca do jesuíta português? Sabemos que era um homem disciplinado e diligente, de inteligência fora do comum e muito apreciado pelo imperador, que o tratava como um amigo. Em alguns registos, podemos ler que *Kangxi* o convidava

[647] Apesar das igrejas terem sido reconstruídas muitas vezes, as lápides não desapareceram e permanecem como testemunho do grande feito de Tomás Pereira e da história do catolicismo na China.
[648] Fonte: www.qinghistory.cn/qsyj/ztyj/ztyjzz/2011-05-18/32612.shtml, consultado em 30 de maio de 2013.
[649] Fonte: www.manchus.cn/bbs/thread-13539-1-1.html, consultado em 31 de maio de 2013.

muitas vezes para festas da família imperial, lhe oferecia chás recebidos como tributo das províncias, a sua convivência com os príncipes também era uma parte da sua vida na Cidade Proibida. Há um pequeno episódio, descrito pelo próprio *Kangxi*, no seu *Decretos para a conduta dos filhos*, como segue:

> "Uma pessoa deve ter cuidado em pequenas coisas que se dizem em brincadeira. Um dia, enquanto estava supervisionar a construção do meu pavilhão Yangxin Dian, o meu filho mais velho veio com Xu Risheng (Tomás Pereira). Durante a conversa comigo, meu filho disse brincando para Xu Risheng: "Eu quero raspar a sua barba!" Xu não levou sério e respondeu: "Se você quiser fazer a barba, então cortai-a!" Como não se importasse. O meu filho, que é brincalhão, disse: "Já pedi a autorização ao pai para isso, e vou mesmo cortar, para divertir o Imperador, pode ser?" Eu respondi-lhe rindo: "Só se podia saber se pode ou não, depois de receber a minha resposta oficial!" Ao ouvir as minhas palavras, Xu ficou calado, com lágrimas nos seus olhos. Alguns dias depois, Xu Risheng veio sozinho, chorando, disse: "Sua Majestade é digna e admirável, mas o seu filho mais velho queria raspar a barba de um estrangeiro como eu, para que razão? Como é que Vossa Majestade não definiu a sua mente sobre a emissão de uma tal decisão? É realmente difícil para mim aceitar este decreto imperial!"[650]

Kangxi revogou o direito sucessório do seu filho mais velho, e este incidente de "Rapar a barba do Pereira" foi uma das provas da sua falta de qualidade para futuro imperador. Tomás Pereira foi muitas vezes mencionado pelo imperador em situações importantes, por exemplo, quando ouviu dizer que o Papa em Roma era capaz de retirar todos os missionários da China, disse:

> "…Vou lhe (o Papa) escrever para dizer que Xu Risheng e os outros irmãos já estão habitados na minha terra, com muitos anos de serviço ao Império, nunca vou lhes deixar sair daqui… Vocês (os jesuítas) não tenham medo, com a permissão imperial,

[650] Texto original: "訓曰。朕雖於談笑小節亦必循理。先者。大阿哥管養心殿營造事務時。一日同西洋人徐日昇進內與朕閒談中間。大阿哥與徐日昇戲曰。剃汝之鬚可乎。徐日昇佯佯不采云。欲剃則剃之。彼時。朕即留意大阿哥原是悖亂之人。設曰。我奏過皇父。剃徐日昇之鬚。欲剃則竟剃矣。外國之人謂朕因戲而剃其鬚可乎。其時朕亦笑曰。阿哥若欲剃亦必啟奏然後可剃。徐日昇一聞朕言。凄然變色。雙目含淚。一言不出。既逾數日後。徐日昇獨來見朕。涕泣而向朕曰。皇上何如斯之神也。為皇子者即剃我外國人之鬚有何闕係。皇上尚慮及未然。降此諭旨實令臣難禁受也"。 Fonte: www.chinaheritagequarterly.org/scholarship.php?searchterm=025_beard.inc&issue=025, consultado em 5 de janeiro de 2015.

serão iguais aos chineses, não se preocupem".[651]

Em jeito conclusão, destaque-se que em algumas obras chinesas, sobre a história da corte do imperador *Kangxi*, podemos encontrar o nome de Tomás Pereira, especialmente naquelas que versam sobre o *Tratado de Nerchinsk* ou a *Controvérsia dos Ritos* na China. Outras falam da sua vida como tutor e músico da corte, as suas relações com *Kangxi*, com os ministros chineses e com outros jesuítas. Todos eles indicam que Pereira já fazia parte da elite próxima ao imperador, sendo uma figura incontornável da história da China daquele período. Vários livros sublinham que o padre era do Ocidente, mas usam apenas o seu nome chinês, *Xu Risheng*, talvez porque, na sua opinião, Tomás Pereira era um estrangeiro com coração chinês.

3.5.3 A imagem de Tomás Pereira na literatura contemporânea e outras fontes

O percurso dos *Qing* ocupa um importante papel na história chinesa, por várias razões. Desde logo porque foi a última dinastia feudal da China, sob o domínio de uma minoria étnica. Para além disso, esta foi a dinastia que teve mais contactos com o estrangeiro, por meio do comércio, guerras, e da divulgação cultural. Por conseguinte, muitas obras contemporâneas versam sobre aquele período. *Kangxi* foi, igualmente, um dos mais importantes monarcas da China, com um reinado de 61 anos, o mais longo da história. E quase todas as obras sobre este imperador referem os jesuítas.

Não existem muitos livros contemporâneos em chinês que destaquem as conquistas de Tomás Pereira. Ao mesmo tempo, grande parte da literatura popular chinesa sobre *Kangxi* (incluindo as publicações oficiais, literatura popular, blogues e sítios de internet, etc.) menciona Verbiest. Assim, mesmo que o padre português tivesse um lugar importante na história do império, poucos chineses o sabem. De facto, as contribuições de Pereira para a China não foram menores do que as de Verbiest.

O belga foi bem sucedido na elaboração do calendário, fabricou canhões que ajudaram a vencer batalhas, escreveu algumas obras sobre as ciências ocidentais e religião.

[651] Texto original: "你們領過票的就如中國人一樣，爾等放心，不要害怕"。

O português também obteve sucesso na elaboração do calendário, ajudou *Kangxi* a assinar um importante tratado com os russos e escreveu um livro sobre musicologia, para além de duas biografias que merecerão alguma atenção adiante.

Porquê que Verbiest é mais famoso? Porque pode ser considerado o primeiro jesuíta na corte de *Kangxi*, uma vez que o padre Joahann Adam já estava em Pequim desde a dinastia anterior. A nova dinastia ainda estava a consolidar o poder e Verbiest ajudou o imperador a atravessar os momentos mais difíceis, relacionados com problemas internos e invasões estrangeiras.

Muitos livros chineses que registam as biografias dos jesuítas na China, incluem uma introdução, ainda que breve, sobre Tomás Pereira. Este é descrito em cinco aspetos principais: a música, a missão católica, a divulgação das ciências ocidentais, as negociações em *Nerchinsk*, a sua amizade com *Kangxi*. As obras mais importantes, de conteúdo muito semelhante, são: *Introdução das Obras e Traduções dos Jesuítas das Dinastias Ming e Qing* (明清间耶稣会士译著提要, *míngqīngjiān yēsūhuìshì yìzhùtíyào*), *Biografia dos Jesuítas na China* (入华耶稣会士列传, *rùhuáyēsūhuìshì lièzhuàn*) e *Os Jesuítas na China nas Dinastias Ming e Qing* (明清间在华的耶稣会士, *míngqīngjiānzàihuádeyēsūhuìshì*).

Por exemplo, a obra *Introdução das Obras e Traduções dos Jesuítas das Dinastias Ming e Qing* escreve: "…através dos esforços dos dois senhores (Pereira e Gerbillon), a China podia recuperar terras perdidas no Norte do Rio Amur, com mais de 2000 li (quadrado)[652], obtendo os elogios dos historiadores."[653] De resto, a maior parte dos investigadores tece comentários positivos sobre Tomás Pereira no contexto das negociações com a Rússia.

Nenhum jesuíta gozava de tanta honra e, após a morte de Verbiest, Tomás Pereira passou a representar todos os jesuítas, aos olhos dos chineses: "Depois de morrer o Senhor Nan (Verbiest), o Senhor Xu (Pereira) foi a única pessoa que podia possuir a benevolência do Imperador."[654] Num outro artigo, pode ler-se: "…quase todos os jesuítas que trabalhavam para o governo de Qing, possuíam capacidades especiais, mas poucos deles se podiam

[652] Li (里, lǐ) é a unidade de distância da China, 1 *li* é igual a 0.5 km, portanto, 2000 *li* quadrados são iguais a 500 quilómetros quadrados. Fonte: www.traditionaloven.com/culinary-arts/weight/convert-china-li-unit-weight-to-jewelery-carat-ct.html, consultado em 14 de junho de 2014.
[653] XU, Zongze, *Introdução das Obras e Traduções dos Jesuítas das Dinastias Ming e Qing*, Editora do Século de Xangai, Xangai, 2010, p. 292.
[654] *Idem. Ibidem*.

comparar com Tomás Pereira, sendo talento multifacetado, e contribuindo em várias áreas."[655] Este comentário é exato e completo, pode dizer-se que, embora Verbiest fosse mais famoso e o seu cargo fosse mais alto, ele não tinha tantos talentos. Liste-se outro comentário objetivo:

> "...Deve-se reconhecer que existiam objetivos diferentes entre o duplo papel dos jesuítas nas negociações do *Tratado de Nerchinsk.* Por um lado, Tomás Pereira e Gerbillon tentaram lidar com o *interesse para a missionação do* catolicismo naquela zona, e por outro, fizeram o seu papel como tradutores, com a sabedoria e conhecimento das línguas e da psicologia das ambas partes, conseguindo ajudar na concordância e na assinatura do tratado. Por isso, não se pode ignorar dos papéis positivos destes dois jesuítas que foram escolhidos pela história."[656]

Esta opinião é partilhada pela maior parte dos chineses: embora visando objetivos distintos, todas as partes ficaram satisfeitas com o resultado.

Algumas novelas também referem Tomás Pereira, embora ele tenha um papel secundário. Por exemplo, a novela *Renascença – Dinastia de Yongzheng* (重生之雍正王朝, *chóngshēng zhīyōngzhèngwángcháo*), escrita por *Sibeile* (四贝勒, *sìbèilè* é um pseudónimo), descreve um jovem moderno que chegou à dinastia *Qing* por meio de uma viagem no tempo e se tornou o quarto filho de *Kangxi*, isto é, o imperador *Yongzheng*. Escreve-se na obra:

> "…(*Kangxi*) disse ao (jesuíta) Luo De[657] com sorriso que: 'Vocês chegaram a Qing há muito tempo, aceitaram os nossos costumes, e trabalhavam para mim com esforços, portanto vocês são iguais aos chineses. Eu tratava de vós com as mesmas condições, eu já disse a Xu Risheng (missionário português, Pereira) que, se o seu bispo vos pedir que regressem à (Europa) no futuro, eu não posso permitir'."[658]

Kangxi não falou exatamente assim, mas afirmou que os jesuítas que aceitassem os

[655] WU, Yanling, «O Missionário Português na Corte de Qing – Tomás Pereira», em *Sociedade e Ciência de Hubei* 5(2008), Wuhan, p. 114.

[656] NI, Junmin e SAN, Ying, *Art. cit*., pp. 102-103. Texto original: "…耶稣会士参与谈判的目的和他们在谈判中所起的作用不能完全等同。徐日升、张诚两位耶稣会士显然抱着扩大天主教利益的宗旨在谈判中周旋, 但他们在《尼布楚条约》谈判中担任翻译, 沟通双方心理, 使条约在双方都可以接受的基础上签订, 这种积极作用是不应忽视的。两位耶稣会士参与中俄尼布楚谈判是当时历史条件下的产物。"

[657] Luo De (*罗德, luó dé*) é o jesuíta inventado na obra.

[658] Fonte: www.luoqiu.com/html/19/19789/10483756.html, consultado em 9 de junho de 2013. Texto original: "…对罗德道: "你们来大清的时候也不短，服我风土人情，又伺候朕躬，也就同中国人是一样。朕待你等视如一体，记得朕先前曾对徐日昇（葡萄牙传教士）说过，若是来日你们的教化王召你们回去，朕也是不允的。""

costumes tradicionais podiam ficar. Talvez o argumento da novela quisesse demonstrar a importância dos jesuítas. Segundo a obra, esta conversa teria ocorrido depois de 1709, quando Pereira já tinha morrido, mas o autor destaca o português no seu texto, significando que ele seria o jesuíta mais importante na corte. Já a novela *O Amor em Todo o Mundo II* (情倾天下, *qíngqīngtiānxià*), escrita por *Mingzhu* (明珠, *míngzhū*), relata a vida do imperador *Yongzheng*, dizendo-se que:

> "Xu Risheng (Pereira) é português, tem trabalhado na corte de Qing durante quase 30 anos, já desempenhou a função de professor da música de Kangxi, e o diretor do Gabinete Imperial de Astronomia… tendo a cabeça comprida, a estatura normal, e a pele morena, com cabelo e barba vermelhos… Os jesuítas que trabalhavam na corte durante muito tempo, como Xu Risheng, tinham de ser peritos em Língua Manchu para comunicar com o Imperador…"[659]

O autor descreveu a figura a partir das poucas fontes disponíveis, com alguma imaginação, porque não existe um retrato, nem descrições literais, sobre a sua estatura, cor de pele e cabelo. Todavia, a barba é o símbolo dos jesuítas, pelo que os chineses vão imaginar europeus com roupas confucionistas e barbas compridas, se lhes falarmos destes religiosos.

A novela descreve um episódio em que Tomás Pereira estava a chorar desesperadamente junto ao *Salão de Cultivo Mental*, numa altura em que *Kangxi* se encontrava muito doente e corriam rumores de que o imperador estava a morrer. Pereira, como o jesuíta mais próximo de *Kangxi*, que privou com ele durante mais de 30 anos, correu para a residência imperial e insistia em entrar, fazendo muito barulho. Os soldados procuraram convencê-lo a sair dali mas, como personalidade especial que era, não podiam usar palavras ou ações brutas para expulsá-lo, e o choro trágico dum idoso ocidental deixou os soldados paralisados. "E no fim, foi o quarto princepe (o Imperador sucessor, *Yongzheng*) que consolou o padre, e mandou dois soldados para o levar para casa …"[660]

---

[659] Fonte: http://book.sina.com.cn/nzt/youth/lit/qingqtx2/35.shtml, consultado em 9 de junho de 2013.

[660] Fonte: http://book.sina.com.cn/nzt/youth/lit/qingqtx2/35.shtml, consultado em 9 de junho de 2013. Texto original: "我撞疼了鼻子，抬手揉了一揉，支支吾吾地正打算在他发作前给自己走路也会开小差找个借口，却听到墙外传来一阵哭声，其中更夹杂非满非英的番邦话，好不奇怪。四阿哥半回过身，仰脸望望高墙外，三步并作两步地带我转出最近的月华门，很快循声找到在养心殿外伏地痛哭的天主教传教士徐日升。 徐日升是葡萄牙人，在清廷叙职已近三十年，曾任康熙的音乐教师和钦天监正，今年秋获他亦有扈从，生得长形头颅，中等身材，微黑的肤色配上红发红胡子，最是好认。 我们到时，徐日升身边已经围了一圈侍卫，

Na nossa opinião, esta "identidade especial" resultava de duas situações. Desde logo, Pereira era estrangeiro e os chineses tratavam sempre os estrangeiros com cortesia. Em segundo lugar, desempenhava um importante cargo na corte, pelo que os soldados não podiam ser descorteses para com ele. Mesmo não sendo o protagonista desta narrativa, pode observar-se que o estatuto de Tomás Pereira e de outros jesuítas era muito importante na época de *Kangxi*.

Por via das obras escritas por Tomás Pereira, pode observar-se que ele foi muito influenciado pelos costumes da China, não só escrevendo obras em chinês, mas também descrevendo o mundo e os acontecimentos do ponto de vista de um chinês. Entretanto, ele escrevia cartas para Roma, sob o ponto de vista do português e do jesuíta, podendo dizer-se que Tomás Pereira deambulava entre duas identidades, portuguesa e chinesa. Esta "dupla face" era necessária para fazer o seu papel na corte de *Kangxi*, com a consciência de que a evangelização só seria possível se o imperador reconhecesse as vantagens da ciência, da arte, da amizade e da convivência com os estrangeiros. A estratégia de acomodação moldou habilmente todas as suas ações, observáveis não só nos textos por ele próprio escritos, mas também em muitas descrições chinesas. Através dos clássicos e de obras contemporâneas da China, confirma-se o prestígio de Pereira, enquanto membro da corte, competente e estudioso, devoto e sincero. *Xu Risheng* ficou na história da China.

As seis décadas da ocupação do Trono do Dragão pelo imperador testemunharam a consolidação do poder da dinastia, e também o florescimento dos jesuítas, com claro impacto sobre o Império do Meio. A sua relação pessoal com os missionários começou numa idade adiantada e, naturalmente, desenvolveu-se numa função consultiva.

A visão dos imperadores acerca do mundo exterior e do papel China no quadro pós-vestefaliano internacional emergente, a sua compreensão da importância do método científico ocidental e a sua relevância para a China, a apreensão - embora ambígua - do

---

但他身份特殊，打、骂、驱赶均使不得，劝也无效，他一外国老头儿又哭得惨烈，因此侍卫们一个个倒都看得呆住. 直至见四阿哥出现，众人才纷纷回过神来，都由一名生相威武的统制领着向四阿哥下跪请安。 四阿哥锐利的目光从众人面上一一扫过，抬一抬手，道了声"伊立"，便走到徐日升身边，用满语温和地询问了他一句什么。像徐日升这种久在宫廷供职的传教士，为了和皇上交流，满语是必须精通的，但他抬起一张泪痕交错的老脸，叽里咕噜地回了一串我听不懂的外语——难道是传说中的葡萄牙语？ 我站在四阿哥身侧看得最是真切，只见四阿哥眉头微蹙，沉吟片刻，便和徐日升对谈起来。 四阿哥的语调平稳中自有一种慑人的威严，细细观察，他仿佛比起去年强势了不少，为何我之前竟未察觉？莫非是他这些天在咸安宫日夜独守超级无敌霸王龙之二阿哥磨炼出来的？而徐日升听了四阿哥那番话，竟至无语，一把收了鼻涕眼泪，蹒跚地爬起身来，四阿哥命两名侍卫架扶着他慢慢沿墙根走去，又令统制带人各归原岗。一时人都散了，徐日升独特的哭腔仍留耳畔，只我愣在原地，未及跟上四阿哥回乾清宫的脚步。〞

cristianismo, os seus valores e ideologia, constituiu um processo evolutivo fascinante, sem paralelo no longo registro histórico do país. Estes incipientes pontos de viragem prepararam o país para a modernização e integração no mundo moderno. O padre Tomas Pereira foi fundamental para a aceleração desse processo já que, durante os longos anos que passou na China, conquistou e manteve a confiança do imperador.

> "…Disendo-lhes agradecia seu bom animo e coração que o que eu tinha obrado e meu companheiro era em serviço fiel do Emperador, por cuja causa tudo devia e por paga me sobejava o saber Sua Magestade o que eu era, e não como mal intencionados antigamente caluminiaram a nossos Padres antepassados."[661]

Por outro lado, ele nunca se esqueceu que Portugal era a sua saudosa pátria e que os interesses do reino eram prioritários: "…a domestica habitação de 16 annos, me cauzou grandes saudades…"[662] Pode dizer-se que Tomás Pereira foi um português que dedicou a vida à sua segunda pátria, a China. Quando o padre faleceu, o imperador *Kangxi* fez importantes doações e escreveu tocantes palavras, em *Tingxun Genan*, para o homenagear:

> "De repente, ouvi que (Pereira) estava doente, esperei que o médico o pudesse curar, mas não ganhou sucesso. Finalmente, ele faleceu, eu fico demasiado triste. Pois, concedo-lhe 200 tael (um quilograma) de prata, e cetins, para consolar este ministro."[663]
>
> "No ano 47 do meu reinado (i.e.1708), quando não me estava sentindo bem, Xu Risheng tomou conhecimentos de alguns rumores que circulam fora [o palácio] e, pensando que eu estava a morrer, chegou ao Salão de Cultivo Mental e chorou copiosamente, lamentando a perda do Imperador. Depois de voltar para casa, ele faleceu em preocupação e tristeza. Isto mostra que as boas palavras podem ganhar o coração de uma pessoa, e as más palavras também podem ferir o coração de uma pessoa."[664]

O imperador organizou um sereno funeral segundo os ritos da China, e o padre foi enterrado no cemitério *Grade de Tenggong* (滕公栅栏, *ténggōngzhàlan*), que fica dentro da

[661] *Idem*, *ibidem*, pp. 257-258.
[662] BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Ob. cit*., p. 123.
[663] HAN Qi e WU, Min, *Ob. cit.*, p. 367.
[664] Texto original: "厥後四十七年。朕不豫。時徐日昇聽信外邊亂語。以為朕疾難愈。到養心殿大哭。自怨其無造化。隨回至家身故。夫一言可以得人心而一言亦可以失人心也 2。

Igreja de Maweigou, em Pequim, onde também foram enterrados muitos padres famosos, como Matteo Ricci, Ferdinand Verbiest, Antoine Thomas, Grimaldi, Ludovico Buglio, Johann Adam, Teodorico, etc..[665] Na lápide de Tomás Pereira, atualmente conservada no *Museu das Esculturas Rupestres* do *Templo de Cinco Pegadas* (五塔寺, *wǔtǎsì*)[666], foi gravado um comentário do imperador:

> "Eu considero que Tomás Pereira era muito fiel, ele trabalhou para o nosso país durante muito tempo, conhecia muito bem a elaboração do calendário, os seus inventos foram muito populares. Ele suportava toda a espécie de penalidades sem se queixar, e cumpria os deveres com maiores esforços. Ele era muito sincero e honesto, não tinha astúcia, e era muito devoto da sua fé. Eu já louvava os seus méritos muitas vezes."[667]

3.5.4 A produção literária de Tomás Pereira

Já se fez referência às obras escritas por Tomás Pereira - a *Biografia de Ferdinand Verbiest* (em colaboração com o padre Antoine Thomas), a *Introdução à Musicologia* e também a *Biografia de Ludovico Buglio* (*利先生行述, lìxiānshēngxíngshù*, igualmente em coautoria) - a que se soma as muitas cartas enviadas para a sede da Companhia de Jesus em Roma e memoriais entregues na corte. Alguns desses documentos, de elevado valor histórico, foram conservados e, através deles, pode analisar-se o desenvolvimento do catolicismo na China, bem como o contexto político, social e cultural daquele tempo.

3.5.4.1 Biografia de Ferdinand Verbiest

No Capítulo II, mencionou-se a ligação entre Tomás Pereira e Ferdinand Verbiest, que não só foi colega, mas também amigo, professor e mentor de Pereira. Se Verbiest não introduzisse Pereira na corte, talvez este não passasse de um missionário desconhecido; se não o recomendasse para participar nas negociações com a Rússia, dificilmente Pereira

[665] Fonte: www.southcn.com/weekend/city/200403140009.htm, consultado em 22 de julho de 2013.
[666] Fonte: http://cul.sohu.com/20120327/n339005568_4.shtml, consultado em 22 de julho de 2013.
[667] Texto original: "朕念徐日升斋诚, 远来效力岁久, 渊通律历, 制造咸宜, 扈从惟勤, 任使尽职, 秉性贞朴无间, 始终夙夜殚心, 忠悃日著, 朕嘉许久矣"。Cf. YU, Sanle, *Art. cit*., p. 67.

obteria a confiança de *Kangxi*, sendo até possível que as relações entre a China e a Rússia fossem diferentes.

Embora os dois padres tivessem diferentes opiniões sobre os jesuítas franceses, motivadas pela lealdade de Pereira ao Padroado Português, respeitavam-se mutuamente. Assim, apesar de Tomás Pereira ter sido o grande obreiro do édito da *Tolerância do Catolicismo* (1692), revelou-se modesto e grato, lembrando as contribuições do seu mentor, falecido há quatro anos: "Por isso, com o seu consentimento, o Padre Ferdinand Verbiest pediu, por meio de um libelo de suplicação, que se anulasse a interdição da Santa Lei de Deus."[668]

Desde o século XVI que muitos missionários (portugueses, franceses e italianos) chegaram à China, contudo, o jesuíta mais famoso na dinastia *Qing* era da atual Bélgica: Ferdinand Verbiest. Pereira escreveu a sua biografia, apresentando o padre em breves palavras, cerca de 1.000 carateres chineses. O nome da obra é *南先生行述* (*nán xiānshēng xíngshù*): 南 é a abreviação do seu nome chinês (南怀仁, *nán huáirén*); 先生 significa senhor embora, na altura, fosse apenas um tratamento respeitoso para os estudiosos e 行述 significa biografia. Ao contrário das cartas entregues à Companhia de Jesus, esta obra não refere o contributo de Verbiest para o catolicismo, sublinhando antes os seus méritos para a corte *Qing*. No fim de contas, o livro foi publicado para ser lido pelo imperador e funcionários da corte, que não prestavam particular atenção ao catolicismo.

"O nome próprio do senhor é Huairen, designado também de Dunbo (敦伯, *dūnbó*), ele foi do País Germano, sendo descendente da nobreza."[669] Esta descrição não é muito exata, uma vez que o padre nasceu a 9 de outubro de 1623, na vila de Pittem da Bélgica, perto de Bruxelas, filho de um polícia, Joos Verbiest[670]. Ainda que a Bélgica fosse dominada pela Casa dos Habsburgos, podendo portante ser considerada um país germano, Verbiest era belga ou flamengo.

Em 1635, ele entrou no Colégio de Jesus e cinco anos depois na Faculdade das Artes da Universidade Católica de Louvain, uma das mais velhas universidades católicas do

[668] BARRETO, Luís Filipe (coord.), *Ob. cit*., p. 479.
[669] PEREIRA, Tomás e THOMAS, Antoine, *Biografia de Ferdinand Verbiest*, Pequim, Zhonghua Book Company, 2006, p. 411. Texto original: "公讳怀仁，字敦伯，远西热尔玛尼亚国人，系出世胄。"
[670] Fonte: http://tw.myblog.yahoo.com/alotvwz/article?mid=11904&prev=11913&next=11903&l=d&fid=1&sc=1, consultado em 17 de maio de 2013.

mundo[671]. Ali, Verbiest conheceu as teorias de Aristóteles, sobretudo a lógica e a filosofia, para além de se especializar em geografia, matemática, astronomia e cálculo do calendário. Entretanto, ele sabia falar francês, latim, alemão, neerlandês, espanhol e italiano[672].

"Desde a sua infância, praticava na Companhia de Jesus, e prestava juramento (para a missão da ordem), ele lia muitos livros e sabia muitas coisas, especialmente, em astronomia…"[673] Em 2 de setembro de 1641, Ferdinand ingressou na Companhia de Jesus, partindo, em 1658, para a China com o padre italiano Martino Martini. No ano seguinte, eles chegaram a Macau. "Viajou durante três anos, passando a mudança das estações, e superando muitos riscos do mar e dos piratas; depois de navegar milhares de quilómetros, ele chegou à China, onde permaneceu mais de trinta anos."[674]

Quanto ao seu trabalho missionário, existe alguma controvérsia: segundo outros registos, ele evangelizou na província *Shanxi*[675], mas a biografia afirma: "No início, ele saiu de Cantão para a Província de Shaanxi, pois evangelizava na cidade de Xi'an."[676] *Shanxi* (山西, *shānxī*) e *Shaanxi* (陕西, *shǎnxi*) são duas províncias próximas e com pronúncias muito similares pelo que, tanto estrangeiros como chineses, tendem a confundir os dois lugares. Provavelmente, o padre Verbiest evangelizou em *Shaanxi*, dado que Pereira indicou claramente que ele cumpria a sua missão na cidade de *Xi'an*, capital dessa província. Naquele tempo, os nomes geográficos não tinham traduções fixas e os jesuítas talvez tivessem os seus próprios hábitos de tradução, como se pode constatar nas suas obras ou nas cartas dirigidas a Roma.

Devido ao seu vasto conhecimento, Verbiest foi enviado para Pequim em 1660, para ajudar o padre Johann Adam. "Em 1668, com a apreciação do Imperador *Kangxi*, mandou-o elaborar o calendário, e atribuiu-lhe o vice-diretor do Gabinete Imperial das Astronomia… Sob a ordem do Imperador, ele fabricou seis observatórios avançados."[677] Mas o seu grande mérito na corte, foi a sua capacidade para fabricar canhões que permitiram, por exemplo,

[671] Fonte: www.uclouvain.be/en-index.html, consultado em 13 de julho de 2014.
[672] Fonte: www.newadvent.org/cathen/15346a.htm, consultado em 13 de julho de 2014.
[673] PEREIRA, Tomás e THOMAS, Antoine, *Ob. cit.*, p. 411. Texto original: "自幼龄入会修道，矢志童贞，读书穷理，博学深浅，精通象纬。"
[674] *Idem, ibidem*. Texto original "以此航海三年，经赤道四季相反之苦变，风涛寇盗之险危，历九万里二来中国，已阅三十余年。"
[675] Fonte: www.newadvent.org/cathen/15346a.htm, consultado em 13 de julho de 2014.
[676] PEREIRA, Tomás e THOMAS, Antoine, *Ob. cit.*, p. 411. Texto original: "其初由粤至秦，传教西安府。"
[677] *Idem, ibidem*. Texto original: "康熙七年，蒙皇上特用，命治理历法，授钦天监监副…是时，蒙上命创制观象台新式仪器六座…"

reprimir a *Revolta dos Três Feudos*. Na anterior dinastia, a China comprara alguns canhões ingleses, através dos portugueses em Macau, conhecidos como *Canhões de Hongyi*. A palavra "Hongyi" tem duas explicações: poderá significar "vermelho" por ser fabricado em cobre, chamando-se portanto *Canhão Vermelho* (红衣大炮, *hóngyī dàpào*); ou "bárbaros vermelhos", por referência aos holandeses, que usavam roupa vermelha e utilizavam essa arma, pelo que o canhão ficaria assim com o nome de *Canhão dos Bárbaros Vermelhos* (红夷大炮, *hóngyí dàpào*)[678].

No fim da dinastia *Ming*, o padre Johann Adam fabricou canhões para ajudar o imperador a resistir ao exército de *Qing*[679]. Em 1675, *Wu Sangui* dirigiu as suas tropas contra as tropas de *Qing*, escondendo-se dentro da montanha, onde o exército inimigo não conseguia atacá-lo. Entretanto Verbiest recuperara os canhões que ficaram na corte em Pequim para atacar o exército de *Wu*, que acabou derrotado[680].

> "Visto que *Wu Sangui* se sublevou, sob a ordem do Imperador, Verbiest fabricou os ligeiros canhões vermelhos em madeira que podiam disparar consecutivamente por cem vezes e atingiam bem o alvo. Mais tarde, ele fabricou cento e trinta canhões vermelhos em cobre, para adaptar às guerras. Quando o exército chegou a *Longping*, sob a ordem, ele fabricou mais trezentos e vinte canhões. Ao acabamento da obra, o Imperador mandou-o treinar os soldados Manchu em Lugouqiao… No dia das provas, o Imperador chegou ao local e testemunhou os disparos de cada canhão a atingir os alvos, e ordenou que todos canhões lançassem fogo ao mesmo tempo."[681]

Como resultado, *Kangxi* ficou muito contente, ofereceu-lhe uma veste imperial em zibelina e, em 1682, atribuiu-lhe o título de Ministro Assistente do Ministério das Obras Públicas (工部右侍郎, *gōngbùyòushìláng*). O imperador observou que o efeito dos canhões era melhor do que o das armas brancas, portanto, ordenou que Verbiest fabricasse mais 53

[678] Fonte: www.encyclo.co.uk/define/Hongyi-po, consultado em 13 de julho de 2014.
[679] Fonte: http://epaper.gmw.cn/zhdsb/html/2011-07/27/nw.D110000zhdsb_20110727_2-20.htm?div=-1, consultado a 6 de maio de 2013.
[680] Fonte: http://blog.tibetcul.com/home.php?mod=space&uid=2470&do=blog&id=105827, consultado em 16 de maio de 2013.
[681] PEREIRA, Tomás e THOMAS, Antoine, *Ob. cit.*, p. 411. Texto original: "兼值吴逆叛乱，上命制轻巧红衣木炮，连放一百次，坚固中鹄。复奉旨制造红衣铜炮一百三十位，应戡乱急需。迨至将及隆平，又命制神威战炮三百二十位。告成之日，命往卢沟桥教习八旗炮手…恭遇皇上幸临试放，每炮俱一连三次中鹄，复令请炮齐放，亦俱齐中。"

canhões vermelhos. Em 1687, ordenou o fabrico de mais 80 canhões em cobre que, aquando da morte do padre, ainda não estavam prontos[682].

O padre Verbiest morreu em 28 de janeiro de 1688, "Aos 28 pellas 3 horas et 2 quartos passados, levou Deos p*er*a sy o P*adre* Fernando Verbiest, com todos os Sacramentos primeyro recebidos"[683], depois de um período de saúde fraca: "Dois anos atrás, o Imperador reparou que o aspeto físico do padre Verbiest estava muito diferente de antes, por isso ficou preocupado, e ofereceu-lhe duas vasilhas de pílulas, e exigiu-lhe que descansasse para se recuperar."[684] Tomás Pereira partilhava a preocupação do imperador em relação à doença de Verbiest: "Esta morte hà mais de hu*m* a*n*no q*ue* eu a temia, não sendo outras assim."[685] Apesar dos cuidados do médico imperial, a doença levou a melhor e Pereira recordou os méritos do colega:

> "Verbiest era muito honesto e bondoso, ignorava fama e riqueza, mas cumpria todos os serviços ao Imperador com diligência. Ele dedicou toda a sua sabedoria e força física nas obras como a abertura dos canais e lagos artificiais, na medição de comporta, tendo sempre o receio que frustrasse a esperança do Imperador. Vivia uma vida simples, dormia pouco, todas as noites estudava e trabalhava à luz de lâmpada até os últimos dias."[686]

A cerimónia fúnebre de Verbiest realizou-se conforme as tradições chinesas. *Kangxi* ofereceu muito dinheiro e cetins a *Zhao Chang* e a outro soldado imperial, para tratarem do funeral, que seria grandioso, como o de nenhum outro funcionário da corte tinha sido: "Como a avo do Emperador não he ainda sepultada; guardamos o corpo do Padre em caza; pera não perder alguãs honras que o Emperador lha fará no dia do enterramento, de que já tenho avizo…"[687] Assim, sacrificou-se chá e vinho em frente do seu caixão, como se fosse chinês. Tomás Pereira participou também na organização do funeral:

---

[682] Cf. *Idem, ibidem*, p. 412.
[683] BARRETO, Luís Filipe (coord.), *Ob. cit*., p. 123.
[684] PEREIRA, Tomás e THOMAS, Antoine, *Ob. cit.*, p. 411. Texto original: "前年皇上见其颜色举动大异往昔，深堇睿虑，赐药丸两罐，谕令调养。"
[685] BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Ob. cit*., p. 123.
[686] PEREIRA, Tomás e THOMAS, Antoine, *Ob. cit.*, p. 411. Texto original: "然其性禀质直无私，宅心慈爱，自奉尤甘澹薄，至于遵趋皇事，如万泉庄开河、海子开河、测量水闸等项，更敏勉竭力，不辞劳猝，兢兢成谨，惟恐有负圣恩。若其勤学，克励苦修，每夜篝灯，迟眠早起，至老不辍。"
[687] BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Ob. cit*., p. 123.

> "Para preparar o funeral, o Assistente dos Ritos Xirda (*席尔达, xí'ěrdá*) mandou a Xu Risheng (Pereira) os vinte tael de prata, para comprar as frutas e outros sacrifícios. Xu Risheng, Zhang Cheng (Gerbillon) e outros (jesuítas) contrataram alguns artífices para constituir os telheiros em frente do túmulo, com três mesas, uma no meio estavam colocadas flores, e em outras literais estavam frutas e sacrifícios fúnebres. Quando todos os ministros chegaram, Xu Risheng e outros (jesuítas) dirigiram os funcionários do Gabinete Imperial de Astronomia para realizar o ritual, o Assistente dos Ritos Xirda e outros ministros ajoelharam-se para ouvir a oração fúnebre imperial, lida por um oficial…"[688]

O facto de Tomás Pereira usar a maneira tradicional chinesa para tratar os assuntos funerários de um religioso europeu é, de facto, incrível e revela não só o respeito pelas tradições locais, como o reconhecimento de que os ritos não ofendiam as doutrinas católicas. A corte também não terá estranhado este caso, uma vez que Verbiest já era considerado um chinês.

A *Biografia de Ferdinand Verbiest* e as cartas a Roma sobre o funeral revelam a já referida "dupla face" de Pereira: as cartas foram escritas em português e latim, a *Biografia* em chinês e, embora descrevessem o mesmo assunto (i.e. a morte de Verbiest), assumiram diferentes estilos e referências. Por exemplo, Verbiest morreu em 28 de janeiro de 1688, mas a *Biografia* diz: "…ele morreu em 26 de dezembro do ano Ding-mao de Kangxi, tendo 66 anos de idade."[689] Como é sabido, a China tinha o seu próprio calendário, que o jesuíta usou como referência.

O calendário chinês usa dois sistemas de contagem, para apresentar os anos: o *Tronco do Céu* (天干, *tiāngān*) e o *Ramo da Terra* (地支, *dìzhī*). Os Troncos Celestiais incluem 10 caracteres - *jia* (甲, *jiǎ*), *yi* (乙, *yǐ*), *bing* (丙, *bǐng*), *ding* (丁, *dīng*), *wu* (戊, *wù*), *ji* (己, *jǐ*), *geng* (庚, *gēng*), *xin* (辛, *xīn*), *ren* (壬, *rén*) e *gui* (癸, *guǐ*) - e os *Ramos Terrestres* têm 12 carateres, a saber, *zi* (子, *zǐ*), *chou* (丑, *chǒu*), *yin* (寅, *yín*), *mao* (卯, *mǎo*), *chen* (辰, *chén*), *s*i (巳, *sì*), *wu* (午, *wǔ*), *wei* (未, *wèi*), *shen* (申, *shēn*), *you* (酉, *yǒu*), *xu* (戌, *xū*), e *hai*

[688] HAN, Qi e WU, Min, *Xichaochongzhengji - Xichaoding'an*, Pequim, Zhonghua Book Company, 2006, p. 345. Texto original: "席侍郎先期遣人送交徐日昇祭银二十两，以资购办果品等物。徐日昇、张诚等预饬工匠，在墓前搭盖棚厂，内设三桌，中桌供鲜花，左右两桌供果品。奉使诸员至，日昇等率领钦天监各官迎接如礼，一部员宣读祭文，席侍郎等俱恭跪静听。"

[689] PEREIRA, Tomás e THOMAS, Antoine, *Ob. cit*., p. 412. Texto original: "终于康熙丁卯十二月二十六日申时，享年六十六岁。"

(亥, *hài*). A junção dos 10 caracteres do Tronco do Céu com os 12 do Ramo da Terra forma 60 combinações, chamada *Ciclo Sexagesimal* (干支, *gānzhī*), usado para apresentar os anos de cada imperador[690]. Por exemplo, o ano 1684 é *Jia-zi* (甲子), 1685 é *Yi-chou* (乙丑)… 1743 é *Gui-chou* (癸丑) e 1744 (60 anos depois) volta ser *Jia-zi* (甲子), o início do ciclo. Por isso, dezembro do ano *Ding-mao* (丁卯) no calendário chinês corresponde a janeiro de 1688, no calendário gregoriano (Quadro 3).

Quadro 3 – Tronco do Céu, Ramo da Terra e Ciclo Sexagesimal

	1684	1685	1686	1687	1688	1689	1690	1691	1692	1693	1694	1695	…	1743	1744
Tronco do Céu	Jia	Yi	Bing	Ding	Wu	Ji	Geng	Xin	Ren	Gui	Jia	Yi	…	Gui	Jia
Ramo da Terra	Zi	Chou	Yin	Mao	Chen	Si	Wu	Wei	Shen	You	Xu	Hai	…	Hai	Zi
Ciclo Sexagesimal	Jia -zi	Yi- chou	Bing -yin	Ding -mao	Wu- chen	Ji- si	Geng -wu	Xin -wei	Ren- shen	Gui- you	Jia -xu	Yi- hai	…	Gui- Hai	Jia -zi

Por outro lado, se Verbiest nasceu a 9 de outubro de 1623, teria menos de 65 anos quando morreu, mas a *Biografia* fala de 66 anos. Pereira usou a maneira tradicional chinesa para calcular a idade de uma pessoa (虚岁, *xūsuì*), que se conta a antiguidade desde a conceção[691]. Aliás, uma vez que os leitores da *Biografia* seriam chineses, o jesuíta usou expressões tipicamente chinesas, sobretudo quando se referia ao imperador. Por exemplo:

> "O padre vindo de longe era tratado com tanta benevolência por sua Majestade, que lhe honrava na sua vida e se sentia tanta tristeza quando este faleceu. O gracioso Imperador deu-lhe a maior doação de sempre para tratar o seu funeral. Sheng (o último carácter do nome Xu Risheng – Tomás Pereira, de um uso íntimo) e os meus colegas ficamos profundamente gratos e em lágrimas ajoelhamos e fizemos *kowtow* para agradecer à graça do Imperador…"[692];

[690] Fonte: www.travelchinaguide.com/intro/astrology/60year-cycle.htm, consultado em 13 de julho de 2014.
[691] Fonte: http://islandsidechronicles.wordpress.com/2013/06/29/whats-my-age-again-east-asian-age-reckoning/, consultado em 13 de julho de 2014.
[692] PEREIRA, Tomás e THOMAS, Antoine, *Ob. cit*., p. 411. Texto original: "远臣荷兹异数隆恩, 既叨荣于生前，又复蒙哀于身后，自古优恤远臣之典，从未有若斯之钜盛也。升等涕泣感激，叩谢天恩…"

Já nas cartas para Roma, usou um discurso muito diferente para elogiar o companheiro: "(Verbiest) Faça-se a vontade de Deos… et resultão em bem da Christandade… Deos os encaminhe…"[693]

Ou seja, Pereira escreveu cartas à Ordem de acordo com os costumes europeus e com uma linguagem muito rigorosa, de acordo com o lema *Ad Majorem Dei Gloriam*, e a *Biografia de Ferdinand Verbiest* segundo os costumes chineses, o que significa que conhecia muito bem as culturas ocidental e chinesa, adaptando-se às tradições locais e evitando qualquer referência aos valores cristãos, quando se dirigia à corte.

Não seria fácil para Pereira viver entre duas identidades, tendo de prestar muita atenção às suas palavras e atitudes para satisfazer o imperador *Kangxi* e a Companhia de Jesus, sem ofender terceiros.

3.5.4.2 Biografia de Ludovico Buglio

Depois da morte do padre Gabriel de Magalhães (1677), restaram apenas quatro jesuítas na corte de Pequim: Tomás Pereira, Verbiest, Grimaldi e Ludovico Buglio (1606-1682).[694] A obra *Biografia de Ludovico Buglio* foi escrita pelos restantes três religiosos. O padre Buglio (利类思, *lì lèisī*) nasceu na ilha de Sicília (Itália) e morreu em 7 de outubro de 1682 em Pequim. Ele entrou na Companhia de Jesus quando tinha 16 anos tornando-se, mais tarde, professor na sua terra natal.

> "O apelido do Senhor é Li, o nome próprio é Leisi, vindo da Itália do Ocidente, de família nobre. Desde a sua infância, ele não era influenciado pelos assuntos seculares, portanto entrou na Companhia de Jesus, decidiu que fazia todo o possível para a ordem, desligado de fama e fortuna. Era muito lido e sábio, sendo perito em estudos literários, científicos e religiosos."[695]

[693] BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Ob. cit*., pp. 123 e 125.
[694] WANG, Bing, «Tomás Pereira e a Divulgação da Música Ocidental na China», em *Revista da Cultura* 1(2003), Macau, p. 72.
[695] PEREIRA, Tomás, GRIMALDI, Philippus e VERBIEST, Ferdinand, *Biografia de Ludovico Buglio*, Zhonghua Book Company, Pequim, 2006, p. 409. Texto original: "先生姓利讳类斯，字再可，远西意大理亚国人，系出阀阅子弟。自幼龄不事纷华，即入修道会，矢志童贞，绝财绝意，读书穷理，博学精深，在本国考中文学、理学、道学三科进士。"

Em abril de 1635, ele partiu para o Oriente. "Na idade juventude, ele viajou para a China, através de uma longa viagem, passando pela mudança das estações, superava os vagalhões do mar e desbaratava os piratas…"[696] Como outros jesuítas, Macau foi a sua primeira paragem, onde estudou chinês.

> "No início, ele evangelizava em Nanking e Nanchang, e em muitas cidades da Província Zhejiang… Numa época agitada, ele chegou à Província Sichuan, onde confrontou várias vezes com rebeldes muito robustos. Mas a sua aptidão ajudou-o a escapar do perigo de ser morto por estes, foi uma vez atingido na cabeça e na cintura por flechas, sem as conseguir tirar. Graças a Deus, ele encontrou um alicate num campo vazio, e conseguiu tirar a flecha. Foi salvo pelo exército imperial que aniquilou os rebeldes."[697]

Buglio estabeleceu uma igreja em *Sichuan*, onde trabalhou para *Zhang Xianzhong* (o chefe do exército rebelde) com Antoine Thomas. Mais tarde, quando o irmão mais velho do imperador *Shunzhi*, *Hooge* (豪格, *háogé*) aniquilou o exército de *Zhang*, os dois jesuítas renderam-se e foram levados presos para Pequim, em 1648.

Devido às suas capacidades, *Shunzhi* deixou que permanecessem na corte[698]. "Em 1648, o Imperador Shunzhi permitiu que ele construía uma igreja em Pequim…"[699] . Alguns anos depois (1655), o próprio imperador lhes ofereceu um espaço para construírem a sua residência mas Buglio e Antoine Thomas pediram para construir uma igreja ali. Recebida a permissão do imperador, fundou-se a Igreja de São José, a segunda em Pequim. "…ele levava uma vida simples e fazia práticas espirituais na igreja, e não poupava esforços para trabalhar para a corte, portanto foi apreciado pelo Imperador que lhe premiou com doações."[700]

Esta igreja seria posteriormente reconstruída, no período de *Kangxi*[701]; Johann Adam e Verbiest moraram ali[702]. Quando Adam foi preso no caso de calendário, Buglio ajudou-o

---

[696] *Idem, ibidem*. Texto original: "壮岁航海入中华，途计九万，两次经赤道南北、四季相反之苦变，历风涛寇盗之危…"

[697] *Idem, ibidem*, pp. 409 e 410. Texto original: "厥出至于金陵、豫章、两浙诸郡…嗣后跋涉蜀道，适明季流寇播荡四川，几遭杀害者数次，而先生身轻似叶，不径不窦，兵戈扰攘之中被流矢伤脑及腰，奈失拔而镞不出，至荷上帝特佑，幸于旷野获铁钳，赖以出镞，因而复廷特遇我朝大师猝至，力歼渠魁，乃克免难。"

[698] Fonte: www.bdcconline.net/en/stories/b/buglio-lodovico.php, consultado em 13 de julho de 2014.

[699] PEREIRA, Tomás, GRIMALDI, Philippus e VERBIEST, Ferdinand, *Ob. cit*., p. 410. Texto original: "于顺治五年戊子来诣京都…"

[700] *Idem, ibidem.* Texto original: "…静居精修，竭力效劳，时承宠眷，赏渥弘多。"

[701] Fonte: www.drben.net/ChinaReport/Beijing/Landmarks-Hotspots/DongCheng/Dong_Tang-St_Josephs_Church-East_Cathedral/St_Josephs_Church1-East_Cathedral1-Directions-Map.html, consultado em 13 de julho de 2014.

escrevendo um artigo para provar que o calendário gregoriano era mais rigoroso e científico. Como Verbiest, o padre italiano era muito trabalhador: "Até à idade avançada, ele manteve a curiosidade intelectual e fazia uso de cada minuto. Mesmo nas noites de neve do inverno, a sua lâmpada do escritório estava acesa até muito tarde…"[703]

Ludovico Buglio escreveu e traduziu muitas obras sobre o catolicismo, sendo o *Credo Niceno*[704] uma das mais famosas, traduzida do latim para o chinês. Quando o padre ficou gravemente doente, *Kangxi* ofereceu-lhe muito dinheiro e cetim, para expressar simpatia e solicitude e, depois da sua morte, enviou *Zhao Chang* para tratar do funeral[705].

Buglio não ficou famoso, havendo poucos registos sobre ele, e o seu funeral não foi tão grandioso como o de Verbiest. Mas ele foi também um jesuíta dedicado na corte, apreciado pelos dois imperadores que o conheceram (*Kangx*i e *Shunzhi*). Aliás, terá sido *Kangxi* a solicitar aos outros jesuítas a sua biografia.

Verbiest e Buglio escreveram a *Biografia de Gabriel de Magalhães*, que também elogiava muito as contribuições do padre português, Tomás Pereira, na China. Através das duas biografias, pode observar-se que a posição dos jesuítas na corte era privilegiada, *Kangxi* não os tratava como estrangeiros, os padres eram considerados "chineses" e os seus funerais não foram diferentes do de outros funcionários imperiais.

A época de *Kangxi* foi o período mais próspero da dinastia *Qing*, em parte devido à abertura do imperador ao Ocidente, apesar de manter sempre uma atitude ambígua em relação ao catolicismo. Enquanto a *Controvérsia dos Ritos* na China não se tornou muito séria, o imperador quase não interferia no trabalho missionário dos jesuítas. Portanto, pode dizer-se que as evangelizações eram uma espécie de recompensa, um agradecimento pelas suas contribuições para o desenvolvimento da China.

---

[702] Fonte: http://travel.damai.cn/scene/note_75571_5ebdb8fc-33b0-4eb3-89da-96561e0fa5cc.html, consultado em 19 de maio de 2013.
[703] PEREIRA, Tomás, GRIMALDI, Philippus e VERBIEST, Ferdinand, *Ob. cit*., p. 410. Texto original: "且好学深思，寸阴是惜，髦年不倦，即隆冬雪案，犹灯火夜分…"
[704] O Credo Niceno utilizado na liturgia cristã é assim chamado pois foi adotado na cidade de Niceia pelo primeiro concílio ecuménico, reunido no ano de 325. Fontewww.monergismo.com/textos/credos/credoniceno.htm, consultado em 13 de julho de 2014.
[705] Cf. PEREIRA, Tomás, GRIMALDI, Philippus e VERBIEST, Ferdinand, *Ob. cit*., p. 410.

Conclusão

No período da dinastia *Han* e graças à Rota da Seda, muitos produtos chineses chegaram à Europa, como porcelanas, chá e seda, enquanto a cultura e a religião ocidentais foram divulgadas na China, que passou a estabelecer relações mais diretas com o velho continente.

Por aquela altura, a obra *Il Milione*, de Marco Pólo, traduzida para várias línguas, divulgara já muita informação sobre o império do meio. Possivelmente, foi através deste livro que os portugueses obtiveram alguns conhecimentos básicos sobre a China, estimulando-os na procura de um caminho marítimo para o Oriente. Em 1513, os exploradores portugueses chegaram pela primeira vez à China e, desde então, os contactos não mais foram cortados. Ainda hoje, os dois países mantêm uma relação estreita, em parte, graças ao trabalho de *fundação* desenvolvido por um padre jesuíta: Tomás Pereira.

No contexto deste diálogo intercultural, os jesuítas desempenharam, de resto, um papel crucial. A maior parte deles conquistou o respeito dos chineses, com destaque para Pereira, mais conhecido como *Xu Risheng* e por muitos considerado quase um compatriota.

Nascido em Portugal, mas tendo vivido a maior parte da sua vida na China, o padre foi influenciado pelas duas culturas e acabou por apresentar caraterísticas de ambas, estabelecendo assim uma ponte de intercâmbio cultural entre os dois países. As identidades portuguesa e chinesa mesclaram-se em Tomás Pereira; a primeira foi adquirida desde o nascimento, durante a sua formação inicial e vocação religiosa, enquanto a identidade chinesa seria moldada posteriormente.

As dificuldades iniciais da evangelização católica na China derivaram sobretudo de um choque cultural, com os jesuítas a rejeitarem os princípios locais e a tentarem impor as suas ideias. O "Regulamento de Matteo Ricci", que agregou algumas tradições ancestrais na pregação, veio facilitar o proselitismo. Pereira foi fiel a este regulamento, respeitou as tradições chinesas e, com o tempo, foi muito influenciado por esta cultura milenar. Em jeito de conclusão, impõe-se uma súmula, necessariamente breve, sobre as suas caraterísticas e contribuições.

Caraterísticas portuguesas: O padre tinha caraterísticas fisiológicas europeias, era de nacionalidade portuguesa e o português era a sua língua materna. Frequentou o ensino básico e superior em Portugal e desde cedo desenvolveu uma esclarecida fé no catolicismo, a religião oficial. Graças a uma apurada curiosidade académica, conhecia as tecnologias ocidentais e as ciências mais avançadas da Europa, sendo também influenciado pelo espírito de cruzada que o levou até ao Oriente, por via marítima.

Caraterísticas chinesas: Tomás Pereira acabaria por morrer na China, depois de aí viver longos anos e de se tornar fluente em chinês. O padre revelou uma grande abertura cultural em relação ao país de acolhimento, conhecendo alguns instrumentos tradicionais, vestindo-se como um literato confucionista (apesar de manter a barba longa) e, sobretudo, compreendendo muito bem os ritos da China. Tornou-se um alto funcionário da corte e cultivou uma relação de amizade com muitos chineses, incluindo o próprio imperador.

Depois de chegar à China e contactar com a sua cultura ancestral, Pereira foi especialmente influenciado pelo confucionismo, apresentando, gradualmente, cada vez mais elementos orientais. Esta evolução não terá gerado qualquer crise identitária: Tomás Pereira manteve-se sempre lúcido acerca de quem ele era. Por exemplo, na "Controvérsia dos Ritos" ele soube transmitir o objetivo do catolicismo na China ao imperador *Kangxi*, ao mesmo tempo que defendia a racionalidade dos costumes chineses perante Igreja Católica. Isso prova que ele conhecia profundamente as duas culturas e convivia bem com elas.

A identidade é uma questão complexa, pois as identidades pessoal e nacional são dois elementos importantes daquele conceito. Cada pessoa assume múltiplos papéis na vida: as categorias de género, de espaço e de território, de classe social e de religião influenciam as caraterísticas de cada um. Devido à mudança do ambiente social, a identidade de Tomás Pereira sofreu uma metamorfose. À identidade portuguesa, acrescentou a de jesuíta e, por fim, também a de um elemento da corte chinesa - tudo isto concorreu para uma identidade nacional complexa e fascinante. Em Portugal, ele usava era Tomás Pereira, falava português, vestia-se à maneira ocidental e bebia vinho; na China, ele chamava-se Xu Risheng, falava chinês, vestia-se ao jeito confucionista e bebia chá[706].

Contudo, a transformação não foi total, pois os interesses de Portugal permaneceram

[706] Infelizmente, não foi possível encontrar mais informação sobre os hábitos alimentares do jesuíta, durante a sua longa estadia na China.

sempre prioritários. Na sua defesa da pátria, Pereira desagradou aos chineses, aos russos e, eventualmente, à Igreja Católica. A posição como jesuíta era também parte vital da sua identidade, pois onde quer que estivesse, a missão católica era a sua primeira intenção desde que entrou para a Companhia de Jesus, aos 18 anos.

Em suma, a identidade de Pereira terá sido influenciada por três ordens de fatores: Portugal, a China e a Igreja Católica. As suas ações foram determinadas pelos interesses destas três exigentes entidades e todas saíram a ganhar, apesar deste equilíbrio de interesses ser uma tarefa árdua. Resuma-se a relação entre estes três amos:

As relações entre Portugal e a China. Macau foi o mais importante laço entre os dois países, apesar da permanência portuguesa ser controversa até hoje[707]**.** Tomás Pereira e outros missionários não pouparam esforços para ajudar o imperador *Kangxi* em todos os aspetos, por forma a que a base em Macau prosperasse. Por conseguinte, os dois países mantinham uma relação cordial e os portugueses puderam evangelizar, quer na China, quer em Macau, utilizando ainda este porto para fins comerciais. Ocasionalmente, Portugal enviava embaixadas à China para oferecer tributos ao imperador, o que contribuiu também para o (re)conhecimento mútuo entre as duas nações.

Pereira manteve um sentimento de nostalgia para com Portugal, mas nunca regressou ao seu país. Porém, cumprir as tarefas do rei de Portugal e da Companhia de Jesus era uma grande honra. Naquele momento histórico, ele representava todo o Portugal perante os chineses: "Fico nesta Corte com a obrigação do Tribunal, e presidencia da Mathematica, Portuguez."[708]

As relações entre Portugal e a Companhia de Jesus. Sendo Portugal um país católico, Pereira foi influenciado pela religião desde a infância, estudando em escolas católicas e entrando de seguida na Companhia de Jesus, onde descobriu a vocação missionária. Ao mesmo tempo, o reino procurava, por meio das viagens marítimas, explorar

[707] Cf. SHAN, Xiaohua, «Porque Macau não é uma colónia?», em *Revista Mundo Rural*, Changchun, 1999, p. 44. De acordo com Álvaro Semedo, os portugueses conseguiram estabelecer-se em Macau graças ao apoio dado à China para expulsarem os piratas. Contudo, a maior parte dos chineses acredita que os portugueses conseguiram direitos de residência em Macau através da corrupção, não possuindo, pelo menos no início, um domínio legal do território.
[708] BARRETO, Luís Filipe (coord.), *Ob. cit*., p. 159.

novos recursos e reforçar o seu poder. De facto, os interesses do catolicismo e de Portugal estavam estreitamente ligados: quem pudesse evangelizar num lugar, controlaria o comércio local. Isto explica os posteriores conflitos entre a família real portuguesa e elementos estrangeiros da Ordem, uma vez que o sucesso dos jesuítas franceses na Ásia prejudicaria os interesses portugueses na região. Neste contexto, Pereira tentou preservar a posição do Padroado Português, mesmo correndo o risco de desagradar os seus superiores jesuítas.

As relações entre a China e a Companhia de Jesus. A China foi a segunda terra de Pereira e o catolicismo foi a sua única fé, sendo ambas de suma importância para ele. Com o crescente número de jesuítas a chegarem à China, cada vez mais chineses conheciam o catolicismo e o próprio imperador, *Kangxi*, foi tolerante em relação à fé estrangeira, conquanto a presença dos missionários não ameaçasse a sua autoridade e contribuísse para o avanço científico do império. Tomás Pereira estaria consciente disso mas, quando negociou com os russos, também considerou os interesses do catolicismo, nomeadamente a intenção de abrir um caminho terrestre para o Oriente, através da Sibéria. Embora acusado de espionagem, Pereira conseguiu garantir os interesses da China nas negociações, o que terá contribuído para a publicação do édito da *Tolerância ao Catolicismo*, que legalizou a evangelização no país.

De facto, ele trabalhou em Pequim em nome de Deus e da Companhia de Jesus: "Fica meu Rey e Senhor esta missão defilhando, qual os filhos do pellicano com a boca aberta, esperando socorro de uida eterna que espera do Real Sangue e peito de Vossa Magestade"[709], no entanto, não descurou os objetivos chineses nas negociações sino-russas, como reconheceu o imperador *Kangxi*: "Sei o muito que tendes trabalhado em meus serviços; sei que vos tendes esforçado em me dar gosto…"[710]

Em certa ocasião, o jesuíta escreveu: "Nosso Senhor sobretudo; e seja sempre com o coração do Rey…"[711]. Apesar das suas prioridades parecem claras, nem sempre seria fácil equilibrar os interesses de Portugal e da China com os da Companhia de Jesus. Recorde-se, a

[709] *Idem*, *ibidem*, p. 158.
[710] SEBBES, Joseph, *Ob. cit.*, p. 260.
[711] BARRETO, Luís Filipe (coord.), *Tomás Pereira Obras*, Volume I, *Ob. cit.*, p. 101.

este propósito, as dificuldades que criou aos jesuítas franceses na corte. A frase foi transcrita das cartas entregues à Ordem, portanto ele tinha de expressar a sua fidelidade e esconder eventuais considerações pessoais. Se a Santa Sé tomasse conhecimento das suas reais intenções em relação ao Padroado Português, reduziria o poder dele e de outros compatriotas. Assim, Pereira foi sempre moderado nas suas palavras, mas os seus comportamentos falam por si. Dos três *senhores* de Tomás Pereira, como se vê, Portugal esteve sempre em primeiro lugar mas, se o seu patriotismo levou a melhor, pode dizer-se que a China e a Companhia de Jesus também devem bastante ao padre português.

> "… o mesmo Imperador o reconhece como se vê no sobredito paragrafo e outros assinta referidos. Fui tão miudo na relação do todas as circunstancias destas pazes, referindo igualmente o que houve de huma e outra parte digno de algum louvor e com não menor sinceridade tudo o que parecerá com resão digno de nota em huns outros... pretendi servir a agradar pera mayor gloria de Deos e bem das almas, que diante do mesmo Senhor são semelhantes."[712]

A maior contribuição de Tomás Pereira para a Ordem terá sido a legalização das missões na China pois, apesar da utilidade do *Regulamento de Matteo Ricci*, evangelizar ainda era um ato semilegal e, para a maioria dos chineses, o catolicismo era uma heresia. Só o trabalho na corte de alguns jesuítas como Ricci, Verbiest e Johann Adam, permitiram que o trabalho missionário não chegasse a ser proibido, apesar da oposição de muitos chineses influentes.

Profundamente influenciado pelos conceitos éticos comuns ao cristianismo e confucionismo, que apelam à honestidade e integridade pessoais, o padre Pereira nunca negou os seus erros: "Sei que poderia errar em muitas cousas, mas declaro que não foi ex voluntate, sed intellectu."[713] Modesto, o jesuíta não só pediu misericórdia pelas suas falhas como foi pródigo nos elogios aos outros:

> "O que se achar digno de meu Instituto, ou (atendendo às circunstancias) não fora de caminho, mas asserto algum, ou sucesso, com toda a sinceridade lhe peço a atribuão a Deos e a sua divina misericordia que não permitio em mim mayores erros, e à

[712] SEBBES, Joseph, *Ob. cit.*, p. 261.
[713] *Idem, ibidem.*

prudencia de meus Superiores que a tempo me avisarão à cautella…"[714]

Em suma, Tomás Pereira assumiu três vertentes identitárias: ele era o cidadão de Portugal que tinha de guardar a dignidade da pátria, o oficial da China que necessitava de lutar pelos interesses do país, e o missionário que devia divulgar a sua fé. Inevitavelmente, surgiriam conflitos entre as três partes, mas Pereira resolvia sempre do melhor modo as suas contradições. Consequentemente, o jesuíta poderá ter tomado algumas decisões discutíveis: nas negociações do Tratado de Nerchinsk, poderá ter sacrificado alguns interesses da China em prol dos objetivos da Ordem; na defesa do Padroado Português, terá tentado excluir os jesuítas franceses; para manter as tradições chinesas, poderá ter ofendido a Igreja em Roma... Mas, como o próprio confessa, o seu esforço era desinteressado, no sentido que não visava qualquer proveito pessoal: "Pedindo ultimamente a todos que me perdoem, se faltei em alguma cousa ou circunstancia que por esquecimento terei deixado, offerecendo-me a todos igualmente com os desejos de o obrar como escravo."[715]

Nunca é demais relembrar que Tomás Pereira foi mais do que um religioso. Ele foi também músico, autor e cientista, introduziu a teoria musical do Ocidente na China, foi vice-diretor do Gabinete Imperial da Astronomia, responsável pelo novo calendário chinês, escreveu as biografias de Ferdinand Verbiest e de Ludovico Buglio (em coautoria) em chinês, para homenagear aquelas personalidades. Com certeza, também não se pode ignorar o seu contributo para o diálogo interculturas: Pereira é considerado um missionário do intercâmbio entre a China, Portugal e a Europa. Os seus registos no *Diário* permitiram que outros europeus conhecessem o Oriente do século XVII e XVIII.

O padre Pereira foi glória de Portugal, da China e da Companhia de Jesus, sendo fiel ao espírito de Inácio de Loiola, sucessor do padre São Francisco Xavier e de Luís de Camões. Xavier não conseguiu chegar à China continental, mas abriu a porta para a evangelização na China. Pereira entrou por essa porta e realizou o seu sonho. Camões viveu em Macau, mas não conhecia bem esta fantástica terra e as suas gentes. Tomás Pereira compensou esta lacuna, mergulhando na vida dos chineses, a ponto de ser considerado ele próprio chinês. Apesar de não ter sido o primeiro missionário português a chegar à China,

[714] SEBBES, Joseph, *Ob. cit.*, pp. 261-262.
[715] *Idem*, *ibidem*, p. 262.

pode ser considerado um dos principais representantes portugueses no país, ainda que o sucesso de Portugal na Ásia não dependesse só dele.

Chegados ao outro lado do mundo por via marítima, os portugueses foram deixando registos sobre aquele país distante. Aponte-se a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto ou a *Suma Oriental* de Tomé Pires. Por outro lado, os chineses registaram também as caraterísticas dos portugueses que conheceram, nomeadamente na *Breve Monografia de Macau*. Por causa do "choque cultural", existem muitos mal-entendidos nestas obras, por exemplo, os portugueses não conseguiram entender alguns costumes chineses, como usar pauzinhos para comer, e os chineses estranharam o vestir dos portugueses. Seja como for, estas obras abriram o caminho para o conhecimento mútuo, primeiro passo para a aceitação da diferença, sendo muito útil para analisar a identidade dos portugueses na época dos Descobrimentos.

Para os chineses, talvez Tomás Pereira não seja um jesuíta tão conhecido como Matteo Ricci ou Verbiest, nem um português tão famoso quanto Vasco da Gama ou Fernão de Magalhães, mas ele foi por ventura o missionário luso-chinês mais importante nos séculos XVII e XVIII. Através dos seus esforços, a China conheceu e reconheceu Portugal e os portugueses que, por sua vez, conseguiram recolher mais informações sobre a China e estabelecer-se em Macau.

Português ou chinês, Tomás Pereira é uma figura inesquecível na história dos dois países. As suas contribuições para a China, Portugal e a Companhia de Jesus são indeléveis, sendo digno de respeito. Graças ao seu talento e fidelidade, ganhou a confiança do imperador, promoveu o intercâmbio entre a China e Portugal e garantiu a posição dos portugueses em Macau. Quando faleceu, o imperador *Kangxi* afirmou as suas qualidades durante o funeral, realizado segundo os costumes chineses, e publicou uma oração fúnebre que foi gravada no seu túmulo em Pequim.

O túmulo de Tomás Pereira foi destruído durante a *Revolução Cultural*, mas o seu mérito não será esquecido, sobretudo ao nível da academia, onde surgiram várias obras nele inspiradas - *In the Light And Shadow of an Emperor - Tomás Pereira, SJ (1645-1708), the Kangxi Emperor and the Jesuit Missio in China*, organizado por Artur K.Wardega e António Saldanha; *Tomás Pereira (1646-1708) – Um Jesuíta na China de Kangxi*, escrito por Luís

Barreto; *Tomás Pereira – Missionário e Artista na China dos Finais de Seiscentos* por Joel Canhão -, bem como muitos artigos académicos que descrevem o padre em chinês, português ou inglês. Além disso, a maior parte dos seus diários entregues à Igreja Católica em Roma foi preservada no *Archivum Romanum Societatis Iesu*, o que permitiu a compilação e publicação das suas memórias.

Aliás, Tomás Pereira tem sido motivo de atenção de muitos estudiosos chineses. Entre estes destaca-se *Yu Sanle*, investigador do Instituto de Administração Pública de Pequim, que publicou vários artigos sobre o padre português em revistas académicas da China. Um destes artigos, *O jesuíta português Tomás Pereira*, é representativo para conhecermos como o jesuíta português é estimado e respeitado pelos chineses.[716]

Para o homenagear, uma rua recebeu o seu nome em Macau, "*Xu Risheng Yingong Damalu* (徐日升寅公马路, Avenida de Tomás Pereira)". Estabeleceu-se um busto de Pereira na sua terra natal, Famalicão, e em 2008, aquando das comemorações dos 300 anos desde o falecimento do padre, realizou-se o *Colóquio Internacional Tomás Pereira, S.J.* em Lisboa (organizado pelo Centro Científico e Cultural de Macau), e colocaram-se mais dois epitáfios na sua estátua em Famalicão. Ao mesmo tempo, fundou-se a Biblioteca de Tomás Pereira diante do Instituto Matteo Ricci, em Macau.

Desde 1979 que a China mantém relações diplomáticas com Portugal, os dois países aproximaram-se e o problema de Macau foi resolvido pacificamente. A China já não é um país fechado, mas um Estado vigoroso e aberto ao mundo; Portugal já não é um império marítimo, mas um Estado integrado na Europa comunitária, em busca de reavivamento. No passado, os portugueses chegaram à China para construírem um império marítimo, agora, é a vez dos chineses chegarem a Portugal, para estudarem ou trabalharem. O que significa que o intercâmbio entre a China e Portugal permaneceu e a ligação entre eles está cada vez mais estreita. Estas duas civilizações têm-se encontrado desde o século XVI, as duas culturas influenciaram-se mutuamente.

Muitos descendentes chineses em Portugal enfrentam o problema de identidade - quem vive ou cresce num contexto multicultural terá mais probabilidades de passar por uma crise identitária - mas, como os macaenses, eles poderão superar as dificuldades,

[716] Para facilitar a consulta de um exemplo da visão chinesa e académica sobre Tomás Pereira, este artigo foi traduzido para português. Quer a versão portuguesa, quer a versão original em língua chinesa, podem ser consultadas no Anexo II, p. 272, deste trabalho.

contribuindo para o diálogo intercultural.

O choque cultural é sempre inevitável quando falamos de realidades tão distantes e influencia muito a comunicação, por isso, era necessário alguém que conhecesse bem as duas culturas e facilitasse as relações bilaterais. Tomás Pereira desempenhou muito bem este papel - foi um missionário da cultura, com caraterísticas portuguesas e chinesas. Mesmo não sendo uma personagem histórica consensual, os chineses não se esqueceram dos seus méritos nas negociações do *Tratado de Nerchinsk*, na divulgação das ciências e da música ocidentais.

As relações de cooperação entre a China e Portugal começam agora uma nova era, sem esquecerem as contribuições dos antepassados, portugueses e chineses, para este contacto. Talvez Tomás Pereira não tenha sido o mais famoso e importante, mas ele foi talvez o mais representativo, por sintetizar e penetrar a fundo as culturas portuguesa e chinesa. Ele foi "português" e "o outro".

Hoje em dia, sendo a identidade nacional um problema comum a vários países e culturas, o exemplo de Tomás Pereira pode inspirar aqueles que vivem longe da sua pátria a acolherem o "outro", não com condescendência, mas como hospedagem, isto é, exercitando "a capacidade de receber o outro como hóspede, de deixar que ele more em nós, ao mesmo tempo que nos dispomos a encontrar também no outro a nossa morada, fazendo das culturas que assim se cruzam o tecto e o abrigo em que respiramos memórias e sonhamos futuros que se entretecem em processos complexos de identidades compósitas e de solidariedades em diálogo"[717].

[717] ANDRÉ, João Maria, «Identidade(s), Multiculturalismo e Globalização, Comunicação», em *XX Encontro de Filosofia - A Filosofia na Era da Globalização*, 2(2006), Coimbra., p. 31.

Bibliografia

I. Obras de Tomás Pereira

BARRETO, Luís Filipe (coord.), *Tomás Pereira. Obras*, Volume I, Centro Científico e Cultural de Macau, I.P., Lisboa, 2011.

BARRETO, Luís Filipe (coord.), *Tomás Pereira. Obras*, Volume II, Centro Científico e Cultural de Macau, I.P., Lisboa, 2011.

HAN, Qi, e WU, Min, *Xichaochongzhengji - Xichaoding'an*, Zhonghua Book Company, Pequim, 2006. 韩琦，吴旻 – 《熙朝崇正集》，北京，中华书局，2006 年。

SEBBES, Joseph, *O Diário do Padre Tomás Pereira, S.J. – Os Jesuítas e o Tratado Sino-Russo de Nerchinsk (1689)*, Tipografia Welfare, Macau, 1999.

II. Estudos sobre Tomás Pereira

BARRETO, Luís Filipe, (coord.), *Tomás Pereira (1646 – 1708) - Um Jesuíta na China de Kangxi*, Centro Científico e Cultural de Macau, I. P., Lisboa, 2009.

CANHÃO, Joel, *Tomás Pereira Missionário e Artista na China dos Finais de Seiscentos – Nova abordagem à sua personalidade*, Câmara Municipal V. N. Famalicão, Famalicão, 2001.

HE, Guichun, «Assinatura do Tratado Sino-Russo de Nerchinsk e os Jesuítas», em *Journal of Fujian Normal University*, 4(1989), Fuzhou. 何桂春 -《<中俄尼布楚条约>与耶稣会士》，福建师范大学学报，福州，1989 年第四期。

LIU, Mianmian, «Tomás Pereira – Primeiro Professor da Teoria Musical na China», em *Music Weekly*, Pequim, 12 de agosto de 2005. 刘绵绵 - 《徐日升中国第一位乐理教师》，音乐周刊，北京，2005 年 8 月 12 日刊。

NI, Junmin e SAN, Ying, «Os Jesuítas e o Tratado Sino-Russo de Nerchinsk», em *The Northern Forum*, 5(1994), Harbin. 倪君民，三英 -《耶稣会士与<中俄尼布楚条约>》，北方论坛，哈尔滨，1994 年第五期。

WANG, Bing, «Tomás Pereira e a Divulgação da Música Ocidental na China», em *Revista da Cultura*, 1(2003), Macau. 王冰 - 《徐日升和西方音乐知识在中国的传播》，文化周刊，澳门，2003 年第一期。

WANG, Lin, «O Imperador Kangxi Toca Piano», em *Música da China*, 3(1991), Pequim. 王霖 -《康熙皇帝弹钢琴》，中国音乐，北京，1991 年第三期。

WANG, Rou, «Introdução das Músicas Ocidentais na China», em *Music Reserch*, 2(1982), Pequim. 王柔 - 西洋音乐传入中国考，音乐研究，北京，1982 年第二期。

WU, Boya, «Os Jesuítas e o Tratado de Nerchinsk», em *Estudos Religiosos do Mundo*, 3(1998), Pequim. 吴伯娅 - 《耶稣会士与<尼布楚条约>》，世界宗教研究，北京，1998 年第三期。

WU, Yanling, «O Missionário Português na Corte de Qing – Tomás Pereira», em Sociedade e Ciência de Hubei, Wuhan, 5(2008). 吴艳玲 - 《清初宫廷传教士徐日升》， 湖北社会科学，武汉，2008 年第五期。

XIE, Jingfang, e QIU, Wei, «O Imperador Kangxi e os Mestres Estrangeiros», em *Estudos de Manchu* 2(2003), Shenyang. 谢景芳，丘伟 - 《康熙帝与外籍教师团》，满族研究，沈阳，2003 年第二期。

YU, Sanle, «O Jesuíta Português Tomás Pereira», em *Social Science of Beijing*, 4(2009), Pequim. 余三乐 - «记葡萄牙耶稣会士徐日升»，北京社会科学，北京，2009 年第四期。

YU, Sanle, «Tomás Pereira, Jean-François Gerbillon e Assinatura do Tratado de Nerchinsk», em *Journal of Beijing Administrative College*, 5(2000), Pequim.
余三乐 -《徐日升，张诚与中俄<尼布楚条约>的签订》，北京行政学院学报，北京，2000 年第五期。

ZHANG, Lihuan, «Os Amigos Estrangeiros do Imperador Kangxi», em *Journal Of Chengde Vocational College*, 3(2005), Chengde.
张丽环 -《康熙帝的外国朋友》，承德职业学院学报，承德，2005 年第三期。

III. Bibliografia Geral

ANDRÉ, João Maria, «Identidade (s), Multiculturalismo e Globalização, Comunicação», em *XX Encontro de Filosofia - A Filosofia na Era da Globalização*, 2(2006), Coimbra.

AISINGIORO, Yingsheng, «As influências mútuas entre Língua Manchu e chinês», em *Estudos de Manchu*, Shenyang, 1987.
爱新觉罗瀛生 -《满语和汉语的互相影响》，满族研究，沈阳，1987 年 4 月 2 日版。

ARRUPE, Pedro, *Ideário dos Colégios da Companhia de Jesus em Portugal*, Centro Gráfico, Famalicão, 1980.

AVELING, J. C. H., *The Jesuits*, Dorset Press, Nova Iorque, 1981.

BILDE, Per, *Religion and Religious Practice in the Seleucid Kingdom*, Arhus University Press, Arhus, 1990.

BROCKEY, Liam Mattew, *Journey to the East. The Jesuit Mission to China, 1519-1724*, Belknap Press, Cambridge, 2007。

BUESCU, Maria Leonor, *Antologia dos Viajantes Portugueses na China*, Editor San Huan, Haikou e Macau, 1998.

CAHEN, Caston, *Histoire Des Relations De La Russie Avec La Chine Sous Pierre Le Grand*, The Commercial Press, Pequim, 1980.

CANTOS, Priscila kelly e COSTA, Célio Juvenal, *Os Colégios Jesuíticos e suas Propostas Educacionais*, Universidade de Maringá, Maringá, [s. d.].

CHANG, Tien-Tsê, *O Comércio Sino-Português entre 1514 e 1644*, Instituto Português do Oriente, Macau, 1997.

CHEN, Huiling, «Os Instrumentos Ocidentais na China antes da Guerra do Ópio», em *Explorations in Music*, 3(2003), Chengdu.
陈慧灵 - 《鸦片战争前传入中国的西洋乐器》，音乐探索，成都，2003 年第三期。

CHEN, Miaoshen, *Cultura e Educação dos Imigrantes Chineses na Cidade de Cascavel: Dois Mundos, Um Mesmo Objetivo*, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2010.

CHEN, Rongnu, «Transformação entre o Confucionismo e o Cristianismo», em *Chinese Culture Research*, 2(2001), Pequim.
陈戎女 - 《儒耶之间的文化转换》，中国文化研究，北京，2001 年第二期。

CHEN, Wei, «Fundação do Colégio de São Paulo e as Atividades da Companhia de Jesus na China», em *Journal of Shaoguan University (Social Science)*, 4(2004), Shaoguan.
陈玮 - 《圣保禄学院的创办与入华耶稣会的活动》，韶关学院学报（社会科学版），韶关，2004 年第四期。

CORTESÃO, Armando, *Primeira Embaixada Europeia à China*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1990.

COSTA, Francisco Lima Da, *Fronteiras da Identidade - Macaenses em Portugal e em* Macau, Fim de Século Edições, Lisboa, 2005.

CRUBELATI, Ariele Mazoti e COSTA, Célio Juvenal, «Século XVI em Portugal: A Companhia de Jesus Um Olhar à Inácio de Loyola», em *I Seminário Internacional de Representações sociais, Subjetividade e Educação - SIRSSE*, Curitiba, 2011.

CRUZ, Frei Gaspar da, *Tratado das coisas da China*, Edições Cotovia, Lisboa, 1997.

DAEHNHARDT, Rainer, *Identidade Portuguesa*, Aperion Edições, Portimão, 2012.

DU, Yaxiong e QIN, Dexiang, *A Teoria Musical da China*, Shanghai Conservatory of Music Press, Xangai, 2007.
杜亚雄，秦德祥 - 《中国乐理》，上海，上海音乐学院出版社，2007 年。

DUARTE, Luís Ricardo, *Os Descobrimentos Portugueses*, Didáctica Editora, Lisboa, 2012.

FENG, Chengjun, *Os nomes da Zona Ocidental*, Editor da China, Taipei, 1955.
冯承钧 - 《西语地名》，台北，中华书局，1955 年。

FERNANDES, Moisés Silva, *Sinopse de Macau nas relações Luso-Chinesas, 1945-1995*, Fundação Oriente, Lisboa, 2000.

FRANCO, José Eduardo, *O Mito Dos Jesuítas – Em Portugal, no Brasil e no Oriente (Século XVI a XX)*, Volume *I*, Editor Gradiva, Lisboa, 2006.

FRANCO, José Eduardo, *Jesuítas, Ciência e Cultura*, Esfera do Caos, Setúbal, 2012.

FRIEDRICH, Paul, *Language, Context, and the Imagination*, Stanford University Press, Stanford, 1979.

GANDHI, M.K, *Gandhi, An Autobiography*, Editor de Jilin, Changchun, 2009.

GERBILLON, Jean-François, traduzido por CHEN, Xiafei, *Diário de Jean-François Gerbillon*, The Commercial Press, Pequim, 1973.
张诚，《张诚日记》，陈霞飞（译），北京，商务印书馆，1973。

GERNET, Jacques, *A China e o Cristianismo: o primeiro choque entre as culturas chinesa e ocidental*, Shanghai Chinese Classics Publishing House, Xangai, 2003.

GIL, José, *Em Busca da Identidade*, Relógio D´ Água, Lisboa, 2009.

GORDON, Edwin E., *Teoria da Aprendizagem Musical*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2000.

HAW, Stephen G., *História da China*, Lisboa, Tinta da China, 2008.

HE, Yamei, «Preparação para a viagem na China Continental – Os missionários ocidentais em Macau durante século XVI e século XVIII», em *Publicação Semanal de Exame* 28(2011), Changchun.
何亚妹 - 《向内陆之行的准备工作—16至18世纪西方传教士在澳门》，考试周刊，长春，2011年第28期。

HU, Ling, «Estudos sobre a fundação da Companhia de Jesus», em *Journal of Huaiyin Teachers College*, 3 (2005), Huai'an.
胡玲 - 《耶稣会创立目的之考析》，淮阴师范学院学报，淮安，2005 年第三期。

HUANG, Qinghua, *A História do Relacionamento entre a China e Portugal*, Volume I, Editora Huangshan, Hefei, 2006. 黄庆华 - 《中葡关系史》, 合肥，黄山出版社，2006 年。

HUANG, Qinghua, «As Relações entre a China e Portugal na Época Inicial e a Abertura de Macau», em *Publicação das Coleções da História*, 4 (1997), Pequim.

黄庆华 -《早期中葡关系与澳门开埠》，史学集刊，北京，1997 年第四期。

HUMBOLDT, W.V, *On Language*, Cambridge University Press, Cambridge, 1999.
JESUS, C. A. Montalto de, *Historic Macao – International Traits in China Old and New*, Oxford University Press, Hong Kong.

JI, Shu, «Banda Ocidental na Corte de Qing», em *Estudos de Manchu* 1(1996), Shenyang.
吉书 -《清宫廷西洋乐队》， 满族研究， 沈阳，1996 年第一期。

JIN, Guoping, *Administração*, Macau, [s.e.], , Volume XIX, Nº 72, 2006.

JIN, Guoping, «A study about the etymology of "Mandarim"», em *Estudos Culturais da China e do Ocidente* 6(2004), Macau.
金国平 -《Mandarim 词源考究》，中西文化研究，澳门，2004 年第六期。

KE, Yuchun, «Porquê Dorgon cometia muitos pecados?», em *Forúm Popular* 12(2003), Pequim.
柯愈春 -《多尔衮为何从皇父跌入罪渊》，人民论坛，北京，2003 年第十二期。

KEIL, Luís, *Jorge Álvares - O primeiro português que foi à China*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1990.

LEVENSON, Joseph Richmond, *China: An Interpretive History: from the Beginnings to the Fall of Han*, San Francisco, 1971.

LI, Chengding, «Reprimir a Revolta dos Três Feudos e Reforçar o domínio das Regiões Fronteiriças», em *Diário de Yunnan*, Kunming, 28/2/2001.
李成鼎 -《削平三藩之乱 加强边疆治理》，云南日报，2001 年 2 月 28 日版。

LI, Tiangang, *Controvérsia dos ritos na China (Documentos históricos e os seus significados)*, Editor dos clássicos de Xangai, Xangai, 1998.

LI, Wei, *História do Império Tangut*, Editora Popular, Lanzhou, 1994.
李蔚 -《简明西夏史》，兰州，人民出版社，1994 年。

LI, Xiaojie, «A Música Ocidental na Corte de Qing», em *Forbidden City Magazine* 5(1991), Pequim.
李小杰 -《清宫西洋音乐》， 紫禁城，北京，1991 年 5 月。

LIANG, Tingnan, *Quatro Capítulos sobre Países no além do Mar*, Editora da China, Pequim, 1997.
梁廷枏 -《海国四说》, 北京，中华书局，1997 年。

LIU, Housheng, «Porquê a Dinastia *Ming* se Distruiu?», em *Publicação dos Ensinos Históricos* 6(1996), Tianjin.
刘厚生 -《明朝何以灭亡》，历史教学，天津，1996 年第六期。

LIU, Yan e WANG, Hongbin, *A Rota da Seda em Imagens*, Editor Popular de Jilin, Changchun, 2010.
刘岩，王宏斌 – 《图说丝绸之路》，长春，吉林人民出版社，2010 年。

LJUNGSTREDT, Andrew, *An Historical Sketh of the Portuguese Settlements in China and of Roman Catholic Church and Mission in China*, James Munroe, Boston,1863.

LOUREIRO, Rui Manuel, *Fidalgos, Missionários e Mandarins*, Fundação Oriente, Lisboa, 2000.

LOUREIRO, Rui Manuel, *O Manuscrito de Lisboa Da "Suma Oriental" de Tomé Pires*, Instituto Português do Oriente, Lisboa, 1996.

LU, Geng, «Conceito chinês para os primeiros Jesuítas na China», em *Journal of Hebei Polytechnic University*, 5(2010), Tangshan.
陆耿 - 《早期来华传教士中国文化关》，河北理工大学学报，唐山，2010 年第五期。

MA, Manli, «As Relações entre Galdan e a Rússia», em *Inner Mongolia Social Sciences* 8(1980), Hohhot.
马曼丽 - 《谈噶尔丹与俄国的关系》，内蒙古社会科学，呼和浩特，1980 年第八期。

MAGALHÃES, Gabriel de, *Nova Relação da China*, Fundação Macau, Macau, 1997.

MATTOSO, José, *A Identidade Nacional*, Fundação Mário Soares e Gradiva Publicações, Lisboa,1998.

MARSELLA, Anthony J., *Culture and Self: Asian and Western Perspectives*, Tavistock Publications, 1985.

MARTINS, Guilherme de Oliveira, *Portugal - Identidade de Diferença*, Gradiva Publicações, Lisboa, 2007.

MIRANDA, Margarida, «O Humanismo no Colégio de São Paulo (Séc. XVI) e a Tradição Humanística Europeia», em *Humanitas*, 62 (2010), Coimbra.

MORBEY, Jorge, *1999, o Desafio da Transição*, Edição do autor, Lisboa, 1990.

MOURA, Vasco Graça, *A Identidade Cultural Europeia*, Fundação Francisco Manuel dos Santos, Lisboa, 2013.

MUNGELLO, D.E., *Curious Land. Jesuit Accommodation and the Origins of Sinology*, University of Hawai Press, Honolulu.

NIE, Xiaoling, «A Relação Política entre Mongólia e Manchúria no período inicial e a Rainha Xiaozhuang», em *Heilongjiang National Series*, 1(2011), Harbin.
聂晓灵 - 《论满蒙初期政治关系与孝庄文皇后》，黑龙江民族丛刊，哈尔滨，2011 年第一期。

OLIVEIRA, Fernando Correia de, *500 Anos de Contactos Luso-Chineses, Vol. 5*, Instituto Cultural, Macau, 2000.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira, *Portugal : percursos de interculturalidade*, Volume IV, ACIDI, Lisboa, 2008.

PENG, Deqing, *Família de Zheng He*, Editor Popular de Comunicações, Pequim, 1985. 彭德庆 - 《郑和家谱资料》，北京，人民交通出版社，1985 年。

PEREIRA, A. Marquês, *As Alfândegas Chinesas de Macau*, Tipografia de J. da Silva, Macau,1870.

PEREIRA, Francisco Gonçalves, *Portugal, a China e a "Questão de Macau"*, Instituto Português do Oriente, Macau, 1995.

PETERSON, Willard J., *The Cambridge history of China. Vol. 9., Pt. 1, The Ch'ing Empire to 1800*, Cambridge University Press, Cambridge, 2002.

PINTO, Fernão Mendes, *Peregrinação*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1988.

QI, Yinping, «Polémica e Significado Cultural sobre a Mudança do Vestuário dos Jesuítas no Oriente Extremo», em *Publicação Académica de Zhejiang*, 3(2003), Hangzhou.
戚印平 - 《远东耶稣会士关于易服问题的争议及其文化意义》，浙江学刊，杭州，2003年第三期。

QIU, Cheng, «Reforma Protestante e Democracia do Capitalismo», em *Journal of Anqing Teachers College*, 8 (2011), Anqing.
邱程 - 《论宗教改革与资本主义民主精神》，安庆师范学院学报，安庆，2011 年第八期。

RAMALHO, Américo da Costa, "José do Anchieta em Coimbra", em *Humanitas* 49 (1997), Coimbra.

REGO, António da Silva, *A Presença de Portugal em Macau*, [s. e.], Lisboa, 1946.

REID, Struan, *As rotas da seda e das especiarias (Caminhos Marítimos)*, Interouro Lda, Madrid, 1993/94.

ROBERTSON, Roland, *Globalization: Social Theory and Global Culture*, SAGE Publication, Los Angeles, 1992.

RODRIGUES, Francisco, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, Tomo I, Volume I, Apostolado da Imprensa, Porto, 1931.

SALDANHA, António Vasconcelos de, *Estudos de História do Relacionamento Luso-Chinês*, Instituto Português do Oriente, Macau, 1995.

SALDANHA, António Vasconcelos de, *Estudos sobre as relações Luso-Chinesas*, Instituto Cultural de Macau, Lisboa, 1996.

SARAIVA, José Hermano, *História Concisa de Portugal*, Instituto Cultural de Macau e Editora Montanha das Flores, Macau, 1994.

SARAIVA, António José, *Para a História da Cultura Em Portugal*, Vol. I, Livraria Bertrand, Amadora, 1980.

SEMEDO, Álvaro, *Relação da Grande Monarquia da China*, Fundação Macau, Macau, 1994.

SILVA, Jorge Pereira da, *Direitos de Cidadania e Direito à Cidadania*, ACIME, Lisboa, 2004.

SHAN, Xiaohua, «Porquê Macau não é colónia?», em *Revista Mundo Rural*, Changchun, 1999.

SHANG, Hongkui, «Sobre Kangxi prender Oboi», em *Publicação dos Ensinos Históricos* 4(1979), Tianjin.
商鸿逵 -《关于康熙捉鳌拜》，历史教学，天津，1979 年第四期。

SHU, Renhua, «Explicações Culturais da Mudança do Vestuário de Matteo Ricci», em *China Religion* 11(2009), Pequim.
疏仁华 -《利玛窦易服的文化解读》，中国宗教，北京，2009 年第十一期。

SMITH, Antonhy D., *A Identidade Nacional*, Gravida, Lisboa,1997.

SMITH, Arthur H., *Caraterísticas dos Chineses*, Academy Press, Pequim, 1998.

SOBRAL, José Manuel, *Portugal, Portugueses: Uma Identidade Nacional*, Guide Artes Gráficas, Lda., Lisboa, 2012.

STANDAERT, Nicolas, «Matteo Ricci: Shaped by the Chinese », em China Heritate Quarterly 9(2010), Australian National University, Canberra.

STRATHERN, Paul, *As rotas da seda e das especiarias (Os caminhos terrestres)*, Interouro Lda, Madrid, 1993/94.

SU, Jia, «Xuanzang e <Os Registos das Regiões Ocidentias na Dinastia Tang>», em *Publication Archives* 1(2010), Pequim.
苏嘉 -《玄奘和<大唐西域记>》，出版史料，北京，2010 年第一期。

SUN, Jinji, *História de Jurchens*, Editora da Cultura e da História de Jilin, Changchun, 1987. 孙进己 -《女真史》，长春，吉林文史出版社，1987 年。

SUN, Pinjie, «Estudos da Identidade», em *Foward Position* 2(2010), Hohhot.
孙频捷 -《身份认同研究浅析》，前沿，呼和浩特，2010 年第二期。

TAN, Shibao, «Os Problemas sobre a abertura da Porta de Macau», em *Estudos de Macau* 8(1998), Macau.
谭世宝 - 《澳门开埠的若干历史问题》，澳门研究，澳门，1998 年第八期。

TANG, Kaijian e TIAN, Yu, «Divulgação e Desenvolvimento de Catolicismo em Macau na Época entre o fim da Dinastia Ming e o início da Dinastia Qing», em *Journal of Jinan University (Philosophy and Social Science)* 2(2006), Cantão.
汤开建，田渝 - 《明清之际澳门天主教的传人与发展》，暨南学报（哲学社会科学版），广州，2006 年第二期。

TAO, Yabing, «As Relações entre as obras Luluzuanyao e Luluzhengyixubian», em *Journal of the Central Conservatory of Music* 4(1991), Pequim.
陶亚兵 - 《律吕纂要及其与律吕正义续编的关系》， 中央音乐学院学报，北京，1991 年第四期。

TEIXEIRA, Alfredo, *Identidades Religiosas em Portugal*, Edições Paulinas, Lisboa, 2012.

TEIXEIRA, Manuel, *Toponímia de Macau, Vol. I*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1984.

TOJAL, Altino Do, *Histórias de Macau*, INCM, Lisboa,2010.

TRIGAULT, Nicolas, *Matteo Ricci na China*, Editora Guangqi, Taipei, 1986.

WALKER, Williston, *History of the Christian Church*, Chinese Christian Literature Council Ltd., Hong Kong, 2005.

WANG, Chenxi, «Os Documentos Históricos sobre a Divulgação do Violino na Corte Durante os Períodos de Kangxi e de Qianlong», em *Journal of Jinhua College of Profession and Technology* No. 2 de Vol. 8 (2008), Jinhua.
王晨曦 - 《康乾盛世时期小提琴宫廷音乐传播史料考》， 金华职业技术学院学报，金华，2008 年第八期，第八册二号刊。

WANG, Enchong, «Não Pode Ignorar a Estreiteza do Imperador Kangxi», em *Exploration and Free Views* 10(2007), Xangai.
王恩重 - 《不能忽视康熙的历史局限》，学术争鸣，上海，2007 年第十期。

WANG, Yongkuan, *Penas Cruéis da China*, Editor Popular de Henan, Zhengzhou, 2006.
王永宽 - 《扭曲的人性-中国古代酷刑》，郑州，河南人民出版社，2006 年。

WANG, Zhiping, «O sentido das duas vezes da mudança do vestido de Matteo Ricci», em *Journal of Anqing Normal University*, 3(2011), Anqing.
王志平 - 《利玛窦两次易服及其内在的文化意义》，安庆师范学院学报，安庆，2011 年第三期。

WRIGHT, Jonathan, *Os Jesuítas*, Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2006.

WU, Haoyang, e CHEN, Xiaoming, «A influência da Cultura de Qin para a Prosperidade e a decadência da Dinastia Qin», em *Journal o f China Three Gorges University (Humanities & Social Sciences)* 6(2011), Yichang.
邬昊洋，陈晓鸣 - 《秦文化对秦朝兴亡的影响》，三峡大学学报（人文社科版），宜昌，2011 年第六期。

WU, Hongqi, ZHAO, Chao, «Portugal e divulgação, plantação de chá na Europa», em *Agricultural Archaeology* 2(2012), Nanchang.
吴宏歧，赵超 - 《葡萄牙与茶在欧洲的传播、种植》，农业考古，南昌，2012 年第二期。

WULISI, Weirong, «Daur e a Batalha de Albuzin», em *Theoretic Observation* 4(1986), Qiqihar.
乌力斯·韦戎 - 《达斡尔与雅克萨之战》，地方史研究，齐齐哈尔，1986 年第四期。

XIAO, Guoliang, «Comentários sobre as políticas económicas de Kangxi», em *Ciências Sociais*, Pequim, 30/6/1981.
萧国亮 - 《论康熙的经济政策》，社会科学，北京，1981 年 6 月 30 日版。

XIE, Suke e YU, Min, *A influência da Reforma Protestante para o capitalismo no Século XVI*, Editora do Instituto dos Chefes Juvenis de Guangxi, Nanning, 2003.
谢素科，余敏 - 《十六世纪西欧宗教改革对资本主义发展的影响》，南宁，广西青年干部学院，2003.

XING, Yulin, «O Pensamento Filosófico de Kangxi», em *Jornal da Universidade de Liaoning* 4(1984), Shenyang.
邢玉林 - 《康熙的哲学思想》，辽宁大学学报，沈阳，1984 年第四期。

XU, Aihua, e JIN, Xiexie, «O Imperador Kangxi e a Música», em *The World of Music* 6(1998), Xi'an.
徐爱华，金谢谢 - 《康熙皇帝的音乐之声》， 音乐天地，西安，1996 年第六期。

XU, Zongze, *Introdução das Obras e Traduções dos Jesuítas das Dinastia Ming e Qing*, Editora do Século de Xangai, Xangai, 2010.
徐宗泽 - 明清间耶稣会士译著提要，上海，上海世纪出版集团，2010。

YAN, Dawei, «As Razões da Formação das Opiniões do Imperador Kangxi sobre os Estudos Ocidentais», em *Journal of Southwest University for Nationalities* 7(2005), Chengdu.
闫大伟 -《康熙西学观形成原因浅探》，西南民族大学学报，成都，2005 年第七期。

YANG, Qingduo, «Quem se assenhoreou de *Chen Yuanyuan*?», em *Publicação de Trocadilho* 6(2004), Xangai.
杨庆铎 - 《陈圆圆为谁霸占》，咬文嚼字，上海，2004 年第六期。

YAO, Jingming, *As imagens da China em Peregrinação de Pinto, in Literatura Comparada da China Nº 3(2003)*, Xangai.

姚京明 -《平托<远游记>中的中国形象》，中国比较文学，上海，2003 年第三期。

YIN, Guangren, e ZHANG, Rulin, *Breve Monografia de Macau*, traduzido por JIN, Guoping, Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau, Macau, 2009.
印光任，张汝霖 -《澳门纪略》，金国平（译），澳门，澳门特别行政区文化局，2009。
YU, Huaiyan, *A Visão de Matteo Ricci para a China*, The Commercial Press, Pequim, 2008.

YUAN, Jianbang, *A Breve História de Macau*, Chung Lew Publishing C.º Ltd, Hong Kong, 1987.
元建邦 -《澳门史略》，香港，中流出版社，1987 年。

ZHANG, Danhui, «As coisas sobre a Batalha Albazin no início da Dinastia Qing», em *Publicação Cultural* 1(2008), Shenyang.
张丹卉 -《清初雅克萨战役之始末》，历史文化，沈阳，2008 年第一期。

ZHANG, Dechui, «Espírito empreendedor do Imperador Kangxi», em *Journal of Chengde Teachers College for Nationalities* Vol.22, 3(2002), Chengde.
张德锤 -《康熙大帝的进取精神》，承德民族师专学报，承德，第 22 卷，2002 年第三期。

ZHANG, Zehong, «As Etnias de Macau e Culturas Diversificadas: Catolicismo e Religiões Tradicionais de China entre Século XVI e XVIII», em *Fórum da Cultura Chinesa*, 3(2004), Chengdu.
张泽洪 -《澳门族群与多元文化：16-18 世纪澳门天主教与中国传统宗教》，成都，中华文化论坛，2004 年第三期。

ZHANG, Xiangdong, *Identity of Western Missionaries and social Construction of Science in the late Ming and early Qing Dynasty*, University of Shandong, Jinan, 2013.
张向东 -《明末清初传教士身份认同与科学知识的社会构建》，山东大学，济南，2013 年。

ZHANG, Xiping, *Acompanhamento com Matteo Ricci para a China*, Editora CICC, Pequim, 2006.
张西平 -《跟随利玛窦到中国》，五洲传播出版社，北京，2006 年。

ZHANG, Zhao, «Quando a Pauta foi introduzida para a China?», em *People´s Music* 9(1981), Pequim.
张钊 -《五线谱是何时传入我国的》，人民音乐，北京，1981 年第九期。

ZHANG, Zhengming, *História do Império Catai*, Editor da China, Pequim, 1979.
张正明 -《契丹史略》， 北京，中华书局，1979 年。

ZHAO, Liangwu, *A Comparada das Histórias da Matemática da China e do Ocidente*, Commercial Press, Taipei, 1991.
赵良五 -《中西数学史的比较》，台北，台湾商务印书馆，1991 年。

ZHAO, Xiaoshi, «A Revelação sobre o Retorno da Adminstração de Mingzheng a Qing», em *Journal of PLA Nanjing Institute of Politics*, Nanjing, 28/02/2002.
赵小石 - 《明郑政权归清的历史启示》，南京政治学院学报，南京，2002 年 2 月 28 日版。

ZHOU, Shixiu, «Portugueses no Oriente e as primeiras relações entre a China e Portugal», em *Journal of Hubei University (Social Science)*, 11(1999), Wuhan.
周世秀 - 《葡萄牙人东来和早期中葡关系》，湖北大学学报（社会科学版），武汉，1999 年第 11 期。

ZHU, Hongxia, «A Brief Discussion On Emperor Kangxi´s Attitude Toward Western Study», em *Journal of Linyi Teachers´ College*, 5(2001), Linyi.
朱红霞 - 《简论康熙皇帝对西学的态度》，临沂师范学院学报，临沂，2001 年第五期。

ZHU, Jing, *Missionary In Confucian Garb*, Editora CICC, Pequim, 2010.
朱菁 - 《穿儒服的传教士》，北京，五洲传播出版社，2010 年。

ZHU, Xiaoqiu, «A Primeira Escola do Ensino Superior em Macau – Colégio de São Paulo», em *Anais da História de Cantão*, 11(1999), Cantão.
朱晓秋 - 《澳门第一所高等学府-圣保禄学院》，广东史志，广州，1999 年第 11 期。

IV. *Weblinks*

http://www.arqnet.pt/portal/portugal/documentos/manifestis_probatum.html, consultado em 26 de outubro de 2012.

http://www.bbc.co.uk/history/historic_figures/polo_marco.shtml, consultado em 7 de janeiro de 2012.

http://mogadouro.com/artigos/45/190-colegio-das-artes-coimbra, consultado em 28 de outubro de 2012.

http://vip.book.sina.com.cn/book/chapter_62006_43603.html, consultado em 1 de novembro de 2012.

http://news.xinhuanet.com/blog/2007-07/22/content_6412951.htm, consultado em 1 de novembro de 2012.

http://news.xinhuanet.com/blog/2007-07/22/content_6412951.htm, consultado em 1 de novembro de 2012.

http://blog.voc.com.cn/blog.php?do=showone&type=blog&itemid=785000, consultado em 11 de novembro de 2012.

http://cul.cn.yahoo.com/t/ypen/20120930/1341346.html, consultado em 18 de novembro de 2012.

http://www.cfucn.com/e/DoPrint/?classid=150&id=10903, consultado em 6 de março de 2013.

http://www.districtcouncils.gov.hk/tm/english/welcome.htm, consultado em 30 de abril de 2013.

http://tw.myblog.yahoo.com/alotvwz/article?mid=11904&prev=11913&next=11903&l=d&fid=1&sc=1, consultado em 17 de maio de 2013.

http://epaper.gmw.cn/zhdsb/html/2011-07/27/nw.D110000zhdsb_20110727_2-20.htm?div=-1, consultado em 16 de maio de 2013.

http://blog.tibetcul.com/home.php?mod=space&uid=2470&do=blog&id=105827, consultado em 16 de maio de 2013.

http://travel.damai.cn/scene/note_75571_5ebdb8fc-33b0-4eb3-89da-96561e0fa5cc.html, consultado em 19 de maio de 2013.

http://baike.baidu.com/view/94548.htm, consultado em 22 de maio de 2013.

http://www.shjcw.gov.cn/jiancha/node5661/node5663/node13510/userobject1ai1701408.html, consultado em 23 de maio de 2013.

http://ah13382036813.blog.163.com/blog/static/172495358201111710460928/, consultado em 26 de maio de 2013.

http://bjwb.bjd.com.cn/html/2013-03/03/content_52806.htm, consultado em 28 de maio de 2013.

http://news.163.com/13/0305/15/8P7C73H900014JB6_all.html, consultado em 28 maio de 2013.

http://news.hexun.com/2008-02-29/104122703.html, consultado em 28 de maio de 2013.

http://www.qinghistory.cn/qsyj/ztyj/ztyjzz/2011-05-18/32612.shtml, consultado em 30 de maio de 2013.

http://www.manchus.cn/bbs/thread-13539-1-1.html, consultado em 31 de maio de 2013.

http://baike.baidu.com/view/1246252.htm, consultado em 2 de junho de 2013.

http://www.gujibook.com/gujide_7979/, consultado em 2 de junho de 2013.

http://baike.baidu.com/view/93169.htm, consultado em 5 de junho de 2013.

http://baike.baidu.com/view/406954.htm, consultado em 6 de junho de 2013.

http://news.artxun.com/rizuo-759-3794628.shtml, consultado em 6 de junho de 2013.

http://wenxian.fanren8.com/08/07/59/27.htm, consultado em 6 de junho de 2013.

http://baike.baidu.com/view/133101.htm, consultado em 6 de junho de 2013.

http://wenxian.fanren8.com/08/01/413.htm, consultado em 6 junho de 2013.

http://history.huanqiu.com/miwen/2010-11/1238719.html, consultado em 9 de junho de 2013.

http://history.huanqiu.com/miwen/2010-11/1238719_2.html, consultado em 9 de junho de 2013.

http://www.luoqiu.com/html/19/19789/10483756.html, consultado em 9 de junho de 2013.

http://book.sina.com.cn/nzt/youth/lit/qingqtx2/35.shtml, consultado em 9 de junho de 2013.

http://book.sina.com.cn/nzt/youth/lit/qingqtx2/35.shtml, consultado em 9 de junho de 2013.

http://fontehistorica.wordpress.com/tag/cesaropapismo/, consultado em 25 de junho de 2013.

http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,china-aposta-no-renascimento-do-confucionismo,527215,0.htm, consultado em 25 de junho de 2013.

http://www.pop.pt/pt/grafico/a-religiao/crenca-em-deus/pt/?colors=pt-0,consultado em 25 de junho de 2013.

http://web2.fimmu.com/xhrj/article/view.asp?id=92, consultado em 25 de junho de 2013.

http://baike.baidu.com/view/20518.htm, consultado em 27 de junho de 2013.

http://www.girafamania.com.br/americano/materia_usa.html, consultado em 27 de junho de 2013.

http://imigrantes.no.sapo.pt/page2.html, consultado em 27 de junho de 2013.

http://baike.baidu.com/view/56724.htm, consultado em 27 de junho de 2013.

http://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2012/07/25/bandeira-errada-faz-coreia-do-norte-se-recusar-a-entrar-em- campo-nas-olimpiadas.htm, consultado em 27 de junho de 2013.

http://www.suapesquisa.com/o_que_e/apartheid.htm, consultado em 28 de junho de 2013.

http://portuguese.cri.cn/chinaabc/chapter1/chapter10403.htm, consultado em 28 de junho de 2013.

http://gb.cri.cn/321/2004/03/09/143@91261.htm, consultado em 28 de junho de 2013.

http://brevesfragmentos.blogspot.pt/2009/10/poligamia-poliandria-poliginia.html, consultado em 28 de junho de 2013.

http://finance.sina.com.cn/g/20040402/0733698723.shtml, consultado em 28 de junho de 2013.

http://www.infoescola.com/historia/povos-germanicos/, consultado em 30 de junho de 2013.

http://opinion.hexun.com/2012-09-17/145918769.html, consultado em 30 de junho de 2013.

http://educador.brasilescola.com/estrategias-ensino/a-fragmentacao-iugoslavia.htm, consultado em 30 de junho de 2013.

http://ensina.rtp.pt/artigo/ultimato-ingles/, consultado em 1 de julho de 2013.

http://www.online24.pt/hino-nacional-a-portuguesa/, consultado em 1 de junho de 2013.

http://www.minube.pt/sitio-preferido/rio-mekong-a1202, consultado em 2 de julho de 2013.

http://www.catraios.pt/10junho.htm, consultado em 2 de junho de 2013.

http://www.tvciencia.pt/tvccul/pagcul/tvccul03.asp?codcul=60045, consultado em 2 de junho de 2013.

http://www.instituto-camoes.pt/informacao-institucional/missao-do-camoes, consultado em 2 de junho de 2013.

http://www.gastronomias.com/vinhos/inicio.htm, consultado em 4 de julho de 2013.

http://www.da.dl.gov.cn/MainPageServlet?ctrl=xxxxPublic&id=6268, consultado em 4 de julho de 2013.

http://baike.baidu.com/view/6420.htm, consultado em 10 de julho de 2013.

http://baike.baidu.com/view/5737.htm, consultado em 14 de julho de 2013.

http://club.history.sina.com.cn/thread-2204223-1-1.html, consultado em 14 de junho de 2013.

http://www.feiraplana.org/PAN-KU, consultado em 16 de julho de 2013.

http://www.thaliatook.com/AMGG/nukua.php, consultado em 16 de julho de 2013.

http://visaocontacto.blogs.sapo.pt/116167.html, consultado em 20 de julho de 2013.

http://english.hanban.org/, consultado em 22 de julho de 2013.

http://www.southcn.com/weekend/city/200403140009.htm, consultado em 22 de julho de 2013.

http://cul.sohu.com/20120327/n339005568_4.shtml, consultado em 22 de julho de 2013.

http://whitecoffee.diandian.com/post/2011-08-30/4520356, consultado em 24 de junho de 2013.

http://www.web995.com/bowen/145.html, consultado em 24 de junho de 2013.

http://carreiradaindia.wordpress.com/category/tratado-das-cousas-da-china-frei-gaspar-da-cruz/, consultado em 25 de julho de 2013.

http://www.tianyabook.com/zw/haiguosishuo/16.html, consultado em 28 de julho de 2013.

http://www.dushu.com/showbook/100256/1010057.html, consultado em 4 de setembro de 2013.

http://baike.baidu.com/view/136207.htm, consultado em 6 de setembro de 2013.

http://www.guoxue.com/shibu/24shi/qingshigao/qsg_160.htm, consultado em 9 de setembro de 2013.

http://jpkc2.wzu.edu.cn/jds/ShowArticle.aspx?id=102910, consultado em 9 de setembro de 2013.

http://baike.baidu.com/view/413646.htm?subLemmaId=413646&fromenter=%B0%C4%B6%BD, consultado em 10 de setembro de 2013.

http://www.superinteressante.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=968:portugal-na-china&catid=9:artigos&Itemid=83, consultado em 10 de setembro de 2013.

http://www.2muslim.com/forum.php?mod=viewthread&tid=57506, consultado em 16 de novembro de 2013.

http://www.historychina.net/qsyj/ztyj/ztyjjj/2007-04-27/27462.shtml, consultado em 17 de novembro de 2013.

http://www.riccimac.org/ccc/eng/ccc54/historyandculture/article2.htm, consultado em 22 de novembro de 2013.

http://baike.baidu.com/link?url=2h6NbFfXoJKxu1bM9TZWWvbB6gbhyVzNHXYY-mNkHO_A6T6pW0UNuzwCEBRqriIVwG6Gvr817A3X0WxyUv_jvK, consultado em 24 de novembro de 2013.

http://news.163.com/09/1209/17/5Q3V30TE000140IV.html, consultado em 24 de novembro de 2013.

http://ido.3mt.com.cn/Article/201106/show2232436c17p1.html, consultado em 28 de novembro de 2013.

http://www.studa.net/lishi/080806/10154270.html, consultado em 11 de janeiro de 2014.

http://www.musiceol.com/news/html/2010-7/20107214371876918770.html, consultado em 20 de abril de 2014.

http://www.rwwhw.com/Rjwh/Zjsj/2011-08-13/4582.html, consultado em 22 de junho de 2013.

http://site.douban.com/178384/widget/forum/10128950/discussion/48365689/, consultado em 4 de junho de 2014.

http://baike.baidu.com/link?url=xppIvZTikpXWCjAr27Q-aSTiXU5zBj0CxxhQfu6rY0oz1pDDsuTLF1SWsRCZ7AU7, consultado em 4 de junho de 2014.

http://www.ifengweekly.com/display.php?newsId=7683, consultado em 1 de junho de 2014.

http://www.britannica.com/EBchecked/topic/149919/daimyo, consultado em 12 de julho de 2014.

http://www.infoescola.com/religiao/nestorianismo/, consultado em 12 de julho de 2014.

http://www.estacaomusical.com.br/aprendendomusica/10/cravo-ou-piano, consultado em 12 de julho de 2014.

http://portuguese.cri.cn/721/2011/09/07/1s139785.htm, consultado em 12 de julho de 2014.

http://www.philmultic.com/guzheng/, consultado em 12 de julho de 2014.

http://www.britannica.com/EBchecked/topic/320792/komuz, consultado em 12 de julho de 2013.

http://www.musicolog.com/violadagamba.asp#.U8CHm_QW2fM, consultado em 12 de julho de 2014.

http://forums.civfanatics.com/showthread.php?t=152838, consultado em 12 de julho de 2014.

http://reflexaoemmusica.blogspot.pt/2009/05/guido-darezzo.html, consultado em 12 de julho de 2014.

http://www.academiamusical.com.pt/tutoriais/tons-e-semitons/, consultado em 12 de julho de 2014.

https://sites.google.com/site/musicaeteoria/escala-diatonica, consultado em 12 de julho de 2014.

https://sites.google.com/site/musicaeteoria/intervalo, consultado em 12 de julho de 2014.

http://forum.cifraclub.com.br/forum/3/183667/, consultado em 12 de julho de 2014.

http://www.mundodoviolao.com.br/teoria-musical/escala-cromatica/, consultado em 12 de julho de 2014.

http://www.encyclo.co.uk/define/Sh%C3%AD-%C3%A8r-l%C7%9C, consultado em 12 de julho de 2014.

http://www.sacredlotus.com/theory/yinyang.cfm, consultado em 12 de julho de 2014.

http://credit-report-score-deep.blogspot.pt/2008/09/great-anti-buddhist-persecution.html, consultado em 13 de julho de 2014.

http://www.babylon.com/definition/Sorkaktani/, consultado em 13 de julho de 2014.

http://www.igrejaparati.com.br/as_sete_palavras_de_jesus.htm, consultado em 13 de julho de 2014.

http://www.fragrantica.com/notes/Agarwood-Oud--114.html, consultado em 13 de junho de 2014.

https://www.wordnik.com/words/tael, consultado em 13 de junho de 2014.

http://www.uclouvain.be/en-index.html, consultado em 13 de julho de 2014.

http://www.newadvent.org/cathen/15346a.htm, consultado em 13 de julho de 2014.

http://www.encyclo.co.uk/define/Hongyi-po, consultado em 13 de julho de 2014.

http://www.travelchinaguide.com/intro/astrology/60year-cycle.htm, consultado em 13 de julho de 2014.

http://islandsidechronicles.wordpress.com/2013/06/29/whats-my-age-again-east-asian-age-reckoning/, consultado em 13 de julho de 2014.

http://www.bdcconline.net/en/stories/b/buglio-lodovico.php, consultado em 13 de julho de 2014.

http://www.drben.net/ChinaReport/Beijing/Landmarks-Hotspots/DongCheng/Dong_Tang-St_Josephs_Church-East_Cathedral/St_Josephs_Church1-East_Cathedral1-Directions-Map.html, consultado em 13 de julho de 2014.

http://www.monergismo.com/textos/credos/credoniceno.htm, consultado em 13 de julho de 2014.

http://en.webot.org/?search=Intercalation_(timekeeping), consultado em 13 de julho de 2014.

http://www.academia.edu/4762112/Antoine_Thomas_S.J._as_a_Patient_of_the_Kangxi_Emperor_r._1662-1722_A_Case_Study_on_the_Appropriation_of_Theriac_at_the_Imperial_Court, consultado em 13 de julho de 2014.

http://www.chinaknowledge.de/History/Terms/neige.html, consultado em 13 de julho de 2014.

http://www.travelchinaguide.com/attraction/beijing/forbidden/mental.htm, consultado em 14 de julho de 2014.

http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/d42.html, consultado em 14 de julho de 2014.

http://chineseculture.about.com/library/weekly/aa111400a.htm, consultado em 14 de julho de 2014.
http://www.china.org.cn/english/features/Festivals/78320.htm, consultado em 14 de julho de 2014.
http://chist.org/wenku/%E5%B0%9A%E9%A9%B7%E7%9B%91, consultado em 14 de julho de 2014.

http://www.fofweb.com/History/MainPrintPage.asp?iPin=EME326&DataType=WorldHistory&WinType=Free, consultado em 14 de junho de 2014.

http://www.encyclo.co.uk/define/Zunghar%20Khanate, consultado em 14 de junho de 2014.

http://aventure-se.com/2013/07/21/origem-do-leque/, consultado em 14 de junho de 2014.

http://baike.baidu.com/view/56796.htm, consultado em 14 de junho de 2014.

http://baike.baidu.com/view/133101.htm, consultado em 14 de junho de 2014.

http://www.traditionaloven.com/culinary-arts/weight/convert-china-li-unit-weight-to-jewelery-carat-ct.html, consultado em 14 de junho de 2014.

http://www.riccimac.org/eng/ symp2008/abstracts.htm, consultado em 4 de janeiro de 2015.

Anexo I

Dinastias da China

Dinastia	Período	Observações
Xia (*夏, xià*)	Século XXI a.C. – Século XVI a.C.	Dinastia de existência duvidosa.
Shang (*商, shāng*)	Século XVII a.C. – Século XI a.C.	
Zhou Ocidental (*西周, xī zhōu*)	Século XI a.C. – 771 a.C.	
Zhou Oriental (*东周, dōng zhōu*)	770 a.C. – 256 a.C. Período das Primaveras e Outonos(*Chunqiu, 春秋, chūn qiū*): 770 a.C. - 476 a.C. Período dos Reinos Combatentes (*战国, zhàn guó*): 476 a.C. – 221 a.C.	
Qin (*秦, qín*)	221 a.C. – 207 a.C.	
Han Ocidental (*西汉, xī hàn*)	202 a.C. - 9	Abertura da *Rota da Seda*
Xin (*新, xīn*)	9 - 23	
Han Oriental (*东汉, dōng hàn*)	25 - 220	A *Rota da Seda* sofre a primeira decadência.
Três Reinos (*三国, sān guó*)	220 - 280	Três Reinos: Wei (*魏, wèi*), Shu (*蜀, shǔ*) e Wu (*吴, wú*).
Jin Ocidental (*西晋, xī jìn*)	266 - 316	

Jin Oriental (*东晋, dōng jìn*)	317 - 420	
Dezasseis Reinos (*十六国, shí liù guó*)	304-439	Dezasseis Reinos: Cheng Han (*成汉, chéng hàn*), Zhao Anterior (*前赵, qián zhào*), Zhao Posterior (*后赵, hòu zhào*), Liang Anterior (*前凉, qián liáng*), Yan Anterior (*前燕, qián yān*), Qin Anterior (*前秦, xiān qín*), Yan Posterior (*后燕, hòu yān*), Qin Posterior (*后秦, hòu qín*), Qin Ocidental (*西秦, xī qín*), Liang Posterior (*后凉, hòu liáng*), Liang Sul (*南凉, nán liáng*), Liang Ocidental (*西凉, xī liáng*), Liang Norte (*北凉, běi liáng*), Yan Sul (*南燕, nán yān*), Yan Norte (*北燕, běi yān*) e Hu Xia (*胡夏, hú xià*).
Dinastias do Sul e do Norte (*南北朝, nán běi cháo*)	420 – 589 Dinastias do Sul (*南朝, nán cháo*): 420 – 589 Dinastias do Norte (*北朝, běi cháo*): 439 - 589	Dinastias do Sul: Song (*宋, sòng*), Qi (*齐, qí*), Liang (*梁, liáng*) e Chen (*陈, chén*) Dinastias do Norte: Wei Norte (*北魏, běi wèi*), Wei Oriental (*东魏, dōng wèi*), Wei Ocidental (*西魏, xī wèi*), Zhou Norte (*北周, běi zhōu*) e Qi Norte (*北齐, běi qí*).
Sui (*隋, suí*)	581-619	
Tang	618 - 907	Renascimento da *Rota da Seda* e,

(*唐, táng*)		a partir de 763, associada à rebelião An Lushan, nova decadência.
Período das Cinco Dinastias e dos Dez Reinos (*五代十国, wǔ dài shí guó*)	907 - 979	Cinco Dinastias (*五代, wǔ dài*):Liang Posterior (*后梁, hòu liáng*), Tang Posterior (*后唐, hòu táng*), Jin Posterior (*后晋, hòu jìn*), Han Posterior (*后汉, hòu hàn*) e Zhou Posterior (*后周, hòu zhōu*); Dez Reinos (*十国, shí guó*) incluíram Shu Anterior (*前蜀, qián shǔ*), Shu Posterior (*后蜀, hòu shǔ*), Wu (*吴, wú*), Tang Sul (*南唐, nán táng*), Wu Yue (*吴越, wú yuè*), Min (*闽, mǐn*), Chu (*楚, chǔ*), Han Sul (*南汉, nán hàn*), Jing Nan (*荆南, jīng nán*) e Han Norte (*北汉, běi hàn*).
Liao (*辽, liáo*)	907 -1125	
Song Norte (*北宋, běi sòng*)	960 - 1127	
Song Sul (*南宋, nán sòng*)	1127 - 1279	
Império Tangut (*西夏, xī xià*)	1038 - 1227	
Jin (*金, jīn*)	1115 - 1234	
Yuan / Império Mongol	1271 - 1368	O viajante italiano Marco Pólo chegou à China nesta época.

(元/蒙古帝国, yuán / měng gǔ dì guó)		
Ming (*明, míng*)	1368 - 1644	A Rota da Seda sofreu uma grande decadência, e os caminhos marítimos tornaram-se cada vez mais prósperos. Os portugueses chegaram à China nesta época. Desde 1553, Macau foi administrado pelos portugueses.
Qing (*清, qīng*)	1636 - 1911	

Anexo II Exemplo do artigo *O jesuíta português Tomás Pereira*

Texto original:

记葡萄牙耶稣会士徐日升

余三乐

[摘 要] 2008 年是葡萄牙传教士徐日升逝世 300 周年纪念。 徐日升精通天文、 音乐, 遵守“利玛窦规矩” , 参与 “中俄尼布楚条约”的谈判, 深得康熙皇帝的信赖和表彰。他死后葬于“栅栏墓地”, 但墓碑今已遗失。

[关键词] 徐日升;康熙皇帝;西洋乐理;南堂;尼布楚条约;栅栏墓地

利玛窦与外国传教士墓地 (全国重点文物保护单位)内, 现存的属于葡萄牙籍的传教士墓碑共有 14 通, 位居所涉及的九个欧洲国家之首。但是其中一位最重要、 贡献最大的葡萄牙籍传教士徐日升的墓碑却不幸遗失了。

一

徐日升 (Thomas Pereira), 字寅公, 1645 年出生于一个葡萄牙贵族家庭, 18 岁时进入位于科英布拉的著名天主教耶稣会修院。1666 年, 年仅 21 岁的他远赴印度, 先在果阿, 继而到澳门完成学业。

1669 年 , 北京发生了一件影响深远的事件。康熙皇帝除掉了辅政大臣鳌拜而实行亲政, 他为之前被诬陷入狱、 含冤而死的汤若望平反昭雪, 恢复了被鳌拜等人废除了的西洋历法, 任命南怀仁主持钦天监, 并对更多的西洋传教士来华效力表示欢迎。南怀仁也借此机会争取让更多的传教士进入内地。当他得知居住在澳门的徐日升精通天文历法和乐理音律后, 便向康熙皇帝举荐。康熙命两名使臣专程至澳门 , 宣布召徐日升进京的圣旨。

1673 年, 徐日升与接他的使臣一同入京。不久康熙皇帝在紫禁城内亲自接见了他。关于接见时的情况, 南怀仁在他的《欧洲天文学》一书中作了详细的记述。他说:“ 有

一次皇帝命我与闵明我、徐日升二神父一道进入紫禁城内他的内室。他命徐日升演奏风琴和另一种欧洲的键盘琴。这琴是我们送给皇帝的。皇帝十分喜爱欧洲音乐。过了一会儿, 他又命他的乐师演奏一支练习了很长时间的中国歌曲。皇帝自己也用另一种乐器极熟练地一同演奏。这时, 徐日升神父一面随着轻轻地唱起来, 一面用他的笔以我们欧洲的文字和音符, 直接地记录下了这首歌。完成后, 他还将这张小纸拿到我们眼前给我们看。他记录的乐谱在节拍的间隔 、 音符的长短等方面都与那首中国歌曲的旋律完全一致。随后 , 应皇帝的要求, 他将那首中国歌重又弹奏了一遍, 在节拍的间隔、音符的长短、情绪的抑扬顿挫等方面都十分完美, 就好像他练习过很多天一样。其实他以前从来没听过这首歌。”

南怀仁接着写道:“ 康熙皇帝见此十分惊讶,简直不能相信自己的耳朵。甚至从此以后, 皇帝经常用赞赏的词语无保留地称颂欧洲的音乐与科学。徐日升神父在如此短的时间里、如此精确地重奏出这整首陌生的歌曲, 而皇帝本人甚至他的乐师却是练习了很多天都做不到。还有就是徐日升使用的那种易于记诵的记谱方法 。这一切对康熙皇帝来讲, 简直就是奇迹成真。正如我说过的, 他甚至不能相信自己的耳朵和眼睛, 因而一次又一次地命徐日升展示他的这一高超艺术。他以极大的仁爱之心, 让徐日升用笔和纸记录下他演奏的一首又一首中国歌曲, 并让神父以适当的音程和音阶唱出来, 重现歌曲的旋律。”

“经过多次试验之后, 当康熙皇帝看到徐日升神父的演奏在所有的方面都是无可挑剔的 , 他就用满语说, 这种欧洲艺术实在是奇妙得令人不可思议。这个人 (指徐日升) 实在是个杰出的天才, 令人佩服。” 之后不久, 康熙赠给徐日升 24 匹绸缎, 并对他说 :“用这些料子做身新衣服吧, 因为你现在穿的这身衣服已经不合适了。”

徐日升以其音乐、 天文、 数学等多方面渊博的知识, 以及其遵循 “利玛窦规矩” 的友善态度, 赢得了康熙皇帝的赏识 。1688 年南怀仁去世后, 康熙皇帝提名徐日升继任为钦天监监正。但是 , 他婉言拒绝了, 而是举荐闵明我担任该职。皇上尊重他的意愿, 任命他和另一名比利时耶稣会士安多为钦天监监副。而闵明我受命赴俄罗斯和罗马办理交涉, 长期不在北京。所以钦天监的工作实际上主要由徐日升和安多负责。

1694 年, 康熙帝还给了徐日升特别的赏赐。史记 : “上传徐日升至黼座前, 赐牙金扇一柄,内绘自鸣钟、 楼台花树。御题七言诗云 :昼夜循环胜刻漏, 绸缪宛转报时全。阴阳不改衷肠性,万里遥来二百年。”

从康熙皇帝与徐日升的一次交往中可以看出他尊重传教士信仰的态度 。耶稣会士杜德美在一封书信中写道:“ 他 (康熙皇帝)在使用传教士的四十余年中从未想过让他们做有违宗教的事,因为他认为这一宗教合乎道德 。当需要他们服务时, 他事先就了解他们是否会对他吩咐的事感到为难, 他甚至对事情认真到一丝不苟的地步。”杜德美例举了一件与徐日升有关的事。“陛下说:`朕宫中有个女子竖琴弹得极好, 朕曾想让精通乐器的徐日升神父评判她的技艺, 但注意到神父们的敏感, 朕担心会被神父拒绝。一度朕想只要在两人间隔一道帏幔, 神父可能不再会为难 , 但朕仍怕这种办法会使他不快。于是几个廷臣建议朕让这名女子穿上男装, 而且答应绝对保密。为满足好奇心, 朕真想这样做啊! 但经考虑, 朕认为不该欺骗一个信任朕的人, 于是就放弃了这一娱乐, 因为朕不想给传教士履行职守造成任何麻烦' ”。

由此可见, 康熙皇帝与徐日升之间建立起了某种超越“君臣” 关系的真挚友谊 。

二

1703 年, 康熙皇帝因来华法国传教士进献的奎宁治好了他的疟疾病 , 赐地赐银为他们修建了北堂 。而徐日升在皇上病重时彻夜守候在宫内, 因此 , 康熙皇帝对葡萄牙传教士也表达了感谢之意, “以宣武门内天主堂规模狭隘, 另给银
一万两, 饬令重修” 。而南堂的重修就是由徐日升主持的。特别值得一提的, 是他在此次南堂的改建中对与音乐有关的设施———钟楼和管风琴———的建造所作的贡献。

关于徐日升为南堂安装钟楼的工作, 南怀仁在 《欧洲天文学》 的第 26 章中作了详细的记载。他写道, 徐日升神父 “建造了一个大钟 , 安装在北京城内我们教堂的塔楼上。巨大的铜钟能奏出优美的旋律, 箭形的指针位于塔楼顶端的正面,在标有巨大数字的圆盘上显示着每一天的钟点时间。由于钟声传播得遥远和广阔, 使得我们的教堂也在帝国都城里名声远播。众人拥挤着前来观看我们的教堂。无论如何, 最令他们惊奇的是每到一个整点前钟楼所奏出的序曲音乐。的确 , 因为徐日升神父特别精通音乐, 他设计了很多能奏出和谐音乐的钟铃, 用车床精密地制造出来 , 然后悬挂在钟楼正面最高的塔楼上 , 塔楼是敞开的。在每一个钟铃里 , 他按照欧洲方式 (中国式的铸钟都是从外面敲击发声的 ———笔者注) 用铁丝系上一个精心设计的钟锤, 使它们能奏出美妙和谐的音乐。在钟楼的空隙间 , 他放置了一面圆柱形的鼓轮。在这鼓轮上 , 他用插上一些表示音阶的 、 相互之间的间隔成比例的小钉的方法 , 预置了中国音乐的声调

(即类似八音盒原理的发声装置 ———笔者注)。当时间快到该敲大钟的时候,这鼓轮就自动地起动, 借助它的重力旋转起来。它被系钟锤的铁丝带动起来, 由那些小钉敲击着演奏出完美的中国音调。当这鼓声一结束, 那大钟就立即以深沉厚重的音响敲起来”。

南怀仁称:“ 我实在是无法用言词来形容这一新奇精巧的设计是如何使前来观看的人们感到的狂喜。甚至在超出我们教堂前广场之外的广大记葡萄牙耶稣会士徐日升的街区里, 都不能阻止这拥挤、失序的人潮, 更不要说我们的教堂和教堂前的广场了。特别是在固定的公共节日里, 每个小时都有不同的观光者潮水般地、络绎不绝地前来观看。”

关于教堂内的大型管风琴，南怀仁说 :“我们现有的欧洲管风琴太小，也很不完善。徐日升神父正在制作另一个。它正处于最后装饰阶段。我希望这个管风琴不久就安装在我们的教堂内。我相信在整个东方都找不到这样类似的管风琴。它能同样地演奏欧洲的和中国的音乐。” “我希望徐日升神父此时正在安装的管风琴，将在不久之后完成。正如我上面所述的, 将会有更多的人们涌入我们这个新 `歌剧院' , 通过这个方法, 每一个灵魂将在西洋的管风琴和鼓、 镲等其它各种乐器面前，歌颂和赞美我主。”) 南怀仁的《欧洲天文学》 完成于 1678 年前后, 由此确定,这时徐日升的管风琴正在修建当中, 尚未竣工。

徐日升在写 1681 年 8 月 30 日的一封信中, 谦虚地以第三人称谈到了他制造和安装管风琴的工作 。他在信中说 :“这位神父制造了另一台管风琴，内有四种音… …其最大管长二米二十多公分。今年放置在教堂，受到空前的欢迎，无数人前往观看。我们不得不 (要求)加派兵士在教堂及天井维持秩序 。人们听到了在皇宫里从未听过东西 。制琴者不得不整整一个月每天弹奏许多小时。通常情况下, 每十五分钟弹一个曲子……。这件事轰动了朝廷。我们的琴声在当地人的耳际中回荡。其中许多人因此接纳了基督教,并从中推论出基督教与他们自己的宗教相同, 加以信奉。这是我们最大的愿望所在。”

在 1683 年 8 月 1 日的另一封信中, 他又提及了那种曾令 “龙颜大悦” 的管风琴: “他们(指他自己和其它传教士)擅长制造管风琴。在制出几台之后, 皇帝要求他们再制造和发明更新的出来 。其中一台风琴高十二 `布拉沙' (葡国旧时的量度单位, 一布拉沙等于二点二米), 通过音韵和谐的铃，自动弹奏中国舞曲。是上主赐予我们成功，令我们得到荣耀。 (这座风琴有一机械装置，包括一组音律和谐的铃, 随风琴声自动有节奏

地奏出中国舞曲)新风琴受到热烈赞扬, 并进行了公开演出。皇帝亲自驾临聆听 , 与百姓共度歌舞升平的时光达十天之久。我们那高十二布拉沙的风琴在皇帝面前随同铃声一起弹奏, 令皇上形象更显得高贵庄严……”这是一台高达 20 多米的巨型管风琴。在当时中国样式的建筑是容纳不下这么高的乐器的 , 只能安装在欧洲样式的高大的教堂中。

乾隆年间, 曾以撰写 《廿二史札记》 而著名的史学家 、 文学家赵翼曾参观南堂, 撰写了题为《西洋千里镜及乐器》 的短文, 对其中的望远镜等西洋仪器作了详细的记述, 并以相当的篇幅描绘了教堂里的管风琴。

赵翼是这样描绘管风琴的 :“有楼为作乐之所。一虬者坐而鼓琴, 则笙、 箫、 盘、笛、钟、鼓、铙、镯之声, 无一不备。其法设木架于楼,架之上悬铅管数十, 下垂不及楼板寸许 ;楼板两层, 板有缝与各管孔相对 , 一人在东南隅鼓鞴以作气 , 气在夹板中尽趋于铅管下之缝, 有缝直达于管 ;管各有一铜丝击于琴弦 ;虬须者拨弦则各丝自抽顿, 其管中之关捩而发响矣。铅管大小不同, 中各有窍, 以象诸乐之声。故一人鼓琴而众管齐鸣, 百乐无不备, 真奇巧也。又有乐钟,并不烦人挑拨 , 而按时自鸣, 亦备诸乐之声, 尤为巧绝。”

除赵翼之外, 还有不少文人官员也被管风琴的魅力所倾服 , 留下了溢美于言的记载, 甚至很多造访北京的朝鲜人也对南堂中的管风琴做过一些精彩的描述。可惜的是, 这架管风琴毁于 1775 年 (乾隆四十年)南堂发生的一场大火, 其使用的时间还不到 100 年。

三

徐日升以译员的身份参加了 1688 年的中俄尼布楚划界谈判。

明末清初时期, 俄罗斯迅速向东扩张, 其远征军染指到黑龙江流域。清顺治年间中俄军队曾一度交火, 但中方失利。当时中原尚未统一, 清廷无力专顾边事, 只好将边民后撤。康熙亲政后, 先是集中力量平定“三藩” 的叛乱 , 继而收复台湾 。直到 1688 年, 康熙皇帝才将北部边疆事务提到日程上来。而当时除了俄罗斯之外, 清廷还要同时面对西北边陲嘎尔丹部的反叛。为了避免两线同时作战, 康熙决定在对俄军给予决定性的打击之后 , 通过谈判取得和解, 而集中力量剿灭嘎尔丹势力。

于是中俄两国商定在尼布楚举行边界谈判,康熙派出了以索额图 、 佟国纲为首的

使团。值得注意的是, 使团中竟然还包括两名外国传教士。康熙皇帝说, “朕看所用西洋人, 真实而诚恳可信。罗刹 (指俄罗斯东部)着徐日升去, 会喇第
诺文字 (即拉丁文)”。于是命徐日升和法国耶稣会士张诚一起, 随以索额图为首的中国使团远赴尼布楚与俄罗斯谈判。康熙叮嘱索额图等, 要他们与二教士同桌就餐 , 重要的事情要与之商量。临行前, 康熙亲自接见了徐日升和张诚, 各赐蟒袍一件、大缎四疋。随后, 又命侍卫赵昌到教堂, 送徐、张二人貂皮外衣各二件。由于 “官员们脖子上均挂着一种念珠” , “皇帝允许耶稣会士在脖子上挂上他们自己的 `念珠' ———十字架, 以便别人通过他们身上挂的十字架与圣牌, 能够很容易地认出他们的身份”。

在中俄双方的谈判过程中 , 熟悉国际法和外交惯例的徐日升和张诚担任了翻译工作, 积极配合索额图为首的中方代表团 。中俄双方于 1689 年签订了 《中俄尼布楚条约》。这一条约在双方都作出一定让步的前提下划定了边界, 保障了两个大国之间将近 150 年的和平。在中俄冲突平息之后, 康熙亲率大军远征西北, 嘎尔丹在大败之后命丧黄泉。

康熙皇帝在使团返回后, 接见了全体成员,还特别单独接见了徐日升和张诚。徐日升在他的《日记》中记载道:“他 (指皇上)表示非常高兴来接见我们 , 并令人高声宣读下面的话:`朕躬甚好, 卿等好否? 朕知尔等如何出力为朕效劳,力图使朕满意。朕知由于尔等之才干与努力而使和约得以缔结。尔等为此竭尽全力。' ”
以后, 康熙放松了对传播天主教的限制。

1691 年浙江巡抚张鹏翮下令禁止传习天主教, 宣布天主教为邪教, 拟毁教堂 、 破书版 , 将杭州天主堂的神父殷铎泽驱逐出境 。经过周密的商量 , 在京传教士们由徐日升 、 安多出面, 向皇上呈递了一份措辞哀婉的奏折 。康熙皇帝找来索额图征求意见。曾与徐日升在对俄交涉中并肩战斗过的索额图 , “一再诉说他们 (指传教士们)对国家所做出的巨大贡献 , 而且目前每天还在为陛下效劳。所以大清只能以允许他们在帝国范围内公开布教相报”。1692 年 3 月 9 日 (康熙三十一年二月初三日), 礼部尚书顾八代等多名大臣共同会商, 之后联名奏曰 :“查得西洋人仰慕圣化, 由万里航海而来 , 现今治理历法;用兵之际 , 力造军器火炮 ;派往阿罗素 (即俄罗斯),诚心效力, 克成其事, 劳绩甚多。各省居住的西洋人并无违法乱行之处, 又并非左道惑众生事。喇嘛、僧、道等寺庙, 尚容人烧香行走, 西洋人并无违法之事, 反行禁止, 似属不宜。相应将各处天主教堂照旧存留, 凡进香供奉之人, 许照常行走, 不必禁止。俟命下达之日, 通行直隶及各省可也。”

康熙皇帝批“依议” 二字,表示同意。

这一奏疏和康熙皇帝的批答已成为中国天主教史上划时代的历史文——— “容教令”。康熙皇帝在 《中俄尼布楚条约》 签订之后做出这一决定, 不能不说这也是对徐日升等人在谈判中所作贡献的回报。

四

徐日升于 1708 年 (康熙四十七年)在京病逝, 享年 63 岁 。

康熙皇帝为徐日升的去世特颁圣旨曰 :“朕念徐日升斋诚, 远来效力岁久, 渊通律历, 制造咸宜, 扈从惟勤, 任使尽职, 秉性贞朴无间, 始终夙夜殚心, 忠悃日著, 朕嘉许久矣。忽闻抱病, 犹望医治痊可。遽尔阖逝, 朕怀深为轸恻。特赐银二百两, 大缎十端, 以示优恤远臣之意。特谕 。”

徐日升的遗体安葬在滕公栅栏墓地 。墓碑的正面 , 镌刻了上述康熙皇帝为追悼他而颁发的圣旨, 墓碑的背面 , 则镌刻着上述 1692 年清廷颁布的 “容教令”。在一张绘于 19 世纪末的栅栏墓地平面图上, 徐日升墓碑与南怀仁墓碑并列, 位于利玛窦墓碑的南面。

1900 年, 栅栏墓地在义和团运动中遭到平毁。《辛丑条约》 签订后, 清政府出银修复了墓地。大多数传教士的墓碑被龛砌在新建的马尾沟教堂的外墙上 , 当时一致公认最为杰出的几人的墓碑被重新树立起来 , 其中有利玛窦、 汤若望、南怀仁、徐日升。

记葡萄牙耶稣会士徐日升 20 世纪 50 年代, 北京市委党校建校时, 大多数墓葬被迁移到西北旺。在国务院领导的直接指示下, 利玛窦、汤若望、南怀仁三人的墓碑在原地保留, 徐日升等人的墓碑移至原马尾沟教堂的后院。后来经过文化大革命等政治风波, 利玛窦等人的墓园再次被毁。可惜的是, 徐日升的墓碑却下落不明了。

Tradução:

O jesuíta português Tomás Pereira

Yu Sanle

Resumo: No ano de 2008 assinalou-se o trecentésimo aniversário do falecimento do padre Tomás Pereira (de nacionalidade portuguesa), um excelso especialista nas áreas de astronomia e música. Para além de respeitar o *Regulamento de Matteo Ricci*, o padre participou nas negociações do *Tratado Sino-Russo de Nerchinsk*, recebendo posteriormente grandes elogios e a confiança do Imperador *Kangxi*. Após a sua morte, foi enterrado no Cemitério Grade, mas a lápide da sua sepultura desapareceu.

Palavras-chaves: Tomás Pereira, Imperador Kangxi, Musicologia ocidental, Igreja Nantang, Tratado de Nerchinsk, Cemitério Zhalan

No cemitério cristão (uma das Entidades de Conservação Históricas e Culturais Nacionais da China), onde repousa *Matteo Ricci* e outros missionários estrangeiros, existem atualmente 14 lápides de jesuítas portugueses. Portugal possui mais missionários do que qualquer dos outros nove países europeus ali representados. Todavia, a lápide de Tomás Pereira desapareceu, apesar do padre português, conhecido como *Xu Risheng*, ter sido o mais importante entre os missionários na China, devido às suas consecuções.

I

Xu Risheng (Tomás Pereira), designado também de *Yingong*, nasceu em 1645 no seio de uma família nobre portuguesa. Quando tinha 18 anos, entrou no célebre Colégio de Jesus de Coimbra. Em 1666, com apenas 21 anos de idade, foi para a Índia. Inicialmente, permaneceu em Goa partindo depois para Macau, a fim de concluir a sua formação.

Em 1669, ocorreu um grande acontecimento em Pequim: o Imperador *Kangxi* extirpou o ministro regente *Oboi*, começando, desde então, a governar o império pessoalmente. Após aquele episódio, o imperador corrigiu a injusta sentença do padre

Johann Adam, que fora preso e condenado à morte, e retomou o calendário ocidental que fora abolido por *Oboi* e seus seguidores. Adicionalmente, nomeou o padre *Ferdinand Verbiest* como responsável do Gabinete Imperial da Astronomia, e deu as boas-vindas aos estrangeiros que se dedicariam ao Império. Enquanto isso, *Verbiest* aproveitava para introduzir mais missionários ocidentais na China. Ao saber que Tomás Pereira era perito em calendarização e teoria musical, recomendou-o ao Imperador. Eventualmente, *Kangxi* mandou dois ministros a Macau para anunciar o seu decreto imperial: convocar Tomás Pereira para Pequim.

Em 1673, Tomás Pereira chegou à corte, com os dois ministros. Assim que chegaram a Pequim, o Imperador *Kangxi* recebeu Pereira na Cidade Proibida, receção que Verbiest registou detalhadamente na sua obra *Astronomia na Europa*, da seguinte forma: "Houve uma ocasião, segui o pedido do Imperador, eu, Tomás Pereira e *Grimaldi* fomos aos seus aposentos privados na Cidade Proibida. Ele mandou Tomás Pereira tocar órgão e um piano europeu de teclas, instrumento que havia sido oferecido por nós. O Imperador adora a música europeia. Mais tarde, ele mandou os seus músicos executarem uma canção chinesa, que tinham ensaiado longamente. O próprio Imperador executou proficientemente a mesma canção com eles, em outro instrumento. A esta hora, o padre Tomás Pereira começou a cantar a canção e registou-a de acordo com a notação musical europeia. Quando terminou a anotação, ele mostrou-nos aquele papel. O intervalo rítmico, a duração de cada nota e outros aspetos que ele registou na pauta foram completamente sincronizados com a canção chinesa. Logo, a pedido do Imperador, ele executou a canção novamente e a sua execução foi perfeita, sobretudo no que respeita a intervalo rítmico, duração das notas e cadência emocional, como se ele já tivesse praticado muitos dias quando, de facto, nunca ouvira esta canção antes."

Verbiest escreveu também: "O imperador *Kangxi* ficou muito espantado com a situação, não podia acreditar no que tinha ouvido. Desde então, o Imperador louvava repetida e prodigiosamente a música e a ciência da Europa. O padre Tomás Pereira conseguiu executar com exatidão uma canção completamente desconhecida em pouco tempo. Enquanto isso, mesmo que praticassem durante muitos dias, o Imperador e os seus músicos não a conseguiam executar tão bem como o padre. Para além disso, Tomás Pereira usou uma maneira simples para anotar a melodia da canção, o que para o Imperador *Kangxi* pareceu

um milagre. Como já se referiu, ele não podia crer no que via e ouvia, por conseguinte, solicitava frequentemente a presença de Pereira, para mostrar o seu maravilhoso talento. O Imperador, com a sua curiosidade grandiosa, ordenou que Tomás Pereira registasse em papel muitas canções chinesas executadas pelo Imperador, mandando de seguida que as cantasse em intervalo e escala musical adequados, para reproduzir a melodia das canções.

"Por meio destas experiências consecutivas, o Imperador *Kangxi* notou que o talento de Tomás Pereira era impecável em todos os aspetos da interpretação musical. Ele afirmou, em língua Manchu, que esta arte europeia era inimaginavelmente maravilhosa, e aquele senhor (Tomás Pereira) era um génio extraordinário, sentindo admiração por ele." Logo, *Kangxi* outorgou 24 *pi*[718] de cetins a Pereira, e disse-lhe: "Faça uma nova roupa com estes materiais, porque a roupa que está a vestir já não lhe fica bem."

Tomás Pereira ganhou a estima do *Imperador Kangxi*, graças aos seus abundantes conhecimentos em música, astronomia, matemática e outras ciências, e também à sua atitude respeitosa face ao *Regulamento de Matteo Ricci*. Em 1688, falecendo o padre *Verbiest*, o Imperador *Kangxi* apresentou a candidatura de Pereira para Diretor do Gabinete Imperial da Astronomia. Porém, Pereira recusou com cortesia e recomendou o padre *Grimaldi* para o posto. O Imperador aceitou a sua recomendação, nomeando Tomás Pereira e um outro jesuíta belga como Vice-diretores do Gabinete. Todavia, uma vez que *Grimaldi* partiu para a Rússia e Roma em missão diplomática, e esta representação do império o obrigava a longas ausências, na verdade, as tarefas e os assuntos do Gabinete permaneceram sob a responsabilidade de Tomás Pereira e *Anthony Thomas*.

Em 1694, o Imperador *Kangxi* ofereceu um presente especial a Pereira. De acordo com o registo: "O Imperador convocou *Xu Risheng* (Pereira) para a frente do trono imperial, e doou-lhe um leque dourado, enfeitado com a pintura de um relógio de ponto, edifícios, altares, flores e árvores. Além disso, o leque tinha inscrito um soneto, escrito pessoalmente pelo Imperador: O relógio pode andar dia e noite, sendo melhor do que a ampulheta de água[719] e conseguindo uma precisão perfeita. Seja dia nublado, seja dia de sol, nunca muda a

[718] O Pi é uma unidade de medida da China, que corresponde a cerca de 13.2 metros.
[719] A ampulheta de água servia para calcular o tempo na antiguidade da China. Metendo-se num recipiente, a água fluía pelo tubo do fundo, descendo para o nível seguinte. O recipiente tinha várias graduações, cuja função era indicar o tempo.

sua fidelidade[720], e chegou à China de um lugar distante há mais de 200 anos[721]."

Analisando a relação entre Pereira e *Kangxi*, pode observar-se que o Imperador respeitava a crença religiosa dos missionários, como se pode constatar numa carta do jesuíta *Pierre Jartoux*: "Durante mais de 40 anos, ele (o *Imperador Kangxi*) nunca mandou os missionários fazerem algo contra a religião deles, dado que ele pensou que esta religião era correspondente à moralidade e ética. Quando necessitava dos serviços dos missionários, ele verificava se estes sofreriam algum embaraço ou dilema quando lhes pedisse esses serviços, ele tratava deste tipo de assuntos com imensa cautela." Pierre enumerou um exemplo relativo a Pereira: "Sua Majestade disse: 'Há uma serva na minha corte, que sabe tocar muito bem harpa e eu queria que Pereira, considerado perito em instrumentos, avaliasse a habilidade dela. Mas, uma vez que já me apercebi da sensibilidade do padre, preocupo-me que ele recuse. Pensei que se colocasse uma cortina entre eles, possivelmente, o padre já não ficaria tão embaraçado. Contudo, ainda tinha medo que, dessa forma, provocasse a sua insatisfação. Consequentemente, alguns ministros sugeriram que a serva usasse vestuário masculino, não divulgando este segredo. Para satisfazer a minha curiosidade, eu queria mesmo fazer assim! Contudo, depois de ponderar, achei que não devia enganar uma pessoa que confiava em mim, como resultado, deixei deste divertimento, porque não quis dar problemas ao cumprimento dos deveres dos missionários.'"

Este episódio revela que o Imperador *Kangxi* e Tomás Pereira tinham uma amizade sincera, que já ultrapassara uma mera relação entre monarca-súbdito.

II

Em 1703, o quinino que os jesuítas franceses administraram ao Imperador *Kangxi* curou-o da malária. Para além disso, quando o Imperador esteve gravemente doente, Tomás Pereira velava na corte todas as noites, pelo que *Kangxi* agradeceu também aos jesuítas portugueses. Em resultado, o Imperador doou terrenos e dinheiro para construir a Igreja do Salvador. "O espaço da Catedral da Imaculada Conceição é muito limitado, dou 10 mil *taéis*[722] para reconstruí-la." Tomás Pereira ficou responsável pela reconstrução da Catedral.

[720] Significando que o relógio nunca para de funcionar.
[721] A frase indica que o relógio ocidental fora introduzido na China há mais de 200 anos.
[722] Tael era uma unidade de medida da China, usada na dinastia Qing, que representava cerca de 37.301 gramas.

Aliás, a contribuição dele, ao nível dos campanários e órgãos, foi notável.

Verbiest registou pormenorizadamente, no capítulo 26 da obra *Astronomia da Europa*, o trabalho de Tomás Pereira na construção do campanário. "O padre Tomás Pereira construiu um grande sino no topo da nossa igreja na cidade interior de Pequim. Este grande sino pode executar bonitas melodias, o ponteiro de seta fica na fachada do topo do campanário e o disco, onde se marcam os grandes números, mostra o tempo todos os dias. Já que o som do sino pode propagar-se à distância, faz com que a nossa igreja fique muito famosa na capital do Império. A multidão apinhada vai ver a nossa igreja. Seja como for, a maior surpresa são as músicas que se escutam no campanário, de hora a hora. Na verdade, visto que o padre Pereira é tão talentoso no que diz respeito à música, fez uma série das campainhas que tocam músicas harmoniosas. Sendo aberta a torre, o padre fabricou campainhas precisamente nos tornos mecânicos, depois, pendurou-as na fachada da torre mais alta do campanário. Segundo a técnica europeia, ele utilizou um pêndulo atado por fios de ferro dentro de cada campainha (Transmitia-se sempre a vocalização do sino chinês através dos bateres exteriores - *nota do autor*), fazendo com que executassem músicas bonitas e harmoniosas. Ele colocou um tambor cilíndrico no espaço intermediário do campanário e fincou alguns pequenos pregos que representam a escala, com os espaços proporcionais neste tambor, e pré-instalou as melodias da música chinesa (o que é semelhante à instalação do princípio da caixa da música - *nota do autor*)." Quando chega a hora de soar o grande sino, o tambor começa automaticamente a rodar, graças à gravidade. O tambor é conduzido pelos fios de ferro que atam os pêndulos, e os pequenos pregos batem-lhe para executar melodias chinesas. Quando termina o som do tambor, o grande sino bate um som pesado e profundo."

Verbiest afirmou ainda: "Não posso descrever com palavras quão grande é o êxtase das pessoas, quando veem este novo engenho. Consequentemente, não pudemos impedir que uma multidão se junte desde os bairros longe da nossa igreja, já para não falar dentro da igreja e da praça em frente. Especialmente nos feriados públicos, os visitantes vêm aqui para assistir ao toque horário."

Sobre o grande órgão no interior da igreja, *Verbiest* escreveu: "O órgão europeu que temos é muito pequeno e imperfeito. O padre Tomás Pereira está a fabricar outro. O novo

está no processo final de decoração. Desejo que o novo órgão seja instalado na nossa igreja daqui a pouco. Creio que não se encontre outro parecido com este em todo o Oriente, no qual se pode executar músicas europeias e chinesas." "Espero que o órgão que o padre Tomás Pereira está a instalar seja concluído em breve. Como mencionei acima, haverá cada vez mais pessoas a assistir a este novo 'teatro de ópera', de tal modo que cada espírito possa louvar e elogiar o Nosso Senhor, acompanhado pelos instrumentos, tais como, o órgão ocidental, o tambor e címbalo. A obra *Astronomia da Europa* de *Verbiest* foi concluída por volta de 1678, por isso, pode-se confirmar que o órgão de Tomás Pereira ainda não estava instalado naquela altura.

Tomás Pereira assumiu uma atitude muito humilde, ao usar a terceira pessoa para descrever a sua tarefa de fabrico e instalação do órgão, numa carta de 30 de agosto de 1681. Diz ele na carta: "Pello que fez aqui o nosso Padre, acima dito, outro Orgão grande, que enclue 4 orgãos juntos...cujo mayor canudo terà de comprido mais de duas varas de medida. Colocou-se este anno na Igreja, e se foi ajuntando tanta gente, que fomos obrigados a por soldadesca na Igreja, e seu pateo, para euitar desordens de gentios, e da turba, que concurria a ouuir, e uer cousa nunca nem vista, nem ouuida nesta Corte: sendo para isso obrigado o auctor a tanger mais de hum mez continuo todos os dias, e muitos delles a cada 4º para dar uasão à multidão, que a cada 4º de hora se renouaua...com nosso licito desejo...pois, resulta tanto bem de sua vinda a toda a Christandade..."

Em outra carta, datada de 1 de agosto de 1683, ele referiu novamente o órgão, que tanto agradou ao Imperador: "Daua tão bem no fim daquelles principios a nouos Orgãos; que o Emperador (depois de muitos ja) quis lhe fisesse de nouas inuençõis, hum dos quais leuantado em altura de 12 braças tange de si sem tangedor mudanças chinas; a que o Senhor tãobem se acha, deu o sucesso desejado. Foi notauel o aplauso, que teue a nouidade; ajuntando-se-lhe a occurrencia de publicas comedias, a que o Emperador por 10 dias assistia, congratulando-se com o pouo a paz uniuersal do Imperio, a cuja vista na sobredita altura, tangendo o nosso Orgão de si mesmo com suas campaynhas, fasia soberba figura..." Este órgão gigante tinha mais de 20 metros de altura. Naquela época na China, um instrumento deste tamanho só caberia numa grande igreja à europeia e nunca numa qualquer construção chinesa.

Na era do Imperador *Qianlong*, quando o historiador, literato e autor de *Vinte e Duas Histórias*, *Zhao Yi* visitou o Catedral de Nantang, escreveu o artigo *Telescópios e Instrumentos Ocidentais*, que descreve, em detalhe, os telescópios e outros instrumentos musicais ocidentais, sobretudo, o órgão da Catedral.

Zhao descreveu o órgão assim: "Foi construída uma torre para executar as músicas. Um senhor sentou-se a tocar o órgão, como se estivesse a tocar muitos instrumentos em simultâneo como *Guqin*, *Sheng*, *Xiao*, címbalo, flauta, sino, *Nao* e *Zhuo*[723]. Instalam-se muitas estantes neste edifício, e penduram-se dezenas de canos de chumbo em cima das estantes, os quais ficam muito próximos do teto; o chão tem duas pranchas, com fendas entre as duas, em frente aos buracos dos canos. Quando se sopra ar no canto de sudeste, o ar enche as lacunas e espalha-se aos canos; cada cano tem um fio de cobre que toca a corda; quando o senhor tocou as cordas, as cordas contorcem-se e as peças dentro dos canos também se viram e começam a soar. O tamanho dos canos de chumbo é diferente, e cada cano tem buracos para imitar diferentes sons. Por isso, embora só uma pessoa estivesse tocar o órgão, muitos canos soavam ao mesmo tempo, produzindo melodias diversas, o que era inimaginavelmente espetacular. Além disso, o sino da música não precisa de ser tocado, soando a cada hora automaticamente com diversas melodias, o que é um milagre."

Para além de *Zhao Yi*, muitos outros literatos e ministros foram atraídos pelo encanto do órgão, deixando muitas palavras de louvor, até mesmo muitos visitantes coreanos em Pequim descreveram o órgão de forma elogiosa. Lamentavelmente, este foi destruído num grande incêndio da Catedral, em 1775 (o ano 14 de *Qianlong*), pelo que foi usado menos de 100 anos.

III

Tomás Pereira participou nas negociações sino-russas em Nerchinsk em 1688, como intérprete, ocasião em que se determinaram as fronteiras entre os dois países.

No fim da dinastia Ming e no início da dinastia Qing, a Rússia expandiu-se rapidamente para Oriente, até que as suas tropas chegaram à bacia do Rio Amur. No reinado do *Imperador Shunzhi* (dinastia Qing), as tropas chinesas enfrentaram a Rússia, mas

[723] Instrumentos tradicionais da China.

sofreram uma derrota. Uma vez que naquela altura, o centro da China ainda não estava unificado, o governo de Qing não era capaz de tratar dos assuntos transfronteiriços e, por conseguinte, foi obrigado a retirar os habitantes da fronteira. Depois de retirar o poder imperial do ministro regente, o *Imperador Kangxi* reprimiu a revolta dos *Três Feudos* e, posteriormente, retomou a soberania de Taiwan. Em 1688, *Kangxi* voltou a sua atenção para os assuntos fronteiriços do Norte: para além da Rússia, o governo de Qing teve ainda de lidar com a revolta de *Galdan* a noroeste. A fim de evitar batalhas nas duas frentes, *Kangxi* decidiu que, quando vencesse o exército russo, resolveria os conflitos entre os dois países através da diplomacia, concentrando forças para acabar com as rebeliões de *Galdan*.

A China e a Rússia decidiram negociar a demarcação de fronteiras em Nerchinsk, pelo que *Kangxi* enviou uma embaixada para ali, liderada pelos ministros *Songgotu* e *Tongguogang* e que integrava, notavelmente, dois missionários estrangeiros. O *Imperador Kangxi* disse: " Eu acho que estes europeus são muito fiéis, honestos e confiáveis. Por isso, mando Tomás Pereira, pois sabe a língua latina, para a Rússia." Então, Tomás Pereira e o francês *Gerbillon* juntaram-se à embaixada chinesa, liderada por *Songgotu*, nas negociações com a Rússia. *Kangxi* aconselhou *Songgotu* a jantar com os dois missionários e com eles discutir os assuntos mais importantes. Antes de partir, *Kangxi* deu uma audiência a Tomás Pereira e *Gerbillon*, doando a cada um uma túnica da pele do pitão e 4 *pi* de cetim. Para além disso, ordenou que o soldado *Zhao Chang* entregasse dois sobretudos de marta a cada missionário. Uma vez que "os funcionários usavam grânulos de oração no pescoço", "o Imperador permitiu que os jesuítas usassem os seus ‘grânulos de oração’ - cruzes, para que os outros os reconhecessem pelos seus acessórios.

Nas negociações entre a China e a Rússia, Tomás Pereira e *Gerbillon*, que conheciam bem o Direito Internacional e os costumes diplomáticos, foram responsáveis pela tradução, ajudando ativamente a embaixada chinesa dirigida por *Songgotu*. Os dois países assinaram o *Tratado Sino-Russo de Nerchinsk* em 1689. Graças às concessões das duas partes, demarcou-se a fronteira e os dois países mantiveram a paz durante quase 150 anos. Depois de resolver os conflitos com a Rússia, *Kangxi* liderou um grande exército para noroeste: *Galdan* sofreu uma grande derrota e morreu ali.

Quando a embaixada voltou, *Kangxi* deu uma audiência a todos membros, e

entrevistou-se com Tomás Pereira e *Gerbillon* sozinho. Pereira escreveu no seu Diário: "Recebeu-nos com incrível alegria, mandando cumprimentar-nos em alta voz: 'Eu estou bem e pergunto também de vossa saúde. Sei o muito que tendes trabalhado em meus serviços; sei que vos tendes esforçado em me dar gosto; sei que por vossa habilidade a agencia se concluíram as pazes, em que esgotastes vossas forças.'" Mais tarde, *Kangxi* diminuiu o controlo sobre as missões católicas na China.

Em 1691, o Provincial da Província de *Zhejiang*, *Zhang Penghe* proibiu a divulgação do catolicismo, declarando que este era uma heresia, mandou demolir igrejas e outros edifícios relacionados com a fé católica e expulsou o padre *Prosper Intorcetta* (da diocese de *Hangzhou*) do país. Perante esta situação e, após uma reflexão dos missionários em Pequim, os padres Tomás Pereira e *Anthony Thomas* entregaram, em representação de todos os jesuítas, um memorial com uma linguagem muito cautelosa ao Imperador. Neste seguimento, *Kangxi* encontrou-se com o ministro *Songgotu* e solicitou-lhe sugestões. Sendo o companheiro de Pereira nas negociações com a Rússia, *Songgotu* "contou as grandes contribuições dos missionários, e eles ainda estão a trabalhar para o Imperador. No fim, como a retribuição, o império deve permitir-lhes a continuar a divulgar o catolicismo na China."

Em 9 de março de 1692 (3 de fevereiro do ano 31 de *Kangxi*), o ministro do Ministério dos Ritos, Gu Badai, e outros ministros, relataram em conjunto ao Imperador que: "…Através da conferência, sabemos que os europeus mostram fidelidade a Deus, eles chegaram à China depois de longas viagens marítimas. Atualmente, eles elaboram o calendário e fundem armas em caso de guerra; quando eles estavam na Rússia, trabalharam para a China com os maiores esforços, pois, cumpriram a tarefa e deram muitas contribuições meritosas. Os europeus residentes nas províncias da China nunca violaram as regras locais. Eles não são heterodoxos nem provocam distúrbios. Se os crentes budistas podem prostrar-se nos templos do Buda, de Lama ou do taoísmo, não parece adequado que os ocidentais sejam proibidos de praticar a sua religião, visto que estes nunca violaram a lei. Assim, as igrejas católicas nestes locais devem manter-se, com a permissão de os crentes fazerem missas ali. A partir de agora, esta ordem pode executar-se na Província de *Zhili* e em outras províncias." *Kangxi* escreveu, por fim, dois carateres "依议" (*yī yì*) naquele memorial,

significando que o aprovou.

Este memorial aprovado pelo Imperador *Kangxi* foi um documento de suma importância na história do catolicismo na China, sendo conhecido como o *Édito da Tolerância ao Catolicismo*. *Kangxi* aprovou este pedido depois da assinatura do *Tratado de Nerchinsk*, portanto, pode dizer-se que foi uma retribuição às contribuições de Tomás Pereira e de outros jesuítas nas negociações.

IV

Tomás Pereira faleceu em 1708 (ano 47 de *Kangxi*) em Pequim, com 63 anos.

O Imperador *Kangxi* promulgou um édito para honrar a memória de Tomás Pereira: "Eu lembro que Tomás Pereira foi muito fiel, e trabalhava para a China há muito tempo, ele era perito em elaboração do calendário, e conhecia muito bem as fabricações, sendo muito trabalhador, responsável e sincero, estudava muito de manhã à noite, e escrevia muitas obras, eu elogiava-o muitas vezes. De repente, ouvi que ele estava doente, esperou que o médico o pudesse curar, mas não ganhou sucesso. Finalmente, ele faleceu, eu fico demasiado triste. Pois, concedo-lhe 200 *tael* (um quilograma) de prata, e cetins, para consolar este ministro."

Tomás Pereira foi enterrado no *Cemitério Grade de Tenggong*. Na frente da lápide, foi gravada o édito imperial que o Imperador *Kangxi* lhe dedicou e, no reverso, foi gravado o *Édito da Tolerância ao Catolicismo* que o governo de Qing publicou em 1692. Segundo uma planta do cemitério do fim da dinastia Qing, a lápide de Tomás Pereira ficava junto à de *Verbiest*, ao sul da lápide de *Matteo Ricci*.

Em 1900, o *Cemitério Grade de Tenggong* foi destruído durante a rebelião dos boxers. Depois da assinatura do *Protocolo de Boxer*, o governo de Qing disponibilizou uma verba especial em prata para a sua reconstrução. Algumas lápides de missionários famosos foram encontradas e reconstruídas, sendo encaixadas na parede exterior da Igreja de *Maweigou*, incluindo as do Matteo Ricci, Johann Adam, Verbiest e Tomás Pereira.

Na década de 50 do século XX, foi fundada a Escola Administrativa de Pequim e a maior parte das lápides foi transformada em *Xibeiwang*. Segundo a ordem do chefe do Conselho do Estado, as lápides de *Matteo Ricci*, Johann Adam e *Verbiest* mantiveram-se no lugar original, mas a de Tomás Pereira e de outros missionários foram instaladas no quintal

da Igreja de *Maweigou*. Durante a Revolução Cultural, as lápides de *Matteo Ricci* e de outros missionários foram novamente destruídas. Para nosso enorme lamento, a lápide de Tomás Pereira perdeu-se.